**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
Literários e Tradutológicos em Francês**

Cristianne Aparecida de Brito Lameirinha

**Língua, Exílio e Memória
Uma leitura comparativa de *Le Premier Homme*, de Albert Camus e
La disparition de la langue française, de Assia Djebar**

**Versão corrigida
São Paulo
2013**

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
Literários e Tradutológicos em Francês**

Cristianne Aparecida de Brito Lameirinha

**Língua, Exílio e Memória
Uma leitura comparativa de *Le Premier Homme*, de Albert Camus e
La disparition de la langue française, de Assia Djebar**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto

**Versão corrigida
São Paulo
2013**

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L2281 Lameirinha, Cristianne A. B.
Língua, Exílio e Memória: uma leitura comparativa de
Le Premier Homme, de Albert Camus e La Disparition
de la langue française, de Assia Djebar / Cristianne
A. B. Lameirinha ; orientadora Maria Cecília Q. M.
Pinto. - São Paulo, 2013.
199 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos Linguísticos, Literários e
Tradutológicos em Francês.

1. Albert Camus. 2. Assia Djebar. 3. Literatura
de Expressão Francesa. 4. Memória. 5. Língua. I.
Pinto, Maria Cecília Q. M., orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: LAMEIRINHA, Cristianne A. B.

Título: Língua, Exílio e Memória. Uma leitura comparativa de *Le Premier Homme*, de Albert Camus e *La disparition de la langue française*, de Assia Djebar

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovado em 18/10/2013

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto_____

Instituição: FFLCH USP _____Assinatura_____

Profa. Dra. Norma Wimmer_____

Instituição: UNESP _____Assinatura_____

Profa. Dra. Regina Maria Salgado Campos_____

Instituição: FFLCH USP _____Assinatura_____

Profa. Dra. Verónica Galindez-Jorge _____

Instituição: FFLCH USP _____Assinatura_____

Prof. Dr. Edson Rosa da Silva_____

Instituição: UFRJ _____Assinatura_____

Para Flávio, Isabella e Laura
Para minha mãe, com amor

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto, que sempre se mostrou disponível e aberta à reflexão sobre as questões impostas por esta pesquisa, demonstrando ininterruptamente sua estima e extrema confiança em minha pessoa, ao longo de nossos anos de trabalho.

Agradeço à Profa. Dra. Cristina Moerbeck Casadei Pietraróia e à Profa. Dra. Norma Wimmer, pelo interesse e atenção demonstrados na instigante leitura que fizeram do texto.

Expresso meu especial agradecimento a Danilo Santos de Miranda, Diretor Regional do SESC São Paulo, pela confiança em mim depositada e por estimular esta pesquisa, concedendo-me os incentivos necessários para que eu pudesse desenvolvê-la e, sobretudo, concluí-la.

Aos colegas do SESC São Paulo e à equipe da Gerência de Estudos e Desenvolvimento, em particular, pelo estímulo intelectual e pela farta troca de experiências no decorrer de nossos anos de convivência.

Aos amigos Ana Maria Cardachevski, Helena Maria Alves Bartolomeu, Ioná Damiana de Souza, Kelly Adriano de Oliveira, Nurimar Maria Falci, Regina Marques Magalhães, Sérgio José da Silva e Terezinha Augusta Gouvêa, meus sinceros agradecimentos pela amizade e pelo apoio, assim como por compartilharem comigo dúvidas e ideias, incertezas e alegrias, que, certamente, influenciaram a escrita desta tese.

À Lilian Godau Biasoto e à Sandra Regina Borges, pela colaboração assertiva em momentos muitos especiais.

À minha avó Guiomar (*in memoriam*), que diante das imensas dificuldades que atravessou, jamais deixou de lutar com a força de seu coração.

A meu pai (*in memoriam*), pelo exemplo de força e obstinação em viver que nos deixou, superando as expectativas de todos.

À D. Lahyrde, pela colaboração contínua e pelo afeto dedicado à minha família e às crianças, em particular.

À D. Vani, pela dedicação incansável, pelo exemplo de vida e pela presença em todos os momentos importantes de minha vida.

Às meninas, tão sabidas e sapecas, com quem tenho a felicidade de compartilhar a existência e o amor, por sua imensa paciência ao percorrer comigo o árduo trajeto que conduziu a este trabalho.

Ao Flávio, por tudo que construímos juntos e pelo que virá.

*Me faut-il constater enfin l'évidence : **Le Premier Homme** ainsi inachevé ou s'il avait été achevé, est le premier roman d'un nouvel écrivain de quarante-six ans appelé Camus.*

Assia Djebar

RESUMO

Este estudo propõe uma análise comparativa entre *Le Premier Homme*, de Albert Camus, e *La disparition de la langue française*, de Assia Djébar, tendo como contexto os impasses que cercaram a colonização francesa da Argélia, bem como o período posterior à sua independência, a partir da reflexão sobre as inter-relações língua, exílio e memória. Albert Camus é um escritor de origem francesa, nascido na Argélia. Assia Djébar é uma argelina de origem árabe, que escreve em francês. Nos romances em questão, parte-se da perspectiva da vida privada dos protagonistas para alcançar o espaço da memória coletiva tanto de franceses pobres quanto de árabes. Jacques Cormery e Berkane constituem-se como porta-vozes de seus antepassados, restituindo-lhes o direito a uma memória esfacelada e vista como desimportante pelo poder colonial. A fim de estabelecer essa leitura comparativa, procura-se compreender a relevância da literatura magrebina de língua francesa, com destaque para a produção da Argélia, em paralelo aos princípios ético-culturais da *École d'Alger*, movimento ao qual se associava Albert Camus. A seguir, refletimos sobre as relações entre os conceitos de literatura e história, ficção e autobiografia, fundamentais à análise propriamente dita de ambos os romances.

ABSTRACT

The aim of this study is to develop a comparative analysis of Albert Camus' *Le Premier Homme* and *La disparition de la langue française*, by Algerian writer Assia Djébar, having as backdrop the context of French colonization deadlocks in Algeria, as well as in the period after independence. Our starting point is based around reflection on the relations between language, exile and memory. Albert Camus, of French origin, was born in Algeria, while Assia Djébar, of Arab descent, writes in French. The analysis of both novels begins from the perspective of the private lives of the main characters, to establish a space of collective memory of both poor people of French origin and people of Arab descent. Jacques Cormery and Berkane became spokesmen of their ancestors, thus restoring to them the right to a shattered memory, seen as unimportant by the colonial power. To achieve this comparative reading, it is necessary to understand the relevance of Maghrebian literature in French, with emphasis on the production of Algeria, in parallel to the ethical-cultural *École d'Alger*,

movement to which Albert Camus was associated. Next, we reflect upon the relationship between the concepts of literature and history, fiction and autobiography, fundamental to the analysis of both novels.

RÉSUMÉ

Cette étude propose une analyse comparative de *Le Premier Homme*, d'Albert Camus, et *La disparition de la langue française*, d'Assia Djébar, ayant comme contexte l'impasse entourant la colonisation française de l'Algérie, ainsi que la période après l'indépendance, avec, comme point de départ, une réflexion sur les rapports entre langue, exil et mémoire. Albert Camus, écrivain d'origine française, est né en Algérie, tandis qu'Assia Djébar est d'origine arabo-algérienne et écrit en français. Dans les deux romans en question, nous partons du point de vue de la vie privée des personnages pour parvenir à l'espace de la mémoire collective des français pauvres, ainsi que des ceux d'origine arabe. Jacques Cormery et Berkane deviennent des porte-paroles de leurs ancêtres, en leurs restituant le droit à une mémoire brisée, considérée comme sans importance par le pouvoir colonial. Afin d'établir cette lecture comparée, nous cherchons à saisir l'importance de la littérature maghrébine en langue française, en mettant l'accent sur la production de l'Algérie, en parallèle aux principes éthiques et culturels de l'École d'Alger, le mouvement auquel Albert Camus a été associé. Ensuite, nous réfléchissons sur le rapport entre les concepts de littérature et histoire, fiction et autobiographie, qui sont fondamentales pour l'examen des deux romans.

ABREVIACÕES E FONTES

Nas citações de obras de Albert Camus e Assia Djebar utilizadas, indicadas na bibliografia, serão empregadas as indicações abaixo, seguidas das respectivas páginas:

Albert Camus

- PH *Le Premier Homme*
- MS *Le Mythe de Sisyphe*
- TRN *Théâtre, Récits, Nouvelles*
- ES *Essais*
- OC *Œuvres complètes*. Tome 4
- C1 *Carnets : Mai 1935 - Février 1942*
- C2 *Carnets : Janvier 1942 - Mars 1951*
- C3 *Carnets : Mars 1951 - Décembre 1959*
- COR *Correspondance: 1932-1960.*

Assia Djebar

- AF *L'amour, la fantasia*
- DLF *La Disparition de la Langue Française*
- BA *Le Blanc de l'Algérie*
- CV *Ces voix qui m'assiègent*

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	13
FRANÇA E ARGÉLIA: DOMINAÇÃO COLONIAL E RESISTÊNCIA	17
Albert Camus e Assia Djebar: língua, exílio e memória	17
O Magrebe cultural e literário	28
O Magrebe colonial	31
A conquista da Argélia	36
O reino árabe de Napoleão III	40
A Argélia Francesa	42
O papel da escola na política colonial	44
A elite intelectual argelina e os impasses em torno da ideia de nação	48
A LITERATURA NA ARGÉLIA E AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA, EXÍLIO E MEMÓRIA.....	52
Notas sobre o romance ocidental.....	53
O romance magrebino de língua francesa e a produção literária argelina.....	55
A École d'Alger.....	61
Por que língua, exílio e memória?	67
Língua: dominação cultural e resistência	69
Exílio: língua e multiplicidade de sentidos	77
Memória: da experiência privada à construção coletiva do passado.....	83
ALBERT CAMUS E ASSIA DJEBAR: UM ENCONTRO POSSÍVEL	93
Albert Camus e Assia Djebar: um encontro possível.....	93
Por que literatura e história, ficção e autobiografia?	95
Literatura e História: limites e interpenetração	96
Ficção e autobiografia: limites e interpenetração	101
ALBERT CAMUS E <i>LE PREMIER HOMME</i>	108
A educação sentimental de um homem exilado	108
Albert Camus, africano e anticolonialista.....	113
De L'Envers et L'Endroit a Le Premier Homme: ênfase e diferença da narrativa autobiográfica	124
Entre autobiografia e ficção memorialística.....	127
Em busca do pai.....	129
À procura da mãe.....	132
Infância e adolescência em Argel.....	134

Escola: a descoberta do mundo	138
A percepção da cidade: um passado sem futuro.....	143
Camus ou o exílio de um homem fora do lugar	146
Mondovi e a aniquilação de uma memória coletiva nascente	148
ASSIA DJEBAR E <i>LA DISPARITION DE LA LANGUE FRANÇAISE</i>	153
Assia Djebbar: uma escritora francófona	153
La Disparition de la langue française: um encontro com Albert Camus.....	157
A imagem do pai	164
A mãe ou um brevíssimo retrato da condição da mulher muçulmana na Argélia.....	167
Infância e adolescência: a perda da inocência	170
A educação colonial francesa	174
A percepção da cidade ou a Casbah de Berkane	178
Língua: entre o exílio da língua materna e o desaparecimento da língua do colonizador..	181
Exílio ou expatriação: multiplicidade e capacidade de aceitar	184
Memória: o dever de lembrar	188
CONCLUSÃO.....	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	194

APRESENTAÇÃO

Este estudo propõe uma análise comparativa entre *Le Premier Homme*, de Albert Camus, e *La disparition de la langue française*, de Assia Djebbar, tendo como contexto os impasses que cercaram a colonização francesa da Argélia, bem como o período posterior à sua independência.

Tendo em vista essa leitura comparativa, nosso objetivo é contribuir para a reflexão sobre as inter-relações língua, exílio e memória, a partir das circunstâncias históricas mencionadas acima. A repercussão dos processos de colonização e descolonização da Argélia permanece presente, podendo ser observada nos conflitos político-sociais, religiosos, identitários e culturais que ainda envolvem a França e seu antigo território, especialmente no tocante à vida de imigrantes argelinos e seus descendentes no país europeu. Além disso, no que tange a oposição entre a cultura europeia cristã e o mundo árabe-islâmico, pode-se afirmar que o conflito franco-argelino ainda reverbera.

Albert Camus é um escritor de origem francesa, nascido na Argélia. Entretanto, sua experiência africana, compreendendo os períodos de sua infância, adolescência e juventude, é praticamente ignorada pelo público, sendo o escritor comumente tratado como autor francês, sem que se estabeleça qualquer elo aparente entre o texto camusiano e sua terra natal. Assia Djebbar é uma argelina de origem árabe, que escreve em francês. Historiadora de formação, ela também é cineasta e, apesar de ser a primeira escritora magrebina eleita para a Academia Francesa de Letras, mantém-se quase desconhecida em nosso país¹.

Em 1994, a leitura de *Le Premier Homme*, livro póstumo de Camus, levou Assia Djebbar a firmar um novo vínculo com o escritor *pied-noir*. A presença marcante da mãe silenciosa, somada à extrema afeição demonstrada por Camus pela terra argelina, permite a Djebbar não apenas se aproximar, como rever seu posicionamento distante e manifestamente pouco interessado pelo autor francês, bastante criticado pela intelectualidade tanto na Argélia quanto na França, por sua opção federalista, contra a guerra e o terror, durante os conflitos pela independência de seu país natal.

¹ No Brasil, apenas *A Sede (La Soif)* foi publicado, em 1958, pela Editora Itatiaia.

A saga memorialística de Jacques Cormery, alter ego de Camus, em busca de suas origens, revelaria o aniquilamento da memória dos franceses pobres da Argélia, bem como sua absoluta desvalorização enquanto grupo social, narrativa que tocaria profundamente Assia Djebar, conduzindo à escrita de *La disparition de la langue française*, uma crítica sobre o apagamento da memória dos árabes, diante da violência do colonialismo no país.

A história da colonização francesa na Argélia permeia *Le Premier Homme* e *La Disparition de la Langue Française*. Entretanto, longe de limitar-se a contextualizar historicamente as narrativas literárias, as referências à colonização permitem refletir sobre como foram construídas essas representações, a partir do olhar de cada autor e do impacto do processo colonial e da luta pela independência nos textos em questão. Há que se ressaltar que o período pós-independência é mencionado apenas no texto de Djebar, uma vez que Camus morreu em 1960, não podendo presenciar esse fato, bem como suas consequências em relação à população *pied-noir* e ao nacionalismo árabe que se estabeleceu na Argélia.

Tendo como ponto de partida o contexto da colonização, pretende-se investigar a língua como forma de identidade dos escritores estudados, visto tratar-se de elemento fundamental à constituição da memória, mas que também nos permite sentir integrados ou isolados, por vezes, desenraizados, frente a uma cultura. Destaca-se, pois, a influência da língua francesa, bem como da escola colonial, responsável por sua difusão, na formação dos escritores franceses, como também dos argelinos de origem árabe ou berbere, esses últimos formados na língua do outro e, em decorrência disso, compelidos a utilizar o francês como língua de escrita, uma vez que não foram alfabetizados em suas línguas maternas.

A reflexão sobre o exílio, no âmbito da literatura argelina de língua francesa, está fundamentalmente associada à problemática linguística, isto é, a predominância do francês em detrimento do árabe e a aceitação, assim como a resistência, por parte dos intelectuais autóctones de se submeterem ao jugo colonial, sob uma perspectiva identitária e cultural.

O debate em torno da memória, em ambos os textos, parte da perspectiva da vida privada das personagens para alcançar o espaço da memória coletiva tanto de franceses pobres quanto de árabes. Assim, cada qual à sua maneira, Jacques Cormery e Berkane constituem-se como porta-vozes de seus antepassados, restituindo-lhes o direito à memória e à dignidade.

A partir desse panorama, realizamos um estudo temático, que contempla a possibilidade de encontro entre Camus e Djebar, bem como de diálogo entre Cormery e Berkane, confirmando a necessidade de situar os textos, um em relação ao outro, quanto à especificidade dos estudos literários, apropriando-nos da História como elemento de

importância para leitura dos romances, assim como à realização do estudo comparativo em questão. Paralelamente, ressaltamos que as relações entre os autores perpassam textos, experiências de vida e espaços de criação.

Com o objetivo de estabelecer um panorama histórico a respeito da conquista e colonização francesa da Argélia, bem como dos movimentos que levaram à guerra pela independência, o capítulo 1, “França e Argélia: dominação colonial e resistência”, apresenta uma síntese sobre a história do Magrebe pré-colonial, com ênfase nos aspectos cultural e literário. Em seguida, destaca-se a presença de Napoleão III, que via na Argélia a edificação de um reino árabe, sob o domínio da França. Ele, porém, divergia das estratégias de dominação adotadas pelos franceses, que se baseavam na violência, e buscava promover a igualdade entre nativos e europeus. No entanto, sem força política que o sustentasse, esse projeto foi abandonado, dando lugar ao que se conheceria como Argélia Francesa e a implantação do *Code de l’Indigénat*, que privaria os autóctones da cidadania, capaz de igualá-los à população metropolitana. Nesse capítulo, analisamos igualmente o papel da escola como instituição primordial para a assimilação da cultura francesa pelos argelinos, tal qual previsto pela política colonial.

A partir do contexto histórico-cultural em que se inserem o Magrebe e a Argélia colonial, o capítulo 2, “A literatura na Argélia e as relações entre língua, exílio e memória”, traz um panorama a respeito das relações firmadas entre a literatura magrebina de língua francesa e o romance ocidental, entendimento fundamental para a compreensão da produção literária argelina escrita em francês, na qual se insere Assia Djébar, e o pensamento edificado pela *École d’Alger*, representado por Albert Camus.

Para as primeiras gerações de escritores argelinos de língua francesa, tal qual se poderá ver, os dilemas experimentados relacionam-se diretamente à necessidade de escrever na língua do colonizador. Para Camus, entretanto, trata-se de defender a ética mediterrânea em contraposição a uma visão europeizante do mundo. A compreensão desses aspectos propicia a leitura comparativa entre os romances escolhidos, a partir dos eixos norteadores deste estudo: língua, exílio e memória.

No capítulo 3, “Albert Camus e Assia Djébar: um encontro possível”, apresentamos as razões da escolha de Albert Camus e Assia Djébar para este estudo, tendo em vista a “descoberta” do autor *pied-noir* pela escritora argelina de origem árabe-muçulmana, as contradições existentes entre ambos quanto às realidades *pied-noir* e árabe, assim como o empenho em restituir, por meio da literatura, a memória de seus antepassados. Em seguida,

propomos uma análise das relações entre literatura e história, ficção e autobiografia, observando como esses conceitos se inter-relacionam na leitura dos textos em questão.

A relação entre Albert Camus e *Le Premier Homme* constitui o cerne do capítulo 4. Do contexto de produção do livro, escrito durante a Guerra da Argélia, enquanto seu autor via-se banido política e intelectualmente do eixo França-Argélia, em decorrência de suas opções quanto à independência, até as motivações de Camus para escrever um livro de cunho autobiográfico, a análise versa sobre a proeminência da identidade argelina de Camus sobre sua imagem francesa, assinalando aspectos como a relação de sua personagem, Jacques Cormery, com seus pais, os períodos de infância e adolescência, a escola, a cidade de Argel, além dos eixos de análise aqui propostos, isto é, língua, exílio e memória, como citado anteriormente.

Com enfoque no contexto de criação de *La Disparition de la Langue Française*, escrito por Assia Djebar, o capítulo 5 destaca o papel da escrita no universo feminino muçulmano, assim como a relação estabelecida entre Berkane, protagonista do romance, e o desejo de escrever. Temos, assim, as relações entre as línguas francesa e árabe, entre a escrita e a oralidade, bem como entre os conceitos de língua, exílio e memória.

Como no capítulo anterior, destaca-se a análise dos itens relacionados à importância para Berkane, dos pais, de sua infância e adolescência, do papel da escola francesa para o menino árabe e sua percepção de Argel e, particularmente da *Casbah*, em diferentes momentos de sua vida. Por fim, o texto reflete sobre o significado político do desaparecimento da língua francesa na Argélia pós-colonial.

Este estudo pretende apontar para as tentativas, muitas vezes frustradas, de construção de uma convivência livre de enfrentamentos entre diferentes povos, neste caso, os franceses e os árabes na Argélia, apesar da violência e da opressão do colonialismo francês, que vitimou não só os autóctones, como também a população metropolitana que para lá emigrou.

Consideramos, por fim, que a análise ora proposta, baseada nas relações entre língua, exílio e memória, a partir do diálogo entre os textos de Albert Camus e Assia Djebar, sugere caminhos para estudos mais amplos, assim como novas leituras e pesquisas, especialmente no âmbito das literaturas de língua francesa escritas no Magrebe, tendo em vista a multiplicidade étnica, linguística e cultural ali presentes.

As traduções dos textos teóricos e não literários são da autora. Os textos literários, assim como ensaios e entrevistas de Albert Camus e Assia Djebar, não foram traduzidos, permanecendo em francês.

Capítulo 1

FRANÇA E ARGÉLIA: DOMINAÇÃO COLONIAL E RESISTÊNCIA

Albert Camus e Assia Djébar: língua, exílio e memória

A formação histórico-cultural do Magrebe e seu papel nas relações entre o Mediterrâneo e a Europa configuram-se como elementos fundadores para o desenvolvimento deste estudo, que propõe confrontar *Le Premier Homme* (1994), de Albert Camus, e *La Disparition de la Langue Française* (2003), de Assia Djébar, a fim de investigar as relações entre língua, exílio e a invenção da memória colonial e pós-colonial nos dois textos. Destaca-se, nesse panorama, a história do colonialismo francês na Argélia, cuja compreensão é imprescindível para que se possa dimensionar o impacto dessa experiência na vida de ambos os países, assim como seu reflexo na produção literária franco-argelina, tenha ela origem *pied-noir*², em se tratando de Camus, ou esteja ela inserida na perspectiva da literatura magrebina de língua francesa, como Assia Djébar.

A escolha desses autores decorre do fato de que, embora tenham escrito em diferentes épocas, seus textos estabelecem uma ponte entre a cultura argelina e a cultura francesa, sendo ambos fortemente marcados pela vida cotidiana em Argel, pela intensa presença da natureza no país e, sobretudo, pelas possibilidades de expressão da língua francesa e daquilo que se

² O *Dictionnaire de la Colonisation Française*, aponta que “A palavra não é registrada, parece, antes de 1954. De onde ela vem? Referiu-se primeiro aos muçulmanos? O mistério de suas origens é revelador das desordens das condições de seu nascimento. O termo se espalhou durante a guerra da Argélia e depois do êxodo. Qual é o significado de seu sucesso? Ele toma o lugar do ‘Argelino’, conquistado pelos muçulmanos. Tudo isso deixa uma só certeza: a palavra marca a degradação do estatuto dos europeus da Argélia. Ela buscou simbolizar o sofrimento e a identidade da comunidade francesa.” (LIAUZU, 2007, p. 534) [*Le mot n’est pas attestée, semble-t-il, avant 1954. D’où vient-il? De la différence avec les Arabes aux pieds nus et de la couleur des chaussures ? A-t-il désigné d’abord les musulmans? Le mystère de ses origines est révélateur des troubles des conditions de sa naissance. Le terme se répand durant la guerre d’Algérie et après l’exode. Quelle est la signification de son succès? Il prend place d’‘Algérien’, conquis par le musulmans. Tout cela laisse une seule certitude : le mot marque la dégradation du statut des Européens d’Algérie. Il a voulu symboliser la souffrance et l’identité de la communauté française.*]. Já o *Dictionnaire Petit Larousse*, o termo refere-se ao “Francês de origem europeia instalado na África do Norte, e particularmente na Argélia, até a independência desse país.” [*Français d’origine européenne installé en Afrique du Nord, et plus particulièrement en Algérie, jusqu’à l’indépendance de ce pays.*].

pretende dizer por meio dela sob o contexto colonial e durante o período da descolonização. Deve-se destacar que esse elo cultural existe e é igualmente consagrado tanto por Camus quanto por Djebbar, apesar das tensões e impasses que caracterizariam a história das relações entre França e Argélia.

Ao longo de sua história, a Argélia recebeu imigrantes e sofreu invasões de árabes, turcos e franceses entre outros. A colonização francesa, a guerra de independência e o período pós-independência inscrevem-se no panorama que se busca demonstrar nesta pesquisa, possibilitando que se vislumbre o esfacelamento da memória, tanto de árabes quanto de *pieds-noirs*, sobre os quais, por razões a serem aqui apreciadas, avança o esquecimento.

A memória da colonização francesa na Argélia constitui o cerne narrativo dos dois textos, embora cada um apresente um conjunto distinto de perspectivas, bem como de percepções, visto que um se reporta à experiência *pied-noir*, relacionada estritamente aos *petits blancs*, isto é, à população de origem francesa, que vive nas cidades e se encontra entre as classes médias ou pobres da sociedade argelina, durante o período colonial; enquanto o outro se refere à população árabe, residente na *Casbah*³, e sua relação com a política e as estruturas coloniais, comumente estabelecidas pela força.

³ “A *Casbah* [casbá, em português], do árabe ‘lugar fortificado’, existiu em todo o Norte de África, e muitas foram cuidadosamente restauradas. Em Argel, a palavra referia-se apenas à cidadela construída acima da cidade antiga, mas passou a significar a própria cidade velha. Quando se fala da *Casbah*, a referência é feita exclusivamente a esta encosta populosa entre a fortaleza e o mar. [...] Os berberes construíram um muro ao redor da cidade. [...] Na época, a cidade fortificada contava com mais de cem fontes, cinquenta *hammams*, ou banhos públicos, treze grandes mesquitas e mais de cem salas de oração, praticamente uma em cada rua, para que os moradores pudessem fazer a última de suas cinco orações diárias. [...] Pouco da antiga cidade berbere subsiste. [...] Os terremotos em 1364 e 1716, destruíram grande parte da cidade, sendo que a maior parte do que está de pé hoje data do final do período otomano. [...] Quando os franceses chegaram para colonizar o país em 1830, uma das primeiras coisas que fizeram foi dividir em duas a cidade com a *rue du Centre*, para permitir o fácil acesso suas tropas em caso de insurreição. Os franceses construíram edifícios de estilo colonial em torno da *Casbah*, destruíram muros e grande parte do bairro norte para a construção do bairro colonial de Bab al-Oued. [...] Em 1958, os 175 hectares da *Casbah* abrigavam apenas 30.000 pessoas. Esses números incharam quando a batalha pela independência ganhou força e as pessoas lotaram a cidade para escapar de represálias por parte dos franceses.” (SMITH, 2006) [*Casbah, from the Arabic for “fortified place,” exist across North Africa, and many have been beautifully restored. In Algiers the word once referred only to the citadel built above the old city, but it came to mean the old city itself. When people speak of the Casbah, they are referring uniquely to this crowded hillside between the fortress and the sea. [...] The Berbers built a wall around the city. [...] In those days the fortified city was filled with more than 100 fountains, 50 hammams, or public baths, 13 large mosques and more than 100 prayer halls, one for almost every street, so that residents could perform the last of their five daily prayers. [...] Little of the old Berber city exists. [...] Earthquakes in 1364 and 1716 largely leveled the town, and most of what is standing today dates from the late Ottoman period. [...] When the French arrived to colonize the country in 1830, one of the first things they did was cut the city in two with the “rue du Centre” to allow their troops easy access in the event of insurrection. They surrounded the Casbah with colonial-style buildings, destroyed the walls and tore down much of the northern quarter to build the colonial neighborhood of Bab al-Oued. [...] In 1958, the Casbah’s 175 acres were home to only 30,000 people. Those numbers swelled as the battle for independence gained strength, and people crowded into the city to escape reprisals by the French.*]

A memória e as reminiscências, somadas àquilo que esquecemos, são elementos caros à gênese literária, servindo de matéria-prima para a escrita. Ressalte-se, no entanto, que não se trata de restringir ou vincular a escrita à exatidão da experiência, mas de tomar a vida como artifício instigador da criação literária. Ao pensar a relação entre a vida e a obra, Dominique Maingueneau ressalta a importância da interação entre o escritor e o contexto no qual o texto se insere, destacando, por isso, a dimensão da *bio/grafia*, que, segundo ele, corresponde a um duplo percurso, de ida e volta, a reunir vida e escrita. Um percurso íntimo ao escritor, não só por aludir às suas próprias referências e, portanto, ao conjunto de suas memórias, mas porque exige dele que conheça profundamente o caminho a seguir a fim de que a escrita se realize, numa relação de profunda reciprocidade. Para Maingueneau, o escritor “‘vive’ entre aspas a partir do momento em que sua vida é dilacerada pela exigência de criar, em que o espelho já se encontra na existência que deve refletir.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 47).

No caso da literatura magrebina de língua francesa, com ênfase naquela produzida na Argélia, esses aspectos têm ainda maior relevância, tendo em vista o fato de tratar-se de literatura recentemente constituída e fortemente marcada pela luta contra a presença colonial, como se poderá observar adiante.

Esse exercício, que estabelece uma conexão entre a escrita e o vivido, está presente nos textos de Albert Camus e Assia Djebar aqui estudados. Nos dois casos, é possível relacionar elementos da história pessoal de cada escritor, mesclados a aspectos político-sociais da história argelina sob o domínio francês.

Em *Le Premier Homme*, reminiscências de vida e narrativa ficcional de teor memorialista misturam-se para, com base na percepção de Jacques Cormery, personagem fictício e *alter ego* de Albert Camus, trazer à tona a experiência autobiográfica do autor. Após viver por vinte anos na França, o protagonista volta à Argélia em busca de informações sobre seu pai, mas é a si mesmo e às suas origens que ele procura. No entanto, a morte repentina do escritor⁴ interrompe, de forma abrupta⁵, a narrativa de suas experiências infanto-juvenis, sem

⁴ No dia 4 de janeiro de 1960, aos 46 anos de idade, Camus morre vítima de um acidente, num carro em que também viajavam Michel, Janine e Anne Gallimard. Eles tinham partido de Lourmarin, na Provença, onde o escritor acabara de comprar uma casa, e seguiam em direção à Paris. Camus levava consigo o manuscrito, ainda não concluído, de *Le Premier Homme*.

que seja possível registrar os acontecimentos de sua vida adulta, como previsto no plano. Assim, o texto permanece inacabado.

Ao combinar o gênero ficcional com o autobiográfico, Camus apresenta o cotidiano da própria família, *pied-noir*, humilde e predominantemente analfabeta, nos anos que se seguiram à Primeira Grande Guerra. Nessa perspectiva, aqueles anos foram determinantes para a família do escritor, uma vez que seu pai, engajado como soldado *zouave*⁶ no Exército francês e convocado para o combate, morreria meses depois do nascimento do filho.

Publicado quase 35 anos após a morte de Camus e guardando o teor do manuscrito inconcluso, *Le Premier Homme* foi recebido pelo público e pela crítica como uma autobiografia escrita sob o véu da ficção, levando a uma espécie de renascimento do interesse pelo autor. Entretanto, a história de Jacques Cormery descreve não apenas as perspectivas de mundo do narrador, como também aponta para o registro da fragmentação, da desimportância e da quase inexistência da memória dos franceses pobres da Argélia.

Privadas do passado, como também do futuro - como se poderia observar por ocasião do êxodo a que foram forçadas, após a independência da Argélia -, essas pessoas viram-se alijadas da possibilidade de ter uma pátria, africana ou europeia, como também de ter uma nacionalidade, visto que, embora tivessem antepassados franceses, a maioria delas havia nascido no país africano. A França era totalmente desconhecida por muitos *pieds-noirs*. Por isso, o “retorno” à metrópole implicava no abandono do país que consideravam ser efetivamente seu. Já, na França, eles foram lançados à condição de cidadãos de segunda classe, responsáveis exclusivos por sua própria sorte, assim como pela culpa incondicional por sua existência, cabendo-lhes apenas permanecer no limbo da sociedade francesa, assim como da história que envolve os dois países.

Essa trajetória tem início com a chegada de emigrantes franceses, provenientes de Paris, no ano de 1848, e a transformação da Argélia em colônia de povoamento a partir de 1871, fatos que também teriam colaborado para compor o panorama traçado por Camus, que

⁵ “Maurice Blanchot, após a morte de Camus, observa: ‘Camus experimentou frequentemente um tipo de mal-estar, às vezes de impaciência, ao se ver imobilizado por seus livros; não somente em razão da intensidade de seu sucesso, mas pelo caráter de conclusão que ele trabalhava para lhes dar...’ Ora, em *Le Premier Homme*, Camus nos aparece em seu natural, isto é, em sua precipitação e sua angústia intuídas”. [Maurice Blanchot, *après la mort de Camus, remarque: ‘Camus a souvent éprouvé une sorte de malaise, parfois de l’impatience, à se voir immobilisé par ses livres; non seulement à cause de l’éclat de leur succès, mais par ce caractère d’achèvement qu’il travaillait à leur donner...’ Or, dans Le Premier Homme, Camus nous apparaît dans son naturel, c’est-à-dire dans sa hâte et son angoisse devinés.*] (DJE BAR, 1999, p. 229)

⁶ Os *zouaves*, recrutados entre os anos de 1830 e 1962, compunham as unidades de infantaria do Exército Africano, vinculadas ao exército francês.

reconstrói esse evento, descrevendo a travessia entre a Europa e a África, assim como apresentando as dificuldades de adaptação e as expectativas enfrentadas por essa geração de europeus em seus primeiros anos naquele país. Para além da experiência autobiográfica, em *Le Premier Homme*, a memória despedaçada dos *pieds-noirs* revela a precariedade de suas condições, associada ao desenraizamento que lhes foi imposto pela política colonial francesa, assim como pela história de ambos os países, uma vez que se trata de uma população deslocada, que não é acolhida na França, tampouco aceita na Argélia.

A relação entre literatura e memória é um dos principais aspectos da obra de Assia Djebar, que se vale tanto de sua experiência como mulher árabe-muçulmana, que teve a rara oportunidade de estudar⁷, quanto da experiência de outras mulheres de origem árabe-berbere para escrever. Além da memória, a reflexão contínua sobre a história de seu país, como igualmente sobre o uso do francês para o exercício da escrita e as consequentes implicações políticas desse ato, constitui o cerne de seu trabalho.

Em *La Disparition de la Langue Française*, Berkane, assim como Cormery, retorna ao seu país de origem, depois de passar duas décadas de exílio autoimposto em Paris. Seu regresso coincide com os tumultos provocados pelo extremismo político-religioso islâmico, observados na Argélia nos anos de 1990. Na narrativa, entretanto, Assia Djebar revela as lembranças de Berkane, ao expor a experiência da infância e juventude da personagem no conflituoso período que antecedeu a independência política da Argélia em relação ao colonialismo francês, entre as décadas de 1950 e 1960.

O regresso à Argélia, tanto de Jacques Cormery quanto de Berkane, é marcado por perguntas a serem desveladas, questões silenciadas ao longo dos anos, cujas respostas tendem, frequentemente, a amargar o vazio de frustrações. Os textos falam dos tempos de infância, de homens de origens diferentes, vivendo em bairros quentes e úmidos, com franceses, árabes, espanhóis, italianos, judeus, entre outros. O encontro entre os escritores não ocorre no plano da história, mas no espaço da memória de infância e juventude, dos sonhos, lembranças e ilusões. Há uma dimensão mítica, atemporal, para narrar a história de memórias em fuga, reminiscências que se perdem, enquanto se tenta mantê-las. O debate sobre língua e memória

⁷ O acesso à educação formal não é uma prática comum destinada às meninas árabe-muçulmanas. Diferentemente da maioria delas, Assia Djebar fora incentivada a estudar por seu pai, professor primário em uma escola colonial francesa.

é perpassado pela questão do exílio, uma perspectiva pertinente à obra dos escritores magrebinos e, em especial, dos autores escolhidos⁸.

Ao concentrar-se na narrativa da experiência infanto-juvenil das personagens, ainda que a primeira se fixe primordialmente na biografia de seu autor e a segunda seja uma criação ficcional, *Le Premier Homme* e *La Disparition de la Langue Française* apresentam retratos da vida privada e das relações sociais e políticas em Argel; impressões do cotidiano na cidade e aspectos da vida rural no interior do país, além de ressaltar o papel da escola na formação das personagens. Destaque-se que, paralelamente às estratégias de domínio militar e político-econômico, a escola é uma das mais importantes instituições coloniais, cabendo-lhe a difusão da cultura e dos valores ocidentais. Seja como instrumento de controle social, seja por promover a educação da elite e da intelectualidade argelina, ela terá um papel significativo em ambos os textos.

Albert Memmi ressalta, entretanto, que:

[...] a maioria das crianças colonizadas está na rua. E aquela que tem a insigne sorte de ser acolhida em uma escola nem por isso será nacionalmente salva: a memória que é constituída para ela seguramente não é de seu povo. [...] A escola estabelece em seu íntimo [da criança] uma definitiva dualidade. (MEMMI, 2007a, p. 145-146)

Além disso, há o debate a respeito da política linguística praticada no país em nome da metrópole, pela qual o francês se tornaria a língua oficial do Estado, em detrimento do árabe e do berbere, o que pode ser observado na administração pública, na comunicação oficial e na “francisação” da sociedade não europeia, bem como de europeus de origens distintas, ali instalados. A “francisação” corresponde à emergência do francês colonial na Argélia, um sistema linguístico heterogêneo que conjuga à língua francesa influências de diferentes idiomas presentes entre a população autóctone, assim como entre espanhóis, italianos, corsos e malteses, que imigraram para o país. A escola, assim como a convivência nesse meio linguístico fértil foram os responsáveis pelo compartilhamento do francês colonial na Argélia.

Tida como um dos principais instrumentos de assimilação, a língua francesa instaura entre os escritores argelinos um impasse, que os obriga a expressar-se por meio da língua do colonizador. Tal imposição decorre do fato de eles terem frequentado as escolas francesas e, portanto, terem sido alfabetizados nessa língua, ainda que pudessem ter contato com as línguas árabe, berbere ou cabila, junto às suas famílias e ao meio em que viviam. Cabe

⁸ Albert Camus é considerado um autor francês da África do Norte e não um escritor magrebinos de língua francesa.

ressaltar que, tendo em vista a baixa frequência de crianças nativas nas escolas francesas, fosse por falta de vagas, fosse como forma de resistência por parte de seus pais à dominação cultural francesa, ao ter acesso à educação formal em instituições coloniais, essas crianças viriam a constituir, por si só, uma elite cultural.

Diferentemente da Tunísia e do Marrocos, protetorados franceses no Magrebe onde foi possível manter a convivência entre as escolas francesas e as escolas corânicas, responsáveis pela difusão da cultura árabe-islâmica, na Argélia o funcionamento desses estabelecimentos foi sendo reduzido até tornar-se praticamente irrelevante, resultando em uma efetiva ruptura na formação cultural da população autóctone, especialmente quanto ao aprendizado do árabe clássico⁹, modalidade utilizada para a escrita literária. Jacqueline Arnaud (ARNAUD, 1986), especialista em literatura magrebina de língua francesa, destaca a quase inexistência de intelectuais e escritores de dupla cultura na Argélia da primeira metade do século XX, tendo em vista o impacto (des)estruturante da formação francesa em detrimento da cultura árabe sobre aquelas pessoas, fato que, naquele país, se encontra em consonância com as orientações da política colonial para a educação da população autóctone.

Tal qual uma fratura, esse rompimento vai caracterizar a condição de exílio na língua francesa, experimentada por vários escritores argelinos, ao deparar-se com a seguinte questão: como exprimir, em toda a sua potência, o que se anseia dizer, escrevendo em uma língua estrangeira?

A língua abarca a expressão do pensamento sobre o mundo, a forma como o vemos, a complexidade que conferimos a ele. Daí o peso da colonização cultural tendo a língua como instrumento de dominação: trata-se de transformar a percepção das coisas, atribuindo-lhes valores distintos dos que seriam originalmente considerados. A língua materna traduz sonhos e sentimentos; exprime a razão e a desrazão; conjuga o universo simbólico da cultura que lhe é intrínseca. O exílio na língua francesa é a síntese desse impasse, que retrata a angústia e o

⁹ “Árabe clássico ou literário, árabe regular, árabe literal são termos frequentemente empregados como sinônimos. O árabe clássico ou literário é a língua proveniente do Alcorão, tal qual a tradição literária a cultivou do século VIII ao século XX. O termo ‘literal’ serve para opor a língua escrita à língua falada; o termo ‘regular’ lembra que o árabe clássico é uma língua que comporta regras complexas de morfologia (declinações, sistema de conjugações) e de sintaxe que os árabes dialetais abandonaram”. (ARNAUD, 1986, p. 60.) [*Arabe classique ou littéraire, arabe régulier, arabe littéral sont des termes souvent employés l’un pour l’autre. L’arabe classique ou littéraire est la langue issue du Coran, telle que la tradition littéraire l’a cultivée du VIII^e au XX^e siècle. Le terme ‘littéral’ sert à opposer la langue écrite à la langue parlée ; le terme ‘régulier’ rappelle que l’arabe classique est une langue comportant des règles complexes de morphologie (déclinaisons, système des conjugaisons) et de syntaxe que les arabes dialectaux ont abandonnés*].

sofrimento dos escritores que não conseguem escrever em sua própria língua, mas, tão somente na língua do colonizador.

“Nascida em torno de 1920, a literatura magrebina de língua francesa se consolida a partir de 1945, e, sobretudo, em 1950, quando ela se desenvolve no gênero romanesco”¹⁰ (BONN, 1982, p. 6). O surgimento do “conceito de literatura magrebina, de ‘*expression*’, depois de *grafia*, depois de *língua francesa*’, eclodiu nos anos 50, na mesma época em que os nacionalismos se faziam conhecer pelas armas.”¹¹ (IBIDEM, p.20).

O papel político-ideológico dessa literatura, determinado pelo uso do francês como língua escrita, vai acirrar a crítica em relação a escritores que empregam esse idioma, considerados, inicialmente, traidores de seu próprio país e de sua cultura. Mas como escrever em uma língua, ainda que materna, sem que se tenha sido alfabetizado nela? Na Argélia, antes da independência, os escritores não eram instruídos em suas línguas maternas, mas em francês. Ressalte-se ainda que, ao mesmo tempo em que a geração de escritores magrebins, entre 1945 e 1956, experimentou a frustração de não poder escrever em sua língua, ela serviu-se do francês para expor as mazelas do colonialismo na Argélia e, sobretudo, para reivindicar o direito à sua língua de origem.

Anos mais tarde, com a guerra e a independência, essa perspectiva se altera em razão da defesa e posterior adoção de uma política de arabização, que irá excluir o uso do francês da vida público-administrativa argelina.

[...] no Magrebe, a arabização consiste em restaurar a língua árabe. Por quê? Na Argélia, as populações falam suas línguas maternas: o árabe ou o berbere, de acordo com as regiões. Não escritas, essas línguas comportam cada qual múltiplas variantes, que chamamos às vezes dialetos. Antes da colonização, a única língua escrita era o árabe, dito clássico ou literal, introduzido com o Islã a partir do século VII. Depois o francês - escrito e falado - foi imposto e adquiriu a posição de língua oficial. [...] No momento da ascensão à independência, os países do Magrebe decidiram dar à língua árabe o lugar que a colonização a tinha feito perder. [...] Uma sociedade cuja identidade tinha sido renegada durante trinta anos não podia se reconstruir sem restaurar seu pilar: a língua árabe, estritamente associada à cultura islâmica. [...] A língua

¹⁰ “Née vers 1920, la littérature maghrébine de langue française s’affirme à partir de 1945, et surtout vers 1950, où elle s’épanouit dans le genre romanesque.”

¹¹ “Le concept de littérature maghrébine *d’expression*, puis de *graphie*, puis de *langue française*, a éclos et s’est développé dans les années 50, en même temps que les nationalismes se sont fait connaître par les armes.”

árabe está ligada a duas fontes de legitimidade sobre as quais se firma o poder: a luta de libertação nacional e a defesa do Islã.¹² (GRANDGUILLAUME, 1997)

Apesar disso, a língua francesa passa a ser percebida como um instrumento potencial de denúncia das condições de vida e sobrevivência da população magrebina, com destaque para os argelinos, cuja situação é fortemente marcada pelos processos de opressão, espoliação e miséria, decorrentes da colonização.

Por isso, é necessário compreender a literatura magrebina em questão, dentro do contexto da literatura francófona, produzida na África do Norte, isto é, analisar o papel da língua francesa como língua de expressão em um contexto de dominação político-cultural, que determina os parâmetros de inserção dessa literatura; a utilização da língua do colonizador como forma de expressão e também como meio de acesso ao restante do mundo por parte de escritores argelinos, visto que o francês permite a eles serem lidos no Ocidente, diferentemente do que aconteceria se escrevessem em árabe, língua cujo conhecimento é bem mais restrito na região.

Inserido no debate proposto pela crítica pós-colonial, especialmente representada pela problemática acerca da cultura e do imperialismo, de Edward Said, bem como por questões relacionadas à francofonia e à literatura magrebina de língua francesa, este estudo pretende refletir sobre o papel da língua e da memória, ambas atravessadas pela condição do exílio, como objetos de construção da identidade e da nacionalidade na literatura. Observe-se, portanto, que “o poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos.” (SAID, 1999, p. 13).

Ao analisar os traços de escrita dos autores oriundos de um contexto político-cultural e histórico que os insere no universo da colonização francesa da Argélia e das relações travadas, a partir desse contexto, entre esse país e a França, é possível observar a potencialidade dessa expressão, tendo em vista que, além de ser um importante elemento para a constituição da

¹² “[...] au Maghreb, l’arabisation consiste à restaurer la langue arabe. Pourquoi ? En Algérie, les populations parlent leur langue maternelle : l’arabe ou le berbère, selon les régions. Non écrites, ces langues comportent chacune plusieurs variantes, qu’on appelle parfois dialectes. Avant la colonisation, la seule langue écrite était l’arabe, dit classique ou littéral, introduit avec l’islam à partir du VII^e siècle. Puis le français - écrit et parlé - fut imposé et acquit le statut de langue officielle. [...] Au moment de l’accession à l’indépendance, les pays du Maghreb décidèrent de rendre à la langue arabe la place que la colonisation lui avait fait perdre. [...] Une société dont l’identité avait été déniée durant trente ans ne pouvait se reconstruire sans en restaurer le socle : la langue arabe, étroitement associée à la culture islamique. [...] La langue arabe est liée aux deux sources de légitimité auxquelles puise le pouvoir : la lutte de libération nationale et la défense de l’islam.”

memória, a língua também permite aos indivíduos sentirem-se integrados ou isolados, por vezes, desenraizados, frente a uma cultura.

Os estudos pós-coloniais constituem o referencial teórico desta pesquisa, uma vez que se busca compreender os impasses motivados pela colonização francesa da Argélia, especialmente nos planos cultural e político: como foram gerados os discursos em favor e contra a colonização e de que forma instituições, como a escola, e instrumentos, como a língua francesa, colaboraram para coibir a presença da identidade e da cultura árabe-berbere na Argélia.

Para o campo literário, a herança colonial concerne [...] os usos dos códigos linguísticos e literários, os modos de representação do real, visto que a descolonização é [...] “uma experiência fundamental da consciência moderna.”¹³ (MOURA, 2007, p. 3)

Daí, a necessidade de nos debruçarmos sobre a síntese dos fatos que marcaram a história da Argélia Francesa, relacionando-a tanto aos contextos de criação de *Le Premier Homme* e *La Disparition de la Langue Française* quanto àqueles que compõem as narrativas em si mesmas.

A Argélia colonial foi o berço de Camus, assim como de sua literatura. Ao longo dos conflitos pela independência, seu posicionamento, defendendo a convivência entre árabes, berberes e franceses da Argélia, foi veementemente contestado por diversos setores das sociedades colonial e metropolitana, levando o escritor a uma espécie de banimento social, condição que repercutiu de maneira brutal em sua vida e obra no final dos anos 1950. Mesmo após sua morte, Camus manteve-se, por anos, incompreendido e menosprezado tanto na França quanto na Argélia, pois não se enquadrava no pensamento maniqueísta que predominava no período, propondo, ao invés da independência da nação argelina, o respeito à multiplicidade étnica e cultural de seu país, bem como a formação de um estado federativo que contemplasse as diferenças ali existentes, garantindo direitos e deveres a *pieds-noirs*, árabes e berberes igualmente.

Apesar disso, é a experiência da convivência entre os diferentes povos que formam sua terra o que surge em *Le Premier Homme*, com exemplos como a cena inicial, que descreve o nascimento de Jacques Cormery, cuja família, recém-chegada a uma fazenda no interior da Argélia, é auxiliada por um homem e uma mulher árabes durante o parto do menino.

¹³ “Pour le domaine littéraire, l’héritage colonial concerne [...] les usages des codes linguistiques et littéraires, les modes de représentation du réel, puisque la décolonisation est [...] ‘une expérience fondamentale de la conscience moderne.’”

Embora a maior parte da produção de Assia Djebar tenha sido escrita após a independência¹⁴, os impactos da colonização francesa na sociedade argelina de origem árabe-berbere são um tema constante em seus textos. *La Disparition de la Langue Française* é um desses exemplos, ainda que o texto inclua também questões relacionadas ao extremismo político que tomou o país na década de 1990.

Em busca de uma leitura capaz de relacionar texto e contextos – contexto político e histórico-social, contexto de criação e contexto narrativo em si mesmo –, consideramos necessário atentar para a complexidade não só da escrita, como, igualmente, da condição do escritor como ser político, cuja pertença a uma sociedade distingue o texto por ele construído, além das “[...] relações entre o escritor e a sociedade, o escritor e sua obra, a obra e a sociedade.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 30).

Essas questões nos levam a refletir sobre a história da colonização francesa na Argélia, observando seu impacto e ressaltando que o hibridismo identitário, decorrente da escolarização em francês de parte da população autóctone, considerada, mais tarde, uma elite intelectual, teve como consequência o surgimento de escritores e líderes políticos que se depararam com as dificuldades culturais e ideológicas impostas pela assimilação. Entre elas, destaca-se a contradição existente no fato de essas pessoas terem sido formadas sob a perspectiva do humanismo francês, sem, entretanto, terem o direito de usufruir dele. Contradição que se estende ao restante do país, de maneira ainda mais incisiva, pois, embora a Argélia se constituísse como um departamento francês na África, a população autóctone não desfrutava de nenhum benefício condizente com a cidadania francesa, pois não possuía esse status. Essa tensão, associada aos impasses político-econômicos e socioculturais, deu origem a movimentos nacionalistas, que levaram à independência do país.

Como mencionamos anteriormente, a compreensão da formação histórico-cultural do Magrebe, com ênfase no colonialismo francês na Argélia, é fundamental para este estudo. Por isso, apresentamos um breve cenário sobre a cultura magrebina, com destaque para as características gerais da literatura ali produzida. Em seguida, temos um panorama da conquista e da colonização da Argélia pela França, considerando, além de aspectos históricos, tópicos estruturantes da política ali implantada como o banimento do ensino e do uso da língua árabe nas instituições públicas do país, paralelamente à adoção do francês como idioma

¹⁴ Ela publicou *La Soif*, seu primeiro livro em 1957. Até a independência da Argélia, publicaria *Les Impatients*. (1958), *Les enfants du nouveau monde* (1962). Outros 16 livros de ficção seriam publicados ao longo das décadas seguintes até os anos 2000. Ver bibliografia.

oficial, difundido pelas escolas coloniais. Por fim, buscamos refletir sobre a influência da língua do colonizador tanto na produção literária quanto na formação da intelectualidade local. É no hiato criado entre a Argélia Francesa e a Argélia em si mesma que se encontram as narrativas escolhidas e suas personagens: por um lado, Jacques Cormery e Berkane, ambos tendo vivido exílios autoimpostos na Europa, ainda que se percebam igualmente deslocados na Argélia, seu país natal. Por outro, as memórias que os dois tentam, sem êxito, reconstruir. Memórias que, comumente, não encontram eco tampouco repercussão junto aos interlocutores por eles escolhidos, que poderiam colaborar para que o passado, *pied-noir* ou árabe, não amargasse um mero esquecimento.

O Magrebe cultural e literário

Geograficamente, o Magrebe localiza-se no norte da África e é formado pelo Marrocos, a Argélia, a Tunísia, a Líbia e a Mauritânia. Destes, os três primeiros países constituem um horizonte cultural e literário comum, que intercala a cultura local e a estrangeira, proveniente sucessivamente de conquistadores romanos, árabes, turco-otomanos e franceses, contando também com a presença de espanhóis, italianos, malteses, judeus, entre outros. Com a colonização político-cultural europeia sobrepondo-se à tradição árabe oral e escrita, teve origem uma nova literatura de língua francesa, que associa as literaturas de caráter nacional marroquina, argelina e tunisiana, caracterizada pela pluralidade de textos e formas. Essa produção está fortemente vinculada a uma memória coletiva incerta e a um conjunto de identidades e ideologias conflitantes, marcadas pela presença do colonialismo francês no Magrebe, que se deu em três momentos distintos: a conquista e colonização da Argélia, a partir de 1830; a criação dos Protetorados da Tunísia, em 1881; e do Marrocos, em 1912.

Ao analisar as literaturas produzidas no Magrebe, o ensaísta Najib Redouane, autor de obras críticas sobre as literaturas francófonas, afirma que elas:

[...] se distinguem no campo literário francófono por, de um lado, a expressão de diferentes realidades sócio-políticas específicas a cada um dos países do Magrebe e, de outro lado, pela existência de substratos religiosos muçulmanos, judaicos e étnicos árabe-berbere, assim como pela coexistência de línguas autóctones com o francês metropolitano.¹⁵ (REDOUANE, 2001)

Especialistas em literatura magrebina ressaltam o caráter múltiplo dessa produção. Guy Dugas, em *Une ou des Littérature(s) Maghrébine(s)*, contesta a perspectiva que reduz ao singular a literatura magrebina de língua francesa, constituída a partir de horizontes diversificados, responsáveis pela definição de temáticas, histórias e destinos (DUGAS, 1987, p. 70-79). Charles Bonn, em *Poétiques croisées du Maghreb* (BONN, 1991), destaca a multiplicidade de pontos de vista, ressaltando que não há uma literatura magrebina única. Já o enfoque dado à literatura magrebina por Jean Dejeux, em *Maghreb: Littératures de Langue Française* (DEJEUX, 1993), destaca a coexistência entre as literaturas produzidas na Argélia, na Tunísia e no Marrocos, simultaneamente à presença das literaturas árabes e populares, que incluem as literaturas orais. (REDOUANE, 2001).

O colonialismo francês e os processos de independência vividos pelos países magrebins compõem o panorama histórico, político e sociocultural no qual se insere a literatura magrebina de língua francesa. Daí, como ressaltamos anteriormente, a principal especificidade dessa literatura relacionar-se diretamente ao uso do francês, língua do colonizador, como meio de expressão. É possível questionar se não se trata de literatura árabe, escrita em francês, dada a forte influência religiosa islâmica e étnica árabe-berbere, acrescida da percepção de que:

[...] essa literatura é, portanto, rica em metáforas, abundante em símbolos, mitos, fabulações, delírio, transgressões de tabus familiares e religiosos, subversão de normas culturais e políticas, em conotações magrebins que compõem sua originalidade.¹⁶ (REDOUANE, 2001)

No entanto, não se pode negar que essa alternativa, embora polêmica sob a perspectiva identitária desses escritores, conduziu o debate político-cultural magrebino, inscrito sob a forma literária, ao público ocidental, visto que permitiu que a literatura magrebina de língua francesa avançasse além de suas fronteiras regionais.

¹⁵ “[...] se distinguent dans le champ littéraire francophone par, d’une part, l’expression de différentes réalités socio-politiques spécifiques à chacun des pays du Maghreb et, d’autre part, par l’existence de substrats religieux musulman et juif et ethnique arabo-berbère, ainsi que par la coexistence de langues autochtones avec le français métropolitain.”

¹⁶ “[...] cette littérature est donc riche de métaphores, de foisonnement de symboles, de mythes, de fabulations, de délire, de transgressions de tabous familiaux et religieux, de subversion de normes culturelles et politiques, des connotations maghrébines qui font son originalité.”

Os magrebinos, em contato com os europeus, sofrem o exílio da terra e da língua materna, uma vez que a maioria deles, ainda que tenha origem berbere ou árabe, tenha sido escolarizada em francês. O escritor tunisiano Albert Memmi aponta o bilinguismo como um drama linguístico, além de ser um problema político. O simples ato de frequentar a escola já constituía em si mesmo um diferencial, visto que a maior parte da população não sabia ler ou escrever. Trata-se, entretanto, de frequentar a escola francesa e ter sua educação formal determinada por conteúdos ali difundidos, os quais estavam comprometidos com o enaltecimento da cultura, história e língua da metrópole, distantes, portanto, da memória, dos símbolos e dos mitos magrebinos. O drama linguístico configura-se pela utilização da língua do colonizador para expor as misérias do colonialismo; refere-se ao conflito ideológico-cultural decorrente do bilinguismo colonial, no qual o conhecimento de duas línguas relaciona-se diretamente a um instrumental de sobrevivência à opressão do colonizador e à certeza de que à língua materna resta apenas a desvalorização e o menosprezo da sociedade. (MEMMI, 2007a, p.147-148).

Na Argélia francesa, o domínio do francês era uma exigência que distinguia o colonizador do colonizado, mas, sobretudo, impunha a segregação cultural no âmago da população autóctone, dividida entre os que dominavam ou não a língua do outro. O bilinguismo colonial em nada se assemelha ao conhecimento de uma língua estrangeira, que se estabelece por vontade própria. Trata-se de um mergulho forçado em águas turbulentas, quando não se sabe nadar: a língua materna não importa mais, sofrendo comumente discriminação, perseguição e banimento, bem como seus falantes. Enquanto isso, é preciso compreender o quanto antes a língua do colonizador e, se possível, suas nuances e sua multiplicidade de sentidos, que se intensificam sob o peso da dominação colonial.

Para o escritor essa necessidade é ainda mais premente. No entanto, mesmo que a maior parte dos escritores magrebinos de língua francesa tenham aprendido a utilizar o francês a seu favor, não se pode negar a complexidade dramática dessa condição.

Jacques Noiray, especialista em literatura francesa do século XIX e autor de *Les Littératures de la Francophonie: le Maghreb*, apresenta a complexidade de questões que cercam a literatura magrebina de língua francesa:

O termo literatura magrebina de língua francesa (a forma mais simples e mais conveniente de designar esta área específica da literatura francesa) e o conceito que abrange esta expressão não são livres de ambiguidades. Em primeiro lugar, designa um instrumento (a língua francesa) e um lugar de origem e de expressão (o Magrebe), apresentando como prova conceitos difusos que devemos questionar: Por que o francês? A língua do colonizador não foi escolhida sem arrependimentos mais ou menos manifestos, sem consciência pesada, pelo menos aparentemente e na maior parte do tempo sem dilacerar do passado

felizmente superado. E qual Magrebe? Aquele das origens da identidade perdida, de um passado solitário redivivo na memória e no exílio, e que o escritor deve restituir aos seus semelhantes? Aquele de um presente atormentado, entregue à instabilidade política e social de uma independência difícil, em que o escritor sente-se chamado na medida de suas capacidades e das limitações da censura, para atuar como um porta-voz? Sem contar que a evolução, muitas vezes divergente, nos últimos trinta anos, de cada um dos países do Magrebe, nos convida a falar agora, no plural, da literatura marroquina, argelina ou de língua francesa da Tunísia.¹⁷ (NOIRAY, 1996, p.7)

Ao falar da literatura magrebina, Bonn ressalta que “a Argélia dispõe da maior parte da produção romanesca magrebina de língua francesa. Fato bastante compreensível tendo em vista que é na Argélia que a colonização cultural francesa mais avançou.”¹⁸ (BONN, 1982, p. 13) E, após a independência:

[...] apesar dos avanços reais da arabização, o francês permanece para muitos como a língua privilegiada de tudo o que se *escreve*. [...] O francês é a língua da Diferença, que permite uma maior atitude crítica diante de assuntos difíceis, porque estes dizem respeito à vida cotidiana: o distanciamento é mais fácil e há, portanto, uma objetividade relativa.¹⁹ (BONN, 1982, p. 15)

O Magrebe colonial

O povoamento do Magrebe relaciona-se diretamente à questão berbere, povo presente no deserto desde tempos incertos, cuja origem histórica e geográfica permanece ignorada. O

¹⁷ “Le terme de littérature maghrébine de langue française (expression la plus simple et la plus commode pour désigner ce domaine particulier des lettres françaises) et le concept que recouvre cette expression ne sont pas exempts d'ambiguïtés. Tout d'abord, celle-ci désigne comme allant de soi un instrument (la langue française) et un lieu d'origine et d'expression (le Maghreb), elle présente comme des évidences des notions floues sur lesquelles il faut s'interroger: pourquoi le français? La langue du colonisateur n'a pas été choisie sans remords plus ou moins affichés, sans mauvaise conscience au moins apparente, sans déchirements la plupart du temps heureusement surmontés. Et quel Maghreb? Celui des origines, de l'identité perdue, d'un passé revécu solitairement dans la mémoire et dans l'exil, et que l'écrivain doit restituer à ses semblables? Celui d'un présent tourmenté, livré aux troubles politiques et sociaux d'une indépendance difficile, dans laquelle l'écrivain se sent appelé, dans la mesure de ses moyens et des limites de la censure, à jouer le rôle de porte-parole? Sans compter que l'évolution souvent divergente, depuis une trentaine d'années, de chacun des pays du Maghreb nous inviterait plutôt à parler maintenant, au pluriel, des littératures marocaine, algérienne ou tunisienne de langue française.”

¹⁸ “L'Algérie tient la plus grande part de la production romanesque maghrébine de langue française. Et c'est bien compréhensible puisque c'est en Algérie que la colonisation culturelle française pénétra le plus avant.”

¹⁹ “[...] malgré les progrès réels de l'arabisation, le français reste encore pour beaucoup la langue privilégiée de tout ce que *s'écrit*. [...] Le français est la langue de la Différence, qui permet une plus grande attitude critique devant des sujets difficiles parce que touchant au vécu quotidien: le recul est plus facile et, donc une relative objetivité.”

termo berbere vem do grego bárbaro, isto é, estranho à civilização greco-romana. Os romanos assim chamaram essa população no período em que permaneceram no norte africano, entre 146 a.C. e 432 d.C. Embora essa designação tenha se tornado predominante junto aos europeus, ela não é aceita pelos chamados berberes que se autodenominam *amazigh* ou *imazighen* (no plural), isto é, homens livres.

Deve-se ressaltar que a separação entre berberes e árabes foi efetivada pelo poder colonial francês, que percebia a população berbere, organizada em sociedades tribais, como um grupo mais facilmente assimilável à nova ordem, inclusive por ser nômade, enquanto os árabes eram vistos como mais sedentários. À questão berbere somam-se a mestiçagem, o fluxo de populações e as características de outras civilizações que por ali passaram, culminando com a presença do Islã como religião dominante.

No século XIX, o Magrebe é formado, em sua maioria, por várias tribos árabe-berberes, que vivem isoladas nas montanhas, desenvolvendo atividades agropastoris, ainda que fosse possível registrar a presença de turcos, judeus sefaraditas ou naturais da região, além de negros, escravos ou não nas cidades. (STORA, 2003, p.12).

Da mesma forma como o Oceano Atlântico, na era das navegações, era tido como um mito, um buraco negro cujo fim se desconhecia e do qual não se sabia se seria possível sair, o Saara também era visto dessa maneira, isto é, como um mito a ser desvendado pelo homem europeu. O Magrebe era a derradeira fronteira de um mundo conhecido, delimitado pela Europa e pelo norte da África, face ao que se imaginava ser o paraíso perdido, paralelamente aos perigos passíveis de serem encontrados no deserto.

Terra de passagem, o Magrebe foi invadido ao longo da história por fenícios, romanos, vândalos, bizantinos, diferentes dinastias muçulmanas e árabes, turcos-otomanos e franceses. Entre 650 e 1516, com a expansão islâmica, os árabes e muçulmanos conquistaram e converteram as tribos berberes. O contato com uma civilização refinada e culta, que desenvolveu as artes e as ciências, facilitou a promoção da islamização entre as populações berberes até o século XI. Após a conversão de dirigentes berberes ao Islã, ocorrida rápida e independentemente da adoção de mudanças socioculturais e linguísticas, seguiu-se o processo de arabização, isto é, a adoção e o uso do árabe entre os berberes, o que se deu durante os cinco séculos subsequentes à conquista. Os árabes não permaneceram em grande número entre os berberes. No entanto, com a islamização, grandes dinastias berberes muçulmanas passaram a difundir o Islã na Argélia, encontrando um ajuste perfeito entre a cultura autóctone berbere e a ética corânica. (STORA, 1991, p. 11).

A partir de 1516 até 1830, o Magrebe passa a ser dominado pelo império Turco-otomano, que se dedica a controlar as rotas marítimas, sem se concentrar nos processos de ocupação propriamente dita dos países da região. Com forte poderio militar e convertidos ao Islã pelos árabes, desde o século X, os turcos foram responsáveis pela islamização de países da Europa central. Na Argélia, ao casar-se com mulheres nativas, deram origem a uma classe social específica, conhecida como *Kouroughlis*, integrante da aristocracia magrebina, por meio de posições estratégicas entre os militares, além de funções jurídicas e administrativas, que constituíam a hierarquia econômico-social entre os turcos (QUEFFÉLEC, 2002, p. 16). Dentre as posições administrativas, passaram a ocupar cargos como beis (altos funcionários do governo) e deis (título do Regente de Argel, por exemplo, entre 1671-1830). A fragilidade causada por um povoamento pouco denso no Magrebe levou o Império Turco-Otomano ao declínio e conduziu ao poder local as potências europeias. A tomada da Argélia pela França marca o início desse processo.

Essa conquista insere-se em um panorama geopolítico amplo que opõe, de forma radical, França e Inglaterra em nome do controle do Mediterrâneo, a partir do porto de Argel. Simultaneamente, os franceses experimentam os efeitos da época napoleônica, representado pelo desejo de dar continuidade a um passado de conquistas, que já não poderiam mais ser firmadas na Europa e seriam, portanto, empreendidas na África. Além disso, com a perda das colônias na América, o mito da riqueza presente nas regências turcas em cidades como Trípoli, Túnis e Argel torna-se uma verdadeira tentação para a França (DUNWOODIE, 1998, p. 8).

Segundo o historiador argelino Benjamin Stora (2003), é preciso refletir sobre a ideia magrebina, uma noção historicamente vinculada à transformação da África do Norte, sob a colonização francesa, que se constitui a partir da possibilidade de se escrever uma história comum aos países que compõem o Magrebe. Para Stora, além das semelhanças linguística, religiosa e cultural, a configuração da ideia de Magrebe inclui o arabismo, integrando o nacionalismo árabe como elemento fundamental à construção da identidade magrebina.

Ao refletir sobre a ideia magrebina, o historiador francês Michel Camau ressalta que ela se vincula a uma distinção geográfica, histórica e antropológica do Magrebe, como

também a “[...] uma tentativa de construção que dará consistência a um ator histórico e a um espaço político dotado de uma lógica própria.”²⁰ (CAMAU, 2003, p. 1).

O Magrebe pode ser definido a partir dos eixos espacial e identitário, da seguinte maneira:

[...] uma representação Leste-Oeste inerente à história e à cultura árabes (*Magrebe* significa ‘Ocidente’ em árabe e se refere ao *Machreq* ou ‘Oriente’) e uma representação Norte-Sul relevante de uma perspectiva euro-mediterrânea (a margem Sul do Mediterrâneo ou ‘África do Norte’).²¹ (CAMAU, 2003, p. 1)

Além disso, é preciso destacar que o Magrebe jamais teve uma existência política propriamente dita. Mesmo a nomenclatura África do Norte está muito mais relacionada à colonização francesa no Magrebe do que à região delimitada pelo norte do continente africano:

Em uma perspectiva eurocêntrica, o eixo Leste-Oeste deu lugar a um eixo Norte-Sul, com o ocidente árabe transformando-se a margem do sul do Mediterrâneo ou a África do Norte. Essa última denominação, tal qual ela prevaleceu no léxico da historiografia colonial francesa, tendia a negar toda consistência ao fato magrebino (“o Magrebe em si”, correspondendo “a uma ruptura histórica com o Oriente árabe”) e toda pertinência quanto à ideia magrebina (“o Magrebe por si”, cujos “limites não podem ser dissociados das relações euro-magrebins de longo prazo”). [...] Falar de África do Norte seria negar um tipo de historicidade para substituí-la por outro: só havia a África do Norte francesa.²² (CAMAU, 2003, p. 1 e 3)

Para o historiador francês Daniel Rivet, especialista na história do Magrebe colonial, a compreensão da região no século XX relaciona-se diretamente à complexidade na relação travada entre franceses e magrebins a partir de 1830, com a conquista da Argélia, ao opor a língua árabe ao francês, o islamismo ao cristianismo e interesses econômicos do capitalismo imperialista da metrópole, em busca de matérias-primas, àqueles das colônias. Soma-se a isso o surgimento dos Estados-nação na Europa e a disputa entre França e Inglaterra, que marcaria o período de expansão e dominação colonial.

²⁰ “[...] une tentative de construction qui donnerait consistance à un acteur historique et à un espace politique doté d’une logique propre.”

²¹ “[...] une représentation Est-Ouest inhérent à l’histoire et à la culture arabes (Maghreb signifie ‘Occident’ en arabe et s’entend par référence au Machreq ou ‘Orient’) et une représentation Nord-Sud relevant d’une perspective euro-méditerranéenne (la rive Sud de la Méditerranée ou ‘Afrique du Nord’).”

²² “Dans une perspective euro-centrée, l’axe Est-Ouest faisait place à un axe Nord-Sud, l’Occident arabe devenant rive Sud de la Méditerranée ou Afrique du Nord. Cette dernière appellation, telle qu’elle a prévalu dans le lexique de l’historiographie coloniale française, tendait à nier toute consistance au fait maghrébin [‘le Maghreb-en soi’, correspondant ‘à une coupure historique avec l’Orient arabe’] et toute pertinence à l’idée maghrébine [‘le Maghreb-pour soi’, dont ‘les limites [...] ne peuvent être dissociées des relations euromaghrébines sur la long durée.’]. [...] Parler d’Afrique du Nord revenait à nier un type d’historicité pour en lui substituer un autre : il n’y avait d’Afrique du Nord que ‘française.’”

Na Argélia, a ideologia colonial reflete-se no uso de termos específicos, utilizados pelos europeus, para nomear os argelinos. Esses termos servem de marcadores de diferença social, além de caracterizar o sentimento de superioridade que envolve e distingue a relação entre os franceses e a população local. Stora questiona como os europeus determinam quem compõe e como chamar a grande maioria da sociedade argelina: indígenas, muçulmanos, argelinos muçulmanos? Para concluir que “no imaginário e no vocabulário da época, são simplesmente ‘os árabes’.”²³ (STORA, 1991, p. 39). Rivet discute a ambiguidade de relações entre colonizadores e colonizados, lembrando que “o oriental dos Românticos se transforma então no indígena, cuja figura se torna confusa à medida que pesa o fato colonial e que os contatos intercomunitários se rarefazem.”²⁴ (RIVET apud STORA, 2003). Peter Dunwoodie, especialista em Literatura Francesa e Francófona, com ênfase na Argélia e no colonialismo francês naquele país, refere-se às “estruturas de atitude e referência” de E. W. Said (1999), isto é, de que forma alguns países dominam outros por meio de elementos culturais, como o romance, e como se estabelece o peso civilizatório do imperialismo, para expor as distinções entre os dois grupos. O autor cita a análise do escritor argelino Rabah Belamry, sobre a questão:

A minoria europeia é valorizada pelo uso de termos para se referir a ela; a maioria argelina é desvalorizada. Três termos: árabe, muçulmano e nativo eram baseados em pressupostos ideológicos. Os papéis eram invertidos. O termo árabe ajuda o colonizador a satisfazer seu desejo de expulsar o colonizado para fora da sociedade. O termo se refere a um país estrangeiro, um país distante, a Arábia. Ele é usado para lembrar os argelinos que seus ancestrais chegaram à Argélia como colonizadores, treze séculos antes. O termo muçulmano se refere a uma comunidade teocrática, a uma formação social retrógrada fossilizada por séculos. Já o termo nativo expressa tanto o desdém como o paternalismo.²⁵ (BELAMRY apud DUNWOODIE, 1998, p. 4)

²³ “Dans l’imaginaire et le vocabulaire de l’époque, ce sont simplement ‘les Arabes’.”

²⁴ “L’oriental des Romantiques est alors devenu l’indigène, dont la figure se brouille à mesure que se appesantit le fait colonial et que les contacts intercommunautaires se raréfient.”

²⁵ “The European minority is valorized by the terms used to refer to it; the Algerian majority is devalorized. Three terms: Arab, Muslim, native are based on ideological presuppositions. Roles are inverted. The term Arab helps the colonizer satisfy his desire to push the colonized out of society. The term refers to a foreign country, a distant country, Arabia. It is designed to remind Algerians that their ancestors arrived in Algeria as colonizers, thirteen centuries earlier. The term Muslim refers to a theocratic community, a backward social formation fossilized for centuries. As for the term native, it conveys both disdain and paternalism.”

A conquista da Argélia

Em *Histoire de l'Algérie Coloniale (1830-1954)*, Stora (1991) afirma que, anteriormente à expedição francesa, a Argélia era vista como um estado soberano pela maioria dos países europeus, assim como pelos Estados Unidos. Mantinha com a França excelentes relações, reconhecendo-lhe a República e rendendo-lhe amizade.

Entretanto, a recusa pelo governo francês - de Napoleão Bonaparte, passando por Louis XVIII e chegando a Charles X -, de efetuar o pagamento de uma dívida contraída pelos revolucionários junto a financistas argelinos, leva a uma crise diplomática entre o Deï Hussein, regente de Argel, e o cônsul francês Pierre Deval. Ocorrido em 1827, o fato que se tornou conhecido como *coup d'éventail*, serviu como pretexto para a tomada de Argel três anos mais tarde, seguida pela colonização da Argélia pela França, por mais de um século, até 1962.

Entre seus objetivos, a França desejava “[...] consolidar sua influência na bacia ocidental do Mediterrâneo, para a abertura de mercados para o comércio e a indústria nascente.”²⁶ (STORA, 1991, p.16). Uma campanha militar vencedora no exterior colaboraria igualmente para sufocar a crise interna entre a oposição e as ambições de Charles X em busca de uma nova monarquia absolutista (STORA, 1991, p.16). Soma-se a isso, o argumento utilizado pelo governo francês com o intuito de convencer a opinião pública a respeito da necessidade da conquista da Argélia, dominada, naquele período, pelos turcos. Nesse sentido, Charles X afirmava que estava a defender os nativos dos otomanos, isto é, dos infiéis, convertidos ao Islã.

Evidentemente a lenda em torno do *coup d'éventail*, como justificativa para a intervenção francesa na Argélia, não passava de uma desculpa, uma mentira que demonstrava a arrogância da França, que insistia no fato de não cumprir seus compromissos financeiros com outros países e, sobretudo, encontrar-se empobrecida devido às guerras napoleônicas. Diante disso, a hipótese de se apossar do tesouro da *Casbah* parecia bastante sedutora, pois tornava viável a possibilidade de quitação das dívidas herdadas pelo governo, assim como a resolução de conflitos financeiros de ordem interna. Esse tesouro era formado por “[...]

²⁶ “[...] consolider l'influence de la France dans le bassin occidental de la Méditerranée, par l'ouverture de marchés et de débouchés au commerce et à l'industrie naissante.”

riquezas acumuladas pelos deuses ao longo de três séculos e que constituiriam [...] um ‘fabuloso pé-de-meia’[...].”²⁷ (VIGIER. In: AGERON, 1993, p. 35).

A conquista da Argélia se justificaria pelo intuito de favorecer a reputação de Charles X, abalada por sua decisão de dissolver a Câmara dos Deputados, que não lhe era favorável, e suprimir a liberdade de imprensa, quando o restante da Europa ainda não tinha esquecido as guerras napoleônicas e as dificuldades da França em dominar o norte da África. Ainda em 1830, a adoção dessas medidas, associadas à restrição ao direito da burguesia ao sufrágio universal, levaria à sua queda. Seu sucessor Louis-Philippe, apesar de lidar com a oposição anticolonialista, daria continuidade ao projeto da conquista.

Em *Quatour d’Alger*, formado pelos romances *L’Amour, la fantasia*, *Ombre sultane* e *Vaste est la prison*, o processo de colonização, da invasão em 1830 até a guerra de independência, serve de elemento estruturante para a reconstituição do violento embate em que, sob a perspectiva civilizatória, se envolveram a França e a Argélia. Para isso, são mesclados aspectos autobiográficos e históricos, apresentando pontos de vista diferenciados para compor uma narrativa em que o discurso colonial firma-se a partir de um olhar em que, embora o colonizado seja percebido como exótico, ele é também um ator a observar o outro, o colonizador, que busca submetê-lo. Por isso, como texto polifônico, o *Quatour* apresenta as distintas vozes que ali se fazem ouvir: militares e cientistas franceses, homens e mulheres argelinos. Em *L’Amour, la fantasia*, a tensão dos instantes iniciais do conflito já permitem entrever o futuro trágico que se desenharia nos anos subsequentes:

Aube de ce 13 juin 1830, à l’instant précis et bref où le jour éclate au-dessus de la conquête profonde. Il est cinq heures du matin. Devant l’imposante flotte qui déchire l’horizon, La Ville Imprenable se dévoile, blancheur fantomatique, à travers un poudroiement de bleues et de gris mêlés. [...]

Premier face à face. La ville, paysage tout en dentelures et en couleurs délicates, surgit dans un rôle d’Orientale immobilisée en mystère. L’Armada française va lentement glisser devant elle en un ballet fastueux, de la première heure de l’aurore aux alentours d’un midi éclaboussé. Silence de l’affrontement, instant solennel, suspendu en une apnée d’attente, comme avant une ouverture d’opéra. Qui dès lors constitue le spectacle, de quel côté se trouve vraiment le public? [...]

Des milliers de spectateurs, là-bas, dénombrent sans doute les vaisseaux. Qui le dira, qui l’écrira ? Quel rescapé, et seulement après la conclusion de cette rencontre? (AF, p.14 e 16)

Militares franceses estiveram à frente da colonização da Argélia, entre 1830 e 1870, estabelecendo as estratégias de conquista e ocupação, mas, especialmente, exercendo uma tarefa que mesclava a observação sociológica à investigação e ao registro geográfico e histórico do país. Benjamin Stora ressalta que:

²⁷ “[...] richesses accumulées par les deys depuis trois siècles et qui auraient constitué [...] un ‘fabuleux magot’.”

No momento em que se constitui o que se chamará no século XIX o “orientalismo”, essa história militar ligada à exploração de mundos novos faz nascer toda uma série de narrativas em que se misturam as diferentes comunidades-mosaico compondo o universo “misterioso” do Oriente.²⁸ (STORA, 1991, p.18)

Entre os oficiais franceses, o conhecimento da cultura argelina era visto como uma estratégia importante para o domínio do país, não só sob a ótica militar, mas também antropológica. Daí o interesse de muitos deles em aprender tanto a língua árabe quanto o berbere, conhecer os costumes e a religião, além de dominar o espaço territorial propriamente dito. Essas informações foram sistematizadas em anais e servem de fonte para pesquisas históricas sobre a região.

Ainda que houvesse dúvidas e partidários, na metrópole e na colônia, que se dividiam entre a ocupação parcial ou total do país, a segunda hipótese ganhou força, com generais como Clauzel, à frente da expedição de Argel, em agosto de 1830, e governador general da Argélia entre 1835 e 1837, e Bugeaud, comandante do exército francês contra a resistência encontrada entre as tribos berberes e as associações religiosas, as quais enfrentariam a invasão dos infiéis tal qual uma guerra santa, a *jihad*, sob o comando de Abd El-Kader.

A partir de 1832, Abd El-Kader, 24 anos e originário de uma prestigiosa linhagem de *marabouts* - guias religiosos muçulmanos -, foi legitimado como chefe militar da resistência pelos líderes berberes da região de Mascara, promovendo ataques incessantes aos inimigos. Entretanto, a percepção da insuficiência de seu próprio exército para o combate, leva-o a estabelecer negociações táticas com os franceses, a fim de se fortalecer como interlocutor entre os autóctones e os invasores e eliminar eventuais dissidentes entre as tribos. (STORA, 2003-2004, p. 16).

Em 1837, chega-se à assinatura do Tratado de Tafna, considerado bastante favorável aos argelinos e cuja negociação ocorreu sob a orientação do General Bugeaud. Esse acordo permite a Abd El-Kader edificar um estado islâmico sobre dois terços do território argelino, ainda que se mantivesse lutando contra tribos rebeldes. No ano seguinte, o país passaria a ser denominado tal como conhecemos hoje, Argélia, ao invés de El Djezaïr, como era chamado anteriormente à invasão. Em 1839, a resistência sente cada vez mais o peso da miséria decorrente da guerra, acompanhada pela seca e pelo cólera, que devastam a população. (ÉTIENNE; POUILLON, 2003, p.39).

²⁸ “Au moment où se constitue ce qu’on appellera au XIX^e siècle ‘l’orientalisme’, cette histoire militaire liée à l’exploration des mondes nouveaux donne naissance à toute une série de récits où se retrouvent pêle-mêle les différentes communautés-mosaïques composant l’univers ‘mystérieux’ de l’Orient.”

Nomeado governador da Argélia em 1841, Bugeaud ficaria conhecido como “[...] o homem que, décadas mais tarde, ainda personifica na memória popular a violência da implantação do colonialismo francês na África do Norte.”²⁹ (DUNWOODIE, 1998, p.10).

O próprio Bugeaud descreve a missão que se esperava do exército francês:

Atravessar as montanhas e derrotar seus habitantes uma vez ou duas significa pouco; para derrotá-los, sua propriedade precisava ser atacada... Suprimentos devem ser organizados para permitir que os homens permaneçam o quanto for preciso para destruir as aldeias, derrubar as árvores frutíferas, queimar ou extirpar as colheitas, esvaziar os armazéns de grãos, esquadrinhar as ravinas, rochas e cavernas para encontrar as mulheres, crianças, idosos, rebanhos e pertences; é a única forma de derrotar os orgulhosos povos montanhese. (AZAN apud DUNWOODIE, 1998, p. 11)

Stora destaca o registro de numerosas ocorrências de abuso de poder e violência, por parte dos franceses, entre o início da conquista e o final dos anos de 1840, a partir do estudo de Mostefa Lacheraf, *Psychologie d'une conquête*:

[...] Saint-Arnaud, em 1842, destruiu uma parte de Blida; Cavaignac inaugura as *enfumades* asfixiando os insubordinados nas grutas sobre o rio de Cheliff; Canrobert demole uma vila em Aurès para ‘aterrorizar as tribos’; Pélissier, coronel da coluna de Bugeaud, asfixia com fumaça cerca de mil homens da tribo Ouled Riah, refugiados nas grutas...³⁰ (LACHERAF apud STORA, 1991, p. 21)

A propósito da morte dos Ouled Riah, sob as ordens do coronel Pélissier, Djebbar apropria-se do relato de um oficial espanhol, combatente no exército francês, para registrar em *L'Amour, la fantasia*:

Tous les cadavres étaient nus, dans des positions qui indiquaient les convulsions qu'ils avaient dû éprouver avant d'expirer. Le sang leur sortait par la bouche ; mais ce qui causait le plus d'horreur, c'était de voir les enfants à la mamelle gisant au milieu des débris de moutons, de sacs de fèves, etc. (AF, p. 105)

Se por um lado, o exército francês deparava-se com a ausência de consenso face às expectativas políticas da metrópole quanto aos objetivos e à ideologia da conquista, assim como com impasses de ordem prática para efetivá-la, por outro, os seguidores de Abd El-Kader viam-se diante do esfacelamento físico e moral de suas forças, processo cuja exacerbação levou à rendição do emir ao general Lamoricière, em 1847. Abd El-Kader é considerado o fundador da nação argelina.

²⁹ “[...] the man who, decades later, still epitomized in popular memory the violence of the implantation of French colonialism in North Africa.”

³⁰ “Saint-Arnaud, en 1842, détruit une partie de Blida; Cavaignac inaugure les ‘enfumades’ en asphyxiant des insoumis dans des grottes sur la rive du Cheliff; Canrobert rase un village dans l’Aurès pour ‘terroriser les tribus’; Pélissier, colonel de la colonne de Bugeaud, enfume et asphyxie un millier d’hommes de la tribu des Ouled Riah, réfugiés dans des grottes...”

Com a revolução de 1848, Napoleão III chega ao poder. Os primeiros anos de conquista são concluídos pela anexação da Argélia como território francês e a criação dos departamentos franceses naquele país – Argel, Oran e Constantine. A Argélia passa a ser uma província ultramarina, tornando-se uma colônia de povoamento. Nesse período, o *lobby* a favor da colonização preocupava-se em acelerar o que entendia por uma política de assimilação da população muçulmana, que se efetivaria por meio da expropriação das melhores terras dos nativos, assim como da exploração de sua força de trabalho nos empreendimentos dos colonizadores, destruindo a estrutura socioeconômica muçulmana e conduzindo, dentro de alguns anos, à fome e à miséria da população argelina. Percebeu-se que não bastava manter o exército, mas era preciso conduzir a legislação colonial em direção às preocupações centrais dos franceses, introduzindo leis e regulamentações, que se distanciassem dos interesses dos colonizados e legalmente justificassem a ocupação. (DUNWOODIE, 1998, p. 12).

O reino árabe de Napoleão III

A política colonial de Napoleão III, entretanto, diverge frontalmente das estratégias de dominação levadas adiante pelo exército francês nos primeiros anos de conquista, baseadas na violência, em saques e na restrição do uso de terras pelas tribos berberes e pelas populações árabes. Influenciado por seu conselheiro saint-simoniano Ismaël Urbain³¹, o Imperador, que visitaria a Argélia em dois momentos distintos, em 1860 e 1865, passaria a considerar a colônia como um reino árabe, cabendo-lhe a tarefa de governar sobre árabes e franceses.

³¹ “Conhecidos como socialistas utópicos do começo do século XIX, eles [os são-simonianos] tiveram também um lugar importante e original na expansão no Mediterrâneo. Eles a concebem menos sob a forma de dominação política de tipo colonial que através da constituição de zonas de influência e uma associação entre civilizações. [...] a grande figura dos são-simonianos é Ismael Urbain.” (LIAUZU, 2007, p. 575) [*Connus comme socialistes utopistes du début du XIX^e siècle, ils ont aussi eu une place importante et originale dans l’expansion en Méditerranée. Ils la conçoivent moins sous la forme d’une domination politique de type colonial qu’à travers la constitution de zones d’influence et une association entre civilisations. [...] la grande figure des saint-simoniens est Ismayl Urbain.*]

Napoleão III tinha como objetivo promover a igualdade entre nativos e europeus, devendo, para isso, proteger os primeiros e evitar a destruição sistemática da estrutura socioeconômica do país, aplicada em nome da política de assimilação. Com essa intenção, foram criados os Escritórios Árabes, responsáveis pela organização de informações sobre as populações autóctones e pela administração das tribos.

Seus principais métodos envolviam a construção de aldeias, a introdução de melhoramentos agrícolas e sanitários, bem como a imposição de certas características do direito francês. Seu objetivo era "levar a civilização às tribos", minando as hierarquias muçulmanas tradicionais, incentivando a sedentarização, e transformando o *fellah* argelino (camponês argelino) em um pequeno proprietário camponês *à la française*.³² (DUNWOODIE, 1998, p. 13)

Embora não se pudesse contar com a colaboração de Abd El-Kader, exilado na França, pretendia-se transferir o poder na Argélia para as elites locais. No entanto, a promoção de uma nova política assimilacionista garantiria aos nativos direitos políticos e civis, mediante a renúncia a seu status pessoal como muçulmanos:

“O indígena muçulmano é francês”, mas regido pela “lei islâmica”. Ao fazer isso, Napoleão confere aos argelinos, muçulmanos ou judeus, direitos civis (acesso às funções administrativas e aos quadros militares) e políticos (direito ao voto e elegibilidade nas votações locais em áreas civis). Para desfrutar não somente da nacionalidade, mas também de cidadania, súditos nativos são, no entanto, obrigados a renunciar ao seu estatuto pessoal fixado pela lei religiosa: devem abandonar a poligamia, o divórcio (proibido na França até 1884) e as prescrições de seu direito de sucessão. [...]

[Entretanto], a reserva a tudo o que se assemelha à assimilação por parte dos argelinos não enfraqueceu. Daí, a recusa massiva à naturalização: de 1865 a 1875, apenas 371 nativos a aceitaram.³³ (RIVET. In: AGERON, 1993, p.62-63)

Em 1870, com a publicação do Decreto Crémieux, a mesma política foi aberta à comunidade judaica, que a recebeu com grande aceitação.

Napoleão III, que se considerava imperador dos franceses assim como dos árabes na Argélia, defendia que a “igualdade perfeita entre indígenas e europeus, é apenas justa,

³² “Their principal methods involved the construction of villages, the introduction of agricultural and sanitary improvements, and the imposition of certain features of French law. Their objective was to ‘bring civilization to the tribes’ by undermining traditional Muslim hierarchies, encouraging sedentarization, and turning the Algerian fellah into a peasant smallholder *à la française*.”

³³ “ ‘L’indigène musulman est Français’, mais régi par la ‘loi musulmane’. Ce faisant, il [Napoléon III] confère aux Algériens, musulmans ou juifs, des droits civils (accès aux fonctions administratives et aux grades militaires) et politiques (droit de vote et éligibilité aux élections locales en territoire civil). Pour jouir non seulement de la nationalité mais aussi de la citoyenneté, les sujets indigènes sont toutefois tenus de renoncer à leur statut personnel fixé par la loi religieuse : ils doivent abandonner la polygamie, le divorce (interdit en France jusqu’en 1884) et les prescriptions de leur droit successoral.

[...]

[Cependant] la réserve de Algériens [...] vis-à-vis de tout ce qui ressemble l’assimilation, ne faiblit pas. D’où le refus massif de la naturalisation : de 1865 à 1875, 371 indigènes seulement y consentiront.”

honorável e verdadeira.”³⁴ (RIVET. In: AGERON, 1993, p. 60). Seu objetivo era claramente “convencer os árabes que nós [os franceses] não tínhamos vindo à Argélia para oprimi-los e espoliá-los, mas para lhes trazer a civilização.”³⁵ (RIVET. In: AGERON, 1993, p. 60).

O imperador recusa frontalmente o argumento colonial, baseado no uso da violência e na usurpação. Entretanto, a intensa oposição a essa política moderada de Napoleão III, seja na França, seja por parte dos colonos franceses na Argélia, demonstra a divergência de seus propósitos em relação aos interesses de crescimento econômico e poder dos colonialistas, o que levaria ao rápido desmantelamento desse projeto.

Paralelamente, entre os anos de 1870-71, a Guerra Franco-Prussiana, que culminou com a unificação alemã, determinaria a queda de Napoleão III e da monarquia francesa, com a anexação da Alsácia-Lorena pela Prússia. Esse processo culminaria com a transformação da Argélia em colônia de povoamento, em 1871, pondo fim ao período inicial da conquista.

A Argélia Francesa

Entre 1871 e 1914, dar-se-ia a instalação da Argélia Francesa, período em que a administração colonial deixaria de ser feita pelo exército, sendo assumida pelos colonos franceses, caracterizando-se, entre outros aspectos, pela perda, por parte dos argelinos, até 1919, de “[...] sete milhões e meio de hectares [de terras produtivas], que o Estado e os particulares, as grandes sociedades capitalistas, dividiram.”³⁶ (STORA, 1991, p.27). A espoliação de terras dos nativos ocorre de maneira intensa, apesar dos vários processos de insurreição de tribos contra essas iniciativas. Ao longo de alguns anos, a política de espoliação, responsável pela transformação de terras pertencentes às grandes linhagens tribais em propriedade privada, e a total dependência dos colonos para conseguir se empregar e ganhar algum sustento levariam a população argelina a deixar o campo em direção às cidades e a enfrentar a extrema adversidade. A série de reportagens escrita por Albert Camus,

³⁴ “Égalité parfaite entre indigènes et Européens, il n’y a que cela de juste, d’honorable et de vrai.”

³⁵ “Convaincre les Arabes que nous [les Français] ne sommes pas venus en Algérie pour les opprimer et les spolier, mais pour leur apporter la civilisation.”

³⁶ “[...] 7 millions et demi d’hectares, que l’État et les particuliers, les grandes sociétés capitalistes, s’étaient partagés.”

denominada *Misère de la Kabylie* e publicada no jornal *Alger Républicain*, registraria as péssimas condições de vida da população campesina argelina, sob o jugo francês, em 1939: “Par un petit matin, j'ai vu à Tizi-Ouzou des enfants en loques disputer à des chiens kabyles le contenu d'une poubelle. À mes questions, un Kabyle a répondu : ‘C'est tous les matins comme ça.’” (ES, p. 907-8).

O ataque violento e sistemático à sociedade argelina muçulmana firmou-se pela ruptura das estruturas socioeconômicas do país. Em 1881, a França impusera à Argélia o *Code de l'Indigénat*, estendido depois às demais colônias. Considerado um meio de escravização das populações autóctones, o Código estabelecia oficialmente as diferenças entre cidadão e sujeito franceses. Os colonos eram os verdadeiros cidadãos, sendo, portanto, detentores de todos os direitos comuns aos cidadãos metropolitanos. A população nativa era vista a partir do estatuto do sujeito francês, desprovida da condição de cidadã. Esse conjunto de normas despia os argelinos não só de sua identidade, como também de direitos civis e políticos, utilizando, para isso, um forte aparato repressivo, que fixava punições para os chamados “crimes nativos”³⁷; reprimia as atividades da tradicional *zaouïa*, um misto de instituição de ensino e centro religioso muçulmano, além de introduzir um clero oficial muçulmano, controlado pelo governo francês. (DUNWOODIE, 1998, p.19).

A necessidade de buscar novos mercados para os produtos franceses, disputando territórios com as outras potências europeias, mesclava-se ao ideal francês de colonização, que tinha como objetivo “[...] tirar a população muçulmana do suposto obscurantismo e miséria de séculos de Islã para a luz da civilização (republicana).”³⁸ (DUNWOODIE, 1998, p. 19). Em um período em que se podia assistir às controvérsias existentes entre os colonialistas e os anticolonialistas, personalidades de grande influência na França, como Victor Hugo, expunham sua opinião a respeito da questão:

³⁷ “Uma lista de 27 infrações específicas ao indigenato foi estabelecida em 1874. Aumentada em 1876 e 1877, ela comporta em 1881, por exemplo, as infrações seguintes: reunião sem autorização, saída do território da cidade sem permissão de viagem, ato desrespeitoso, atitude ofensiva em relação a um agente de autoridade mesmo fora de suas funções. Além de sequestro, o indígena pode ser punido com uma multa ou uma pena de internação. A essas penas individuais, podem se somar multas coletivas impostas às tribos e aldeias em caso de incêndios de florestas.” [*Une liste de 27 infractions spécifiques à l'indigénat a été établie en 1874. Augmentée en 1876 et 1877, elle comporte en 1881, par exemple, les infractions suivantes: réunion sans autorisation, départ du territoire de la commune sans permis de voyage, acte irrespectueux, propos offensant vis-à-vis d'un agent de l'autorité même en dehors de ses fonctions. Outre le séquestre, l'indigène peut être puni d'une amende ou d'une peine d'internement. A ces peines individuelles, peuvent s'ajouter des amendes collectives infligées aux tribus ou aux douars, dans le cas d'incendies de forêts.*]. Texto do “*Le code de l'indigénat dans l'Algérie coloniale*”.

³⁸ “[...] to lead the Muslim population out of the supposed obscurantism and misery of centuries of Islam into the light of the (republican) civilization.”

Creio que nossa nova conquista é algo afortunado e amplo. É a civilização que avança sobre a barbárie. Este é um povo esclarecido que vai ao encontro um povo que está no meio da noite. Somos os gregos do mundo; cabe a nós iluminar o mundo. Nossa missão está cumprida, cantarei hosana.³⁹ (VERDÈS-LEROUX, 2001, p. 8)

O papel da escola na política colonial

Em 1883, um dos maiores defensores do colonialismo francês, Jules Ferry⁴⁰, introduziria na Argélia o sistema de educação secular junto à população autóctone, que seguia o modelo metropolitano e tinha como princípio instrumentalizar os nativos para que melhor respondessem às demandas dos colonos. Ironicamente, a escola francesa ensinaria àqueles que “mantinha sob jugo e opressão, os grandes princípios dos Direitos do Homem e do Cidadão, os conceitos de liberdade e de respeito pela pessoa humana.”⁴¹ (LACHERAF. In: DEJEUX, 1995, p. 21). Tratava-se, portanto, de uma situação particularmente hipócrita, cuja compreensão e repúdio por parte da população argelina pôde rapidamente ser sentida, como se será observado a seguir.

A política de francisação dividia-se entre os que defendiam uma escola assimilacionista, aberta a franceses e argelinos, livre de qualquer tipo de discriminação, fosse ela racial, econômica ou linguística, e aqueles que entendiam a escola como um meio de instrumentalização da população argelina a fim de atender às necessidades da colônia, provendo a sociedade, por exemplo, de funcionários muçulmanos que pudessem intermediar as relações entre a administração francesa e a população nativa. (QUEFFÉLEC, 2002, p. 20).

A fim de ratificar a primeira tendência, pode-se destacar a observação de Alfred Rambaud, Ministro da Instrução Pública (1896-1898):

³⁹ “Je crois que notre nouvelle conquête est chose heureuse et grande. C’est la civilisation qui marche sur la barbarie. C’est un peuple éclairé qui va trouver un peuple dans la nuit. Nous sommes les Grecs du monde; c’est à nous d’illuminer le monde. Notre mission s’accomplit, je ne chante qu’hosanna.”

⁴⁰ Político francês imperialista, Jules Ferry (1832-1893) foi responsável pela política de educação nacional, que implantou a escola republicana francesa, gratuita, obrigatória e laica. Teve importante papel no desenvolvimento da política colonial, pela qual entendia que a França deveria “levar a todos os lugares possíveis sua língua, seus costumes, sua bandeira, suas armas, seu gênio.” [*porter partout où elle le peut sa langue, ses mœurs, son drapeau, ses armes, son génie.*] (Liauzu, 2007, p. 296)

⁴¹ “[...] que l’on tenait sous le joug et l’oppression, les grands principes des Droits de l’Homme et du Citoyen, les concepts de liberté et de respect de la personne humaine.”

A terceira conquista se fará pela escola: ela deverá assegurar a predominância de nossa língua sobre os diversos idiomas locais, inculcar nos muçulmanos a ideia que nós mesmos temos da França e de seu papel no mundo, substituir a ignorância e os preconceitos fanáticos por noções elementares mais precisas das ciências europeias. (QUEFFÉLEC, 2002, p.20).

Entretanto, “o número de escolas abertas aos argelinos permaneceu durante muito tempo insignificante: em 1887 havia somente 79 escolas públicas com 8.963 alunos sobre 500 mil crianças de idade escolar”⁴² (LACHERAF apud QUEFFÉLEC, 2002, p. 21)

Para os argelinos, estudar sob a égide do colonizador configura-se como motivo de vergonha, sentimento que se justificava pelo forte apego dessa população ao islamismo e à língua árabe. Além disso, a aversão à escola francesa valia-se também da percepção de que ali seria possível promover a conversão de muçulmanos ao cristianismo.

Sob a Terceira República, os argelinos firmaram uma resistência passiva contra as tentativas de obrigar as crianças árabes e berberes a irem para as escolas francesas, criadas pelos colonizadores (DUNWOODIE, 1998, p.20) e, progressivamente, começaram a estabelecer uma consciência nacional, que se manifestaria política e culturalmente contra a sujeição aos franceses. O alto absenteísmo de crianças argelinas na escola, seja no campo, seja na cidade, era uma das características desse movimento.

Um dos principais instrumentos da política de assimilação, assim como de francisação da Argélia, foi a distinção linguística entre o francês utilizado pelos europeus e aquele falado pela população árabe-berbere, estendido também aos judeus e à população europeia não francesa, como os espanhóis, italianos, malteses, entre outros. Apesar dos processos de interpenetração linguística e social entre esses grupos, todos deveriam dominar o francês, muito embora a diferença entre os *pieds-noirs* e os autóctones se referisse “[...] essencialmente à pertença étnica, racial e religiosa dos falantes [...]”⁴³ (QUEFFÉLEC, 2002, p. 24). Esse multilinguismo estava atrelado às distintas condições econômicas, assim como à proximidade entre as áreas de povoamento de diferentes comunidades de imigrantes e autóctones, que determinavam a existência ou não de acesso à escola entre essas populações.

Ainda que, efetivamente, atingisse uma ínfima parcela da população, a escola francesa teve influência determinante no processo de desmonte da cultura e da identidade argelinas. Se, no período anterior à conquista, era possível contar com escolas que cultivavam o ensino da

⁴² “[...] le nombre d'écoles ouvertes aux Algériens resta longtemps insignifiant: il n'y avait en 1887 que 79 écoles publiques avec 8.963 élèves sur 500 mil enfants d'âge scolaire.”

⁴³ “[...] essentiellement de l'appartenance ethnique, raciale et religieuse des sujets parlants [...].”

língua árabe em cidades e vilarejos, com a chegada dos franceses, essas instituições foram fechadas, criando-se um hiato de cerca de cinquenta anos até que se adotasse uma política para a educação primária na Argélia colonial. À escola francesa não cabia fortalecer o passado ou os mitos argelinos. Ao contrário, a ela competia estabelecer junto à população colonial valores caros à metrópole, que envolviam desde o aprendizado da língua e da história, como, sobretudo, de formas de pensar e agir em relação às coisas e ao mundo, sob a perspectiva da França e da cultura ocidental. Mesquitas e *zaouïas* foram igualmente fechadas, o que comprometeu sobremaneira a livre difusão do Alcorão e do islamismo, cujos representantes passaram a ser controlados pelo governo colonial. Daí, o impasse enfrentado pelos argelinos quanto à constituição de sua identidade, tendo em vista a perda de legitimidade e do direito de praticar sua cultura, bem como sua língua e religião. Por meio da escola, a França erigiria a conquista moral da Argélia, impondo-lhe o peso de seu patrimônio cultural e do francês como língua oficial do país.

É nessa perspectiva que se daria a formação dos escritores franceses da Argélia, assim como dos escritores argelinos de língua francesa. Neste caso, as poucas crianças argelinas que frequentavam a escola, o faziam em instituições coloniais e, embora, trouxessem consigo a herança cultural de suas famílias, não encontravam no ambiente escolar um espaço onde esse conteúdo pudesse ecoar a ponto de ser aprofundado ou debatido.

Cabe ainda ressaltar que, mesmo considerando o objetivo primordial de promover a missão civilizatória da França na Argélia, as escolas contavam com a presença tanto de professores europeus quanto de mestres de origem árabe ou berbere. O pai de Assia Djebar, por exemplo, responsável por levá-la à escola e permitir que ela pudesse realizar seus estudos, era um deles. Como membro do que se conheceria como elite nacionalista, ele dominava a língua, assim como códigos e valores franceses a seu favor: “Mon père, tout en étant instituteur de langue française, ne se considérait pas assimilé ; lui-même utilisait déjà sa langue comme protestation.” (GAUVIN, 1997, p. 26).

No entanto, apesar da dedicação dos professores, as condições eram extremamente precárias, como se pode observar no exemplo abaixo, que se refere à Cabília:

Todos esses mestres reagem, se adaptam, improvisam. Primeiro eles alimentam, vestem, curam essas crianças esquecidas da Terra. Eles montam cantinas escolares, com a ajuda da administração. Eles obtêm o fornecimento de galochas, camisas, pulôveres e depois de calças, que provocam a alegria repentina dos alunos. Eles atacam os males que minam insidiosamente os organismos deles. Contra o paludismo, distribuição de comprimidos de quinino; sobre as peles suspeitas, aplicação de pomadas de vaselina boricada; para prevenir o tracoma e a conjuntivite granulosa, gotas nos olhos e o manuseio do lápis de nitrato de prata. E, claro, guerra às moscas, aos piolhos e às pulgas! De tal forma que o professor ganha as

dimensões de um curandeiro, que os adultos consultam depois do *marabout*.⁴⁴ (RIVET. In: AGERON, 1993, p. 96-7).

A escola francesa foi determinante para a formação da elite intelectual muçulmana, que se expressaria, particularmente, por meio de sua produção literária, com o surgimento do romance magrebino de língua francesa, além de fundamentar as ações contra a política colonialista, a partir da criação de movimentos sociais e partidos políticos, cujo engajamento levaria à luta pela independência do país.

Paralelamente ao papel desempenhado pela escola, ao serem convocados pelo exército francês para participar da Primeira Guerra Mundial, os argelinos puderam ter contato com a sociedade francesa, o que lhes permitiria perceber o ideal humanista, professado pela França, e a possibilidade de ter garantidos seus direitos civis. No entanto, embora esses homens tivessem lutado nas trincheiras em nome da metrópole, essa possibilidade não se efetivaria, pois eles não eram considerados cidadãos.

Apesar disso, com o fim do conflito, os argelinos começam a ter uma percepção diferenciada da educação francesa. Antes vista como uma ameaça aos valores árabo-muçulmanos e como um instrumento de ruptura da identidade cultural autóctone, a educação francesa passou a ser apreendida como uma forma de acessar o mundo moderno, acesso esse permitido pelo domínio do francês - uma língua universal, se comparada ao caráter antigo e imobilizante do árabe clássico. Tornando-se bilíngue, o argelino poderia sofisticar suas estratégias de vida e sobrevivência, seria capaz de integrar-se ao circuito socioeconômico, conquistando, por exemplo, um emprego na administração colonial. O francês era usado em situações da vida cotidiana, enquanto o árabe vinculava-se ao desenvolvimento espiritual e à fé islâmica.

Entretanto, os impasses gerados pela política assimilacionista, promovida pela educação francesa, seriam objeto de críticas, não só entre argelinos, mas também entre franceses, como Maurice Violette, governador da Argélia, entre 1925 e 1927, e conhecido inimigo da política repressiva dos colonizadores, que perguntava: “Em quinze ou vinte anos,

⁴⁴ “Tous ces maîtres réagissent, s’adaptent, improvisent. D’abord ils nourrissent, ils habillent, ils soignent ces enfants oubliés de la Terre. Ils montent des cantines scolaires, avec l’aide de l’administration. Ils obtiennent la fourniture de galoches, chemises, chandails et puis de culottes, qui provoquent l’hilarité des élèves. Ils s’attaquent aux maux qui minent insidieusement leur organisme. Contre le paludisme, distribution de cachets de quinine ; sur les peaux suspectes, application de pommades de vaseline boriquée ; pour parer au trachome et à la conjonctivite granuleuse, des gouttes dans les yeux et le maniement du crayon à nitrate d’argent. Et, bien sûr, guerre aux mouches, aux poux et puces ! Tant et si bien que l’instituteur prend les proportions d’un guérisseur, que les adultes consultent, après le marabout.”

haverá mais de dez milhões de argelinos na Argélia, sobre os quais quase um milhão de homens ou mulheres impregnados de cultura francesa. Vamos fazer deles revoltados ou franceses?”⁴⁵ (STORA, 1991, p.71).

A elite intelectual argelina e os impasses em torno da ideia de nação

Embora tivessem uma bandeira anticolonialista que agregava interesses comuns, como a supressão do *Code de l'Indigénat*, a diminuição de impostos e a restituição de terras tomadas dos árabes pelos franceses, o direito dessa população à representação política tanto na Argélia quanto na França, assim como o direito à associação e à liberdade de imprensa, organizações como os *Jeunes Algériens* e a *Association des Oulémas* divergiam radicalmente quanto ao entendimento das relações entre a Argélia e a França, assim como quanto ao fato de a Argélia constituir-se ou não como nação.

O movimento dos *Jeunes Algériens* surgiu em 1909 e reunia um grupo de muçulmanos educados em escolas francesas. Imbuídos dos valores iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, reclamavam a aplicação destes à população argelina muçulmana. A reivindicação desses direitos embasava-se na observação da estrutura legalista estabelecida pela França para seus cidadãos, ressaltando-se que a Argélia constituía um território francês na África. A política de assimilação, defendida pelos *Jeunes Algériens*, sob a liderança do químico Ferhat Abbas, empenhava-se na conquista da cidadania francesa, ao menos para os soldados argelinos do exército francês e a elite muçulmana educada entre os franceses, a fim de que pudessem participar da política e do Parlamento franceses. Os *Jeunes Algériens* desejavam fazer parte da sociedade francesa. Daí a repercussão do artigo de Abbas, chamado *La France c'est moi*, escrito em 1936, que acentuava esse posicionamento:

Se eu tivesse descoberto a nação argelina, teria me tornado um nacionalista e não iria ruborizar como se tivesse cometido um crime... No entanto, não irei morrer pela nação argelina, porque ela não existe. Não a

⁴⁵ “Dans quinze ou vingt ans, il y aura plus de dix millions d’Algériens en Algérie, sur lesquels près d’un million d’hommes ou de femmes pénétrés de culture française. Allons-nous en faire des révoltés ou de Français?”

encontrei. Estudei a história, questioneei os vivos e os mortos, visitei cemitérios; ninguém me falou a seu respeito. Voltei-me então para o Corão e busquei um único versículo proibindo um muçulmano de integrar-se em uma nação não muçulmana. Tampouco encontrei isso. Não se pode construir no vento.⁴⁶ (DUNWOODIE, 1998, p.27).

Fosse pela origem de seus membros, fosse pela defesa exclusivista de certos propósitos, não se poderia considerar a popularidade dos *Jeunes Algériens*, embora eles tenham podido contar com o apoio político de Maurice Violette, que defendia o movimento, assim como a criação de uma elite muçulmana - estimada em 25 mil pessoas, em um total de seis milhões -, a qual teria garantia de direitos e acesso a melhores condições de vida.

Para se contrapor a esse projeto, a *Association des Oulémas Musulmans Algériens* (AOMA), fundada em 1931 por Abdelhamîd Ben Bâdîs, com grande influência entre a população muçulmana, tinha o objetivo ambíguo de promover os valores do Islã e da cultura árabe, no âmbito da soberania francesa. Essa ambiguidade devia-se, por um lado, à apreciação da presença francesa na Argélia, como forma de contar com um país respeitado no mundo ocidental, e, por outro, por acentuar as inúmeras distinções entre a colônia e a metrópole, desde sua constituição como país, sua história, costumes, entre outros. Para a associação, “[...] a França deve salvaguardar a dignidade dos argelinos, respeitar o Islã e a língua árabe, reconhecer a nacionalidade argelina e permitir a unidade do mundo árabe-muçulmano.”⁴⁷ (AGERON, 1993, p.191). Posição esta que não poderia ser compactuada com a França.

Em 1936, a *Déclaration Nette*, dos Oulémas, rejeitaria publicamente a posição adotada pelos *Jeunes Algériens*:

Nós procuramos através das páginas da história e no presente. Percebemos que a nação argelina está formada e que ela existe, como estão formadas e existem todas as nações da terra. Essa nação tem sua história, ilustrada por inumeráveis fatos importantes; ela tem sua unidade religiosa e linguística; ela tem sua cultura própria, suas tradições, seus costumes, com aquilo que eles comportam de bom ou de mau como acontece em todas as nações. Nós dizemos então que essa nação argelina muçulmana não é a França; não é possível que ela seja a França. Ela não quer se transformar na França, e mesmo que ela quisesse, ela não poderia. Ao contrário, é uma nação totalmente distante da França, por sua língua, por

⁴⁶ “Had I discovered the Algerian nation, I would be a nationalist and I would not blush as though I had committed a crime... However, I will not die for the Algerian nation, because it does not exist. I have not found it. I examined history, I questioned the living and the dead, I visited cemeteries; no one spoke to me about it. I then turned to the Qu’ran and I sought for a single verse forbidding a Muslim to integrate himself with a non-Muslim nation. I did not find that either. One cannot build on wind.”

⁴⁷ “[...] la France devait sauvegarder la dignité des Algériens, respecter l’islam et la langue arabe, reconnaître la nationalité algérienne et permettre l’unité du monde arabo-musulman.”

seus costumes, por suas origens étnicas, por sua religião. Ela não admite assimilação.⁴⁸ (AGERON, 1993, p.191).

Anos antes, em 1926, a Argélia vê surgir a *Étoile Nord-Africaine*, partido comunista argelino, que se tornaria, mais tarde, o *Parti du Peuple Algérien*, alternando períodos de ilegalidade e banimento, sempre movidos pelo engajamento na luta anticolonialista e no discurso pró-árabe, sob a liderança de Messali Hadj. Em 1927, coube a ele o primeiro clamor em prol da independência da Argélia. Em consonância com a posição adotada pelos Oulémas, eles também se contrapunham à iniciativa de Maurice Violette:

[...] representa um instrumento de divisão e discórdia para a população muçulmana do nosso país. [...] O projeto de Violette mina a união do povo argelino (e) sacrifica a grande maioria de nossa população, a fim de dar o voto a uma elite específica conhecida por seu apoio ativo ao colonialismo.⁴⁹ (KADDACHE; GUENANECHÉ apud DUNWOODIE, 1998, p. 30).

A mobilização nacionalista na Argélia, ainda que guardasse importantes discordâncias internas, não reverberava de forma positiva na França, tampouco entre os colonos. Diferentes movimentos em favor da manutenção do colonialismo, assim como do controle mais acirrado de direitos e de acesso à formação e informação por parte dos argelinos muçulmanos, fizeram-se representar no Parlamento francês, configurando o que se poderia chamar de resistência dos colonos para manter seu *status quo*, evitando a qualquer custo situações, estratégias ou políticas que contribuíssem para a aproximação social e a efetiva assimilação de muçulmanos à sociedade francesa.

Com a ocupação alemã, durante a Segunda Guerra Mundial, e a vulnerabilidade do governo de Vichy, Ferhat Abbas lançou, em 1943, o *Manifeste du Peuple Algérien*, que conclamava ao fim da política de assimilação e, conseqüentemente, do colonialismo, valendo-se da tradição em prol da liberdade, difundida pela França. Em maio de 1945, os massacres nas cidades de Sétif e Guelma, na região de Constantine, envolvendo europeus, mas, sobretudo, a população autóctone, marcariam a radicalização dos movimentos pró-

⁴⁸ “Nous avons cherché à travers les pages de l’histoire et dans le présent. Et nous nous sommes rendu compte que la nation algérienne s’est formée et qu’elle existe, comme se sont formées et existent toutes les nations de la terre. Cette nation a son histoire, illustrée d’innombrables hauts faits ; elle a son unité religieuse et linguistique ; elle a sa culture propre, ses traditions, ses mœurs, avec ce qu’elles comportent de bon ou de mauvais comme il en est de toutes les nations. Nous disons ensuite que cette nation algérienne musulmane n’est pas la France ; il n’est pas possible qu’elle soit la France. Elle ne veut pas devenir la France, et même si elle le désirait, elle ne le pourrait pas. Bien au contraire, c’est une nation totalement éloignée de la France, par sa langue, par ses mœurs, par ses origines ethniques, par sa religion. Elle ne veut point d’assimilation.”

⁴⁹ “[...] represents an instrument of division and dissension for the Muslim population of our country. [...] The Violette’s Project undermines the union of the Algerian people (and) sacrifices the great majority of our population in order to give the vote to a specific elite well known for its active support for colonialism.”

independência e a forte repressão sofrida por eles, por parte do governo francês, culminando com os conflitos ocorridos entre 1954 e 1962.

A partir de 1954, o *Front de Libération National* (F.L.N.) reuniria diferentes grupos de militantes em busca da “[...] restauração de um Estado argelino democrático e social no quadro dos princípios islâmicos.”⁵⁰ (AGERON, 1993, p. 200). Nesse período, o acirramento do nacionalismo, no âmbito político, mas igualmente cultural e religioso, associado à violência do regime colonial, levaria a Argélia a um embate sangrento em prol da independência que, sob a égide do terror, promovido por ambas as partes, conduziria à morte milhares de argelinos, assim como de europeus, residentes no país. Em três de julho de 1962, a França reconhece a independência da Argélia.

É o esfacelamento da memória de *pieds-noirs* e árabes, divididos entre a Argélia Francesa e uma Argélia em luta por sua independência e reinserção no Magrebe árabe-muçulmano, que vislumbramos ao comparar *Le Premier Homme* e *La Disparition de la Langue Française*. Uma memória em que não há vencedores e na qual a dor da convivência mescla-se ao imperativo de uma sobrevivência marcada pelo desenraizamento de ambas as comunidades, em decorrência da opressão e do abandono causados pelo colonialismo francês.

⁵⁰ “[...] restauration d’un État algérien démocratique et social dans le cadre des principes islamiques.”

CAPÍTULO 2

A LITERATURA NA ARGÉLIA E AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA, EXÍLIO E MEMÓRIA

A partir do contexto histórico-cultural em que se inserem o Magrebe e a Argélia colonial, em particular, descrito anteriormente, apresentamos um panorama a respeito das relações firmadas entre a literatura magrebina de língua francesa e o romance ocidental. Esse entendimento é fundamental para distinguirmos, em seguida, a produção literária argelina escrita em francês, na qual se encontra Assia Djebar, do pensamento edificado pela *École d'Alger*, representado por Albert Camus.

Nessa perspectiva, a compreensão da educação e da língua francesas como referências culturais (des)estruturantes para a formação dos escritores argelinos é extremamente importante. A literatura magrebina de língua francesa, enquanto fruto dessa formação, associada à capacidade de cada escritor de apropriar-se dela como um instrumento de luta política contra o colonialismo, constitui um dos pontos nevrálgicos deste capítulo. Ao mesmo tempo, ainda que não sofra diretamente o embate em torno da língua francesa, por tê-la como língua materna, a *École d'Alger* se empenha igualmente contra a visão que almeja criar um mito fundador da Argélia, tendo a França como protagonista e apagando a história do país, anterior à conquista.

A urgência de uma época, assim como os dilemas que ela traz consigo, como a escrita na língua do colonizador, de um lado, e a defesa de uma ética mediterrânea em contraposição a uma visão europeizante do mundo, de outro, poderão ser observados tendo em vista os eixos escolhidos para a análise comparativa entre *Le Premier Homme* e *La Disparition de la Langue Française*, a saber: língua, exílio e memória. A razão da escolha desses aspectos, como norteadores deste estudo, são igualmente apresentados neste capítulo.

Notas sobre o romance ocidental

O romance magrebino de língua francesa constitui-se a partir do modelo do romance ocidental, gênero moderno que se contrapôs à visão idealista, pré-concebida e hierárquica da epopeia, suplantando, igualmente, os gêneros clássicos, a fim de representar a complexidade precária e instável da vida humana. Desde o século XVII, mas, sobretudo, nos séculos XIX e XX, a emergência do romance assinalaria em sua narrativa a ausência, a imperfeição, a dúvida e a incompletude, que caracterizariam o homem moderno e o mundo em constante mutação que o envolvia. Assistiríamos à transformação das noções de tempo e espaço, assim como das formas de organização político-econômica e social, surgidas com o capitalismo industrial, o nascimento das grandes cidades e o despontar do individualismo como valor intrínseco à sociedade. Em um enfoque eurocêntrico, o romance se instituiria como a “[...] forma literária específica da era burguesa” (ADORNO, 2008, p. 55), espelhando não só o cotidiano, mas as minúcias da vida, os detalhes tidos como desimportantes e passíveis de esquecimento, mas que compõem o tecido da experiência humana vivida nas casas, ruas e cidades; as relações entre diferentes pessoas e grupos sociais e, em especial, a interioridade como elemento a distinguir a compreensão do sujeito sobre o mundo.

Como uma narrativa em processo, o romance expõe as contradições existentes entre o herói e o mundo, ambos construindo a si mesmos, ambos em busca de uma essência que ainda desconhecem e que exige deles o deslocamento contínuo face ao que ignoram. O herói romanesco toca e é tocado pela complexidade do universo; por circunstâncias onde a atribuição de um juízo de valor não é necessariamente objetiva; por incertezas que impossibilitam a apreensão unidimensional de seu caráter, bem como dos valores a movê-lo.

Não há modelos, tampouco padrões passíveis de definir o romance ocidental, que encontra na realidade a substância primordial para a composição do texto. Com ela, a personagem dialoga e interage, debate e discorda. A ideia de conflito tangencia a relação entre o herói e o que lhe é exterior, ideia esta calcada sob a perspectiva do impasse e da condição de permanência.

Para o romancista Orhan Pamuk, “o aspecto mais distintivo da arte do romance consiste em mostrar o mundo tal qual os protagonistas o percebem, com todos os seus sentidos” (PAMUK, 2011, p. 58). Ao comparar o romance literário a uma pintura ou

paisagem, o escritor turco enfatiza a importância do romance para que possamos esculpir nossa percepção sobre aquilo que nos cerca, ampliando as perspectivas a respeito do que conhecemos e ignoramos; o que nos aproxima ou, eventualmente, nos afasta do outro e das coisas, sem que isso se estabeleça de forma exclusivista ou categórica.

Esse entendimento, no entanto, não é de todo livre, visto que nele estão implícitas noções de tempo, espaço e interioridade, características do romance. Diferentemente dos gêneros literários tradicionais que usavam “[...] histórias atemporais para refletir verdades morais imutáveis” (WATT, 2010, p. 23), para o romance, a memória e o passado não prevalecem como fenômenos inquestionáveis, aos quais se deve dedicar excessiva valorização. Importa atentar para o presente e vislumbrar, se possível, em detalhes, o futuro, relação que implica estar aberto às transformações, visto que o presente não é um tempo estático, mas em contínua mudança, e o futuro, longe de ser uma hipótese distante e intangível, funda-se pela experiência do instante seguinte ao momento em que vivemos, isto é, o agora. Eis, pois, o tempo que o romance ocidental tenta captar.

Mais do que a lógica imposta pela passagem irremediável das horas e das estações, “[...] o tempo é não só uma dimensão crucial do mundo físico como ainda a força que molda a história individual e coletiva do homem.” (IBIDEM, p. 23). Por isso, no romance, o tempo vincula-se muito mais à subjetividade das personagens que à linearidade de fatos e eventos, observando-se que a percepção que dele se tem está intimamente ligada às expectativas do indivíduo em meio a seus desejos, imperativos, dúvidas e temores.

Para a personagem do romance, a representação da subjetividade estabelece-se pela pluralidade linguística dos sujeitos que ali têm voz. Se a ruptura com o passado, paralelamente à efetiva consideração do presente e do futuro, caracterizam o tempo no romance, o caráter social da polifonia é um aspecto igualmente relevante à sua composição. Para Mikhail Bakhtin, “o romance é a diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. [...] toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco.” (BAKHTIN, 1990, p. 74).

Para garantir a representação de diferentes sujeitos sociais, exige-se do romancista mais do que uma capacidade aguçada de observação da realidade, como também o domínio da nem sempre nítida fronteira que separa o fictício do real, a imaginação da fidedignidade. Cabe, então, ao autor expressar a sua maneira de representar o universo, uma construção, cujo arcabouço se organiza tanto por sua experiência individual quanto por sua vocação e cuidado

na observação da realidade mais objetiva. Para Pamuk, “escritores e leitores têm tentado, sem sucesso, chegar a um acordo sobre a natureza da ficcionalidade no romance. [...] e concordam que um romance não é nem completamente imaginário, nem inteiramente factual”⁵¹ (PAMUK, 2011, p. 30-31).

A relação entre personagem e exterioridade, o tempo e a polifonia da linguagem, o jogo entre realidade e ficção são alguns dos aspectos que contribuíram para a formação do romance ocidental, um gênero literário que traz a marca do cosmopolitismo e da contemporaneidade, razão pela qual teve forte influência fora da Europa, com especial ênfase em países onde vigorou o colonialismo. A possibilidade de utilizar a ficção como instrumento de resistência política, argumentando, por intermédio de imagens figuradas, contra diferentes formas de injustiça e opressão, estimulou a adoção do romance como meio de reflexão e expressão de autores não europeus, entre os quais se encontram os magrebinos.

Ainda que não tenhamos nos detido em cada um dos elementos que estruturam o romance, como espaço, tema, foco narrativo, entre outros, e tampouco tenhamos mencionado as distintas correntes de análise a debruçar-se sobre eles, consideramos necessária esta concisa referência tendo em vista o fato de o romance ocidental ter estimulado o surgimento do romance magrebino de língua francesa, tal qual veremos a seguir.

O romance magrebino de língua francesa e a produção literária argelina

A literatura magrebina de língua francesa⁵² surge do impasse entre o texto e o veículo pelo qual ele se constitui, isto é, a língua do colonizador como instrumento para a produção literária, razão fundante do impasse identitário que ela espelha. Para os escritores magrebinos, trata-se de escrever não só em uma língua estrangeira, mas de fazê-lo - especialmente na Argélia - sob a égide de uma cultura alheia à cultura local, cuja complexidade advém da

⁵¹ Como exemplo desse processo, temos, atualmente, o debate em torno da autoficção, questão que será abordada no capítulo 3.

⁵² Ao falar da literatura magrebina de língua francesa, com destaque para o romance argelino, foram utilizadas como principais referências as seguintes obras: ARNAUD, 1986; BONN, 1982; CHICKI, 1996; DEJEUX, 1995.

mescla atemporal de componentes linguísticos e sociais de origem variada, isto é, cabila, berbere, árabe, judaica e europeia não francesa, somados ao islamismo como religião proeminente. A política francesa de dominação da Argélia, para além da conquista político-econômica e territorial, foi forjada no âmbito da cultura, estabelecendo-se pelo intenso apagamento de valores autóctones, cultura esta marcada pela oralidade presente em epopeias e poemas que mantinham vivos os mitos cabila e berbere, como também pela língua árabe e os valores islâmicos, preservados e difundidos pelas escolas corânicas. Tal qual apontado anteriormente, a cultura e a língua francesas prevalecem sobre a restrita população com acesso à educação formal e que, portanto, sabe ler e escrever.

A língua é um dos principais elementos constituidores da visão de mundo e da mentalidade de um indivíduo. O conhecimento de mais de uma língua torna evidente as diferenças de campo semântico abarcado por uma mesma palavra. Ao escrever em uma língua estrangeira, o francês do colonizador, os escritores magrebinos se veem confrontados com a ruptura involuntária de suas origens, tendo a impossibilidade de escrita em sua própria língua como fator determinante dessa cisão. A língua materna é expressão do fluxo de consciência, do pensamento e das percepções mais elementares, do encantamento e da apreensão, do amor e do ódio. Assim, ao tentar transpor o que deseja dizer em uma língua outra, o escritor é constrangido a usar estratégias não só de identificação de palavras e estruturação morfossintática, como também de edificação e captação ampla dos sentidos que estejam tão mais próximos quanto possível do que ele diria se pudesse fazê-lo em sua língua materna.

A literatura magrebina de língua francesa situa-se no hiato estabelecido pela colonização frente à língua, que tem na identidade seu problema fundamental. Um problema que remete à aculturação e à veemência da “missão civilizatória francesa” para a criação das sociedades coloniais na África do Norte, um empreendimento que, por meio da educação escolar, procurava destituir os argelinos da história de seu país, ocorrida anteriormente à chegada dos franceses, bem como da capacidade de:

[...] recriar a imagem de seu passado, depois de ter apagado no argelino a consciência de seu valor [como pessoa] e de seus valores [religiosos e culturais], inculcamos nele (na escola francesa) novos hábitos de pensar, de sentir e agir.⁵³ (IBRAHIMI. In: DEJEUX, 1995, p. 22).

⁵³ “[...] recréer l’image de son passé, après avoir éteint chez l’Algérien la conscience de sa valeur et de ses Valeurs, on lui inculque (à l’école française) de nouvelles habitudes de penser, de sentir de agir.”

Em razão disso, muitos autores apontam esse processo como responsável pela destruição do patrimônio cultural argelino, vinculado à despersonalização e à violação das consciências (DEJEUX, 1995).

Pode-se situar o nascimento do romance magrebino de língua francesa por volta de 1920, embora somente a partir de 1945 e, sobretudo, 1950, ele tenha se firmado. Seu surgimento é simultâneo à eclosão dos movimentos nacionalistas e anticolonialistas em meados do século passado. Algumas condições marcaram essa produção:

[...] um contexto particularmente conflitante, já que ela [a produção romanesca magrebina de língua francesa] utiliza a língua francesa em países árabe-berberes, que reivindicam sua arabização, que ela não perpetua nenhuma tradição do gênero romanesco, que ela se serve da escrita em um país onde esta é praticada apenas por uma minoria, que ela se torna o reflexo de preocupações e exigências de vida que são apenas em parte aquelas dessa mesma minoria a qual a considera, entretanto, como um vestígio do passado: como subproduto da cultura e meio de luta no momento ultrapassado contra o colonialismo.⁵⁴ (BONN, 1982, p.15).

Tomando-se como referência a periodização proposta por Abdelkébir Khatibi (IBIDEM, p. 8), é possível distinguir o romance magrebino em três grandes categorias, nas quais se inserem seus principais representantes:

1. De 1945 a 1953: predomínio do romance etnográfico, com descrição da vida cotidiana, com Ahmed Sefrioui, Mouloud Feraoun, Mouloud Mammeri, Mohammed Dib (primeira fase);
2. De 1954 a 1958: volta-se, sobretudo, para o problema da aculturação, uma tendência que viria a desaparecer mais tarde, com Driss Chraïbi, Albert Memmi;
3. De 1958-1962 e pós-independência: literatura militante centrada na Guerra da Argélia, assim como nos impasses entre a colonização e o processo de descolonização, com Mourad Bourboune, Assia Djebar, Malek Haddad, Mouloud Mammeri, Dib (segunda fase).

Se a efetiva sensação de desajuste e estranhamento caracterizariam os primeiros textos em francês escritos por autores magrebinos exatamente por se tratar da língua do colonizador,

⁵⁴ “[...] un contexte particulièrement perturbé, puisqu’elle [la production romanesque maghrébine de langue française] utilise la langue française dans des pays arabo-berbères qui revendiquent leur arabisation, qu’elle ne prolonge aucune tradition nationale du genre romanesque, qu’elle se sert de l’écrit dans un pays où celui-ci n’est pratiqué que par une minorité, qu’elle se fait le reflet des préoccupations et d’exigences de vie qui ne sont encore en partie que celles de cette même minorité, laquelle la considère cependant comme un vestige du passé : à la fois sous-produit de la culture et moyen de lutte à présent dépassé contre le colonialisme”

foi, sobretudo, este aspecto que permitiu a difusão dos mesmos na Europa e na França, em particular. O francês constituía um instrumento de reivindicação e denúncia face às condições de opressão, violência e injustiça, experimentadas nas colônias. A literatura magrebina de língua francesa abordou temas como “[...] identidade, afirmação de si, recusa da ordem colonial e de sua ideologia, antes das independências através de textos ditos de ‘testemunho’ e de ‘combate reivindicador’”; além de “crítica social, relação com o poder, insatisfação cultural, origem e identidade, conflito entre diferentes formas de cultura, oralidade, exílio”⁵⁵ (MOKADDEM, 1996, p.216), apresentando um conteúdo de alto contorno ideológico. Daí, Bonn (1982) considerar abstrato e genérico, o conceito de literatura magrebina de língua francesa, sendo mais conveniente, segundo ele, falar das literaturas nacionais argelina, marroquina e tunisiana, abordando especificamente seus autores e as particularidades das respectivas obras, posição com a qual concordamos.

Paralelamente, por razões às vezes distintas, muitos escritores magrebinos identificam-se com a condição do *intellectuel de l'entre-deux*, inseridos e, ao mesmo tempo, deslocados entre mundos, línguas e universos referenciais distintos, memórias que se confundem e justapõem sob o véu das contradições experimentadas por uma elite intelectual dividida entre a cultura francesa e aspectos próprios às culturas autóctones. Assia Djébar é um exemplo desse processo de aculturação, observando-se o fato de tratar-se de uma mulher árabe muçulmana que teve não só a oportunidade de estudar, mas fora incentivada a fazê-lo por seu pai, diferentemente da trajetória comum a milhares de mulheres que compartilham com ela a mesma origem. Essa distinção torna-se ainda mais acentuada quando se assinala a formação de Djébar em instituições de ensino francesas, como a universidade⁵⁶, e sua posterior carreira como artista e intelectual.

Considerando-se a si mesma como uma “romancière de langue française” (CV, p. 41), ao falar do intelectual *entre-deux-langues*, ela afirma que:

Entre-deux-langues, pour un écrivain ne pouvant être autrement qu'écrivain, c'est ce placer dans l'aire nerveuse, énervée, désénervée, douloureuse et mystérieuse de toute langue : situation souvent fréquente pour les écrivains ex-colonisés, des terres de L'Empire français, anglais, espagnol, hollandais ou portugais d'hier... (CV, p. 30).

⁵⁵ “[...] identité, affirmation de soi, refus de l'ordre colonial et de son idéologie, avant les indépendances à travers des textes dits de “témoignage” et de “combat revendicateur”; critique sociale, relation au pouvoir, insatisfaction culturelle, origine et identité, conflit entre les différentes formes de culture, oralité, exil.”

⁵⁶ Assia Djébar estudou História na *École Nationale Supérieure* de Sèvres, em Paris.

Gênero mais representativo da produção literária do Magrebe, o romance de língua francesa surge na Argélia no âmbito da luta pela independência do país, que reúne a maior parte dessa produção em consequência do peso da colonização cultural que ali avançou, assim como pelo forte impacto que a violência e a longevidade dos conflitos pró-independência ali tiveram (BONN, 1982, p. 13). Apesar disso e tendo em vista a complexidade dos impasses culturais e históricos que marcam as relações entre a Argélia e a França, seria importante evitar reduzir o entendimento do romance argelino a essa categoria de questões. Ao contrário, é preciso estabelecer novas leituras sobre essa literatura, de modo que seus aspectos filosóficos e ontológicos possam igualmente ser analisados (CHICKI, 1996).

O romance argelino, assim como o romance ocidental, é um gênero contemporâneo declaradamente político, sem necessariamente se confundir com engajamento, capaz de revelar a pluralidade de vozes da sociedade. Entretanto, ele tem como espaço referencial a própria Argélia e a emigração proveniente dela em direção à Europa.

Distinguindo-se por sua forma, tanto quanto pelo conteúdo que manifesta ao servir-se da língua francesa como língua de escrita, o romance argelino pode ainda ser divisado pelo interesse que gera em editores e leitores franceses, por conhecer a visão do outro sobre si mesmo e as marcas da experiência colonial naquele país. Daí o caráter fortemente ideológico dessa produção, que responde muito mais às expectativas do leitor europeu, em particular da esquerda francesa, do que as do público argelino, analfabeto ou semiletrado em sua quase totalidade⁵⁷. A exiguidade de um público leitor entre as classes populares rurais e urbanas argelinas constitui um obstáculo real para os escritores locais, provocando um sentimento de orfandade comum a muitos deles.

Mas, apesar da tensão e do desenraizamento linguístico, é preciso refletir sobre a maneira como os escritores magrebinos dessa geração (1945-1962) empregam o francês. Mohammed Did, por exemplo, que é “[...] ‘produto de uma formação francesa e de uma cultura magrebina’, se esforça em transpor suas referências sobre o mundo argelino e em encontrar equivalências”⁵⁸ (ARNAUD, 1986, p. 125). Kateb Yacine, cujo *Nedjma* é um dos mais importantes romances da literatura do Magrebe, escreve em um francês agressivo, dito

⁵⁷ “Neste momento, se um magrebino escrevesse em francês, quem poderia lê-lo? Certamente não seria a maioria de 85 ou 90% de compatriotas analfabetos, que frequentemente não compreendia sequer o Francês falado.” [*A cette époque, si un Maghrébin écrivait en français, qui pouvait le lire ? Certainement pas la majorité de ses compatriotes analphabètes à 85 ou 90%, et ne comprenant souvent même pas le français parlé.*] (ARNAUD, 1986, p. 42)

⁵⁸ “[...] ‘le produit d’une formation française et d’une culture maghrébine’ s’efforce de transposer ses références au monde algérien, de trouver des équivalences.”

selvagem, que busca “[...] recriar [...] sensações, lembranças, sonhos, concebidos inicialmente em árabe dialetal”⁵⁹ (IBIDEM, p.114), ao mesmo tempo em que traduz de forma visceral a complexidade das relações. Já Abdelkébir Khatibi afirma que:

Ser tanto radicalmente diferente quanto radicalmente idêntico [...], significa criar uma verdadeira hospitalidade do pensamento. Ao invés de se fechar sobre si mesmo, é preciso favorecer o nascimento de uma imensa abertura [...] Radicalizar o bilinguismo, é um sonho louco. Mas é por isso que ele me interessa.⁶⁰ (ARNAUD, 1986, p. 126)

Segundo Bonn, na Argélia, apesar dos avanços da arabização, o francês mantém-se largamente como a língua de escrita e o árabe, mesmo literário, encontra-se em desvantagem. Há uma confluência entre o romance, enquanto gênero literário, e a adoção do francês como língua de escrita, pois o árabe distingue-se prioritariamente por sua poesia e oralidade. O debate sobre a língua no âmbito da produção literária argelina se situa em um contexto histórico marcado pela política colonial que determinou a adoção do francês como língua oficial do país e proibiu o ensino do árabe nas escolas. Entretanto, deve-se ressaltar que a Argélia se constitui linguisticamente pela presença de dois idiomas estrangeiros, o francês e o árabe, já que a única língua autóctone é o berbere.

Apesar de ser a língua do colonizador e de permanecer como manifestação da presença francesa nas esferas socioeconômica e cultural da Argélia, o francês é a língua da diferença, com a qual se escreve e por meio da qual se estabelece a crítica. Mas que diferença é essa? Jacqueline Arnaud ressalta que:

A utilização do francês permite uma maior facilidade de difusão e, sem dúvida, ocasionalmente, uma maior liberdade crítica, maior facilidade na transgressão de tabus sexuais e religiosos, sem falar de questões políticas, onde existe outro tipo de censura.⁶¹ (IBIDEM, p. 122)

O romance argelino pré-independência é majoritariamente escrito por homens. Dada a sua condição diferenciada, isto é, o fato de ter frequentado diferentes instâncias da escola francesa, Assia Djebar é uma das poucas expoentes desse gênero em seu país naquele período. Tomando-se a observação de Arnaud quanto ao fato de ser a língua francesa um idioma que

⁵⁹ “[...] recréer [...] des sensations, souvenirs, rêveries, conçus d’abord en arabe dialectal.”

⁶⁰ “Être à la fois radicalement différent et radicalement identique [...], c’est créer une véritable hospitalité de la pensée. Au lieu de se fermer sur soi, il faut favoriser la naissance d’une immense ouverture [...] Radicaliser le bilinguisme, c’est un rêve fou. Mais c’est en quoi il m’intéresse.”

⁶¹ “L’utilisation du français permet une plus grande facilité de diffusion et sans doute parfois une plus grande liberté critique, plus d’aisance dans la transgression de tabous sexuels et religieux, pour ne pas parler des sujets politiques, où il s’agit d’une autre sorte de censure.”

dá ao escritor magrebino mais liberdade, inclusive quanto às temáticas abordadas, há que se destacar *La Soif* (1957), primeiro livro publicado por Djebbar e que, sem se apegar ao debate político da época, frontalmente oposto ao colonialismo, trata da contradição que aflige uma jovem burguesa afrancesada face à tutela e ao controle experimentados por ela em consequência de sua condição feminina. Entretanto, apesar de a crítica ambicionar o surgimento de textos políticos e guardando-se o fato de as mulheres muçulmanas não escreverem e tampouco terem autonomia para tratar suas vidas afetivas e sua sexualidade, pode-se considerar a ousadia deste texto em relação ao contexto em que foi escrito e ao papel social da escritora, à época uma jovem de vinte anos. No início da década de 1960, Djebbar descobrirá o discurso político anticolonial, mesclando reflexões sobre a condição feminina no mundo muçulmano e a história da presença francesa em seu país ao longo da colonização, da guerra e da independência, temas constantes em sua obra, sempre escrita em francês.

A École d'Alger

Paralelamente ao romance argelino de língua francesa, escrito por autores norte-africanos não europeus, deve-se considerar a geração de escritores franceses de origem argelina, reunidos sob a *École d'Alger*, entre os quais se encontram Gabriel Audisio, Albert Camus, René-Jean Clot e Emmanuel Roblès.

Para eles, a mediterraneidade representava mais do que uma maneira de viver, fortemente vinculada à natureza, em suas diversas formas como o sol, o mar, o céu azul: a mediterraneidade era uma ética. Ao se curvarem à luz do sol em busca da felicidade, beleza, juventude e do prazer de viver, esses autores preocupavam-se em encontrar uma solução para a coexistência colonial, antes fundamentada sob a perspectiva de segregação entre os colonizadores e os colonizados, e questionavam o discurso de confronto que marcou a geração de escritores conhecida como *Algérieniste*, cujos principais expoentes foram Louis Bertrand e Robert Randau, nos anos de 1930. Após a Primeira Guerra Mundial, esse grupo de intelectuais desejava construir o que chamavam de “*homo algerianus*”, isto é, buscavam

forjar para um território ainda considerado inculto uma cultura ‘argelina robustamente francesa’⁶² (DUNWOODIE, 2007).

Antes disso, porém, a partir da metade do século XIX, escritores e artistas viajaram para a Argélia fixando ali suas expectativas quanto ao que desejavam entender ser o Oriente, com sua sensualidade e seus mistérios, dentre eles o deserto. Viajantes literários como Théophile Gautier e Eugène Fromentin, além de membros do exército francês, ali instalados, como Pierre Loti, escreveram narrativas fundadas no discurso orientalista, pelo qual uma percepção exótica opunha a civilização europeia à invisibilidade que cercava, aos olhos desses escritores, a população norte-africana. Essas narrativas fortaleceram o discurso colonialista, pleno de estereótipos construídos a partir de uma perspectiva maniqueísta, que se valia das seguintes categorias de oposição:

Occidente/Oriente, Cristianismo/Islamismo, nômade/sedentário, Berbere/Árabe, litoral fértil/ deserto estéril, cidade/campo, energia do colonizador/letargia nativa, progresso/obscurantismo, poderoso-ativo-evoluído/fraco-passivo-atrasado em tecnologia, produção e modos de trocas. Em resumo civilização moderna vs. sociedade bárbara, razão vs. religião [...], progresso republicano vs. tradição muçulmana.⁶³ (DUNWOODIE, 1998, p. 63)

À visão orientalista dessa literatura definida como exótica se seguiu o movimento *Algérieniste*, que se justificava pela valorização excessiva do colonialismo francês e da presença europeia na Argélia, em contraposição à França metropolitana. Buscava-se forjar uma nova “raça”, capaz de revelar uma nova consciência do homem europeu na África do Norte. Para isso, a literatura colonial ignorava a presença autóctone, bem como diferentes instâncias da vida, costumes e valores árabe-berberes e muçulmanos ali existentes, em favor de uma política de dominação que se voltava não só à expropriação de terras, mas a destruir o passado alheio, demolindo prédios, renomeando ruas, bairros e cidades, apagando as marcas do outro para estabelecer no país um mito de fundação.

Contra essa perspectiva europeizante, a *École d’Alger* se firmaria pela ideia de mediterraneidade, trazendo de volta a herança mítica da Grécia como berço da humanidade e de uma cultura que privilegia o homem e a alegria de viver em pleno regozijo com a natureza em todas as suas manifestações. A comunhão do homem com o sol e o mar é o aspecto mais

⁶² “la construction de l’homme algerianus, c’est à dire, avait chercher à forger pour un territoire réputé encore inculte une culture “algérienne robustement française”.

⁶³ “Occident/Orient, Christianity/Islam, nomadic/sedentary, Berber/Arab, fertile littoral/sterile desert, town/bled, settler energy/native lethargy, progress/obscurantism, powerful-active-evolved/weak-passive-retarded in technology, production and modes of exchange. In short modern civilization vs. barbarous society, reason vs. religion [...], Republican progress vs. Muslim tradition.”

festejado dessa relação, que se contrapõe ao pensamento abstrato e ao racionalismo puro. A ética mediterrânea é a ética do equilíbrio que, em Camus, revela-se por uma abordagem dionisíaca da vida na Argélia, uma terra livre de mitos e tradições, mas plena de hospitalidade e generosidade.

Em fevereiro de 1937, ao assumir a direção da *Maison de la Culture*, em Argel, Camus proferiu uma conferência inaugural, “*La Culture indigène. La nouvelle culture méditerranéenne*” (ES, p. 1321), que lançava as bases de seu pensamento sobre essa questão. Ali ele estabeleceria a diferença essencial entre mediterraneidade e latinidade, qual seja, entre o pensamento grego e a perspectiva romana, entre a filosofia e o direito, entre a alegria de viver e a militarização da vida, entre o nacionalismo e a possibilidade de encontro entre as culturas do Ocidente e do Oriente, no seio do Mediterrâneo. Ali não haveria a ordenação clássica, mas a poética de um espaço geográfico e social positivamente caótico, onde a plena convivência entre os povos seria possível. Para Camus, a Argélia e a cultura mediterrânea desempenhariam um importante papel civilizatório face ao niilismo europeu, haja vista sua cultura mestiça e cosmopolita, que contemplava árabes, berberes, turcos, europeus, judeus e muçulmanos convivendo em um cenário luminoso, que privilegiava a beleza do mundo e do homem ao mesmo tempo.

Segundo Neil Foxlee, o texto citado acima é uma referência para o entendimento da obra de Camus e, “enquanto críticos humanistas têm colocado a conferência no contexto dos discursos franceses sobre o Mediterrâneo, a crítica pós-colonial a tem estudado em relação aos discursos coloniais franceses sobre a Argélia.”⁶⁴ (FOXLEE, 2010, p. 1). No primeiro caso, a influência da tradição multicultural dos Saint-simonianos, de 1830, como visto no capítulo 1, sobre a geração de intelectuais europeus argelinos liberais de 1930, culminaria com a posição dos *Algérienistes*, que advogam em favor da legitimação da presença europeia no Mediterrâneo e do colonialismo francês no norte da África. Já a visão pós-colonial situa os intelectuais da *École d'Alger* contra os *Algérienistes*, sem, entretanto, resolver as múltiplas contradições envolvendo a realidade colonial e a utopia mediterrânea, embora dê “ênfase positiva à visão de Camus sobre o Mediterrâneo como o ponto de encontro entre o Ocidente e

⁶⁴ “While humanist critics have placed it in the context of French discourses on the Mediterranean, postcolonial critics have studied it in relation to French colonial discourses on Algeria”

o Oriente, o que contradiz a visão que a conferência expressaria uma perspectiva puramente eurocêntrica, colonialista.”⁶⁵ (IBIDEM, p. 4).

O apego à mediterraneidade, exposto em textos diversos, especialmente nos primeiros anos de produção, demonstraria os fortes vínculos que uniriam Camus ao continente africano, mas, sobretudo, o vigoroso sentimento de pertença que ele nutria para com seu país natal. Como forma de suspensão da realidade, caracterizada pela opressão contínua e pela violência experimentada pela população argelina autóctone face ao colonialismo, Camus exploraria o espírito mediterrâneo ao longo de textos como *Noces* (1939), *L'Été* (1954), “La Femme Adultère”, de *L'exil et le royaume* (1957), que exaltam o lirismo e a relação vital entre o homem e a natureza. O mesmo pode ser percebido em textos mais soturnos, como *L'Étranger* (1942), *Le Malentendu* (1943) e *La Chute* (1956), nos quais o desejo de sentir o sol e banhar-se no mar confunde-se com o anseio pela própria sobrevivência, assim como com a pureza perdida em lembranças passadas ou futuras.

Em *Noces*, porém, a primavera primordial é indiferente às convulsões da história, ainda que seja preciso questionar como é possível impedir que a história perturbe a ordem da natureza (CHICKI, 1996, p. 176-177). Coloca-se, pois, outro dilema a atormentar o autor: “[...] je fus placé à mi-distance de la misère et du soleil. La misère m'empêche de croire que tout est bien sous le soleil et dans l'histoire; le soleil m'apprit que l'histoire n'est pas tout.” (ES, p. 6).

Apesar do sonho mediterrâneo, exposto na conferência em questão como também em *Noces*, os conflitos políticos em decorrência do colonialismo se sobrepuseram à exaltação da beleza e da natureza argelinas, caracterizando a perda do éden, o paraíso perdido (IBIDEM, p.174).

Esses princípios, entretanto, motivaram inúmeras críticas à *École d'Alger* e a Camus, em particular. Dentre elas, o caráter acentuadamente utópico de um pensamento que, embora se contrapusesse ao colonialismo, era considerado distante da realidade colonial que se impunha à população árabe-muçulmana, bem como dos impasses experimentados pelos escritores argelinos de língua francesa, tal qual exposto acima. Há que se considerar que, em sua conferência, Camus questiona a efetiva viabilidade dessa reflexão: “une nouvelle culture méditerranéenne est-elle réalisable?” (ES, p. 1322). Nesse sentido, ele elenca ‘evidências’ que vão desde a posição geográfica dos países da África e da Europa, banhados pelo mar

⁶⁵ “Camus’s positive emphasis on the Mediterranean as the meeting-point of East and West, which contradicts the view that the lecture expresses a purely Eurocentric, colonialist perspective.”

Mediterrâneo, passando pelas influências da Espanha e da Grécia para a constituição de um modo de vida próprio àquele local e às pessoas que ali se encontram em oposição à experiência niilista, metafísica e abstrata inerente aos países do norte da Europa, como a Alemanha e a própria França. Paralelamente, Camus aponta a cidade de Roma como a origem de uma mentalidade nacionalista, militarista e imperialista que, na África, se revelaria pela colonização da Etiópia, consagrando-se pela ascensão do fascismo de Mussolini. Finalmente, para Camus, a mediterraneidade extrapola a ideia de um simples conceito para concretizar-se sob o contorno da convivência entre os povos, com ênfase na coexistência entre o Oriente e o Ocidente. Há que se ressaltar, no entanto, entre a Grécia e a Argélia, a Europa é um lugar inexistente, ignorado, uma vez que é o berço da desmesura, um território submetido à história e não aos sentidos.

As críticas ressaltam ainda o vínculo estreito entre o pensamento mediterrâneo na Argélia com relação à Grécia, tendo em vista a presença pouco significativa dos gregos nas numerosas invasões sofridas por aquele país. A visão de Camus, por essa razão é, ironicamente, tida como uma ilusão. Por isso, os escritores argelinos:

[...] denunciam um hiato entre uma celebração da terra argelina (mais particularmente das enseadas) e uma indiferença, quicá um desprezo por sua população autóctone. Eles concordam em acusar Camus de ter se “enganado” de pátria, tomando Tipasa ou Djémila por Delos, e de produzir da Argélia uma imagem mítica e obcecada pela herança greco-latina e insensível à sua dimensão árabe-islâmica. Eles concluem sobre uma cumplicidade objetiva com o poder colonial do homem de letras humanista e universalista.⁶⁶ (KHADDA, 1998, p. 6)

Embora considerasse Camus uma referência constante nos meios culturais argelinos dos anos 50 e um interlocutor com o qual os escritores deveriam se haver, mesmo aqueles que escreviam em árabe (KHADDA in: CHICKI, 1996, p. 171), Naget Khadda afirma que:

[...] toda ambiguidade do pensamento camusiano [...] parece residir em sua condenação da injustiça colonial, por um lado, e sua crença na possibilidade de um ideal fraterno na terra argelina, por outro lado.⁶⁷ (KHADDA, 1998, p. 7)

⁶⁶ “[...] dénoncent un hiatus entre une célébration de la terre algérienne (plus particulièrement des rivages) et une indifférence, voir un mépris pour sa population autochtone. Ils s’accordent pour accuser Camus de s’être ‘trompé’ de patrie, prenant Tipasa ou Djémila pour Delos, et de produire de l’Algérie une image mythique hantée par l’héritage gréco-latin et insensible à sa dimension arabo-islamique. Ils concluent à une collusion objective avec le pouvoir colonial de l’homme de lettres humaniste et universaliste.”

⁶⁷ “[...] toute ambiguïté de la pensée camusienne [...] semble résider dans sa condamnation de l’injustice coloniale, d’une part, et sa croyance de la possibilité d’un idéal confraternel sur la terre algérienne, d’autre part.”

Seria esse um ideal realmente impossível ou, quem sabe, ilusório? Durante os conflitos em torno da Guerra da Argélia, Camus tinha em mente a realização de um pacto federativo, tal qual se pode ver em “Algérie 1958”, texto publicado em *Actuelles III*, pacto pelo qual as diferentes comunidades existentes no país poderiam conviver pacificamente, tendo seus direitos e particularidades respeitados. Entretanto, a proposta de Camus foi absolutamente ignorada, levando-o a uma espécie de banimento das sociedades francesa e argelina.

Como francês nascido na Argélia, ele representava uma comunidade surgida a partir do vínculo injusto e desigual existente entre os dois países, uma condição que ele não poderia ignorar e da qual, tampouco, desejava se ver livre. Ao contrário, seu anseio era pela integração entre árabes e *pieds-noirs* como comunidades que compactuavam uma história comum, promovida pela França metropolitana, de abuso, desamparo e esquecimento não devendo, portanto, considerar-se como inimigas.

Para Edward Said, as críticas a Camus não se relacionam ao pensamento vigente na *École d’Alger*, mas à posição do autor face à dominação colonial na Argélia, assim como à representação pouco significativa da população árabe ali presente:

[...] justamente *porque* a literatura mais famosa de Camus incorpora, sumariza inflexivelmente e, sob muitos aspectos, depende de um abrangente discurso francês sobre a Argélia, que faz parte da linguagem das atitudes e referências geográficas, imperiais da França, é que sua obra é *mais*, e não menos, interessante. Seu estilo límpido, os angustiosos dilemas morais que ele põe a nu, o destino pessoal dilacerante de seus personagens, que ele trata com tanta fineza e ironia contida - tudo isso se baseia e na verdade revive a história da dominação francesa na Argélia, com uma precisão sóbria e uma notável ausência de remorsos ou de compaixão. (SAID, 1999, p. 234)

Conor Cruise O’Brien, em seu livro *Albert Camus*, considera que:

[...] nenhum outro escritor, nem mesmo Conrad, é mais representativo da consciência ocidental em relação ao mundo não ocidental. O drama interno de sua obra é o desenvolvimento dessa relação sob pressão crescente e crescente angústia. (O’BRIEN apud SAID, 1999, p. 225)

Muitas foram e ainda têm sido as críticas recebidas de intelectuais, argelinos ou não, quanto ao posicionamento político-ideológico de Camus em relação ao colonialismo francês e à representação do árabe na Argélia. Apesar disso, o significado igualmente político-ideológico da ideia de mediterraneidade, apresentada década de 1930 pela *École d’Alger*, foi mais tarde desenvolvido e incorporado em “La Pensée du Midi”, texto publicado em *L’Homme Révolté* (1951), no qual Camus, muito mais do que celebrar o clima acolhedor e a beleza natural de seu país, explora o papel da Argélia enquanto modelo de civilização capaz

de se contrapor à miséria do racionalismo e à ambição pelo poder vigentes na Europa, fatores que, entre outros, vitimaram milhares de pessoas ao longo das duas grandes guerras:

Jetés dans l'ignoble Europe où meurt, privée de beauté et d'amitié, la plus orgueilleuse des races, nous autres méditerranéen vivons toujours de la même lumière. Au cœur de la nuit européenne, la pensée solaire, la civilisation au double visage, attend son aurore. Mais elle éclaire déjà les chemins de la vraie maîtrise. (ES, p. 703)

Ainda que *Le Premier Homme* não esteja inserido diretamente sob a perspectiva da *École d'Alger*, trata-se de um texto que deseja reafirmar a identidade argelina, muito mais do que francesa, do autor. Camus reivindica a *algérianité* para si mesmo, tanto quanto para a comunidade de franceses da Argélia da qual faz parte, uma comunidade cujo direito de pertença ao país é tão legítimo quanto o direito de árabes e berberes, ainda que extremamente recriminado. Por isso, Camus:

[...] fazia dos europeus da Argélia, pelo viés de sua singularidade cultural em relação à Metrópole, integralmente 'indígenas', trabalhando assim em admiti-los como autenticamente saídos dessa terra, assim como os autóctones.⁶⁸ (KHADDA, 1998, p. 20)

Por que língua, exílio e memória?

Pensados individualmente ou de forma inter-relacionada, sem que se interponha uma hierarquia a definir a influência de cada um, os conceitos de língua, exílio e memória têm forte impacto sobre as obras de Albert Camus e Assia Djebar, por razões a serem desenvolvidas na sequência deste trabalho. Estão igualmente relacionados à literatura magrebina de língua francesa, com destaque para aquela produzida na Argélia.

Como um dos instrumentos de poder por meio do qual se impôs a política colonial na Argélia, a adoção da língua francesa nas escolas teve como consequência o choque cultural na formação da elite argelina de origem árabe-berbere, obrigando intelectuais a escrever em uma

⁶⁸“[...] faisait des européens d'Algérie, par le biais de leur singularité culturelle par rapport à la Métropole, 'des indigènes' à part entière, travaillant ainsi à les faire admettre comme authentiquement issus de cette terre, au propre comme des autochtones.”

língua outra que não sua língua materna, uma língua conhecida por difundir a cultura humanista mundo afora, mas que ainda assim constituía-se como símbolo da opressão da metrópole sobre a colônia. No caso de escritores *pieds-noirs*, como Camus, o francês, ensinado nas escolas, se reportava à história e à cultura metropolitanas, muito distantes da realidade dos *petits blancs* da Argélia.

Ao ser constrangido a escrever em francês, o escritor argelino experimenta o exílio não só por se expressar em uma língua estrangeira, mas por encontrar-se impossibilitado de fazê-lo em sua língua materna. A oralidade é a principal característica da língua berbere⁶⁹; já o árabe divide-se entre a língua falada, popular, e a língua escrita, culta, banida do ensino pela política colonial. Resta, portanto, ao escritor argelino reivindicar seus direitos, denunciar abusos e injustiças na língua daquele que subjuga o autor, a sociedade em que ele vive e a sua cultura.

Além da problemática relacionada ao exílio na língua de escrita, é possível elencar outras categorias capazes de ampliar o entendimento sobre essa condição. Se por um lado, há o exílio psicológico, que diz respeito à relação do indivíduo consigo mesmo, é possível também apontar o exílio social, que atua nas relações entre indivíduo e sociedade, assim como entre indivíduo, sua terra natal e o estrangeiro.

Paralelamente, a memória é uma questão fundamental à compreensão dos textos escolhidos para este estudo, visto que tanto esta como o exílio versam sobre o esfacelamento, assim como o esquecimento da memória da sociedade argelina pobre, europeia ou árabe, uma memória aparentemente individual, personalizada, mas que é, sobretudo, coletiva, pois distingue os modos de vida e sociabilidade dos dois grupos, continuamente ignorados pela França metropolitana. Eis, pois, o cerne da confrontação entre *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française*: pouco importa se se trata de *pieds-noirs* ou árabes, quando é a irrelevância da memória dos pobres que está em jogo, a memória de duas comunidades abandonadas ao esquecimento, à falta de perspectivas e à opressão política e cultural.

⁶⁹ Apesar dessa constatação, em *Vaste est la prison* (1995), Assia Djebar se debruça sobre a redescoberta do alfabeto berbere, ocorrida no século XIX, por meio de pesquisas arqueológicas.

A complexidade do processo de colonização francesa da Argélia refere-se a aspectos político-sociais, econômicos e históricos, mas igualmente culturais e linguísticos. Como mencionado anteriormente, a França conduziu o apagamento de elementos culturais autóctones, ligados especialmente à religião islâmica. Paralelamente, incentivou a formação de uma elite cultural, educada em língua francesa, sob os preceitos e os conteúdos relevantes para a metrópole. A principal estratégia adotada para esse fim foi o banimento da língua árabe das escolas e instituições públicas com vistas à adoção do francês como língua oficial do Estado.

A imposição de uma política linguística implica na existência de uma cultura colonial. Isso ocorre quando a população colonizada percebe a imposição da língua do colonizador como um esforço de tornar natural o que não é autêntico, comprometendo, sobremaneira, os valores relacionados à língua, tradição e identidade locais (YACINE-TITOUH, 2006, p. 140-141).

Trata-se de proceder à conversão mental do sujeito colonizado, pois a língua é definidora das relações entre o homem e a sociedade, determinando a pertença de um indivíduo a um grupo. Nesse sentido, firma-se uma relação íntima entre língua e identidade, ainda que se possa, neste caso, registrar contradições como o fato de os responsáveis pela difusão da língua francesa a vislumbrarem como um vetor de civilização, ao mesmo tempo em que ela se impõe, com firmeza, para a devastação da cultura autóctone argelina, configurando-se como elemento definidor da dominação colonial no país (YACINE-TITOUH, 2006).

Sob a perspectiva da língua, há que se ressaltar o papel da colonização na mescla de diferentes grupos de falantes como franceses, espanhóis, italianos, malteses, judeus, árabes e berberes, os quais, em função de suas atividades econômicas, assim como da proximidade física e geográfica em que conviviam, viram surgir na Argélia um multilinguismo fortemente embasado na resolução de problemas do cotidiano. Ainda assim, a política de povoamento, associada à política linguística, ambas adotadas pela metrópole, colaboraram para o surgimento de um sistema linguístico heterogêneo, embora dominado pelo uso do francês.

Segundo QUEFFÉLEC (2002):

A justaposição de variedades de francês constitui o francês colonial da Argélia “o recém-nascido entre os franceses regionais”. (Lanly, 1962, p. 192). Queffélec (1995), distingue nessa nova variedade regional o francês dos “*Pieds-noirs* da Argélia” e o francês dos “árabe-berberes”, duas variedades que não se pode

delimitar com precisão os contornos tanto elas são simétricas e se sobrepõem em vários níveis.⁷⁰ (QUEFFÉLEC, 2002, p. 24)

Na Argélia, a política de francisação envolvia tanto a população árabe-berbere, quanto os europeus não originários da França. O francês colonial, de pronúncia *pied-noir* e praticado pelo conjunto da população mais pobre, era conhecido como *pataouète*. Particularmente presente nos centros urbanos como Oran, Bône e Argel, servia-se de palavras emprestadas às diversas línguas faladas na região naquela época, como o catalão, o castelhano, o italiano, o maltês, o francês meridional, o árabe e o berbere, a fim de permitir a compreensão mútua entre as variadas comunidades linguísticas ali existentes. Ao mesmo tempo, é possível perceber a influência da escola, enquanto instituição normativa, sobre o *pataouète*, estabelecendo um código utilizado pelo conjunto da população europeia, fortemente marcado pela influência dos diferentes grupos étnicos e linguísticos residentes no país. Finalmente, o francês submetido às normas cultas e em plena conformidade com o idioma falado na metrópole era a variedade usada exclusivamente por intelectuais no âmbito de suas atividades profissionais (QUEFFÉLEC, 2002).

Quanto ao francês falado pela população árabe-berbere:

[...] o impacto do meio linguístico francófono sobre o comportamento linguístico dos autóctones foi importante devido à francisação das administrações públicas e das atividades econômicas e culturais. Um fator determinante na difusão do francês no seio da população é a participação de soldados árabe-berberes nas tropas francesas durante as guerras de 1914-1918 e 1939-1945: o retorno desses combatentes à Argélia favoreceu a difusão de uma imagem valorosa da língua francesa entre a população. [...] [Destaca-se que] o grau de francisação dos vernáculos variava em função da condição socioeconômica dos falantes árabe-berberes: ele é mais baixo entre a classe pobre.⁷¹ (QUEFFÉLEC, 2002, p. 25-26)

Esse universo linguístico constitui o cenário de criação e escrita dos autores estudados, ambos impelidos a dominar a língua francesa sob a égide do colonialismo, forte e distintamente influenciados pelos meios que os cercavam. O ofício do escritor é o permanente

⁷⁰ “La juxtaposition des variétés de français constitue le français colonial d'Algérie, ‘le dernier-né des français régionaux’ (Lanly, 1962: 197). Queffélec, (1995), distingue dans cette nouvelle variété régionale le français des “Pieds-noirs d'Algérie” et le français des “Arabo-Berbères”, deux variétés dont on ne peut délimiter avec précision les contours tant elles sont symétriques et se superposent à plusieurs niveaux” (QUEFFÉLEC, 2002, p. 24)

⁷¹ “[...] l'impact de l'environnement linguistique francophone sur le comportement linguistique des autochtones fut important du fait de la francisation des administrations publiques et des activités économiques et culturelles. Un facteur déterminant dans la diffusion du français au sein de la population est la participation de soldats arabo-berbères dans les troupes françaises lors des guerres 1914-1918 e 1939-1945: le retour en Algérie de ces combattants a favorisé la diffusion d'une image valorisante de la langue française parmi la population. [...] [Destaca-se que] le degré de francisation des vernaculaires variait en fonction du statut socio-économique des locuteurs arabo-berbères: il est le plus bas dans la classe des pauvres.”

embate com a língua, em busca da palavra, da frase e do sentido tão mais claros e precisos quanto possível, a atenção compartilhada entre a visão de conjunto e o detalhe. O universo do escritor encontra na língua sua essência ou, como diria Camus, no outono de 1950: “Oui, j’ai une patrie: la langue française” (OC, p. 1099). Já Djebbar afirma que “[...] j’écris à force de me taire” (CV, p.27).

O francês é uma das línguas mais faladas no plano internacional, senão como língua materna, ao menos como segunda língua. Adotado em diversos países em função da colonização, ele se tornou uma instituição “política, linguística e literária” (MOURA, 2007, p. 5). Pode-se, assim, falar em literatura francesa e literatura francófona, entendendo-se o termo francófono como aquele que, cunhado em 1880, refere-se a:

[...] ‘quem fala francês’ e designa os habitantes de língua francesa de entidades nacionais ou regionais onde o francês não é a única língua. [...] O termo se afasta então de uma acepção geográfica e linguística para se assemelhar àquela de *francité*, designando o espírito da civilização francesa, a cultura francesa e sua influência⁷² (MOURA, 2007, p. 5-6)

A francofonia está intimamente relacionada ao mundo colonial e pós-colonial, assim como a literatura produzida nesses contextos. Essa ideia permite pensar que “[...] a França é também um país francófono”⁷³, (MOURA, 2007, p. 9), visto que nela residem imigrantes provenientes de diferentes partes do mundo, com destaque para a população oriunda das antigas colônias francesas na África e na Ásia. Dada a política de arabização, vigente no país após a independência, a Argélia, no entanto, não faz parte dos movimentos em prol da francofonia, embora o francês ainda conserve ali um papel auxiliar no desenvolvimento da vida cotidiana, como idioma de comunicação.

Albert Camus não é um escritor francófono, mas um autor francês nascido na África do Norte e que, portanto, escreve em francês, sua língua materna. Assia Djebbar é uma escritora argelina, de origem árabe, declaradamente francófona. Em comum, ambos têm o francês como língua de escrita, ainda que tenham partido de universos referenciais bastantes distintos, influenciados por questões como gênero, ambiente familiar e classe social, isto é, a origem de cada escritor e, posteriormente, pelas condições particulares experimentadas por cada um durante o processo de alfabetização e formação intelectual até se tornarem escritores

⁷² “‘qui parle français’ et désigne les habitants de langue française d’entités nationales ou regionales où le français n’est pas langue unique. [...] Le terme s’écarte alors d’une acception géographique et linguistique pour s’apparenter à celle de *francité*, désignant l’esprit de la civilisation française, la culture française et son influence (cf. L. S. Senghor, ‘La Francophonie comme culture, *Discours à l’Université Laval*, 1996).”

⁷³ “[...] la France est aussi un pays francophone”.

de fato. Se a obra camusiana foi escrita nas últimas três décadas da colonização francesa da Argélia, Djebbar iniciou sua carreira no final da década de 1950, em meio aos conflitos pró-independência, tendo escrito a maior parte de seus textos no período pós-colonial.

Para Camus, a relação com o conhecimento e a língua francesa, em particular, tem início na escola primária, onde, diferentemente de sua casa, ele tem contato com o universo da cultura, da leitura e da escrita. Os alunos de Monsieur Germain, que é chamado Bernard em *Le Premier Homme*, “qui ne connaissaient que le sirocco, la poussière, les averses prodigieuses et brèves, les sables des plages et la mer en flammes sous le soleil, lisaient avec application, faisant sonner les virgules et les points [...]” (PH, p. 136-137). O reconhecimento do talento de Camus com a língua leva o mestre a incentivar o menino sem recursos a disputar e conquistar uma vaga no Liceu, o que faria aumentar a distância entre o mundo que se abria ao estudante e as restrições que a ignorância impunha à sua família, especialmente no tocante à compreensão da língua, tal qual se pode observar no relato em que o autor, por meio de seu alter ego, Jacques Cormery, expõe a nulidade de significado da língua e da cultura para sua família:

Pour la famille de Jacques, le latin par exemple était un mot qui n'avait rigoureusement aucun sens. Qu'il y ait eu (en dehors des temps de la bestialité, qu'ils pouvaient au contraire imaginer) des temps où personne ne parlait français, que des civilisations (et le mot même ne signifiait rien pour eux) se fussent succédé dont les usages et la langue fussent à ce point différents, ces vérités n'étaient pas parvenues jusqu'à eux. Ni l'image, ni la chose écrite, ni l'information parlée, ni la culture superficielle qui naît de la banale conversation ne les avaient atteints. Dans cette maison où il n'y avait pas des journaux, ni, jusqu'à ce que Jacques en importât, de livres, pas de radio non plus, où il n'y avait que des objets d'utilité immédiate, où l'on ne recevait que la famille, et que l'on ne quittait que rarement et toujours pour rencontrer des membres de la même famille ignorante, ce que Jacques ramenait du lycée était inassimilable, et le silence grandissait entre sa famille et lui. (PH, p. 186)

Em 1930, aos dezessete anos, Camus vê surgir o desejo de se tornar escritor. Naquele momento, ao mesmo tempo em que se via diante da primeira crise de tuberculose, doença que o manteria frágil ao longo da vida, ele também tinha as lições iniciais de filosofia com Jean Grenier e passaria a considerar o universo da escrita como um espaço possível de criação (LÉVI-VALENSI, 2006, p.30).

Camus “[...] não se improvisa romancista: ele se torna ao fim de um lento aprendizado, sobre o qual testemunham os numerosos textos que ele tinha julgado indignos de ser publicados”⁷⁴ (IBIDEM, p.12). Sob a orientação de Jean Grenier, ele é apresentado a Gide e

⁷⁴ “[...] ne s'improviser pas romancier : il le devient au terme d'un lent apprentissage, dont témoignent les nombreux textes qu'il avait jugés indignes d'être publiés [...]”

Proust, conhecendo, na sequência *La Douleur*, romance de André de Richaud, que explora a pobreza material e a difícil relação entre mãe e filho, realidades tão próximas ao jovem, que o inspirariam a escrever sobre as coisas de seu conhecimento (LÉVI-VALENSI, 2006, p.33).

La Douleur mostra a Camus que a pobreza, a ausência, a falta, a solidão poderiam constituir temas de escrita: “[...] o mundo que é o seu pode ser o sujeito e o objeto de uma obra [...]”⁷⁵ (IBIDEM, p.41). Mas, não se pode escrever sobre esse mundo impunemente, há que se testemunhar sobre ele, tornando-o público, denunciando-o se necessário, elevando-o à categoria de algo que merece ser lido e, portanto, tem relevância:

Na medida em que escrever pode aparecer como um luxo no mundo da pobreza e do silêncio, a criação só pode se justificar se ela descrever esse mundo e testemunhar sobre o que ele é. [...] [Para Camus], os livros podem criar uma nova ordem de coisas, uma ‘*ordre de vérité*’; [...] longe de trazer uma visão irreal do mundo, a literatura serve como reveladora das verdades as mais escondidas, mas as mais importantes.⁷⁶ (IBIDEM, p.40-41, grifo do autor)

Com *L’Étranger*, Camus atinge sua plena capacidade como romancista, ainda que tenha exercitado o embate com a língua em diferentes gêneros de escrita como o jornalismo, a dramaturgia e o ensaio:

O romance camusiano, fundado sobre ou pela clarividência e pela paixão, aparece como o sinal de uma vitória sobre ele mesmo e de sua linguagem sobre certo número de obstáculos ou tentações; a trajetória de Camus é exemplar na apropriação progressiva de seu reino e de seus meios de expressão.⁷⁷ (IBIDEM, p. 13)

Para Camus, a língua não representa um problema, mas uma conquista que o acompanharia vida afora, por meio da qual ele travaria sua relação com o mundo, sendo tão reconhecido quanto criticado por suas ideias. Oriundo de uma família analfabeta, para a qual a potencialidade e o sentido da língua e da linguagem quase nada significavam, Camus encontraria nelas um instrumento de liberdade, como também de combate político contra toda forma de injustiça e autoritarismo.

⁷⁵ “[...] le monde qui est le sien peut être le sujet et l’objet d’une œuvre [...]”

⁷⁶ “Dans la mesure où écrire peut apparaître comme un luxe dans le monde de la pauvreté et du silence, la création ne peut se justifier que si elle décrit ce monde et témoigne de ce qu’il est. [...] [Pour Camus], les livres peuvent créer un nouvel ordre de choses, un ‘*ordre de vérité*’; [...] loin d’apporter une vue irréaliste du monde, la littérature sert de révélateur aux vérités les plus cachées, mais les plus importantes.”

⁷⁷ “Le roman camusien, fondé sur ou par la clairvoyance et la passion, apparaît comme le signe d’une victoire sur lui-même, et de son langage sur un certain nombre d’obstacles ou des tentations; et la démarche de Camus est exemplaire dans l’appropriation progressive de son royaume et de ses moyens d’expression.”

Assia Djebar, por sua vez, apresenta-se como romancista de língua francesa (DJEBAR, 1999, p. 41), afirmando que “[...] ma parole, pouvant être double, et peut-être même triple, participe de plusieurs cultures, alors que je n’ai qu’une seule écriture: la française” (CV, p. 42). Para Djebar, educada em escola francesa, mas de cultura argelina árabe-mulçumana, sendo seu pai de origem berbere e a mãe falante de um árabe refinado, a língua francesa é plena de contradições.

O francês permite à escritora conquistar a liberdade da qual ela se vê privada por sua tradição religiosa, caracterizada pela restrição do acesso à educação formal e pelo isolamento social das mulheres muçulmanas, tendo como um de seus principais símbolos o uso do véu.

Como mencionado anteriormente, o francês proporciona ao escritor magrebino uma maior possibilidade de comunicação. O escritor tem consciência de escrever para um público outro que seus conterrâneos, isto é, o leitor europeu, sensível à problemática do colonialismo. Apesar disso, Djebar afirma ter escrito seus quatro primeiros livros⁷⁸ em francês, embora sob a égide da língua árabe, guardando em sua musicalidade as múltiplas lembranças de infância que a língua lhe trazia, como a memória de canções, poemas e pequenas histórias contadas por sua avó ou por sua mãe. A partir de 1967, após publicar *Les alouettes naïves*, Djebar atravessa mais de uma década sem escrever para, então, conseguir reconhecer-se como uma escritora francófona para a qual existe uma “*seule de nécessité: celle où l’espace en français de ma langue d’écrivain n’exclut pas les autres langues maternelles que je porte en moi, sans les écrire*” (CV, p. 39, grifo da autora).

Paralelamente à educação francesa, Djebar procurou conhecer a língua árabe, cujo impasse sob a colonização foi exposto no capítulo inicial. Observadas as diferenças de uso entre o árabe clássico e o árabe dialetal, ela sabia que só poderia escrever ou lecionar nessa língua se dominasse a primeira modalidade, acima mencionada. Entretanto, ao frequentar a escola corânica no início da adolescência, ela se deparou não só com o inexpressivo número de meninas presentes às aulas (além dela, havia apenas uma colega), como também percebeu o quão ultrapassado era o método de ensino, que se valia quase que absolutamente da memória de cada um para que se pudesse aprender *par cœur* a língua dos ancestrais. Escrevia-se em placas de madeira, que mais tarde eram apagadas: “[...] il fallait qu’on lave chacun sa planche et laver la planche, cela voulait dire qu’on avait tout dans la tête, donc qu’on pouvait l’effacer.” (GAUVIN, 1997, p. 27). Por outro lado, a adoção do francês configura a

⁷⁸ *La soif* (1957), *Les impatients* (1958), *Les enfants du nouveau monde* (1962). *Les alouettes naïves* (1967).

impossibilidade de expressão da afetividade tão cara à língua árabe, pois além de ser a língua do colonizador, Djebbar considera que o idioma sintetiza o drama da colonização na Argélia: “Il y a cette guerre des langues qui devient maintenant, à mon sens, la clé même du drame algérien”. (GAUVIN, 1997, p. 31).

Em razão desse impasse que interfere profundamente na forma como o escritor magrebino se expressa, ao tentar falar de amor, Djebbar assegura que “[...] le français devenait un désert. [...] Ce désert est investi des scènes de violence et de la guerre des ancêtres, de la chute des cavaliers qui sont tombés dans le combat.” (IBIDEM, 1997, p. 24-25) e conclui “[...] pour moi dans le français, il y avait du sang dans cette langue.” (IBIDEM, p.25-26).

Ao descrever a língua francesa como “*butin de guerre*”, o escritor Kateb Yacine acusava o idioma do colonizador de promover a alienação do povo argelino e, em contraponto, valia-se do francês para afirmar-se, face aos franceses, como filho da Argélia. Ao utilizar a mesma palavra, *butin*, para falar da língua do colonizador, Djebbar explora igualmente esse aspecto político, enfatizando-o sob a ótica das mulheres muçulmanas, que, ao ter acesso à educação formal e à possibilidade de leitura e escrita em um idioma estrangeiro, veem-se desnudadas diante de sua própria cultura. O contato com o francês, língua estrangeira, conduz as muçulmanas à expulsão do harém e do decorrente isolamento imposto a elas pela tradição, fato cuja complexidade esbarra tanto nas possibilidades de desfrute e enfrentamento da própria liberdade, quanto no peso que essa hipótese traz consigo, isto é, o peso da solidão e do silêncio, condicionados a um isolamento social às avessas, a ser experimentado pela mulher, que fala e escreve em francês.

Para Assia Djebbar, o francês motivou a ruptura entre a escritora e a língua falada em sua casa, especialmente em companhia das mulheres com quem convivia. Não se trata de uma opção simples, mas da compreensão de que a adoção de uma língua estrangeira em oposição à língua materna no contexto colonial implicará no rompimento irrevogável com tudo o que ali está representado, qual seja o insulamento em uma comunidade de origem em oposição à condição de expatriação em relação à própria cultura. (YACINE-TITOUH, 2006).

Essa condição se acirra ainda mais se pensarmos sobre a condição da mulher magrebina que escreve em francês. Djebbar considera a escrita feminina profundamente vinculada ao silêncio, ao não dito. Escrever é uma forma de se exhibir ao mundo. Entretanto, sob a perspectiva da mulher árabe-muçulmana, *voilée*, trata-se de se ver exposta, revelando-se de forma tão radical quanto se expusesse seu corpo. Isso porque diante da importância da

oralidade na cultura islâmica, o exercício da escrita, vinculado diretamente ao Alcorão, foi praticamente banido entre as mulheres.

No Magrebe, as mulheres guardam para si a função de porta-vozes de sua cultura, preservando, assim, a memória de suas comunidades. Porém, o que aparenta ser uma atividade privilegiada, mostra-se, de fato, como uma tarefa de ensimesmamento que asfixia a mulher, revelando-se como uma forma de suportar uma vida de lamentações (CV, p. 74-75). A mulher pode cantar, mas não lhe é permitido escrever:

La parole féminine lyrique, mise souvent en avant dans une fonction privilégiée (chanter la mort, ou souvent, en pleine noces, chanter la mélancolie...), cette parole-là est hyperbolique pour masquer un autre type d'expulsion des femmes: l'expulsion de l'écriture. (CV, p. 75)

Para Djébar, o distanciamento da mulher muçulmana em relação à escrita deve-se à capacidade de empoderamento própria a essa atividade, perspectiva temida pela sociedade e, portanto, altamente reprimida a começar pela baixíssima presença de meninas nas escolas corânicas:

La conclusion s'impose ; plus on concède aux femmes le rôle de porte-parole (surtout quand la femme prend de l'âge et aussi parce que cette parole chante ou déplore le passé, l'irréversibilité de choses), plus la femme s'absent de l'écriture. [...] la femme est exilée le plus souvent de l'écriture: pour ne pas s'en servir, elle, comme individu, pour ne pas connaître ses droits dans la cité, pour ne pas redevenir mobile [...]. [...] la femme qui peut écrire [...] risque d'expérimenter un pouvoir étrange, le pouvoir d'être femme autrement que par l'enfantement maternel. (CV, p. 76)

Em *La disparition de la langue française*, Berkane ensaia escrever um livro. Escreve cartas não enviadas para sua antiga companheira francesa, mas escreve igualmente para uma mulher de origem árabe, recentemente apresentada a ele e que se torna sua amante, para, logo em seguida, partir para o exterior. Ao fazer anotações em um diário, afirma:

J'écris en terre d'enfance et pour une amante perdue. Ressusciter ce que j'avais éteint en moi, durant le si long exil.
J'écris en langue française, moi qui me suis oublié moi-même, trop longtemps en France (DLF, p. 135)

A reflexão sobre as relações entre o francês e o árabe atravessam os textos de Djébar. Em *La disparition de la langue française*, a exemplo de outros romances, o francês guarda possibilidades de expressão, mas igualmente perdas irreparáveis por se tratar da língua do outro, utilizada como língua de escrita. O árabe, enquanto língua materna, permite reencontrar a afetividade ansiada. Trata-se da língua do amor que Berkane imagina perdida, mas que reencontra ao conhecer Nadja, ela também uma exilada argelina que dele se tornará amante.

É importante ressaltar que Berkane, único protagonista masculino de Djebbar, procede a um exercício de ensaio e erro com relação à escrita que exemplifica o desajuste a que a personagem se submete em seu retorno à terra natal, mas igualmente o desacordo experimentado pela Argélia pós-colonial⁷⁹, mantendo ainda fortes resquícios da cultura francesa.

Exílio: língua e multiplicidade de sentidos

O exílio está diretamente ligado à ideia de pátria e, portanto, de nacionalismo, refletindo a pertença de um indivíduo a uma comunidade linguística e sociocultural. Em *Reflexões sobre o Exílio*, Edward Said (2003) destaca a presença fundadora de exilados, emigrantes e refugiados na formação da literatura ocidental moderna, considerando as relações entre a literatura, o exílio como condição humana propícia à criação e o papel de uma pátria, real ou não, imaginária ou não, nesse contexto, conforme apontado por Georg Lukács e George Steiner.

Para Said, o exilado necessita estabelecer um mundo inventado e artificial sobre o qual tenha domínio, haja vista o caráter provisório das coisas e, em última instância, da própria vida, sobre a qual se tem pouco ou nenhum controle. Para Lukács, o romance é um gênero criado em uma sociedade instável, em constante mutação, que conduz o homem a considerar formas de vida alternativas às já estabelecidas, daí tratar-se de uma forma literária que implica na “ausência de uma pátria transcendental” (LUKÁCS, 2000). Steiner, por sua vez, considerou como extraterritorial toda a literatura do século XX, dada a enorme presença de escritores em estado de errância, que escolheram o exílio e suas metáforas como tema de criação. Ele destaca a ascensão de um pluralismo linguístico, um estado de desabrigo, que caracteriza “[...] um poeta, romancista ou dramaturgo não completamente em casa na língua de sua produção, mas deslocado ou em hesitação na fronteira” (STEINER, 1990, p.15). Mas, ao lado do virtuosismo linguístico ou do entendimento puro de como se estrutura uma

⁷⁹ O livro foi publicado em 2003, mas a narrativa se situa na década de 1990.

“imaginação multilíngue” (IBIDEM, p. 21), interessa-nos, como a Steiner, pensar que sendo a língua uma forma de exprimir uma visão de mundo a partir de uma ideia de nação, como

Um grande escritor compelido de língua para língua por convulsão social e guerra é um símbolo adequado para a época do refugiado. Nenhum exílio é mais radical, nenhuma proeza de adaptação e nova vida mais exigente. Parece apropriado que os que criam arte em uma civilização de quase barbárie que gerou tantos desabrigados, que arrancou línguas e povos pela raiz, deveriam ser poetas desabrigados e errantes através da língua. (IBIDEM, p. 21)

Nesse sentido, é preciso pensar sobre o significado do exílio para a literatura e a intelectualidade no século XX, tendo em vista questões relativas à imigração, às diásporas, à etnicidade e à busca contínua de uma terra, às vezes, perdida, que não necessariamente corresponde aos anseios dos que se encontram separados de seu país. O autor exilado ou expressando sua condição de exilado encontra-se, frequentemente, em uma posição desconfortável pelo desencontro inapelável que carrega consigo mesmo; pela impossibilidade psicológica e afetiva de retorno ao lugar desejado, ainda que seu retorno físico seja viável; pela dificuldade de perceber-se integrante de uma sociedade que considera estranha e que se transforma à revelia de suas dúvidas e expectativas. Eis, pois, o não lugar e o esforço, muitas vezes frustrado, de adaptação, exigido por ele.

Como um dos grandes males do século XX, o exílio configura-se pela emergência de um deslocamento que posiciona o homem face aos mais profundos sentimentos de perda e de ausência, um mergulho na solidão e a percepção de si mesmo como estrangeiro, sentimentos que podem conduzi-lo a uma lucidez instauradora, essencial à criação. O exílio é um tema caro à literatura, seja por se referir à condição de determinados escritores, seja por ser em si mesmo um motivo de inspiração.

Qual seria, então, o elo entre a ficção moderna e o exílio? O desafio da escrita perpassa a condição do exílio, pois, ainda que não se trate de um exílio físico, geográfico, certamente será o exílio de si, o necessário ou, ao menos, favorável distanciamento que possibilita a criação. É o espaço de descentramento do autor em sua relação com a linguagem, a impessoalidade que o livra de qualquer sentimentalismo e não está obrigatoriamente ligada à sua experiência, à sua subjetividade, mas ao seu tempo.

As circunstâncias de criação de uma literatura inspirada no exílio são determinadas por fatores externos e internos ao indivíduo. No primeiro caso, aponta-se para expiações a que foram condenados escritores banidos pelo Estado, perseguidos em decorrência de guerras ou ideologias, vitimados por ditaduras e regimes totalitários tanto de esquerda quanto de direita, pela intolerância e pela incompreensão. Porém, é preciso salientar que o fato de experimentar

a geografia do exílio não obriga um autor a tratar esse tema em sua obra, embora seja possível dizer que essa experiência salienta percepções e sentimentos que redimensionam a própria relação com a escrita. (LAMEIRINHA, 2007)

Embora Camus jamais tenha sido um exilado em senso estrito, a temática do exílio ocupa um espaço privilegiado em seu imaginário, visto tratar-se de um autor que conheceu de perto essa condição em ocasiões distintas ao longo de sua vida, envolvendo dilemas relacionados à desarmonia entre as realidades experimentadas em casa, junto à sua família, e na escola, aos quais se seguiram os impasses político-ideológicos que marcaram as dificuldades do escritor francês de origem argelina de se integrar tanto no meio intelectual da metrópole quanto no cerne da intelectualidade árabe-berbere, embora ele fosse uma referência cultural nos anos 1950 em seu país.

A experiência concreta transformou Camus em um indivíduo comumente fora de seu lugar, um exilado em si mesmo. Ainda que não se caracterizasse como um exilado na própria língua - o francês, sua língua materna, era também sua língua de escrita, diferentemente da maioria dos escritores argelinos -, Camus percebia o quanto o domínio do universo das letras e sua efetiva inclinação para a literatura e o jornalismo, o isolavam de suas origens, ao mesmo tempo em que o expunham às críticas de seus pares, fossem conterrâneos ou metropolitanos. Ninguém o aceitava tal qual ele era, isto é, um francês da Argélia, a quem não cabia defender o desenraizamento dos árabes, tampouco o dos franceses ali nascidos:

Camus não tem nenhum problema em demonstrar que ele é argelino da mesma forma que os árabes. É verdade que os franceses da Argélia cometeram o crime de desenraizar os árabes em sua própria terra. É preciso desenraizá-los por sua vez?⁸⁰ (LEBESQUE, 1990, p.125)

Entre as décadas de 1930 e 1950, essa marginalidade que perpassa toda a vida de Camus e o sentimento de exílio do mundo dela decorrente são fortalecidos pela instabilidade política na Europa, cujo caráter fortemente belicoso culminaria com conflitos do porte da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, somados à presença simultânea dos regimes fascista e totalitarista. Paralelamente, é possível observar o quão atrozes foram os combates em prol da independência dos impérios coloniais, categoria em que se insere a Guerra da Argélia.

⁸⁰ “Camus n’a aucune peine à démontrer qu’il est algérien au même titre que les Arabes. Il est vrai que les Français d’Algérie ont commis le crime de déraciner les Arabes sur sa propre terre. Faut-il les déraciner à leur tour?”

É nesse contexto que a temática do exílio se torna uma recorrência na obra de Camus. O exílio é a expressão de uma condição precária, vinculada à perda da identidade e da dignidade humanas. Para Camus, o exílio é entendido como separação, em oposição à ideia de acordo, atravessa a caracterização de várias personagens e exprime-se por diversos motivos, a partir das seguintes categorias: a separação do eu de si mesmo (exílio psicológico), a separação entre o eu e o mundo (exílio social ou geográfico), a separação entre o eu e o universo (exílio metafísico) (LAMEIRINHA, 2007).

A equivalência entre as ideias de separação e acordo, desmedida e medida, exílio e reino está presente nos textos de Camus, não importando o período em que foram escritos, tampouco o gênero em questão, se romance, dramaturgia ou ensaio filosófico. Nesse sentido, temos:

- A separação do eu de si mesmo (exílio psicológico): o homem exilado considera-se estrangeiro a si mesmo e questiona não só o mundo como as possibilidades efetivas de inserir-se nele. Entre as noções de absurdo e revolta, acentua-se a marginalidade do indivíduo, sua incapacidade de reconhecer a si mesmo como membro da sociedade e a intensa presença do sofrimento individual, provocador da revolta.

Si j'étais arbre parmi les arbres, chat parmi les animaux, cette vie aurait un sens ou plutôt ce problème n'en aurait point car je ferais partie de ce monde. Je serais ce monde auquel je m'oppose maintenant par toute ma conscience et par toute mon exigence de familiarité. [...] Et qu'est-ce qui fait le fond de ce conflit, de cette fracture entre le monde et mon esprit, sinon la conscience que j'en ai? (MS, p. 76)

- A separação entre o eu e o mundo (exílio social ou geográfico): refere-se às relações entre o homem e a sociedade, assim como a permanência deste em seu país de origem ou, ainda, seu deslocamento para outro lugar. O homem está à procura de um mundo familiar, de um reencontro com as origens, pois uma sensação de ausência o impele a se adaptar a circunstâncias diversas, sem que necessariamente consiga fazê-lo.

Eis uma perspectiva bastante presente em *Le Premier Homme*, exemplificada inicialmente pelo retorno de Jacques Cormery à Argélia e lembrada outras tantas vezes ao longo da narrativa de sua infância. Entre o exílio social que se manifesta pelas inúmeras situações de miséria vividas pela personagem, há que ressaltar a existência do tão almejado reino, qual seja: a natureza e o mar, em particular.

La mer était douce, tiède, le soleil maintenant sur les têtes mouillées, et la gloire de la lumière emplissait ces jeunes corps d'une joie qui les faisait crier sans arrêt. Ils rêgnaient sur la vie et sur la mer,

et ce que le monde peut donner de plus fastueux, ils le recevaient et en usaient sans mesure, comme des seigneurs assurés de leurs richesses irremplaçables. (PH, p. 54)

- A separação entre o eu e o universo (exílio metafísico): eis o exílio da própria condição humana, cuja tragicidade é definida pela consciência da própria finitude. O homem é condenado a viver sabendo que um dia morrerá, mas ignorando quanto tempo lhe resta, desconhecendo o tempo que lhe cabe. O exílio metafísico estrutura-se face à consciência da morte, noção que equivale à morte em si mesma, como também às inúmeras situações de abandono e miséria, material ou existencial, enfrentadas pelo homem.

O peso do exílio metafísico acomete Jacques Cormery quando de sua visita ao túmulo de seu pai, em Saint-Brieuc. Se, ao chegar à cidade, ele pouco entendia a razão de sua ida até lá, ao descobrir que o pai fora morto aos 29 anos de idade, Cormery é assaltado por um “[...] flot de tendresse et de pitié” (PH, p. 30), que o choca e assusta, ao mesmo tempo em que o aproxima do homem que até aquele instante pouco havia significado para ele. Ao deixar o cemitério, mantido sob os cuidados do *Souvenir français*, Cormery compreende o quanto sua percepção da vida, assim como de seu pai havia se transformado:

[...] Il n’y avait plus sous cette dalle que cendres et poussières. Mais, pour lui, son père était de nouveau vivant, d’une étrange vie taciturne, et il lui semblait qu’il allait le délaisser de nouveau, le laisser poursuivre cette nuit encore l’interminable solitude où on l’avait jeté puis abandonné. (PH, p. 32)

A reflexão sobre a identidade na literatura magrebina de língua francesa é fundamentalmente pautada pela questão do exílio, uma das características mais relevantes dessa produção. Embora seja possível falar em distintas categorias de exílio, como o que se associa ao caráter social desses textos, é, sobretudo, do exílio da língua que sofrem os escritores argelinos de língua francesa.

O exílio da língua constitui o cerne da multiplicidade de exílios, individuais ou coletivos, que cercam os escritores magrebins francófonos. Essa sensação, manifestada pela impossibilidade de escrever na língua materna, é um elemento desagregador para a intelectualidade magrebina, pois seu impacto ecoa sobre outras condições de exílio, qual seja o sentimento de exclusão quanto à origem, território ou religião, que afeta o substrato psicológico, afetivo e cultural dos indivíduos, levando-os ao vazio.

Nesse sentido, Beïda Chikhi considera a necessidade de ponderar sobre a dimensão teórica do exílio, entendido como uma “[...] ‘cartografia da memória com suas fronteiras e

suas lacunas fronteiriças': é preciso considerar encontrar no drama de seu próprio exílio, o eco de uma multiplicidade de outros exílios."⁸¹ (CHICKI, 1996, p. 77).

Para Chicki, o exílio é perpétuo e refere-se a uma tomada de consciência da própria ausência, o lugar que se situa entre o tudo e o nada, o antes e o depois, percebendo-se como uma condição sobre a qual o tempo está suspenso, visto que pode ser percebido como passado e futuro concomitantemente (IBIDEM, p. 77).

Prisioneiro do exílio da língua, o escritor magrebino divide-se entre o embate e a errância quanto ao uso da língua francesa. Tendo em vista a problemática da educação, anteriormente tratada, a escrita em francês, exercitada pelas primeiras gerações de escritores magrebinos, era tida como forma de alienação e traição em relação à língua árabe, ao caráter simbólico dessa escolha, como também à condição político-ideológica da Argélia enquanto país colonizado. Mais tarde, compreendeu-se que esse mecanismo possibilitaria a difusão da literatura magrebina de língua francesa na Europa, mas, sobretudo, permitiria expor os males do fato colonial ocorridos no departamento francês da Argélia, cuja realidade social e linguística era muito diferenciada dos protetorados da Tunísia e do Marrocos.

A escolha da língua de escrita permanece como uma das características da literatura magrebina de língua francesa, revelando tensões internas nas esferas identitária e psicológica, capazes de demonstrar a complexidade do sentimento de exclusão, de exílio na língua, experimentado pelos escritores. Esse sentimento compromete a capacidade do escritor de produzir e está intimamente relacionado à impossibilidade de expressão.

Para Assia Djébar, a adoção do francês como língua de escrita, assim como a opção de viver fora de seu país, mostram-se como possibilidades de concretizar um projeto de vida atravessado pelo claro desejo de escrever. A condição feminina, mais do que um fato em si, estrutura-se como um relevante tema literário para Djébar. Para ela, o exílio é a exclusão em si mesma, especialmente se pensado sob a perspectiva das mulheres muçulmanas, que experimentam a exclusão do conhecimento; o estado permanente de banimento quase total da sociedade, visto que o sujeito masculino é quem detém a autoridade sobre a comunidade feminina; o exílio que se inscreve no corpo, o qual é fortemente combatido pela escritora por meio de seus textos, pois a escrita não pode ser considerada um estranhamento, devendo, sim, conduzir à plenitude (CHICKI, 1996, p. 81), ainda que antes dela venha a luta contra os silêncios múltiplos a cercar essas mulheres.

⁸¹ "[...] 'cartographie de la mémoire avec ses frontières et ses trous frontaliers' : il faut s'attendre à trouver dans le drame de son propre exil, l'écho d'une multiplicité d'autres exils."

Paralelamente, em *La disparition de la langue française*, o protagonista, Berkane, experimenta o exílio às avessas ao retornar de Paris para a Argélia e entrar pela primeira vez na *Casbah*: “Vingt ans d’exil vont-ils lui paraître soudain irréels, coulés sombre s’évanouissant derrière lui, et les lieux perdus d’autrefois redeviendront-ils proches” (DLF, p. 53). Tal estranhamento se acentua ainda mais, quando a personagem sofre uma tentativa de assalto e admite a possibilidade de ter sido confundido com um turista afortunado, no instante em que se encontrava muito próximo de sua antiga casa.

O exílio é uma constante nos textos de Albert Camus e Assia Djebar, pois, ainda que pertençam a diferentes comunidades de origem e expressem de maneiras distintas suas dúvidas e impasses, ambos têm em comum a mesma terra natal e as consequências da experiência colonial, vivida sob a autoridade da França. Nesse contexto, embora não seja possível o encontro entre os autores no plano da história, os múltiplos exílios invocados por eles alcançam uma dimensão mítica e atemporal que termina por aproximá-los.

Memória: da experiência privada à construção coletiva do passado

Paralelamente às questões referentes à língua e ao exílio, o debate sobre a memória é intrínseco às narrativas de *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française*, textos essencialmente memorialísticos a focar os retornos à terra natal e as tentativas, em sua maioria frustradas, de minimizar as perdas afetivas pelas quais passaram Jacques Cormery e Berkane. Se, por um lado, ambos atravessaram duas décadas em Paris, quase nada se sabe sobre como viveram, nem tampouco se se sentiam ou não ali integrados ou, ainda, de que maneira se dava tal integração⁸². Por outro lado, de volta à Argélia, há o desejo de encontrar respostas, traduzidas pelo aclarar de lembranças de infância e juventude, muitas delas

⁸² Embora Camus faça poucas referências à experiência francesa de Jacques Cormery, sabe-se que o autor sentia-se absolutamente exilado na metrópole, concentrando em Paris a pujança desse sentimento. Na França, contrariavam-no o clima frio constante, o céu predominantemente acinzentado, o ritmo urbano marcado pela premência de um tempo que se anulava continuamente, somado à impessoalidade e à arrogância dos intelectuais, que falavam da problemática colonial na Argélia sem, de fato, conhecer a complexidade da questão nas diversas esferas da sociedade argelina.

esquecidas, apagadas pelas urgências de tempos incertos, fragmentados entre o passado, o presente e a esperança de um futuro.

Ao falar da memória individual das duas personagens, fala-se, de fato, da memória dos grupos sociais aos quais elas pertencem, qual seja a memória da população pobre, *pied-noir* e árabe, uma memória coletiva que não dispõe de registros ou rastros de materialidade para mostrar-se viva, menos ainda para compor sua história.

Maurice Halbwachs ressalta que a memória individual está impregnada pela sociedade na qual o indivíduo se insere. Isso ocorre ainda que se tenha tocado a solidão em profundidade e vivido uma experiência absolutamente só, portanto, impossível de ser compartilhada com o outro afora pela narrativa do acontecido. Nunca estamos sós, pois, mesmo diante da ausência de outrem, “[...] sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Caminham conosco todos aqueles que nos trazem alguma referência a respeito da experiência que vivemos ou desejamos viver: um escritor ou poeta que tenha falado sobre o lugar que visitamos e a vida que ali se desenrola; um pintor que a tenha retratado com o colorido de suas tintas ou, quem sabe, um conhecido que nos traz histórias, antigas ou recentes, a respeito do tema.

Ao mesmo tempo, família, amigos, colegas de escola ou trabalho, vizinhos, entre outros, cada qual à sua maneira e guardando-se a influência relativa de cada um, colaboram para construir a memória que construímos de nós mesmos e da sociedade, do tempo-espço em que vivemos. Essa construção não se vale apenas de testemunhos para preservar o conjunto da experiência, mas das lembranças, comumente parciais, fragmentadas, de mais pessoas que, juntas, conseguem reconstituir fatos e acontecimentos dos quais, sozinhos, não mais recordaríamos com exatidão. A memória não é precisa, mas constituída a partir de diferentes pontos de vista e percepções, que constroem as versões dos fatos.

Como ser social, o indivíduo carrega consigo lembranças pessoais, que dizem respeito à sua própria vida, às particularidades de sua formação e de suas escolhas, assim como guarda lembranças relacionadas à sua experiência em sociedade e às necessidades do grupo ao qual pertence. A memória individual, de caráter autobiográfico, e a memória coletiva, de caráter social, se interpenetram, podendo servir de suporte uma a outra. Por isso, a memória coletiva - ela também múltipla, visto que se relaciona a diversos grupos sociais -, é composta por inúmeras memórias individuais, muito embora não se confunda com elas.

Entre a memória individual e a memória coletiva encontra-se a história. A memória individual, porém, não se vale da história aprendida a respeito de grandes acontecimentos ou

fatos nacionais, reunidos enquanto informação em livros e jornais, constituindo, mais tarde, a memória coletiva, eleita, compilada e registrada pela sociedade. A memória individual vale-se da história vivida. Deve-se observar em que medida o sujeito teve ou não proximidade, foi ou não atuante em eventos relevantes para a memória coletiva de um ou mais grupos sociais aos quais ele pertence, ao mesmo tempo em que importa preservar a lembrança do modo como transcorreu sua vida cotidiana, as minúcias e os detalhes, as conquistas e as perdas, as passagens e os episódios marcantes que colaboraram para compor sua história pessoal. (HALBWACHS, 2006).

Nessa perspectiva, lembremo-nos que tanto Cormery quanto Berkane, homens feitos com idade entre 40 e 50 anos, de volta à terra natal, exploram suas memórias de infância para reconstituir cada qual seu passado pessoal, ele próprio inserido em um contexto familiar e social definido. Para Halbwachs:

[...] a vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais pelos quais ela entra em contato com um passado mais ou menos distanciado, que é como o contexto em que são guardadas suas lembranças mais pessoais. É neste passado vivido [...] em que se apoiará mais tarde a memória. (HALBWACHS, 2006, p. 90)

É justamente esse contexto que nos revela a natureza da vida privada, como também a perspectiva político-social em que se inscrevem *pieds-noirs* e árabes. Jacques Cormery anseia por informações capazes de (re)constituir a memória do pai morto, que ele sequer conheceu. Entretanto, a única pessoa que poderia fazê-lo, sua mãe, há muito havia deixado de chorar o falecido para lutar, em silêncio, pela própria sobrevivência. Fracassadas as expectativas no âmbito privado de aproximar-se do pai desconhecido, são as memórias da infância pobre que darão alento à narrativa camusiana. O primeiro homem é, portanto, o próprio autor e seu alter ego, Jacques Cormery. Concomitantemente, ao avançar em sua procura pelos indícios da presença viva de seu pai no país, o escritor realiza um inventário histórico-ficcional da experiência dos primeiros imigrantes franceses na Argélia até chegar à região onde se localizava a antiga fazenda em que ele mesmo nasceu e na qual Lucien Camus trabalhou por um curto período, antes de ser convocado a lutar na Primeira Guerra Mundial.

Para além da memória da conhecida miséria que pairava sobre a família Sintès-Camus, *Le Premier Homme* apresenta a epopeia dos colonos franceses pobres na África do Norte e as desventuras testemunhadas por seus descendentes em face de um mundo desconhecido quanto à sua natureza e à sociedade que ali vivia, sem que a administração colonial lhes assegurasse

qualquer possibilidade de melhoria concreta quanto às condições de vida, trabalho, moradia e segurança, tal qual oferecido a essas pessoas quando de sua partida da França.

Il y avait beaucoup de chômage à Paris, ça bougeait et la Constituante avait voté cinquante millions pour expédier une colonie. À chacun, on promettait une habitation et de 2 à 10 hectares. Vous pensez s'il y a eu des candidats. Plus d'un millier. Et tous rêvaient de la Terre promise. [...] (PH, p. 170-172)

Ao sair de Paris em direção ao sul, passando por inúmeras pequenas cidades, os emigrantes eram saudados pelas populações locais, agradecidas pela coragem daqueles que se arriscariam rumo ao obscuro, a fim de que a França pudesse buscar um reequilíbrio econômico, livrando-se de boa parte de seus pobres, desempregados, desocupados, órfãos e prostitutas. Assim, agraciados pela música das fanfarras e pelas bênçãos da Igreja, homens, mulheres e crianças instalaram-se no *Labrador* para atravessar o Mediterrâneo:

[...] Le *Labrador* s'activait en tout cas de toutes ses pales, brassant l'eau glacée que le mistral soulevait en tempête, ses ponts balayés pendant cinq jours et cinq nuits par un vent polaire, et les conquérants au fond de ses cales, malades à crever, vomissant les uns sur les autres et désirant mourir [...] (PH, p. 173)

Passada a travessia, o cólera se abateu sobre milhares de pessoas. Esse conjunto de circunstâncias levou à morte dois terços dos emigrantes (ONFRAY, 2012, p. 453).

À procura do pai, Cormery pôde vislumbrar fragmentos da história não oficial, assim como a ausência de registros sobre a memória dos *quarante-huitards*, os primeiros colonos franceses a chegarem à Argélia em 1848. Eis, pois, um exemplo de como, neste caso, a tentativa de reconstrução da memória individual aporta no reconhecimento de um esquecimento sistemático da memória de toda uma coletividade.

Où était son père en tout ceci ? Nulle part, cependant ces péniches halées cent ans auparavant sur les canaux de l'automne finissant, dérivant pendant un mois sur les rivières et les fleuves couverts des dernières feuilles mortes, escortées par des coudriers et des saules nus sous le ciel gris, accueillies dans les villes par les fanfares officielles et relancées avec leur chargement de nouveaux romanichels vers un pays inconnu, lui apprenaient plus de choses sur le jeune mort de Saint-Brieuc que les souvenirs [séniles] et désordonnés qu'il était allé chercher. (PH, p.173)

Se era penosa a vida no interior, pouca diferença havia entre ela e o cotidiano nos bairros pobres de Argel, apesar do ambiente urbano da capital do país. Moradias pequenas, úmidas e com pouca ventilação castigavam as vizinhanças superlotadas e as muitas crianças nas ruas, dividiam-se entre a penúria de suas casas e a diversão proporcionada por jogos e brincadeiras. A convivência no espaço público, embora partilhado entre europeus de origens

diversas e árabes, não ultrapassava os limites da esfera privada da vida de cada grupo, que mantinha em casa valores e costumes próprios à sua cultura.

[...] avec [...] ce peuple attirant et inquiétant, proche et séparé, qu'on côtoyait au long des journées, et parfois l'amitié naissait, ou la camaraderie, et, le soir venu, ils se retiraient pourtant dans leurs maisons inconnues, où l'on ne pénétrait jamais, barricadées aussi avec leurs femmes qu'on ne voyait jamais ou, si on les voyait dans la rue, on ne savait pas qui elles étaient, avec leur voile à mi-visage et leurs beaux yeux sensuels et doux au-dessus du linge blanc [...] (PH, p. 257)

Muito embora, o sonho de uma convivência pacífica entre árabes e *pieds-noirs* esteja no âmago da narrativa, desde a cena primordial do nascimento do menino, *le petit Cormery*, não se pode afirmar que ela realmente tenha ocorrido, tendo em vista a ofensiva política de ocupação adotada pela França ao dominar o país, eliminando pela força, pela violência e pela destituição de posses as estruturas socioeconômicas e culturais ali vigentes.

Em sua trajetória em busca da memória do pai, Camus procura legitimar a presença dos *pieds-noirs* em solo argelino, contrapondo-se à visão de grupos nacionalistas que os destituíam de quaisquer direitos de pertença ao país africano. Para ele, os franceses da Argélia eram tão indígenas quanto a comunidade majoritariamente muçulmana que ali residia.

E o que aconteceria com os descendentes daqueles depois de três ou quatro gerações? Eles são franceses, ainda que jamais tenham colocado os pés na metrópole? Ou argelinos, da mesma forma que os outros, que estavam ali há mais tempo, contestava o direito de se dizer daqui? A partir de que momento se é de um lugar, onde seus familiares residem há mais de um século? Quando da *Toussaint rouge*⁸³ a família de Camus mora, vive e trabalha na Argélia há cento e vinte e quatro anos. Ele *ainda* é um estrangeiro?⁸⁴ (ONFRAY, 2012, p. 452)

Além disso, longe de desfrutar das benesses obtidas com a colonização, a maior parte dos *petits blancs* era composta por pequenos comerciantes e funcionários assalariados, igualmente vitimados pela negligência da França em relação à Argélia, pois os inúmeros erros políticos perpetrados por um país sobre o outro faziam somente incentivar a intolerância e a violência em sentido contrário, isto é, da população árabe-muçulmana face à comunidade europeia, especialmente francesa, ali presente. Para Camus, entretanto, cabia à França e não exclusivamente aos franceses da Argélia assumir essa responsabilidade.

⁸³ A *Toussaint rouge* foi uma série de atentados, cometidos no dia 1º de novembro de 1954 por grupos nacionalistas contra alvos franceses, marcando o início da guerra da Argélia.”

⁸⁴ “Quid de ceux qui descendent de ceux-là après trois ou quatre générations ? Sont-ils français, alors qu'ils n'ont jamais mis les pieds en métropole ? Ou algériens, alors que d'autres, exhibant une présence plus ancienne, leur chicanent le droit de se dire d'ici ? À partir de quand est-on d'un lieu quand les siens y habitent depuis plus d'un siècle ? À la Toussaint rouge la famille de Camus habite, vit et travaille en Algérie depuis cent vingt-quatre ans. Est-il *encore* un étranger?”

É à memória dessa comunidade, praticamente banida da França, pois iludida por falsas promessas de progresso, que Camus deseja dar voz. Uma comunidade tão destituída de posses ou de esperanças quanto os árabes, berberes e cabilas, submetidos à brutalidade da colonização. Uma comunidade deslocada no cerne de sua história, fosse na originária França, fosse na Argélia. Ou ainda, uma comunidade desenraizada, quando os *pieds-noirs*, expulsos do país africano após a independência, foram obrigados a se dirigir à metrópole, onde muitos jamais haviam pisado antes e onde seriam tratados como cidadãos de segunda classe, praticamente sem apoio do governo, tampouco da sociedade francesa.

Pierre Nora, em “Entre Memória e História. A problemática dos lugares”⁸⁵, afirma que:

[...] a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, aberta à dialética da lembrança e ao esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repetitivas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9)

A memória abriga-se “[...] no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias da impregnação e os saberes reflexos [...]” (NORA, 1993, p. 14). Entretanto, “menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si homens-memória.” (IBIDEM, p. 18). Exemplo disso é Jacques Cormery, que, sob a aparente autobiografia, a lembrança de seus próprios passos, traz à tona a solidão, o desalento e a teimosia de viver dos *pieds-noirs*, exilados em si mesmos e em sua comunidade enquanto indivíduos com direito à história e à memória.

Nora assinala igualmente que ‘a história, no entanto, “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] A história [é] uma representação do passado” (IBIDEM, p. 9).

Protagonista de *La disparition de la langue française* e, diferentemente de Jacques Cormery, Berkane é essencialmente fictício. Movido pelo desejo de romper com o desenraizamento que o manteve em Paris por vinte anos, ele volta à Argélia definitivamente, mesclando suas memórias de infância e adolescência ao reconhecimento que faz de seu país, em particular da Casbah, bairro árabe no coração de Argel, onde viveu “juste avant ‘les événements’” (DLF, p.14), isto é, os conflitos que levaram à guerra pela independência.

⁸⁵ NORA, 1993.

Da mesma forma que *Le Premier Homme* parte da memória individual de Jacques Cormery rumo à construção de uma memória coletiva dos *pieds-noirs*, *La disparition de la langue française* parte das lembranças de Berkane em direção à memória coletiva dos árabes. Após ter vivido alhures, vendo a si mesmo como “le séparé, l’éloigné. [...] l’expatrié” (DLF, p. 65), Berkane oscila sobremaneira em rever o bairro de sua infância e, ao fazê-lo, sente-se ainda mais desamparado, ao perceber o quanto o lugar que era o centro de uma comunidade fora sistematicamente destruído pela invasão francesa e, igualmente, pela penúria a assolar os moradores que ali restaram, remanescentes dos conflitos anteriores, assim como posteriores ao fim da colonização:

[...] ma Casbah, à force de délabrement consenti, de laisser-aller collectif, ma citadelle où chacun n’est plus que chacun, et jamais le membre d’une communauté, d’un ensemble bruyant, mais vivant, celle ville-village, de montagne et de mer, m’est devenue désert du fait de son état de dépérissement misérable... (DLF, p. 67)

No exílio em Paris, inúmeras vezes, Berkane “s’est imaginé que le microcosme de cet univers passé garderait à jamais sa réalité, mais dans quels lieux intacts?” (DLF, p. 55). Embora o tom interrogativo permita ler a frase de maneira um pouco menos ingênua, ao experimentar a vida como exilado ou expatriado, comumente o indivíduo guarda consigo recordações que permanecem intactas, sonha com os lugares de origem e referência, esquecendo-se que o tempo e as demandas cotidianas transformam incessantemente as coisas e os lugares, mesmo que de forma imperceptível, mínima. Passa-se, então, a idealizar um lugar que já não existe, não obstante permaneça vivo na imaginação, restando àquele que se sente só, isolado, distante, exilado, a tentativa vã de reencontrar aquilo que para sempre se perdeu.

É justamente neste ponto que se encontra Berkane ao se deparar com a Casbah: o lugar de sua infância e que, dentre outros, foi cenário dos embates pela independência mudara. Paisagem, arquitetura, pessoas ali presentes se transformaram e, para Berkane, seria preciso se preparar para enfrentar, concretamente, a perda que ele já intuía ser real:

Je n’y suis allé [à la Casbah] que huit jours après mon installation à Douaouda où je vis désormais - tout ce temps pour surmonter l’état de silence ou de putréfaction intérieure dans lequel je me suis trouvé [...].

Je tente de relater, [...], mon délaissement par rapport à mes lieux d’origine: après avoir déambulé, ce jour-là, des heures durant jusqu’au crépuscule, il faisait presque nuit quand, épuisé –au-delà de la morne constatation de retrouver ces lieux de vie dégradés, délabrés, disons même avilis... -, je n’ai pas retrouvé ces lieux d’une vie autrefois foisonnante, grouillante, je les ai cherchés, je ne les ai pas encore trouvés alors que je t’écris ! [à Marise, sua companheira francesa] (DLF, p. 64-65)

Ao mesmo tempo, ele compreende que “dans cette minute de contemplation [de la Casbah], mon esprit est habité par une mémoire, comment dire, collective ?” (DLF, p. 60)

Berkane intercala experiências da vida privada a eventos históricos e políticos, vividos pela coletividade árabe em contraposição à dominação francesa. Ele entende a tomada de Argel, conhecida como “l’Imprenable” (DLF, p. 60) como uma violação. A mesma pela qual passaria seu pai ao ser preso e torturado pelo regime, mesmo sem ter qualquer envolvimento político diretamente relacionado aos movimentos nacionalistas; ter servido como soldado francês na liberação de Paris, assim como de Estrasburgo e considerar a escola francesa como uma instituição sagrada.

Em seu exercício de rememoração, comumente difícil e dolorido, Berkane distingue eventos que envolvem desde a tomada de Argel até a tensão vigente no país, entre as décadas de 1950 e 1960. Em *La disparition de la langue française*, o passado e o presente se alternam na construção do tempo narrativo, trazendo à tona a multiplicidade de olhares do protagonista sobre a realidade que o cerca, especialmente aquelas que transformam a visão do menino com relação à existência de fatos, circunstâncias e símbolos nacionais relevantes para a compreensão da história de seu país. Exemplo disso é a descoberta da existência de duas bandeiras distintas a demarcar a identidade dos povos ali presentes: a francesa e a argelina, observando-se que a última não podia ser exibida em público, devendo ser mantida às escondidas pelos árabes. Em outro momento, após presenciar o assassinato do tio pela guarda francesa, sem qualquer motivação aparente, Berkane descobre a capacidade de manipulação da informação por parte da imprensa, quando os jornais publicam a esse respeito que “en plein cœur de la Casbah, un terroriste a été exécuté. ‘L’individu était armé...’” (DLF, p. 80). Mas, o indivíduo era apenas o tio do protagonista, desprovido de qualquer ligação com a militância política. A prisão de seu pai, do irmão mais velho, vinculado aos movimentos nacionalistas, e do próprio Berkane explicita a presença incontornável da repressão e da tortura na Guerra da Argélia, afetando pessoas de diferentes extratos sociais e graus de envolvimento político e, tornando clara a percepção de que bastava ser um autóctone para encontrar-se sob tal risco. Nos campos de prisioneiros, além de militantes políticos, nota-se a presença de homens comuns, que, apesar de reconhecerem a opressão da colonização francesa, não poderiam ser confundidos com pessoas engajadas na luta pela independência, visto que desejavam, sobretudo, rever suas famílias e retomar suas vidas.

Às memórias de Berkane, somam-se as de Nadjia, expatriada argelina que se torna sua amante por um breve período de tempo. Oriunda de uma classe social abastada, ela pôde

observar os impactos da repressão e do terrorismo no seio de sua família, quando viu seu avô, um rico comerciante árabe de Oran, ser assassinado pelo F.L.N. durante os confrontos pró-independência. Neste caso, da mesma forma que Berkane, a memória individual de Nadjia é elemento fundante da memória coletiva dos árabes, apontando a gravidade dos embates travados não só entre argelinos e franceses, mas entre moderados e nacionalistas a respeito da questão colonial e da independência. A esse respeito, a personagem observa:

Je n'avais que deux ans et quelques mois ! Cela peut paraître peu vraisemblable, mais j'ai pu tout reconstituer de cette journée funeste... Je dis bien "reconstituer" car le traumatisme premier, je l'ai vécu. (DLF, p. 90)

A essas lembranças vêm se juntar aquelas de seu pai e de sua avó materna, todos eles procurando compreender o incompreensível, qual seja, a violência e o sangue derramado entre pares; a radicalização do confronto independentista atingindo francamente a população civil, que, de alguma forma, demonstrasse resistência às regras impostas pela força: o avô de Nadjia foi morto por radicais, apesar de contribuir com dinheiro para as ações do F.L.N.

Em *Le Premier Homme*, assim como em *La disparition de la langue française*, a literatura estimula o debate acerca das relações entre memória, história e esquecimento, visto que os textos conjugam as observações de Camus e Djebbar com impressões históricas e lembranças, reais ou imaginadas, de sua comunidade de pertença em relação à colonização francesa da Argélia, ainda que se possa atentar para dificuldades registradas na reconstituição de rastros pessoais e históricos em ambas as narrativas.

Ao refletir sobre as relações entre memória, história e esquecimento, Paul Ricœur (2000) afirma ser a memória a matriz da história, enquanto esta se vale de testemunhos e documentos em diferentes suportes, para construir a historiografia. Paralelamente, o esquecimento é visto como uma ameaça à operação central da memória, a reminiscência, impondo um limite para a elaboração de uma narrativa que relacione os acontecimentos vividos.

A memória relaciona-se com a própria ideia de representação do passado, isto é, o surgimento de uma imagem, que já não existe, mas que consideramos que tenha existido anteriormente. Paralelamente às ideias de presença e ausência, coloca-se a lembrança, a rememoração que leva ao reconhecimento, distinguindo a certeza da presença real da ausência do passado.

A história, por sua vez, não se vincula à possibilidade do reconhecimento. Ela trabalha com construções e reconstruções tão próximas dos fatos quanto possível. Para isso, a história

se serve do testemunho, uma extensão da memória, tomada em sua fase narrativa. No entanto, a fidedignidade do testemunho relaciona-se diretamente às escolhas feitas por quem o está recolhendo, às perguntas e interpretações, à relevância conquistada por cada relato sob as perspectivas do presente e do futuro, assim como do passado. Essas escolhas implicam igualmente na conservação e divulgação de um testemunho, tanto quanto na construção de sua legitimidade.

A história engloba um horizonte de acontecimentos passados mais amplo do que a memória, cujo alcance é mais reduzido. Além disso, a história pode introduzir comparações que tendem a relativizar a unicidade e o caráter incomparável de memórias dolorosas, como no caso do Holocausto e, pode-se dizer, da colonização francesa na Argélia.

No entanto, a memória se vale do dever de não esquecer. Eis, pois, o lugar do esquecimento entre a memória e a história: um lugar de apagamento e de destruição, diretamente relacionado à rememoração e as memórias consideradas perdidas, embora não necessariamente o sejam de fato. As recordações são narrativas essencialmente seletivas, daí a possibilidade de se retomar coisas que, a priori, podemos ter esquecido. Ressaltem-se, assim, as consequências disso para a reapropriação do passado histórico, observando-se as inúmeras possibilidades de manipulação e ideologização da memória na construção das narrativas.

Finalmente, Ricœur assinala que, por mais difíceis que sejam as lembranças que trazemos conosco, com o trabalho de memória, qual seja, o dever de não esquecer, tem-se a possibilidade de narrar o passado, tornando-o menos doloroso e insuportável de viver.

Nesse sentido, *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française* exploram as dores de seus protagonistas, reportando-se ao sofrimento experimentado pelas comunidades *pied-noir* e árabe, ambas esquecidas no âmbito de seus direitos pelo Estado francês, assim como pela história da França ou, quem sabe, lembradas apenas sob a ótica da indiferença e do exotismo, que não permitem ver o outro como merecedor de respeito e dignidade.

Capítulo 3

ALBERT CAMUS E ASSIA DJEBAR: UM ENCONTRO POSSÍVEL

Albert Camus e Assia Djebbar: um encontro possível

Em fevereiro de 1995, Assia Djebbar apresentou na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, uma conferência a respeito do último livro de Albert Camus, intitulada “L’inachèvement de *Le Premier Homme*”. Ali ela ressaltava que, ao longo de seus anos de formação e, simultaneamente, durante o conflito que levou à independência da Argélia, jamais havia se aproximado do escritor franco-argelino. Entretanto, em 1994, o lançamento póstumo de *Le Premier Homme*, cuja escrita foi interrompida pela morte repentina de seu autor em um acidente de automóvel, levou a escritora não só a ler o romance, como também a estabelecer com a obra de Camus um contato tardio, que culminou com a publicação de *La disparition de la langue française de la Langue Française*. Ambos romances são constituídos por narrativas memorialísticas -no caso de Camus, de cunho autobiográfico-, que enfatizam as percepções de seus protagonistas, a partir de seu retorno à Argélia natal, após exilarem-se voluntariamente em Paris ao longo de vinte anos.

A trajetória desse encontro extemporâneo, inspiração para este estudo, é relatada no artigo “Camus, *Le Premier Homme*, le dernier livre”, publicado no livro de ensaios *Ces voix qui m’assiègent* (1999), no qual Assia Djebbar sublinha a estranheza de Jacques Cormery, alter ego de Camus, ao perceber que “ce qu’ils n’aimaient pas en lui, c’était l’Algérien”⁸⁶ (PH, p.318). Para Djebbar, é justamente esse o eixo que fundamenta sua identidade e seu trabalho como escritora argelina, de origem árabe: “ce qu’ils reconnaissent en moi c’est Algérienne [...] ce qu’ils espèrent de moi, c’est l’Algérie-femme.” (CV, p. 224).

Ao falar a respeito de Camus, Assia Djebbar ressalta a

⁸⁶ Menção isolada, localizada entre os anexos de *Le Premier Homme*, que incluem notas e planos que acabaram não sendo totalmente desenvolvidos por Camus.

[...] surprise donc de [ma] curiosité camusienne tard éveillée, élan soudain d'aller voir par derrière, là-bas, d'approcher par-derrière l'entité, ou l'identité Algérie, au terme d'un éloignement, au bout d'une ligne de fuite, comme si la possibilité de ma rencontre avec Camus ne pouvait se faire que le plus loin possible de l'Algérie, au-delà même de l'horizon. (CV, p. 225)

No ensaio em questão, a escritora constata que permaneceu mais de trinta anos fora do território camusiano, comparando essa distância a certa indiferença ou, mais especificamente, a uma neutralidade. “Moi, étrangère à ‘L’Étranger’” (CV, p.224), frase com que inicia sua conferência, indica o alheamento da autora face à obra de Camus, ao mesmo tempo em que aponta seu incômodo por considerar ter justificado excessivamente esse estranhamento, bem como sua escolha, junto à plateia norte-americana, quando tinha sido convidada a falar de “un texte de femme, [...] ou plutôt qu'en présentant un roman d'un Maghrébin ou d'un Africain francophone du Sud-Sahara” (CV, p. 225).

A leitura de *Le Premier Homme* permite à Djébar perceber uma identidade comum entre ela e Camus, uma identidade plena de afeição e apego à terra natal. Djébar observa neste último livro a tentativa de evitar o desaparecimento da experiência dos primeiros colonos franceses, aqueles a quem coube povoar a Argélia, enfrentando desde obstáculos naturais até os desafios decorrentes da reação dos argelinos face à opressão da França, com especial destaque para a desapropriação de terras, que levaria a população autóctone à fome e à miséria. Esses colonos e seus descendentes ali nascidos, assim como os árabes, experimentaram o peso do esquecimento. O passado constitui um desencontro, cujas vozes *pieds-noirs* *Le Premier Homme* permite fazer entender.

Dar continuidade à narrativa interrompida de Albert Camus é o desafio assumido por Assia Djébar em *La Disparition de la Langue Française*, desta vez, sob a ótica dos árabes. Em seu ensaio sobre *Le Premier Homme*, são analisadas as perspectivas do romance inacabado, seja por vontade do autor, seja por circunstâncias impostas a ele. Assinala também o quanto um livro inacabado pode permanecer vivo, independentemente da vontade de quem o escreve ou de que possa vir a ser concluído. Daí, o quanto da infância e princípio da adolescência de Camus pode ser visto em *Le Premier Homme*, um texto em que as reminiscências daqueles períodos, marcadamente pobres, mas não infelizes, da vida do autor, mesclam-se ao desejo de saber de Cormery, um desejo que permaneceu adormecido durante seus vinte anos de exílio na França. Para Djébar, trata-se de um texto que

[...] parle autant de Camus que de l'absence de celui-ci... Il porte en lui l'adieu irrémédiable autant que son propre éclat. Illuminé du tranchant de la rupture, il s'enveloppe, avec une secrète retenue, d'inconsolable et son infinie poussière. (CV, p. 228)

Partindo das observações de Assia Djebar a respeito de sua descoberta de Camus, ao ler *Le Premier Homme*, propõe-se uma análise da invenção da memória da colonização francesa da Argélia, sob óticas distintas, a saber: a da comunidade *pied-noir*, representada por Camus e seu Cormery, e a da população colonizada de origem árabe-berbere, na qual se insere Berkane. Dois personagens de origens e perspectivas de vida diferenciadas, em busca de uma memória pessoal, capaz de reconstituir a memória coletiva local, diante do esfacelamento político-cultural de seu país. É importante ressaltar que, entre outros aspectos, esse panorama de destruição é fortemente influenciado pelo uso compulsório da língua francesa e pelo sentimento de exílio a assolar a intelectualidade, bem como a população argelina.

Por que literatura e história, ficção e autobiografia?

Tendo em vista a relação tardia estabelecida por Assia Djebar em relação a Albert Camus, por meio da leitura de *Le Premier Homme*, somada à decisão da autora de dar continuidade ao texto inconcluso do escritor franco-argelino com *La disparition de la langue française*, consideramos relevante destacar as relações entre os conceitos de literatura e história, assim como de ficção e autobiografia, para a constituição de ambos os romances, tendo em vista a interpenetração entre eles nos textos em questão.

A literatura de Albert Camus e Assia Djebar é impregnada pela história da Argélia. Nos livros escolhidos para este estudo, embora o texto literário se constitua como a síntese final do trabalho dos escritores, a história não pode ser entendida como um item secundário, cuja importância é limitada a subsidiar a construção do texto ficcional. Ela está integrada a ele, sem que se estabeleça uma relação de hierarquia.

Ao mesmo tempo, o jogo entre ficção e autobiografia também está presente nos dois textos. Camus vale-se de sua memória pessoal para escrever um romance de formação, embasado em sua história de vida. Para isso cria uma personagem fictícia, que, ao retornar à terra natal, em busca de notícias sobre o pai morto, é tocada pelas lembranças de infância e adolescência. No entanto, a perspectiva de Jacques Cormery é a de um homem adulto,

decepcionado com a inexistência de uma memória com a qual ele possa estabelecer vínculos, obrigando-o, portanto, a lidar com a ausência e o vazio. O anseio súbito de saber do pai leva Cormery a uma busca intransferível em torno de si mesmo.

Em *La disparition de la langue française*, Berkane é uma personagem fictícia que deseja escrever uma autobiografia e, para isso, precisa lidar com o passado que o atormenta em silêncio. Suas lembranças, que mesclam em diferentes graus infância e adolescência, dando ênfase à segunda, compõem o âmago da narrativa que o protagonista enseja escrever, assim como a essência do texto de Djébar, pois, neste caso, a autobiografia está inserida na ficção, podendo-se afirmar que é a ficção em si mesma.

Literatura e História: limites e interpenetração

A história da colonização francesa na Argélia permeia *Le Premier Homme* e *La Disparition de la Langue Française*. Entretanto, longe de limitar-se a contextualizar historicamente as narrativas literárias, as referências à colonização permitem refletir sobre como foram construídas essas representações, a partir do olhar de cada autor e do impacto desse processo nos livros em questão.

As relações entre literatura e história são pautadas pelo imaginário, assim como pelo real. O imaginário, base de toda a representação, organiza o mundo, dando-lhe coerência e identidade, ao produzir ideias e imagens, estruturando-se a partir de duas formas de apreensão das coisas, assim como das situações: a racionalidade e a sensibilidade (PESAVENTO, 2006). O historiador romeno Lucien Boia admite

[...] a possibilidade de conjugar, estrategicamente, as duas posturas, que combinadas associariam os traços de permanência de estruturas mentais com as configurações específicas de cada temporalidade, desembocando na redescoberta da literatura pela história. (PESAVENTO, 2006)

No caso em questão, isto é, a análise comparativa de *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française*, trata-se da descoberta da história pela narrativa literária, prática bastante utilizada por Assia Djébar, mas menos comum nos textos de Albert Camus.

Le Premier Homme é uma ficção de cunho autobiográfico. Mesmo assim, o autor faz uso de textos historiográficos como *Histoire de la colonisation de l'Algérie*, de Bandicorn, de 1860, e *A l'aube de l'Algérie Française: le calvaire des colons de 1848*, de Maxime Rasteil, citados nos anexos do livro, para elaborar sua versão dos fatos, selecionando, avaliando e legitimando, por meio dessa escolha, aquilo que deseja ver associado à história da presença dos franceses pobres na Argélia. Ressalte-se, no entanto, que não se trata da presença militar, existente desde 1830, mas da vinda de representantes da sociedade civil a um território considerado departamento francês, a fim de implantar a política de povoamento adotada pelo governo.

Além disso, há que se notar que, em *Le Premier Homme*, Camus opta por não mencionar nenhum episódio capaz de associar a experiência dos *quarante-huitards* a algo positivo, enfatizando sobremaneira o sofrimento da comunidade francesa no momento de sua chegada à Argélia, desde o enfrentamento da viagem em si até a negligência do governo francês em garantir a infraestrutura necessária à instalação e ao trabalho dos recém-chegados.

Do ponto de vista histórico, se há registros de momentos em que os imigrantes franceses tenham sido estimulados ou ouvidos pelas estruturas da administração colonial, à exceção das manifestações organizadas para, ironicamente, festejá-los em sua partida da França e na chegada à África, Camus os ignora deliberadamente. Para ele, não havia exaltação possível na experiência dessa comunidade humilde e trabalhadora, abandonada à própria sorte pela França em um país, que não teria o direito de chamar de seu, apesar do vínculo profundo que uniria os *pieds-noirs* à Argélia, ao longo dos anos em que ali estiveram.

Essa precariedade de condições, materiais e, por conseguinte, emocionais, reflete-se diretamente no que Camus ambiciona realçar em sua narrativa, estabelecendo uma representação da comunidade francesa pobre na Argélia, a partir da experiência de sua família. A trajetória dos Cormery, rumo ao interior de um país desconhecido, em meio à chuva e ao frio, na noite do nascimento do pequeno Jacques, assim como a pobreza que ultrapassa as fronteiras urbanas, chegando a Belcourt, em Argel, onde mãe e filhos se instalam após a morte do pai, são exemplos disso.

Para Camus, os *pieds-noirs* são tão argelinos quanto os árabes e berberes, sendo, portanto, legítimo que eles pudessem requerer não só sua efetiva integração ao país, bem como a aceitação política, social e cultural de sua identidade mestiça como franceses da Argélia, ou, como diria a crítica literária Mary Louise Pratt, sua identidade como homens

hifenizados, isto é, franco-argelinos. (PRATT, 1999, p. 348). É nessa perspectiva que se colocam, a nosso ver, as relações entre literatura e história em *Le Premier Homme*.

Em *La disparition de la langue française*, a história tem papel fundamental para a constituição da narrativa literária, instituída a partir de múltiplas temporalidades e referências. Djébar permite ao protagonista estabelecer sua versão da história, que é comparada, ao mesmo tempo em que complementada, pelas visões de outras personagens, como Nadja, argelina expatriada que se torna amante de Berkane. Ele deseja escrever uma autobiografia, cujo enfoque principal é sua adolescência, um período que viu perder-se em meio à guerra pela independência, enfatizando de que forma viveu o engajamento político e a repressão francesa diante de si mesmo e de sua família.⁸⁷ Paralelamente, ao retornar ao país e enquanto se empenha em escrever *L'adolescent*, Berkane vê-se impelido a encarar a violenta realidade ali existente nos anos 1990.

Essas questões expõem, portanto, como já ressaltado, a perspectiva marcadamente histórica da literatura de Assia Djébar, na qual a história não se restringe a delimitar um contexto e, portanto, não se apresenta como um elemento acessório à narrativa literária. Entendemos que, para Djébar, a conjugação não hierárquica entre os textos literário e histórico permite entrever o diálogo entre a sensibilidade de uma época e a racionalidade - questionável ou não - que dela emana, tal qual pode ser observado em *La disparition de la langue française*.

Há um esforço, por parte de Berkane, em lidar com a memória do movimento anticolonialista a partir de sua própria experiência de luta, a qual foi inicialmente marcada pela inocência, ou como ele mesmo reconhece pela ignorância política, tendo, em pouco tempo, sucumbido à repressão francesa. Assim como Camus, Djébar parte da experiência da vida privada de Berkane, para torná-la representativa da aspiração à mudança de uma coletividade. O texto capta não só o imaginário, como os reais anseios de uma geração, que não deixou de enfrentar conflitos após a independência, quando a disputa interna pelo poder e o extremismo político-religioso passaram a colocar em xeque a vigência de valores democráticos.

Partindo-se do princípio de que o real é construído pelo significado que atribuímos a ele, um significado que se associa ao imaginário, podendo sofrer influência direta ou não da história ou da literatura, é preciso perguntar como estabelecer as fronteiras que delimitam esse

⁸⁷ Essa temática será desenvolvida no capítulo 5.

imaginário, bem como suas representações. Para isso, é preciso relativizar “a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real” (PESAVENTO, 2006).

Ao lado do imaginário, a literatura e a história encontram no real outra referência fundamental e, a partir dele, fincam as bases para estabelecer impressões, percepções e visões do mundo. Trata-se de narrativas que dizem respeito à vida. Mas, que real é esse? Ao falarmos em versões, falamos igualmente de perspectivas diferentes dos fatos, das distintas maneiras como eles são percebidos e de que forma impactam a vida de cada um.

A literatura vincula-se ao imaginário e ao que poderia ter sido, mas ela não carrega consigo o peso do fato. O escritor se alimenta da memória, da matéria de suas experiências para construí-la, mas não se exige dele a pesquisa documental nos moldes daquela realizada pelo historiador, que busca encontrar na singularidade do fato a base para a construção de um contexto, que se aproxime tanto quanto possível do real.

À história cabe narrar o acontecido, servindo-se de documentos “reais” que compõem um conjunto de fontes, as quais contribuirão para a elaboração do texto que se deseja criar. No entanto, ainda que real, o documento histórico também é construído, sendo, portanto e igualmente, uma versão do ocorrido. Para o historiador, o uso de documentos colabora para compor a verossimilhança entre a narrativa e os fatos em si, sem que se possa chegar ao verídico, mas a uma representação que se aproxima dele em maior ou menor medida.

A literatura, como documento, também é passível de ser utilizada pelo historiador, ainda que caiba perguntar onde se encontram os limites entre ambos os campos, enquanto discursos que captam versões, sem que se possa, de fato, fixá-las como exclusivas ou definitivas.

Ao tentar construir um conteúdo verossímil, que se aproxime o máximo possível da ideia de verdade, a história procura fixar o passado, criando significados para os acontecimentos e, portanto, interpretações da realidade. Na ficção, porém, não há necessidade de comprometimento com o que já aconteceu, pois o mundo é inventado de acordo com a vontade do escritor, não tendo obrigatoriamente nenhuma correspondência com a realidade. Apesar disso, cabe à ficção questioná-la e às suas formas de representação.

Em *Discurso Histórico e Narrativa Literária*, Jacques Leenhardt e Sandra Pesavento assinalam que:

Enquanto ficção, tanto a narrativa literária quanto a histórica pressupõem uma ordenação do real e a busca da coerência através de uma correlação de elementos e do estabelecimento de relações entre os dados. Esta coerência fictiva depende de uma possibilidade de construção de sentido articulada no

momento da escritura do texto, mas que também deverá ser reconstruída pelo leitor. (LEENHARDT e PESAVENTO, 1998, p. 12)

A história lida com temporalidades na tentativa de aproximar-se do vivido. É essa relação com a temporalidade, neste caso, advinda da ficção, a principal contribuição da literatura para o entendimento da história, uma vez que “o texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico por meio de fatos criados pela ficção” (PESAVENTO, 2006). Por isso, a literatura, independentemente de seu caráter ficcional e inverídico, permite construir um testemunho a respeito de uma época.

Em *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française*, ao contrário, é a história que oferece elementos para a construção literária, isto é, os escritores trabalham com informações históricas, verossímeis, para compor, por meio da narrativa, o imaginário de uma época.

Em um jogo de temporalidades, Camus inicia seu texto em 1913, antes da Primeira Guerra Mundial, narrando o que imagina ter sido seu próprio nascimento em uma noite chuvosa no interior da Argélia. A convivência entre árabes e franceses, que ele continuaria a retratar em outros textos, já se encontra nesta primeira cena. A década de 1920 e o início dos anos 1930 servem de panorama para a descrição da infância e juventude do autor, assim como de aspectos cotidianos da vida dos *pieds-noirs* na cidade de Argel. Jacques Cormery retorna à Argélia nos anos 1950, período em que o país já experimentava o peso dos conflitos pró-independência, representados, em particular, pela descrição de um atentado à bomba, ocorrido na rua, próximo à casa da mãe do protagonista. Finalmente, Camus reconstitui a memória ficcionalizada dos primeiros imigrantes franceses na Argélia, cuja chegada ocorreu em 1848.

Ao expor a ótica dos árabes, *La disparition de la langue française* insere-se em dois contextos distintos. O primeiro envolve a população autóctone, sobretudo, os moradores da Casbah, e se refere a acontecimentos, manifestações e confrontos, ocorridos no final dos anos 1950 e início da década de 1960, no período anterior à independência, durante a Guerra da Argélia. O segundo descreve a tensão existente no país ao longo dos anos 1990, momento do retorno de Berkane. Trata-se da época conhecida como Guerra Civil, conflito decorrente de violentas lutas em prol da arabização e islamização da Argélia.

Le Premier Homme e *La disparition de la langue française* constituem-se como testemunhos de suas épocas e, como tal, são narrativas capazes de aproximar-se do imaginário de dois períodos históricos extremamente difíceis, tanto para os argelinos, quantos para os franceses pobres instalados na Argélia: a consolidação da presença francesa no país por meio

da política de povoamento e os combates em torno da guerra pela independência. Soma-se a isso, a guerra civil, ao longo dos anos 1990, quando Berkane volta ao país.

Para a história, o testemunho também é uma construção que conta fortemente com a experiência vivida pelo narrador em relação a um fato. Entretanto, a presença de um indivíduo em determinado lugar, permitindo sua efetiva participação em um evento não significa, por si só, que se está a construir a verdade, mas, sim, uma versão muito próxima do acontecido, a partir da perspectiva de quem o viveu.

A literatura, por sua vez, não pode “revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas [possibilita] a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada” (PESAVENTO, 2006). Daí, o papel de *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française* ao possibilitarem o acesso do leitor às sensibilidades de indivíduos, cujas personalidades são erigidas no campo da ficção, tendo diferentes origens e expectativas, mas sendo forçados a uma convivência marcada pela opressão colonial, capaz de desestruturar quaisquer tentativas de formação de vínculo ou confiança entre as diferentes comunidades.

Apesar disso, é esta a aposta feita por Albert Camus, isto é, o empenho na construção de uma convivência digna entre árabes e franceses, uma convivência livre de racismo e preconceitos que privilegiasse a natureza e o usufruto da vida na Argélia. Já Assia Djebar, por meio de seu Berkane, reconhece a importância do escritor *pied-noir* na constituição de uma representação amorosa da terra argelina, redimindo-o do julgamento político-intelectual que o condenou nos anos 1950, mantendo-o banido nas décadas seguintes.

Ficção e autobiografia: limites e interpenetração

Mesmo que não pretenda fazer de sua vida o mote de seus textos, o escritor reelabora suas vivências e as experiências que acumulou, a fim de escrever sobre aquilo que o toca. Se existem temáticas recorrentes na obra de um escritor, elas se devem àquilo que o encanta ou, mais frequentemente, ao que o incomoda; àquilo que o surpreende ou choca. Sob a perspectiva do intelectual público, todo texto deveria estar comprometido com os valores que ele deseja ver debatidos e defendidos, utilizando para isso sua capacidade de análise e

reflexão, ressaltando seu apego à liberdade, à ética e à justiça. Para E. W. Said, “o que o intelectual menos deveria fazer é atuar para que seu público se sinta bem: o importante é causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável.” (SAID, 2005, p. 26-27).

Albert Camus e Assia Djebar podem ser assim considerados: intelectuais públicos, extremamente vinculados aos impasses de suas épocas e, por isso, nem sempre apoiados por seus pares e/ou pela sociedade. Além das questões associadas à identidade e à integração dos *pieds-noirs* na Argélia, Camus lutou contra os totalitarismos, o terrorismo, a pena de morte, configurando os conceitos de absurdo e revolta, como se pode ver no conjunto de sua obra. Para Assia Djebar, a questão da escrita em si mesma, realizada por uma mulher árabe-muçulmana, é uma bandeira por si só. Bandeira esta defendida incondicionalmente pela escritora, dentro e fora de seu país, especialmente ao expor a condição sócio-política e cultural das mulheres no mundo islâmico. Além disso, nos textos de Djebar, a reflexão crítica sobre a história da Argélia sob o colonialismo e após a independência é uma constante.

O engajamento pessoal de Camus e Djebar nas questões que lhes são caras repercute diretamente em sua produção literária, podendo, algumas vezes, alterar as fronteiras que separam a ficção de abordagens autobiográficas nos textos escritos por ambos.

Ao iniciar-se como escritor e tendo como universo referencial a pobreza existente em Belcourt, a vida estrita e privada de excessos, o rigor e a objetividade amargos de sua avó, a incomunicabilidade pungente de sua mãe, é bastante comum encontrar nos textos de Camus cenas, reflexos, impressões e, sobretudo, personagens inspirados em sua vida real. Exemplo disso é *L'envers et l'endroit* (1937), primeiro livro publicado por ele.⁸⁸ Entretanto, não se pode dizer que se trata de textos autobiográficos, embora a intimidade do autor possa, não raro, ser desvelada por meio da narrativa.

No caso de *Le Premier Homme*, não só a intimidade como a identidade de Camus como franco-argelino e a profunda ligação com seu país estão no cerne do texto. Entretanto, não podemos dizer que se trata de uma autobiografia em sentido literal. Para Philippe Lejeune, a autobiografia pressupõe a identificação nominal entre autor, narrador e personagem, sendo a existência do autor definida de maneira simples e objetiva pela impressão de seu nome na capa do livro. No entanto, é possível compreender o último livro de Camus dentro do espectro que Lejeune classificaria como um romance autobiográfico, como se pode ver a seguir:

⁸⁸ V. cap. 4.

No caso do nome fictício (isto é, diferente daquele do autor) dado a um personagem que narra sua vida, às vezes o leitor pode ter motivos para achar que a história vivida pelo personagem é exatamente aquela do autor: seja pela confrontação com outros textos, seja baseando-se em informações externas [...]. Teríamos todas as razões do mundo para acreditar que a história seja exatamente a mesma, mas o texto assim produzido não é uma autobiografia: esta exige inicialmente uma *identidade assumida* no nível da enunciação e, secundariamente, uma *semelhança* produzida no nível do enunciado.

Esses textos entrariam, portanto, na categoria do “romance autobiográfico”: [...] todos os textos de ficção nos quais o leitor pode ter razões para suspeitar, a partir de semelhanças que ele acredita intuir, que existe identidade entre autor e *personagem*, que o autor optou por negar ou, ao menos, não afirmar.⁸⁹ (LEJEUNE, 1975, p. 24-25)

Nessa perspectiva, Camus nos apresenta Jacques Cormery, que daria vida às dúvidas, desejos, anseios e frustrações do autor.

Por outro lado, a autoficção, termo cunhado por Serge Doubrovsky (DOUBROVSKY, 1977), permite entrever a existência de narrativas fronteiriças, nas quais memória e fantasia, lembranças verdadeiras são inseridas em um cenário de invenção, dificultando a distinção entre o real e o fictício. Talvez fosse possível incluir *Le Premier Homme* nessa categoria. Entretanto, nosso entendimento conduz à leitura de uma ficção de cunho autobiográfico, de um romance de formação escrito por um Camus em busca de suas origens, um escritor que desejava afirmar sua identidade como francês da Argélia, registrando, para isso, a narrativa de suas memórias escassas ao lado da memória fragmentada, quase inexistente, de seus antepassados. Quais seriam, então, os limites entre a vida e a representação que o autor fez de si mesmo e dos seus? Como exemplo disso, é possível perguntar: se a mãe de Camus pouco falava de si, do pai do escritor e de seu passado, como poderia ele ter escrito sobre a noite de seu nascimento? Em que canto escuro, porém marcante, da memória se encontrava a lembrança daquela noite fria e chuvosa, que jamais poderemos saber se correspondeu ou não à realidade?

Longe do intuito de estabelecer uma verdade, o romance autobiográfico de Camus é edificado pela memória e pelo esquecimento, pela literatura e pela história, mantendo-se, até mesmo por não ter sido concluído, como uma obra aberta à interpretação do leitor.

⁸⁹ “Dans le cas du nom fictif (c’est-à-dire différent de celui de l’auteur) donné à un personnage qui raconte sa vie, il arrive que le lecteur ait des raisons de penser que l’histoire vécue par le personnage est exactement celle de l’auteur : soit par recoupement avec d’autres textes, soit en se fondant sur des informations extérieures [...]. Aurait-on toutes les raisons du monde de penser que l’histoire est exactement la même, il n’en reste pas moins que le texte ainsi produit n’est pas une autobiographie : celle-ci suppose d’abord une *identité assumée* au niveau de l’énonciation, et tout à fait secondairement, une *ressemblance* produite au niveau de l’énoncé.

Ces textes entreraient donc dans la catégorie du ‘roman autobiographique’: [...] tous les textes de fiction dans lesquels le lecteur peut avoir des raisons de soupçonner, à partir des ressemblances qu’il croit deviner, qu’il y a identité de l’auteur et du *personnage*, alors que l’auteur, lui, a choisi de nier cette identité, ou du moins de ne pas l’affirmer.”

Face à sua condição como mulher árabe-muçulmana, Assia Djébar afirma que “[...] j’écrivais tout en restant voilée. Je dirais même que j’y tenais: de l’écriture comme voile!” (CV, p. 97). Ela destaca que, no mundo islâmico, escrever é uma forma de desnudamento que não cabe à mulher. A escrita faz com que a mulher se expresse, exponha seu pensamento e demonstre uma independência que é não só inapropriada, como absolutamente inaceitável naquela cultura. Djébar, entretanto, foi conduzida à escola por seu pai e, mesmo tendo tido uma formação francesa, manteve a cultura muçulmana arraigada dentro de si. O reconhecimento desse fato levou a escritora a manter-se afastada da literatura por dez anos, período em que realizou seu primeiro filme *La nouba des femmes du Mont Chenoua*.

Mais tarde, ao falar de sua relação com a língua francesa, sua língua de escrita, Djébar assinala:

Ainsi, au début de ma pratique d’écrivain, mon rapport à la langue française déployée en narration s’approchait assez justement de cette image de la Mauresque s’avançant voilée en pleine rue. Car si écrire c’est s’exposer, s’afficher à la vue des autres, se voiler même écrivant a été, pour moi, un mode naturel. (CV, p. 98)

Para Djébar, a escrita de ficção é muito próxima da escrita autobiográfica, a qual contém uma violência implícita, que se refere à ousadia de se expor diante do desconhecido e, sobretudo, à busca de si mesma, empreendida pela autora, ao escrever. Essa perspectiva é ressaltada na forma como Djébar define a escrita autobiográfica: “[...] l’écriture à vif” (CV, p. 105), um texto “de vous et sur vous” (CV, p. 106).

Para Assia, a violência da autobiografia se estabelece a partir da recepção e da repercussão do texto publicado, especialmente porque é preciso suplantar

[...] de la *hochma*, c’est-à-dire, en arabe, de la ‘honte’, en fait de la pudeur, seule spécificité féminine, pourrait-on dire, de la littérature autobiographique, ce voile qui vous engoncerais, qui, dans les temps anciens, vous aurait fait désigner comme sorcière, comme impure, et impudique, et obscène, et publique... (CV, p. 106)

L’amour, la fantasia (1985) é o primeiro livro de teor autobiográfico escrito por Assia Djébar. Ali, ela mescla cenas de sua vida, assim como da vida de sua família, em contraposição à narrativa histórica da conquista da Argélia pelos franceses. O impasse provocado pela língua francesa como língua de escrita torna-se ainda mais aguçado, por se tratar de uma autobiografia. Isso ocorre pois, ao revelar detalhes de sua história privada, Djébar está desvendando ao leitor a intimidade feminina, esfera da vida da mulher

muçulmana comumente escondida e raras vezes compartilhada socialmente, fora do âmbito familiar.

Ao mesmo tempo, é em francês que a escritora registra e descreve seu universo particular, escolha que pesa negativamente, tendo em vista que o romance discorre sobre o avanço da conquista da Argélia e das atrocidades executadas em nome dela pela França:

Peu à peu, la ‘langue française’, pénétrant sur la terre de mes ancêtres en même temps que les soldats français, cent dix ans après devenait le lien entre une fillette de cinq ans et son père “le fez sur la tête, s’avançant bien droit au centre de petit village colonial, lui, instituteur indigène pour garçonnets indigènes, comme on disait” - c’était elle, la “langue”, des autres, de mon père, puis enfin de moi, elle, le vrai personnage! (CV, p. 109)

La disparition de la langue française coloca em suspenso a manutenção da presença da língua francesa na Argélia, no período da descolonização. Entretanto, é em francês que o protagonista, Berkane, escreve cartas, um diário íntimo e ensaia redigir um livro autobiográfico, com enfoque em sua adolescência. O encontro entre a ficção e uma autobiografia fictícia, tal qual nos coloca o romance, capta a importância desse gênero para Djébar.

Lejeune define autobiografia como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando ela dá ênfase sobre sua vida individual, em particular sobre a história de sua personalidade”⁹⁰ (LEJEUNE, 1975, p. 14). Paralelamente, o autor destaca gêneros correlatos à autobiografia, sem, entretanto, se caracterizarem enquanto tal, a saber: memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário íntimo, autorretrato ou ensaio (IBIDEM, p. 14).

Enquanto a história tem presença determinante na narrativa de *La disparition de la langue française*, a autobiografia⁹¹ não se refere à Djébar, mas à retrospectiva a ser elaborada pelo protagonista, que ambiciona escrever sobre si mesmo. Configura-se, portanto, como o projeto de um texto autobiográfico inserido na narrativa ficcional, ao qual o leitor não tem acesso efetivo, mas a possibilidade de intuir o que ali será registrado, visto que Berkane,

⁹⁰ “récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité.”

⁹¹ Sobre autobiografia magrebina ver: VARGA, Robert. *En(je)(u)x : effets de métissage et voies de déconstruction dans l’autobiographie maghrébine d’expression française*. Tese de doutorado, Université Marc Bloch Strasbourg 2, 2007. Disponível em: <<http://scd-theses.u-strasbg.fr/563/>>. Acesso em: 23 NOV 2011, 22h10.

como Camus, elenca o conteúdo a ser reunido em *L'adolescent*, dando especial destaque para a dolorosa passagem de sua juventude.

Porém, para escrever, é imprescindível que Berkane se reaproxime desse tema, purgando as dores a ele associadas. Essa aproximação longe de ser simples, obriga-o a refletir sobre os fatos que antecederam a independência, dentre eles e, com especial ressalva, o contexto ultrajante que levou à tortura, prisão e morte de milhares de pessoas durante a Guerra da Argélia. Ao escrever, o protagonista precisa lidar com seus fantasmas, estejam eles no passado ou no presente, assim como com aquilo que deixou aparentemente esquecido em sua terra, mantendo silenciado nos anos de exílio na França.

Pode-se, por exemplo, perguntar por que ele abdicou da vida em seu país natal, no instante em que este se libertara do jugo colonial, conformando-se com um cotidiano sem viço, no território do opressor? Ao leitor, resta a impressão de que o único vínculo a manter Berkane na França era sua companheira Marise e, ao ser deixado por ela, não haveria mais sentido em ignorar-se a si mesmo em uma terra estrangeira.

Assim como Berkane, Djebbar relata o episódio de um de seus retornos à Argélia, após uma temporada na França, e de que maneira a ausência da terra natal e da língua materna se concretizam como uma necessidade física, cuja possibilidade de satisfação propicia a ela uma sensação de verdadeiro acolhimento:

Je vivais à Paris, fin des années soixante et premières années soixante-dix. Par réaction, en retournant dans mon pays en 1974, il me semble qu'au contraire une nécessité physique m'avait saisie: oublier cet espace nocturne [le théâtre à Paris], rester dehors au soleil et écouter parler les femmes!

Cette écoute, dans la langue dialectale, ou plus exactement, avec l'accent régional qui me redonnait la chaleur maternelle, ce parler des femmes souvent les plus humbles, au milieu des pleurs et des rires d'enfants, des appels de bergers, des bruits ordinaires de la campagne, toute cette épaisseur sonore marqua vraiment mon retour: d'émigrée, d'exilée d'hier. Et je me sentais pas encore une passagère; non. (CV, p. 102).

O acolhimento conhecido por Djebbar, no entanto, não reverbera na experiência de Berkane em sua volta ao país, tornando urgente o projeto de escrita autobiográfica que ele se propõe a realizar.

Para Djebbar, em meio às muitas questões que tangenciam o debate sobre a relação entre ficção e autobiografia, uma se sobressai:

[...] comment en sortir? Comment retourner à la fiction qui masque l'autobiographie? Comment me remettre dans des personnages imaginaires, flottants et légers, en somme comment retrouver les masques? [...] Texte de fiction ou texte autobiographique, pour moi, quand j'écris, l'essentiel au départ est la première phrase. Celle-ci se dresse soudain, suspendue, presque visible dans l'azur, mais c'est le rythme

qu'elle dessine, qu'elle saisit, qui devient premier flux [...] Mais c'est le départ, survient l'envol, la toute première respiration...
Sur quoi, ma voix se terre, s'infilte en moi; ainsi, j'écris. Dans ce vide où je me retrouve, d'autres voix, familières ou inconnues, peuvent approcher. (CV, p. 115).

Ao refletir sobre ficção e autobiografia, assim como entre literatura e história, percebe-se que a inter-relação entre esses conceitos é uma das principais características de *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française*. No entanto, mais uma vez, é preciso assinalar que as narrativas são construídas a partir de referências pessoais e coletivas, concernentes à vida em sociedade, assim como à política e à cultura a envolver cada escritor. E, embora Albert Camus e Assia Djebar tenham em comum o mesmo país de origem, cada um possui um universo referencial distinto, aludindo aos seus antepassados *pied-noir* e árabe, respectivamente.

A fim de compreender essas relações – literatura e história, ficção e autobiografia -, e tendo como eixos comparativos os conceitos de língua, exílio e memória, apresentamos nos capítulos subsequentes nossa apreciação de *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française*.

Capítulo 4

ALBERT CAMUS E *LE PREMIER HOMME*

A educação sentimental de um homem exilado

Filho de família *pied-noir*, Albert Camus nasceu em Mondovi, atual Dréan, na Argélia, em 1913. Embora ele jamais tenha sido forçado a deixar seu país, o sentimento de estar fora de lugar, experiência constante em sua vida, estendeu-se da esfera privada à pública, contrapondo sua origem humilde em meio a uma família iletrada ao meio intelectual, especialmente literário, em que viveria o escritor tanto na Argélia quanto na França.

O tema do exílio, no entanto, é uma constante nos textos de Albert Camus, assim como na literatura magrebina de língua francesa. Em Camus, o exílio se manifesta sob diferentes formas e em textos distintos, referindo-se, sobretudo, como vimos, a três dimensões, a saber: psicológica; geográfica ou social, na qual o homem se sente alheio à natureza e/ou distante de sua terra natal, e metafísica, relacionada ao exílio da condição humana, diante do caráter inevitável da morte.

Em *Le Premier Homme*, Jacques Cormery retorna à Argélia, após viver duas décadas em Paris. Tal qual sua personagem, Camus vivia um exílio voluntário na França, ressentindo-se profundamente da ausência do sol e do calor típicos de seu país. Esse sentimento é descrito no prefácio da reedição francesa de *L'Envers et L'Endroit*, quando o autor expressa sua percepção em relação aos bairros operários da Europa:

[...] Lorsque la pauvreté se conjugue avec cette vie sans ciel ni espoir qu'en arrivant à l'âge d'homme j'ai découverte dans les horribles faubourgs de nos villes, alors l'injustice dernière, et la plus révoltante, est consommée: il faut tout faire, en effet, pour qui ces hommes échappent à la double humiliation de la misère et de la laideur. Né pauvre, dans un quartier ouvrier, je ne savais pourtant pas ce qu'était le vrai malheur avant de connaître nos banlieues froides. (ES, p.7)

O sentimento surge também nas observações que precedem a redação de *La Peste*, quando, na correspondência trocada com Francis Ponge, em 11 de março e 28 de abril de 1943, ele afirma: “l'exil me pèse”, assim como “Tout irait mieux si je ne me reprochais pas de

ne pas pouvoir retourner chez moi” (ES, p. 1460). O peso de sentir-se exilado é igualmente mencionado na correspondência de Camus entre Jean Grenier, de 17 de fevereiro e 9 de março do mesmo ano: “Je commence à avoir assez de ciels couverts et des chemins pleins de neige. Je n’ai jamais autant pensé à la lumière et à la chaleur. C’est vraiment de l’exil” (COR, p. 86-87) e “Simplement je ne suis pas chez moi dans ce pays et j’ai des souvenirs de lumière et de liberté” (IBIDEM, p. 88).

A sensação de estar fora do lugar foi uma constante na vida de Albert Camus, atingindo-o nas esferas pública e privada. Capital do país, Argel situava-se a 420 quilômetros a leste de Mondovi. Foi para lá que a família Camus se dirigiu após a morte do pai, na Primeira Guerra Mundial. Integrante do exército argelino a serviço da França, Lucien Camus era um *zouave*. Como tal foi enviado ao Marrocos e também à metrópole, onde foi gravemente ferido, tendo morrido em Solferino e enterrado em Saint-Brieuc. Era 1914 e Albert ainda não completara um ano de idade. Com a morte do marido, Hélène Sintès Camus e seus dois filhos passariam a dividir a residência de três cômodos da avó materna do futuro escritor, no bairro popular de Belcourt, onde também vivia um dos irmãos de sua mãe. Ali, ao longo da infância e juventude, em meio à pobreza na periferia de Argel, o estranhamento sentido por Camus se justificaria frente à incomunicabilidade e ao silêncio que marcariam a convivência do menino com sua mãe, mulher de origem espanhola, analfabeta, surda e quase muda, face às potenciais indagações do filho. Essa distância custaria a Camus a busca contínua por afeto e a manifestação explícita de que era preciso aprender a amar: “[...] ce qu’il y a de plus long au monde c’est d’apprendre à aimer” (C3, p. 98).

Sob a autoridade inquestionável da avó, o estudo não constituía um valor, mas um luxo, totalmente distanciado das necessidades objetivas de garantia de sobrevivência da família. A obrigação do trabalho cabia a todos que, sem poder lançar mão da educação formal como moeda de troca, valiam-se de sua força física para o trabalho braçal, fosse na tonelaria ou na estrada de ferro, como faziam os tios de Camus, ou revezando-se na limpeza de residências e pequenos estabelecimentos comerciais, como era o caso de sua mãe. “Tous les trois avaient des salaires de misère qui, réunis, devaient faire vivre une famille de cinq personnes.” (PH, p.83). Daí a proximidade do menino do universo operário a cercar sua família, exceção feita a outro tio, estabelecido como comerciante, assim como ao irmão Lucien, empregado em um escritório. Como o restante da família, Camus teria de ganhar seu salário semanal, colaborando para as despesas da casa, cuja simplicidade poderia exemplificar suas condições de vida:

L'enfant se retournait alors vers la pièce quasi nue, peinte à la chaux, meublée au centre d'une table carrée, avec le long des murs un buffet, un petit bureau couvert de cicatrices et des d'une couverture où, le soir venu, couchait l'oncle à demi muet, et cinq chaises. (PH, p.42)

Dentre as estratégias encampadas pela família de Camus face à pobreza de meios e bens materiais, estava a aquisição de roupas para os meninos e a forma como a avó exigia que eles mantivessem seus calçados:

C'est était ainsi que Jacques, pendant toute sa vie d'enfant, devait porter des imperméables trop longs car la grand-mère les achetait pour qu'ils durent et comptait sur la nature pour que la taille de l'enfant rattrape celle du vêtement. (PH, p.83)

Elle [la grand-mère] achetait elle-même pour ses petits-fils de solides et épais souliers montants qu'elle espérait immortels. Pour accroître en tout cas leur longévité, elle faisait clouter leurs semelles d'énormes clous coniques qui présentaient un double avantage : il fallait les user avant d'user la semelle et ils permettaient de vérifier les infractions à l'interdiction de jouer au football. (PH, p.48)

A intervenção de Monsieur Germain, o professor de Camus, seria essencial para interromper o destino potencialmente operário do jovem e direcioná-lo a um universo que lhe permitiria não só atravessar a fronteira social, propriamente dita, aberta por sua entrada no Liceu, como também, em consequência, introduzi-lo no mundo das letras, que marcaria toda a sua vida. Descrita pelo autor em *Le Premier Homme*, a visita do professor, representado por Monsieur Bernard, à residência de Cormery ressalta o trabalho do mestre no exercício de argumentação junto à família pobre em prol de oportunidades melhores, ainda que aparentemente distantes, para o menino. Registra-se também a emoção discreta de sua mãe e de sua avó ao reconhecerem no professor a atenção e a seriedade de uma aposta bem feita em um futuro de maiores esperanças.

A possibilidade de prosseguir os estudos teve impacto profundo na vida de Camus, representado não só pela abertura de novos horizontes, como também pela exposição a pessoas, perspectivas e circunstâncias que se distinguiam frontalmente de seu universo familiar. Camus era filho de família proletária, para a qual importava a vitalidade de um homem para o trabalho. O estudo, longe de ser essencial, era considerado um capricho que não poderia se sobrepor à sobrevivência, mas a escola interrompeu o destino que se anunciava ao jovem.

[...] sua avó não quer bolsa. Albert trabalhará e ganhará seu salário semanal, como Lucien. Apoiado por Hélène Camus [a mãe], Germain expôs [à matriarca da família, a avó de Camus] os méritos do menino, que lê, escreve, fala e recita bem. A bolsa cobriria os custos do ensino. Mais tarde, com a bagagem dos

estudos secundários, Albert conquistará um bom emprego. Nos meios populares, o professor primário é o bom samaritano da educação.⁹² (TODD, 1996, p. 43)

Com papel preponderante entre as instituições coloniais, a escola transportava Camus a um mundo onde os valores se constituíam por meio da cultura e da educação formal. Como candidato à bolsa de estudos no Liceu, ele encontra em seu professor, Louis Germain, o aporte necessário para romper as expectativas, pouco promissoras, que lhe eram apresentadas. Germain fazia parte de uma elite de professores, comprometidos com a formação intelectual e o espírito aberto de seus alunos, franceses da Argélia em sua maioria. Ele lhes ensinava o domínio da língua e da gramática, além de matemática, geografia e história da metrópole. Deve-se ressaltar que a história da Argélia passava ao largo das salas de aula. Camus vai se apropriando do conhecimento que a escola lhe oferece, em especial no que tange o conhecimento da língua. Ele passa a dominar o francês *cultivé*, que se diferencia do francês falado nas ruas de Argel, onde se misturam idiomas variados que extrapolam a presença de árabes e berberes, alcançando o francês falado por europeus de outras nacionalidades ali residentes.

Na Rue Aumerat [onde se situava a escola], Albert adquire a deferência por uma língua refinada e aprende o significado das nuances do imperfeito e do mais-que-perfeito, do futuro anterior e dos subjuntivos. [...] Em sua casa, fala-se outra língua, que não é aquela dos livros, da qual ele também gosta. Sua mãe fala mal, dando uma impressão de indiferença insensível, de estranhamento monótono.⁹³ (TODD, 1996, p. 44-45)

Tal seria a relevância de Louis Germain, mestre atento e exigente, assim como sua intervenção junto à família de Camus, que, ao ser contemplado com o Nobel de Literatura, o autor escreveria:

19 novembre 1957

Cher Monsieur Germain,

J'ai laissé s'éteindre un peu le bruit qui m'a entouré tous ces jours-ci avant de venir vous parler de tout mon cœur. On vient de me faire un bien trop grand honneur, que je n'ai ni recherché ni sollicité. Mais quand j'en ai appris la nouvelle, ma première pensée, après ma mère, a été pour vous. Sans vous, sans

⁹² “[...] sa grand-mère ne veut pas de bourse. Albert travaillera et rapportera sa semaine, comme Lucien. Soutenu par Hélène Camus [a mãe], Germain expose [à matriarca da família, a avó de Camus] les mérites de l'enfant, qui lit, écrit, parle, récite bien. La bourse couvrirait les frais de scolarité. Plus tard, avec des études secondaires dans ses bagages, Albert décrocherait une belle situation. Dans les milieux populaires, l'instituteur est le Samaritain de l'Éducation nationale.”

⁹³ “Rue Aumerat [onde se situava a escola], Albert acquiert de la déférence pour une langue châtiée, le sens des nuances de l'imparfait et du plus-que-parfait, du futur antérieur et des subjonctifs. [...] Chez lui on parle une autre langue, pas celle des livres. Il l'aime aussi. Sa mère s'exprime mal, donnant une impression d'indifférence détachée, d'étrangeté monocorde.”

cette main affectueuse que vous avez tendue au petit enfant pauvre que j'étais, sans votre enseignement, et votre exemple, rien de tout cela ne serait arrivé. Je ne me fais pas un monde de cette sorte d'honneur. Mais celui-là est du moins une occasion pour vous dire ce que vous avez été, et êtes toujours pour moi, et pour vous assurer que vos efforts, votre travail et le cœur généreux que vous y mettiez sont toujours vivants chez un de vos petits écoliers qui, malgré l'âge, n'a pas cessé d'être votre reconnaissant élève. Je vous embrasse de toutes mes forces. (PH, p. 327)

Si c'était possible je serrerais bien fort le grand garçon que tu es devenu et qui resteras toujours pour moi "mon petit Camus". [...] Je crois donc bien connaître le gentil petit bonhomme que tu étais, et l'enfant, bien souvent, contient en germe l'homme qu'il deviendra. Ton plaisir d'être en classe éclatait de toutes parts. Ton visage manifestait l'optimisme. Et à t'étudier, je n'ai jamais soupçonné la vraie situation de ta famille. Je n'en ai eu qu'un aperçu au moment où ta maman est venue me voir au sujet de ton inscription sur la liste de candidats aux Bourses. D'ailleurs, cela se passait au moment où tu allais me quitter. Mais jusque-là tu me paraissais dans la même situation que tes camarades. Tu avais toujours ce qu'il te fallait. Comme ton frère, tu étais gentiment habillé. Je crois que je ne puis faire un plus bel éloge de ta maman. (PH, p. 329)

As palavras dirigidas reciprocamente dão a dimensão do valor de cada um na vida do outro, uma relação que ultrapassaria os muros da escola primária, permanecendo viva, independente da proximidade física entre ambos. Camus tinha consciência do impacto da intercessão do mestre para a mudança dos rumos de sua vida, enquanto Germain, da Argélia, mantinha-se a par do desempenho e do reconhecimento conquistado pelo menino pobre no meio literário.

A sensibilidade e a dedicação de Germain aos estudantes, incentivando-os e preparando-os para os exames de seleção, permitiu a Camus não só a aprovação no Liceu, como, a partir dali, o conhecimento de Jean Grenier, cuja influência como professor de filosofia e intelectual seria igualmente fundamental à formação do jovem. Em seu *Albert Camus. Souvenirs*, Grenier recorda as primeiras impressões que teve de Camus:

Sempre me lembrarei desse encontro que tive com Albert Camus quando ele tinha somente dezessete anos. Aluno do curso de filosofia em 1930, data em que eu havia sido nomeado professor no Liceu de Argel, ele se encontrava entre os numerosos alunos que se aglomeravam na volta as aulas. [...] é preciso levar em consideração a confiança do adolescente, doente e pobre, órfão de pai, vivendo em um meio em que suas aspirações não podiam ser compreendidas nem encorajadas e essa confiança podendo torná-lo suscetível.⁹⁴ (GRENIER, 1968, p. 9-11)

⁹⁴ "Je me rappellerais toujours cette entrevue que j'eus avec Albert Camus alors qu'il n'avait encore que dix-sept ans. Élève de la classe de philosophie en 1930, date où j'avais été nommé professeur au lycée d'Alger, il faisait partie des nombreux élèves qui se pressaient à la rentrée. [...] il faut tenir compte de la fierté de l'adolescent, malade et pauvre, orphelin de père, vivant dans un milieu où ses aspirations ne pouvaient être comprises ni encouragées et cette fierté peut rendre ombrageux."

Albert Camus, africano e anticolonialista

Em “Albert Camus e a experiência colonial francesa”, E. W. Said ressalta a percepção que se tem de Camus como autor francês, dotado de uma visão eurocêntrica sobre a Argélia colonial, caracterizando-o como “um homem moral numa situação imoral” (SAID, 1995, p. 226). Entretanto, é como anticolonialista, atento não só às amarras, mas, sobretudo, às injustiças do sistema colonial que Camus se mostraria desde o princípio de sua carreira.

Essa opção se reflete na tomada de posição do autor em textos que se tornariam clássicos, como a série de reportagens “Misère de la Kabylie”, publicada pelo *Alger Républicain*, em 1939. Anos mais tarde, esse texto viria a compor, ao lado de outras reflexões do autor, especificamente sobre as relações entre a França e a Argélia, o volume publicado em 1958 e conhecido como *Actuelles III – Chroniques Algériennes 1939-1958*⁹⁵. Esse livro foi praticamente ignorado pela crítica metropolitana, assim como pela argelina, dado o isolamento de Camus em ambos os lados devido ao seu posicionamento antibelicista em relação à Guerra da Argélia, ressaltado e ainda mais mal compreendido após sua premiação com o Nobel de Literatura.

Durante um evento paralelo à entrega do Prêmio Nobel, em Estocolmo, no ano de 1957, Camus é interpelado por um jovem argelino a propósito de seu posicionamento quanto aos conflitos na Argélia, muito embora o escritor tenha publicado vários textos a esse respeito nos anos anteriores.⁹⁶ A resposta, mal interpretada e transformada em um clichê, alijado de seu contexto original, pelos críticos de Camus, tornou-se uma espécie de sentença condenatória para o escritor: “Creio na justiça, mas defenderei minha mãe antes da justiça.”⁹⁷ (TODD, 1996, p. 965).

⁹⁵ Camus, Albert. *Essais*. Paris: Gallimard, 2000. p. 887.

⁹⁶ Desde 1954, Camus “publica catorze crônicas consagradas à Argélia em *L'Express*, seu ‘Apelo para a trégua civil’ e um outro texto defendendo a mesma tese aparece em *Demain*, depois dois artigos publicados por *Le Monde* em 30 de maio de 1956 e em 4 e 5 de junho de 1956. Trata-se de um total de dezoito artigos sobre esse assunto. Sem falar de intervenções discretas ou encontros privados – Camus encontra por exemplo Mohamed Lebjaoui, o chefe clandestino do F.L.N. na metrópole [...]” (ONFRAY, 2012, p. 459). [*publie quatorze chroniques consacrées à l'Algérie dans L'Express, son ‘Appel pour la trêve civile’ et un autre texte défendant la même thèse parus dans Demain, puis deux articles publiés par Le Monde le 30 mai 1956 et les 4-5 juin 1956. Soit un total de dix-huit papiers sur ce sujet. Sans parler des interventions discrètes ou des rendez-vous privés – Camus rencontre par exemple Mohamed Lebjaoui, le chef clandestin de FLN en métropole [...]*]

⁹⁷ “Je crois à la justice, mais je défendrai ma mère avant la justice.”⁹⁷.

Entretanto, Camus referia-se à justiça feita pelos nacionalistas radicais, baseada em uma política terrorista, impetrada pelo F.L.N. em prol da independência, que promoveu inúmeros atentados contra civis nas ruas de Argel. Camus afirmaria que “[...] sempre condenou o terror. [Por isso, deveria] condenar também um terrorismo que se exerce cegamente, nas ruas de Argel, por exemplo, que um dia pode ferir minha mãe e minha família.”⁹⁸ (TODD, 1996, p. 965).

A ameaça do terrorismo é descrita em uma das cenas de *Le Premier Homme*, quando, em uma manhã de domingo, Jacques Cormery ouve uma explosão próxima ao apartamento de sua mãe:

La bombe avait explosé dans le poteau électrique qui se trouvait près de l’arrêt [du tram]. Et il y avait beaucoup de gens qui attendaient le tramway, tous endimanchés. Le petit café qui se trouvait là était plein de hurlements dont on ne savait si c’était la colère et [sic] la souffrance. (PH, p. 75)

Ao perceber o estrondo, Lucie Cormery ressalta: “Deux fois cette semaine [...]. J’ai peur de sortir. [...] je suis vieille. Je ne peux plus courir.” (PH, p. 75).

Para Olivier Todd, a comparação entre justiça e mãe é inadequada, visto tratar-se de um conceito abstrato, por um lado, e da vida de uma pessoa, por outro. No entanto, há que se destacar que, para Camus, trata-se, simplesmente, da recusa absoluta de todo tipo de terrorismo. (TODD, 1996, p. 966).

Todd ressalta ainda que, para muitos argelinos, essa comparação teria um significado que afastaria ainda mais Camus de seu país:

Ela significaria: contra a justiça devida a milhões de argelinos, escolho uma pessoa, aquela que me colocou no mundo. Alguns veem nisso a manifestação de um sentimento de superioridade: milhões de argelinos = minha mãe. Camus rejeita a justiça do terrorismo. Mais que se opor à justiça, a mãe simboliza injustiça.⁹⁹ (TODD, 1996, p. 967)

Com uma produção intensa, envolvendo jornalismo, ficção, ensaio e teatro, ao longo de quase três décadas, Camus explora a circularidade de temas, alternando as ideias de oposição e complementaridade entre o que chamaria de exílio e reino. Entre outros aspectos, o exílio se caracteriza como o conjunto de experiências, situações e lugares, relacionados à

⁹⁸ “J’ai toujours condamné la terreur. Je dois aussi condamner un terrorisme qui s’exerce aveuglément, dans les rues d’Alger par exemple, et qui un jour peut frapper ma mère ou ma famille.”

⁹⁹ “Elle signifierait: contre la justice due à des millions d’Algériens, je choisis une personne, celle qui m’a mis au monde. Certains y voient même la manifestation d’un sentiment de supériorité : des millions d’Algériens = ma mère. Camus rejette la justice du terrorisme. La mère ne s’oppose pas plus à la justice qu’elle ne symbolise l’injustice.”

Europa e ao seu papel na cartografia do imperialismo mundial, associados ainda às condições climáticas do continente, comumente adversas, visto que gélidas, para quem vem do sul do continente ou do norte da África, como era o caso de Camus. O reino relaciona-se à Argélia, fortemente influenciada pela cultura mediterrânea, que privilegia a amizade, a convivência entre as pessoas, o contato com a natureza, a apreciação e a fruição da luz e do sol.

A seguir, exemplos de textos escritos entre 1938 e 1957 demonstram o intenso vínculo existente entre Camus e seu país natal, entendido tanto como fonte de inspiração quanto como objeto de desejo. Por fim, temos *Noces*, verdadeiro marco na construção do conceito de reino para Camus. A homenagem do autor a Tipasa, lugar que concretiza a ideia de mediterraneidade, sintetiza este tópico dedicado ao Camus africano, não europeu, tampouco metropolitano, que se pretende vislumbrar neste estudo.

Em *L'Étranger* (1942), se a morte da mãe não gera qualquer mudança no comportamento autômato, maquinal e indiferente de Meursault, a perspectiva de sua condenação à pena capital, após ter matado, sem razão aparente, um árabe, cujo nome o leitor ignora, leva-o a ser tocado pela urgência da vida. Se o leitor não sabe quem é o árabe, ignora ainda mais as razões que levaram Meursault a matá-lo. *L'Étranger*, escrito em Paris por um Camus nostálgico e saudoso de seu país, traz uma Argélia mítica, cujas lembranças permitem entrever a opressão colonial francesa sobre a população indígena por meio da presença árabe, tolhida por não ter possibilidade de expressar sua identidade e sua história. Ao mesmo tempo, é possível igualmente divisar os princípios de uma Argélia francesa, onde a garantia de direitos seria comum tanto à comunidade francesa, quanto à indígena e, portanto, um *pied-noir* poderia ser condenado à morte pelo assassinato de um árabe, tal qual ocorre com Meursault. É preciso igualmente ressaltar o quanto o cotidiano e a pobreza compartilhados por *petits blancs* e árabes podem ser observados nesse texto. Daí a observação de Bernard Pingaud, a respeito de *L'Étranger*:

Os argelinos ao redor de Meursault são “*pieds-noirs*” de origem humilde: colegas de escritório ou vizinhos de porta, empregados, vendedores, donos de cafés ou cafetões. Camus conheceu pessoalmente vários deles. [...] Ele percebe seus maneirismos de linguagem, procura reproduzir tão fielmente quanto possível seus comentários.¹⁰⁰ (PINGAUD, 1992, p. 25)

¹⁰⁰ “Les Algériens qui entourent Meursault sont des ‘pieds-noirs’ d’origine modeste: collègues de bureau ou voisins de palier, employés, magasiniers, bistrots, voire souteneurs. Camus a connu personnellement plusieurs d’entre eux. [...] Il note leurs tics de langage, s’attache à reproduire aussi fidèlement que possible leurs propos.”

Ao falar do estilo camusiano em *L'Étranger*, Roger Quilliot afirma que, com seu tom monocórdio, o texto se valeria de “uma simples transposição afrancesada da linguagem popular da cidade de Argel, o ‘cagayous’”.¹⁰¹ (PINGAUD, 1992, p. 26-27). Trata-se de uma linguagem mestiça, objetiva e até mesmo rude, que não se confunde com o sabir¹⁰² e é emblemática da identidade da capital argelina, fruto de uma ampla mistura étnica com ênfase na presença francesa. Daí se considerar o vínculo estreito de *L'Étranger* com a Argélia, mas com Argel, em particular.

Há igualmente que se observar que, embora os franceses controlassem a política e a administração colonial, além de procurar impor sua língua entre os autóctones e as demais populações presentes no país, é possível observar focos de resistência à dominação francesa no âmbito dos costumes, assim como da linguagem popular.

Para Camus, *L'Étranger* expõe a atemporalidade típica da Argélia, um país sem passado, nem futuro, na qual os homens simplesmente vivem, atrelados ao tempo presente e à sua ausência de perspectivas, o que pode ser visto em descrições das cidades de Oran e Argel em textos como *La Peste* e *L'Été en Alger*, por exemplo. *L'Étranger* evoca o que Camus chamaria de “[...] nostalgia de uma pobreza perdida [...]”¹⁰³ (PINGAUD, 1992, p. 29), na qual a Argélia, muito mais do que cenário, constitui-se como a pedra fundadora de sua literatura.

Em 1947, a publicação de *La Peste* traria à tona um dos primeiros romances franceses do pós-guerra. Concebido como uma alegoria ao nazismo, o livro estrutura-se a partir de uma crônica médica, escrita pelo Dr. Rieux, que relata a desolação mortífera, provocada pela peste bubônica a assolar Oran, atingindo substancialmente a população pobre, de maioria muçulmana. *La Peste* é um símbolo da resistência francesa à ocupação nazista, podendo ter essa perspectiva ampliada para a crítica de Camus aos regimes totalitários tanto de direita quanto de esquerda, o nazi-fascismo e o comunismo, vigentes na Europa naquele período, crítica essa que seria aprofundada com a publicação de *L'homme révolté*, em 1951.

De modo alegórico, *La Peste* colocar em descrédito os dois totalitarismos: o dos fascistas marrons europeus de Mussolini, de Hitler e de Franco, mas igualmente o dos fascistas vermelhos dos países do Leste - a Hungria é o único país mencionado no romance. Compreende-se que essa denúncia de todos os

¹⁰¹ “[...] une simple transposition francisée du langage populaire algérois, le ‘cagayous’”.

¹⁰² Francês mesclado de árabe, berbere, espanhol, italiano etc., utilizado antigamente como língua de comunicação na África do Norte.

¹⁰³ “[...] nostalgie d’une pauvreté perdue [...]”.

totalitarismos possa valer a Camus a entrada em uma longa solidão intelectual: ele realmente terá contra si os comunistas, os marxistas, a esquerda oficial e a direita.¹⁰⁴ (ONFRAY, 2012, p.242)

Entretanto, sob a ótica da crítica que considera Camus um autor colonialista, aos argelinos de origem árabe ou berbere, mortos em decorrência da peste, não é permitido registrar sua dor, suas perdas, para além da inscrição numérica e do controle estatístico adotados na tentativa de banir a doença. Isolados do mundo e prisioneiros do mal, os moradores de Oran sucumbem à peste, em meio à pobreza e ao calor inclemente. Dentre eles, resta ao leitor conhecer o sofrimento de Tarrou, estrangeiro à Oran e voluntário no atendimento aos doentes. Além dele, deparamo-nos com o padecimento inclassificável do pequeno Philippe, filho do juiz Othon, cuja morte transforma o resistente Rieux em um homem revoltado. Revolta esta que se dá contra os desígnios de um Deus católico, que admite a morte de inocentes. Mas, quantos homens, mulheres, crianças e velhos não franceses a narrativa permite ouvir?

La Peste dimensiona o posicionamento político de Camus face aos totalitarismos. Paralelamente, há que se ressaltar que o contato com a doença, devido ao surgimento precoce da tuberculose - Camus teve sua primeira crise aos dezessete anos, quando acabara de ingressar no Liceu - e o temor constante da morte, decorrente desse fato, influenciariam igualmente a narrativa. Em *Hôpital du quartier pauvre*¹⁰⁵, texto de viés realista e inspiração autobiográfica, datado provavelmente de 1933¹⁰⁶, Camus descreve a experiência dos doentes de tuberculose, provenientes das camadas mais pobres da população de Argel. Ali, como em *La Peste*, o autor vale-se do anonimato das personagens para expor a doença como um tema monótono, do qual o leitor toma conhecimento por meio do repertório esqualido com que ele é descrito, um reflexo da condição social precária, que também torna precárias as possibilidades de apreensão do mundo por parte daqueles doentes.

Se em *La Peste*, que tem em Rieux seu narrador, os pestilentos seriam destituídos de voz, tendo sua experiência narrada a partir de observações e impressões de um terceiro, os tuberculosos, assim como outras personagens erigidas em *Les Voix du Quartier Pauvre* -

¹⁰⁴ “De façon allégorique, *La Peste* renvoie des à dos les deux totalitarismes: celui des fascismes bruns européens de Mussolini, d’Hitler et de Franco, mais également celui des fascismes rouges des pays de l’Est – la Hongrie est le seul pays mentionné dans le roman. On comprend que cette dénonciation de tous les totalitarismes puisse valoir à Camus d’entrer dans une longue solitude intellectuelle: il aura en effet contre lui les communistes, les marxistes, la gauche officielle et la droite.”

¹⁰⁵ CAMUS, A. *Essais*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2000, p.1216-1218.

¹⁰⁶ Ver LÈVI-VALENSI, Jacqueline. *Albert Camus ou la naissance d’un romancier (1930-1942)*. Paris: N.R.F./Gallimard, 2006, p.156

primeira versão de *L'Envers et l'Endroit*, datada de 1934 -, teriam sua realidade observada e exposta por um dos seus. Trata-se, pois, da experiência camusiana em relação a Belcourt, um universo do qual o autor se serviria em seus primeiros textos, assim como em *Le Premier Homme*.

O 'bairro pobre' é inicialmente uma simples constatação da realidade. [...] Mas, por meio da realidade mais precisa, a de Belcourt, a expressão abrange todo um modo de vida, um tipo de personagens e de relações, uma moral, uma linguagem, que, ao mesmo tempo, ultrapassam e abrangem as realidades topográficas e as significações individuais.¹⁰⁷ (LÉVI-VALENSI, 2006, p. 156)

A natureza solar e a natureza das relações humanas na Argélia, mediadas pela história, constituem o material de reflexão e criação de Camus, que se serve daquele universo para expor a fragilidade do homem. Em *L'Étranger*, assim como em *La Peste*, a natureza, consubstanciada pelo mar e pela praia, estabelece-se como elemento revigorante, por excelência, de vidas que se contrapõem às imposições do cotidiano, ainda que a praia se configure como o cenário de um crime e o banho de mar possa culminar com a contaminação pelo bacilo da peste. A força do Mediterrâneo e da cultura que provém dele podem ser vislumbradas nesses textos, ainda que o hedonismo não se institua como eixo principal das narrativas, como se poderá ver de forma evidenciada em *Noces*.

Outros textos, talvez até mais sombrios, mesmo que de diferentes épocas e escritos a partir de motivações distintas, como *Le Malentendu* e *La Chute*, explicitam o sentimento de exílio a afligir o autor em relação às cidades do norte da Europa. Em ambas as narrativas, seja pela lembrança de um futuro jamais conhecido, como é o caso de Martha, seja pela memória pincelada de um Mediterrâneo distante, trazido por Clamence, o anseio pela natureza pelo sol e pelo mar delimita a perspectiva hedonista de um Camus profundamente ligado às suas origens africanas, demonstrando o quanto a ausência dessa terra pesa sobre o escritor e sua obra.

Le Malentendu, peça escrita entre 1942 e 1943, sob a égide da Segunda Guerra Mundial, aponta igualmente para o contínuo exílio de Camus, acentuando o desejo visceral, expresso pelo exilado de (re)encontrar a luz e a beleza mediterrâneas. Alguns anos antes, em 1936, Camus viaja à Praga, na Europa Central, retratando a plenitude de sua não identificação com a cidade em *La mort dans l'âme*, um dos textos a compor *L'envers et l'endroit*. Praga é

¹⁰⁷ "Le 'quartier pauvre' est d'abord un simple constat de la réalité. [...] Mais, à travers la réalité le plus précise, celle de Belcourt, l'expression recouvre tout un mode de vie, un type de personnages et de relations, une morale, un langage, qui dépassent en les englobant les réalités topographiques et les significations individuelles."

fria. A ausência de luz e a intensa presença das brumas revelam-se, para o autor, como o modelo exato da terra estrangeira, incapaz de acolher quem passa por ela ou ainda, como se pode supor em *Le Malentendu*, quem a ela retorna.

Voltemos ainda a *L'Étranger*, quando, já prisioneiro, Meursault encontra um recorte de jornal onde se pode ler sobre o assassinato de um homem por sua mãe e irmã, após ter permanecido ausente por muitos anos e voltar à sua casa, um pequeno hotel, apresentando-se como um desconhecido. Camus deseja escrever uma tragédia clássica, cuja principal e talvez única marca do embrutecimento tão característico do período em que o texto é redigido - a Segunda Guerra Mundial -, refira-se ao fato de Jan, o filho pródigo, ser morto por sua própria família. Arquiteta do crime, Martha, sua irmã, aspira partir para perto do mar, para os países onde o sol brilha e a natureza resplandece em toda a sua potência. A oposição entre o Mediterrâneo, entendido como um lugar onde a geografia e o clima acolhedores, vibrantes, colaboram para constituir um modo de vida que aproxima as pessoas, e a Europa, vista como o espaço da desumanização da vida, refletida na experiência da guerra, na vigência de estados totalitários, permeados pela ausência de luz e pelo frio intenso, marcam a sensação profunda de exílio que acomete Martha, levando-a ao assassinato.

Em *La Chute*, esse desejo é igualmente explicitado. Jean-Baptiste Clamence, exilado em Amsterdã - tal qual Camus se percebia, ao longo dos anos vividos na França, em especial, na década de 1950 -, sonha com a Grécia:

Dans l'archipel grec, [...], sans cesse, de nouvelles îles apparaissaient sur le cercle de l'horizon. Leur échine sans arbres traçait la limite du ciel, leur rivage rocheux tranchait nettement sur la mer. Aucune confusion; dans la lumière précise, tout était repère. Et d'une île à l'autre, sans trêve, sur notre petit bateau, qui se traînait pourtant, j'avais l'impression de bondir, nuit et jour, à la crête des courtes vagues fraîches, dans une course pleine d'écume et de rires. Dans ce temps, la Grèce, elle-même dérive quelque part en moi, au bord de ma mémoire, inlassablement... Eh! là, je dérive, moi aussi, je deviens lyrique! (TRN, p. 1525)

Em 1956, Camus publica *La Chute* que deveria figurar entre os textos de *L'exil et le royaume*, mas ganha autonomia, tornando-se uma das narrativas mais desconcertantes do autor de *L'Étranger*. Entre as águas e a névoa de Amsterdã, Clamence avança em sua crítica ao poder e à ambição dos *juges-pénitents* parisienses. Como uma metáfora do vazio e da futilidade, característica da intelectualidade francesa, *La Chute* é também uma metáfora da vida do próprio Camus, marcada por um sentimento de exílio profundo, vivido tanto sob uma perspectiva geográfica, quanto social. Enquanto a primeira referia-se à já conhecida insatisfação do autor em relação à França, com destaque para Paris - o ritmo urbano, a rapidez

desnecessária, o clima gélido, o céu cinzento -, o exílio social indicava a existência de relações marcadas pela impessoalidade e, sobretudo, o intenso exercício de Camus a fim de integrar-se, sem sucesso, a um meio, cujas bases já se encontravam consolidadas em torno da esquerda francesa e de Jean-Paul Sartre, em especial.

Como afirma Roger Quilliot (1970, p. 304), *La Chute* é o grito de um Camus exilado, isolado, só, face à polêmica gerada a partir da denúncia dos campos de trabalhos forçados na Sibéria, mantidos pelo regime comunista e que serviria de estopim para o seu rompimento com Sartre, a partir da publicação de *L'Homme Révolté*, em 1951. A história de Clamence culmina igualmente com o banimento político de Camus, considerado inimigo público tanto por nacionalistas argelinos, quanto por franceses, fossem eles partidários da manutenção do status colonial na Argélia, fossem de uma esquerda aparentemente pró-independência, quando do acirramento dos conflitos em torno dessa questão naquele país. Camus era frontalmente contra o extremismo político, que conduzia à tortura e ao terrorismo milhares de argelinos. No entanto, sua proposta em torno da criação de um pacto federativo, pelo qual as diferentes comunidades pudessem conviver foi ignorada por completo pelas sociedades francesa e argelina, assim como por seus líderes, deixando-o sem interlocutores com quem pudesse dialogar.

La chute é a expressão exasperada da condição do escritor frente a esse contexto. Paralelamente, o isolamento sofrido por Camus, embora extremamente penoso, fortalece a sua reflexão e seu vínculo com a Argélia natal, assim como com a defesa dos franceses ali nascidos, levando à concretização de um projeto antigo, registrado pela primeira vez em 1947, e que acabaria por se consolidar em *Le Premier Homme*, como se poderá ver mais adiante.

Em 1957, *L'exil et le royaume* traria a público outras seis narrativas sobre o tema do exílio. Mas, o que seria o reino senão o profundo desejo de liberdade, associado comumente pelo autor às relações estabelecidas entre o homem e uma natureza acolhedora, uma natureza que, segundo Camus, não poderia ser encontrada no norte da Europa, mas que se relaciona diretamente ao Mediterrâneo, à África e à Argélia, em especial. Em *La Chute*, Clamence vive um exílio autoimposto, sem abandonar a sonhada Grécia, que, como a Argélia, é uma terra plena de luz.

Essa é a terra festejada em *Noces*, nas palavras de Quilliot um longo grito de amor (Quilliot, 1970, p. 51), que explicita a íntima relação de Camus com a natureza de seu país, onde a presença do mar e do sol permite a homens e mulheres pobres encontrar alegria e prazer de viver. Camus é um deles: um homem amoroso de sua terra e da profusão de

sensações, imagens e perfumes que ela oferece. Tipasa, praia e ruínas, é o símbolo maior desse vínculo, um lugar onde se celebram as núpcias entre o homem e a universo. É o reino festejado por Camus em sua juventude e jamais esquecido; inspiração para um expectador sensível que a compartilha com homens exilados em si mesmos, isolados pelas sombras a obscurecer pensamentos e desejos, seja nos anos 1930, quando o desacordo entre os homens na Europa já prenunciava o horror experimentado na Segunda Guerra Mundial, sob a forma de extermínio e totalitarismos; seja na década de 1950, quando os conflitos entre França e Argélia culminariam com a morte de milhares de pessoas em razão de práticas que combinavam tortura e terror.

Em Tipasa, Camus vislumbra o acordo firmado entre o homem e o mundo em sua exata medida, uma comunhão que ele não abandonaria, ainda que considerasse a África uma terra sem passado nem futuro, um lugar onde o tempo é ignorado e o homem, alijado de maiores perspectivas, está condenado a viver o presente.

Para além de um ensaio lírico, *Noces* pode ser pensado também como um tratado filosófico, de inspiração pagã, dionisíaca e nietzschiana, um tratado existencial escrito por um filósofo existencial, nunca existencialista. Como um pensador existencial, Camus se filia a mesma linhagem de “Montaigne e Pascal, Kierkegaard e Nietzsche, [...], em outras palavras a obras que pensam o mundo na perspectiva de produzir efeitos filosóficos na existência.”¹⁰⁸ (ONFRAY, 2012, p. 106).

A missão civilizatória da Argélia em contraposição à filosofia de inspiração niilista, negativista, hegeliana e marxista praticada na Europa pode ser vislumbrada em *Noces*. Camus é um libertário, que enxerga em seu país o seio de valores como o amor e a amizade, a generosidade e a hospitalidade, valores esquecidos pela Europa cerebral, na qual ele jamais se sentiria integrado.

Festejado em *Noces*, o Mediterrâneo é essencial ao imaginário camusiano. Desde sua infância, o escritor conviveu intensamente com o sol, o mar, a luz e os perfumes a cercar Argel e, igualmente, Tipasa, elementos que se tornaram símbolos de um modo de vida, como também de um modelo de civilização que, movida pelo hedonismo e pela paixão, Camus desejava ver transmitida pela Argélia ao restante do mundo.

Noces é a expressão maior da mediterraneidade lírica de Camus, a qual se desdobraria na conferência “La culture indigène. La nouvelle culture méditerranéenne”, proferida por ele

¹⁰⁸ “Montaigne et Pascal, Kierkegaard et Nietzsche, [...], autrement dit pour des œuvres qui pensent le monde dans la perspective de produire des effets philosophiques dans l’existence.”

por ocasião da abertura da Maison de la Culture, no ano de 1937, em Argel. Ali, ele exporia os princípios da “pensée du midi”, desenvolvida, anos mais tarde, em *L’Homme Révolté*.

Camus era um *Français d’Algérie*, um *pied-noir*, proveniente das classes populares, descendente da primeira geração de franceses que chegaram ao país em 1848 com a finalidade de colonizá-lo, sofrendo devido às intempéries do clima, como também com a violência gerada entre indígenas, árabes e berberes, que viram suas terras passarem às mãos estrangeiras, assim como suas possibilidades de sobrevivência.

Levemos a sério essa afirmação do descendente de uma família que chega à Argélia aproximadamente em 1830, do bisneto de um homem nascido em Argel em 1850, do filho de um pai nascido em Ouled Fayer em 1885 e de uma mãe nascida em Birkhadem em 1882, do filho do bairro Belcourt, do estudante da rua Aumerat, do adolescente do Grande Liceu de Bab El Oued, do jovem hedonista das praias de Tipasa, do escritor iniciante de Argel que se exprime dessa forma durante uma conversa com um jornalista grego: “Sendo africano do Norte e não europeu [...] Camus é africano.”¹⁰⁹ (ONFRAY, 2012, p. 452)

No entanto, apesar de sua origem francesa, Camus, escritor e jornalista, não se detinha para exprimir as expectativas da metrópole, tampouco de sua política colonial. Ao contrário, seu papel como intelectual público levou-o a engajar-se em questões essenciais ao seu tempo como o combate sem concessões à pena de morte, às guerras, aos regimes totalitários e ao terrorismo, em contraposição à luta contínua pela liberdade e contra a injustiça. Por isso, Camus era claramente desfavorável ao colonialismo francês na Argélia. No tocante à sua postura quanto aos conflitos em torno da independência, longe de constituir-se como utopia ou mera ingenuidade, ele buscava uma terceira via para o estabelecimento de um acordo possível entre árabes e franceses, um caminho que privilegiasse a convivência multiétnica característica de seu país, evitando a escalada de violência mútua que marcou a Argélia nas décadas de 1950 e 1960. Sua proposta dizia respeito à criação de um pacto federativo, que se opunha frontalmente à construção, por meio da independência, de uma Argélia soberana, nacionalista, religiosa, tal qual o modelo desejado pelo F.L.N. Para Camus, seu país deveria ser:

¹⁰⁹ “Prenons au sérieux cette affirmation du descendant d’une famille qui arrive en Algérie vers 1830, de l’arrière-petit-fils d’un homme né à Alger en 1850, du fils d’un père né à Ouled Fayer en 1885 et d’une mère née à Birkhadem en 1882, de l’enfant du quartier Belcourt, de l’écolier de rue Aumerat, de l’adolescent du Grand Lycée de Bab El Oued, du jeune homme hédoniste des plages de Tipasa, de l’écrivain débutant d’Alger qui s’exprime ainsi au détour d’une conversation avec un journaliste grec : ‘Étant africain du Nord et non pas européen [...] Camus est africain.’”

Uma Argélia constituída por povos federados, e unida à França, me parece melhor, sem comparação possível em termos de justiça, que uma Argélia unida a um império do Islã que traria para os povos árabes nada além de misérias e sofrimentos e que arrancaria o povo francês da Argélia de sua pátria natural.¹¹⁰ (ES, p. 901)

O desconhecimento em torno dessa proposta motiva, em grande parte, as críticas e a incompreensão sofridas por Camus nesse período. Segundo Onfray, Camus, libertário, afirmava: “[eu] não desejo um Estado teológico árabe-muçulmano, mas uma confederação laica de populações múltiplas.”¹¹¹ (ONFRAY, p. 448).

Paralelamente, ele exprimia seu pensamento a respeito da condição dos franceses da Argélia, especialmente os que, mesmo pobres, como ele, tornaram-se alvos do terrorismo dos nacionalistas argelinos e, sendo mais tarde, expulsos da Argélia, permaneceriam excluídos da sociedade francesa, quando ali chegaram:

Si bien disposé qu’on soit envers la revendication arabe, on doit cependant reconnaître qu’en ce qui concerne l’Algérie, l’indépendance nationale est une formule passionnelle. Il n’y a jamais eu encore de nation algérienne. Les Juifs, les Turcs, les Grecs, les Italiens, les Berbères, auraient autant de droit à réclamer la direction de cette nation virtuelle. Actuellement, les Arabes ne forment pas à eux seuls toute l’Algérie. L’importance et l’ancienneté du peuplement français, en particulier, suffisent à créer un problème qui ne peut se comparer à rien dans l’Histoire. Les Français d’Algérie sont, eux aussi, et au sens fort du terme, des indigènes. (ES, p.1012-1013)

A Argélia, tal qual uma terra mítica, está presente em todos os textos de Camus. A distância física de sua terra natal é a expressão maior do que ele caracterizaria como exílio, uma condição que marcaria sua produção intelectual em frentes diversas. A terra e a complexidade de valores ali existentes, traduzidos pela multiplicidade étnica e pelo cosmopolitismo de um local que reunia pessoas de origens e culturas distintas entre si, somados, por um lado, aos conflitos gerados a partir dessa convivência e, por outro, à exuberância da natureza africana como cenário, faria da Argélia o reino jamais esquecido por Camus.

¹¹⁰ “Une Algérie constituée par des peuplements fédérés, et reliée à la France, me paraît préférable, sans comparaison possible au regard de la simple justice, à une Algérie reliée à un empire d’Islam qui ne réaliserait à l’intention des peuples arabes qu’une addition de misères et de souffrances et qui arracherait le peuple français d’Algérie à sa patrie naturelle.”

¹¹¹ “[je] ne souhaite pas un État théologique arabo-musulman, mais une confédération laïque de populations multiples.”

De L'Envers et L'Endroit a Le Premier Homme: ênfase e diferença da narrativa autobiográfica

Publicado pelo editor argelino Charlot, em 1937, o livro inaugural de Camus foi escrito nos dois anos anteriores. Como uma travessia iniciática, os ensaios de *L'Envers et l'Endroit* espelham a lida do autor com uma escrita, ainda bastante distante do que ele consideraria, mais tarde, como uma obra de arte. O livro é constituído por cinco contos fortemente inspirados em sua experiência pessoal na Argélia, contemplando temas comuns a toda a sua obra posterior: a mãe, a precariedade dos bairros pobres de Argel, a força da natureza no norte da África, cuja presença jamais o abandonou. Paralelamente, há o estranhamento experimentado por Camus em uma de suas primeiras viagens à Europa, quando visitou a República Tcheca.

Nos textos de juventude, *Les Voix du Quartier Pauvre* (publicado postumamente), o inédito *Louis Raingard* e *L'Envers et l'Endroit*, Camus mantém a predominância de elementos autobiográficos. Esforça-se para imprimir à escrita um caráter mais ficcional, embora a distinção entre as suas perspectivas como autor e aquelas do narrador não possam ser propriamente consideradas nesses escritos iniciais.

Eis as primeiras referências à Belcourt da infância de Camus, onde árabes e *petits blancs* dividiam o espaço e a penúria de suas vidas. O núcleo familiar, assim como o cotidiano do bairro seriam representados em *L'Envers et l'Endroit*, como também em *Le Premier Homme*, tendo ressaltadas as características principais de seus membros, quais sejam a figura autoritária da avó, a mãe frágil e silenciosa, o tio toneleiro, uma das figuras masculinas a influenciar a formação do menino.

A circularidade de temas, portanto, é uma das características dos textos de Camus, daí a presença contínua de questões relacionadas à natureza, ao exílio, à incomunicabilidade e à justiça. Esse diálogo interno aos próprios textos permite encontrar vínculos estreitos entre *L'Envers et l'Endroit*, livro inaugural, e *Le Premier Homme*, esboço do romance interrompido pela morte do autor.

Há que se observar que, entre os textos de juventude e *Le Premier Homme* há uma diferença objetiva no que se refere à ênfase e à escolha do gênero autobiográfico para a construção narrativa. No primeiro caso, o vivido mistura-se à ficção como elemento de aprendizagem, ensaio e erro, por meio do qual Camus tateia a escrita, enquanto em *Le*

Premier Homme o vivido constitui-se uma opção deliberada, proposital, a registrar a trajetória do escritor rumo à narração de sua educação sentimental.

Em junho de 1947, pela primeira vez, Camus faz menção a *Le Premier Homme* (C2, p.201). Ali, ele desenha os ciclos de criação aos quais estariam atrelados seus textos, já escritos e ainda por escrever, a saber: absurdo, revolta, julgamento (onde registrou *Le Premier Homme*) e amor. A próxima nota a respeito de *Le Premier Homme* surgiria em 1953, quando Camus delineia um primeiro plano do futuro livro:

Roman: 1^{re} partie. Recherche d'un père ou le père inconnu. La pauvreté n'a pas de passé. "Le jour où dans le cimetière de province... X, découvrit que son père était mort plus jeune qu'il n'était lui-même à ce moment-là... que celui-ci qui était couché-là était son cadet depuis 2 ans bien qu'il y eût 35 ans qu'il fût étendu là... Il s'aperçut qu'il ignorait tout de ce père et décida de le retrouver..."

Naissance dans un démenagement.

2^e partie. L'enfance (ou mêlée à la première partie) Qui suis-je ?

3^e partie. L'éducation d'un homme. [...] (C3, p. 96-7)

Em *Le Premier Homme*, Camus aponta precisamente o tempo em que se dá a narrativa, isto é, em uma "nuit de l'automne 1913" (PH, p.14) e, mais, "Quarante ans plus tard" (PH, p. 25). O ano era 1953 e, enquanto no texto Jacques Cormery deixa a França em direção à Argélia, Camus chega aos 40 anos de idade e ressalta, em sua correspondência, que se encontra em "une sorte de charnière de mon travail et de ma vie" (TRN, p. 203), isto porque, em 1951, a publicação de *L'Homme Révolté* levaria, pouco depois, à sua ruptura com Sartre, ocorrida em agosto de 1952. Paralelamente, em 1953, se sua saúde mantém-se sensível, Francine Camus passaria por um longo período em depressão, intermediada por tentativas de suicídio. Camus não consegue escrever, entretanto, entre julho e outubro daquele ano, ele conceberia o plano de seu romance de formação, cujo enfoque temático passaria da busca de um pai desconhecido à busca de si mesmo, entremeada pelas reminiscências da infância e, em especial, pela presença da mãe, encerrada em si própria. Em *Carnets 3*, Camus assinala: "J'avais cherché follement ce père que je n'avais pas et voici que je découvrais ce que j'avais toujours eu, ma mère et son silence" (C3, p. 97). Na sequência, dentro do plano de escrita do romance, ele menciona: "Id. Enfance pauvre. Vie sans amour (non sans jouissances)." (C3, p. 98). Camus faz várias anotações sobre *Le Premier Homme* nos *Carnets*, onde registra os tópicos que deveriam compor o livro:

Le Premier Homme.

Plan?

- 1) Recherche d'un père
 - 2) Enfance
 - 3) Les années de bonheur (malade en 1938). L'action comme une surabondance heureuse. Puissant sentiment de libération quand c'est fini.
 - 4) Guerre et résistance (Bir Hakeim et journal clandestin alternés)
 - 5) Femmes
 - 6) Mère
- [...] (C3, p.100)

Embora essas anotações demonstrem a intenção de escrever um romance, cuja referência se fundamenta em sua experiência pessoal, como francês de origem argelina, parte significativa do livro deixará de ser escrita devido à morte do escritor. *Le Premier Homme*, em sua essência, possui um caráter épico que busca reconstituir elementos da memória esfacelada da Argélia colonial, sob a perspectiva dos *petits blancs* ou colonos franceses pobres e de seu desenraizamento, revelando o estatuto incipiente dos europeus naquele país.

Com *Le Premier Homme*, Camus retorna à essência de seu primeiro ensaio, *L'Envers et L'Endroit*, o qual ele resistiria a ver reeditado na França, mas que o seria em 1958, trazendo um prefácio que se tornaria clássico. Nesse texto, o autor reconhece não só o valor testemunhal do livro, como também a fonte a alimentá-lo:

Je ne renie rien de ce qui est exprimé dans ces écrits, mais leur forme m'a toujours paru maladroite. [...] Comment l'expliquer sinon en reconnaissant que les premières intéressent, et trahissent un peu, le sujet qui me tient le plus au cœur? [...] je puis avouer, en effet, que la valeur de témoignage de ce petit livre est, pour moi, considérable. Je dis bien pour moi, car c'est devant moi qu'il témoigne, c'est de moi qu'il exige une fidélité dont je suis seul à connaître la profondeur et les difficultés. (TRN, p. 5)

[...] dans ce monde de pauvreté et de lumière où j'ai longtemps vécu et dont le souvenir me préserve encore des deux dangers contraires qui menacent tout artiste, le ressentiment et la satisfaction. La pauvreté, d'abord, n'a jamais été un malheur pour moi : la lumière y répandait ses richesses. (TRN, p.6)

Naquele ano, após a publicação de *L'Exil et le Royaume* (março de 1957), seguida da reedição de *L'Envers et L'Endroit*, Camus daria início a *Le Premier Homme*. Para Jean Grenier:

Mais a idade de Albert Camus avançava, mais ele pensava em suas próprias origens, como é normal acontecer. Ele procurava as pistas do passado. Ele os encontrava, mas era como se ele não os tivesse encontrado, porque era um passado pessoal que não tinha nada de um passado histórico. Sua família e o

país onde ele havia nascido pareciam vir de uma geração espontânea. De onde surgia uma ambiguidade.¹¹² (GRENIER, 1968, p.169)

Em *Le Premier Homme*, Camus escreve um romance sobre a Argélia colonial, sob a ótica dos *petits blancs*. A perspectiva individual expande-se para a memória coletiva de uma comunidade, cuja vida não dispunha de sonhos ou perspectivas e para quem os recursos esquálidos comprometiam o registro dos fatos. Segundo Camus, a memória dos pobres carece de elementos que possam contribuir para a sua constituição. Os pobres não possuem objetos, não dispõem de imagens, têm um discurso monossilábico. Daí sua experiência tornar-se facilmente fragmentada, sua memória esquecida.

Camus torna explícita sua experiência africana em *Le Premier Homme*, como filho de colonos pobres e francês, nascido na Argélia, fato que definiria fortemente o caráter de seu isolamento, isto é, a sensação de estar em um autoexílio permanente. Para Camus, a Argélia era um país solar, onde a natureza, o céu e o mar possuíam um potencial mítico, que ele jamais esqueceria, como também estaria sempre a buscar nos períodos em que se encontrava distante. Embora se trate de um livro inacabado, considerado por alguns um simples esboço, *Le Premier Homme* constitui a busca de Camus por si mesmo, é ele o primeiro homem, cuja sensibilidade para a vida se servirá de Belcourt, como também dos livros para ser construída. *Le Premier Homme* é também um novo ponto de partida do autor, após um longo período de execração pública devido à ruptura com Sartre, seguida de seu posicionamento anti-belicoso, mas, tampouco utópico, frente aos conflitos gerados pela Guerra de Independência de seu país.

Entre autobiografia e ficção memorialística

A publicação de *Le Premier Homme*, em 1994, fez ressurgir o interesse por Albert Camus. As primeiras leituras do livro voltaram-se a uma perspectiva autobiográfica que pode ser facilmente depreendida do texto. A escrita autobiográfica, mesclada à ficção, encontra-se

¹¹² Plus Albert Camus avançait en âge, plus il pensait à ses propres origines, comme il arrive d'habitude. Il recherchait les traces du passé. Il les retrouvait, mais c'était comme s'il ne les retrouvait pas, car c'était un passé personnel qui n'avait rien d'un passé historique. La famille dont il était issu, le pays où il était né semblaient venir d'une génération spontanée. D'où une ambiguïté.

no cerne de *Le Premier Homme*. No texto, Camus se vale de fatos de sua vida para tratar da experiência africana dos franceses da Argélia, ressaltando tanto mais a pertença desse grupo em relação ao país africano do que propriamente à França continental.

Jacques Cormery é uma personagem fictícia, alter ego de Albert Camus, que narra sua vida e a experiência dos seus, como *pieds-noirs*, inseridos em uma categoria socioeconômica conhecida como *petit blanc*¹¹³, isto é, franceses pobres ou remediados, que sobreviviam à custa de pequenos serviços ou comércio de bens de pouco valor.

Se se tratasse exclusivamente de uma autobiografia escrita sob a aparência de ficção, com a morte do autor, deixaríamos de conhecer a vida de Camus por ele mesmo: sua formação como jornalista e escritor; as angústias que o acometeram em consequência dos conflitos políticos, sociais, culturais e morais de seu tempo; a percepção que tinha de si mesmo como intelectual engajado na Resistência; de que forma encarou as pressões sofridas por ocasião da Guerra da Argélia e, paralelamente, a constituição de sua vida afetiva, restrita às complexas e, ao mesmo tempo, silenciosas relações familiares, fortemente vinculadas às presenças da avó, da mãe e do tio, bem como das mulheres com quem se relacionou.

Entretanto, o texto ultrapassa essa perspectiva, visto que se parte da esfera individual para representar a coletividade, trazendo à tona cenas da vida cotidiana, doméstica, sem brilho nem graça, dos franceses pobres na Argélia. Trabalho pesado, pouca comida, nenhum conforto, muito calor, escassez de diversão, quase nenhuma possibilidade. Para a família de Camus, apesar da origem europeia, os únicos benefícios garantidos pela França, caso se possa considerá-los como tal, eram a pensão recebida pela mãe, como viúva de guerra, e o fato de os filhos terem se tornado *Pupille de la Nation*¹¹⁴, ambos devido à morte de Lucien Camus como integrante do exército francês.

¹¹³ O *Dictionnaire de la Colonisation Française*, aponta que *petit blanc* é um “termo genérico designando indivíduos *déclassés* de origem europeia nas sociedades coloniais [...] *petit colon*, cidadãos pobres. [...] A conotação pejorativa do termo evoluiu : ela designa hoje um comportamento de recusa à mudança e o apego aos privilégios raciais ou econômicos.” [*Terme générique désignant des individus déclassés d’origine européenne dans les sociétés coloniales : [...] petit colons, citoyens pauvres . [...] La connotation péjorative du terme a évolué: il désigne aujourd’hui un comportement de refus au changement et l’attachement aux privilèges raciaux ou économiques.*]

¹¹⁴ A qualificação de Pupilo da Nação foi criada em 27 de julho de 1917, para as crianças vítimas de guerra. Tendo a Primeira Guerra Mundial deixado muitas famílias sem apoio familiar, esse estatuto oferece às crianças e aos jovens que a recebem uma proteção suplementar e especial, como complemento àquela oferecida por suas famílias. [*La qualité de pupille de la Nation a été instaurée le 27 juillet 1917 pour les enfants victimes de guerres. La Première Guerre Mondiale ayant laissé de nombreuses familles sans soutien de famille, elle offre aux enfants et jeunes gens qui la reçoivent une protection supplémentaire et particulière, en complément de celle exercée par leurs familles*]. Informação obtida no endereço eletrônico do *Office National des Anciens Combattants et des Victimes de Guerre*, disponível em <<http://www.onac-vg.fr/fr/missions/pupille-de-la-nation/>> acesso em: 30 JUN 2013, 17:38.

Embora *Le Premier Homme* e *La Disparition de la Langue Française* estejam inseridos em diferentes perspectivas literárias, o primeiro vinculado à tradição do romance europeu e o segundo à literatura magrebina de língua francesa, é possível destacar uma sequência de elementos comuns que permitem fazer uma análise comparativa entre ambos os livros. São eles: as relações firmadas entre os protagonistas, seus pais e suas mães; as perspectivas de vida estabelecidas nos períodos de infância e juventude; o papel da escola na formação de Jacques Cormery e Berkane; a percepção da cidade, tendo em vista o passado e o presente.

Ao mesmo tempo em que as questões relacionadas à língua, ao exílio e à memória podem ser vislumbradas em momentos distintos nos tópicos escolhidos, ressaltamos que os dois últimos itens poderão ser observados mais detidamente, visto que eles condensam o cerne do texto, com especial destaque para a colonização da Argélia.

Com a chegada dos primeiros franceses em solo africano, conhecidos como *Quarante-huitards*, expõe-se o princípio da experiência de perda da memória dessa comunidade, como uma conjuntura determinante para o destino precário dos europeus naquele local.

Em busca do pai

Fundamental para a construção tanto de *Le Premier Homme* quanto de *La Disparition*, a busca do pai explora o mito da origem do homem em si mesmo, Cormery e Berkane, e também de sua identidade histórica, respectivamente *pied-noir* e árabe. Jacques Cormery, cujo sobrenome alude aos antepassados franceses de Camus, busca, em vão, notícias do pai morto.

Em um lapso de temporalidade, Cormery percebe que não consegue imaginar quem seria esse homem, do qual se sente, a priori, distante. No cemitério de Saint-Brieuc, na Bretanha, surge a surpresa melancólica de uma constatação matemática:

Puis il lut les deux dates 1885-1914 et fit un calcul machinal: vingt-neuf ans. Soudain une idée le frappa qui l'ébranla jusque dans son corps. Il avait quarante ans. L'homme enterré sous cette dalle, et qui avait été son père, était plus jeune que lui (PH, p. 29)

Ao perceber o aparente rompimento da ordem natural das coisas - o filho ser mais velho que o pai -, Cormery conhece a indignação pelo assassinato de jovens durante a Primeira Guerra, ao mesmo tempo em que parece sentir o pai vivo novamente.

Mais adiante, ele afirmaria experimentar “un vide affreux, une indifférence qui (lui) fait mal...” (PH, p. 40). Temendo, quem sabe, a indiferença do Meursault que traz dentro de si, Cormery talvez tenha encontrado razão para desejar mover-se em direção a um pai desconhecido e que ele, tampouco, soube amar:

J'ai essayé de trouver moi-même, dès le début, tout enfant, ce qui était bien et ce qui était mal - puisque personne autour de moi ne pouvait me le dire. Et puis je reconnais maintenant que tout m'abandonne, que j'ai besoin que quelqu'un me montre la voie et me donne blâme et louange, non selon le pouvoir mais selon l'autorité, j'ai besoin de mon père. (PH, p. 40)

Eis uma necessidade que poderia ter sido experimentada por Henri Cormery, ele também um menino órfão de pai, assim como de mãe, criado com outros dois irmãos menores em um orfanato. A orfandade produziu em Cormery o sentido da urgência e da responsabilidade que ele soube demonstrar no curto período de convivência com sua mulher e os dois filhos pequenos. No capítulo inicial de *Le Premier Homme*, “Au-dessus de la carriole”, ao descrever a passagem do nascimento de Jacques Cormery, aproximando-a da cena da natividade cristã, Camus fixa a imagem de Henri, ressaltando a firmeza de seu olhar e de seus atos, empenhado em garantir a vida e o sustento da família.

[...] un Français d'une trentaine d'années, regardait, le visage fermé, les deux croupes qui s'agitaient sous lui. De bonne taille, trapu, le visage long, avec un front haut et carré, la mâchoire énergique, les yeux clairs, il portait malgré la saison qui s'avavançait une veste de coutil à trois boutons, fermée au col à la mode de cette époque, et une casquette légère sur ses cheveux coupés court. (PH, p. 12)

A eclosão da guerra e a convocação dos soldados *zouaves* para as trincheiras deixariam aos Camus/Cormery o legado da perda e o vazio incomensurável diante de expectativas de vida já escassas. De volta à Argélia, ninguém poderia falar a Jacques de Henri Cormery. A mãe, de conhecidas poucas palavras, parecia tê-lo esquecido. A morte do companheiro lançou-a em uma existência sem alegrias, privada do amor de um homem, submetida às tiranias da vida e, sobretudo, as de sua própria mãe. Do marido, sobraram-lhe o estilhaço da granada que o matou e a exatidão de um pequeno bilhete saído da guerra: “Ma

chère Lucie. Je vais bien. Nous changeons de cantonnement demain. Fais bien attention aux enfants. Je t’embrasse. Ton mari.” (PH, p. 65)

Cormery, porém, ansiava por outra reação, desejava saber o que permanecera por tanto tempo obscuro: quem tinha sido seu pai? O que Henri Cormery significara para sua mãe? Conhecê-lo melhor seria uma forma de também conhecê-la: um desejo que ele veria frustrado pela impossibilidade de se comunicar com sua mãe:

Il eût voulu qu’elle se passionnât pour lui décrire un homme mort quarante ans auparavant et dont elle avait partagé la vie (et l’avait-elle vraiment partagée?) pendant cinq ans. Elle ne le pouvait pas, il n’était même pas sûr qu’elle eût aimé passionnément cet homme, et en tout cas il ne pouvait le lui demander, lui aussi était devant elle muet et infirme à sa manière, il ne voulait même pas savoir au fond ce qu’il y avait eu entre eux, et il fallait renoncer à apprendre quelque chose d’elle. (PH, p. 79)

Outras poucas pessoas com quem Cormery se relaciona são incapazes de dizer algo além do que ele já sabe e abrandar a solidão que o corrói. Resta-lhe a eternidade da perda, à qual seu tio Étienne e Monsieur Bernard, seu professor, colaborariam para suprir, ainda que parcialmente. Em meio ao silêncio do esquecimento a cercar a vida breve de Henri Cormery, resta ao seu filho o exemplo trazido por um antigo diretor da escola onde Jacques estudara e que tinha sido companheiro de seu pai na zona de combate. Ao encontrar soldados do pelotão mortos, decapitados e castrados, Cormery, um homem pobre do campo, que há pouco tinha aprendido a ler, afirma, encolerizado: “Non, un homme ça s’empêche. [...] Moi, avait-il dit d’une voix sourde, je suis pauvre, je sors de l’orphelinat, on me met cet habit, on me traîne à la guerre, mais ça je m’empêche.” (PH, p. 66)

Para o filho, o pai desaparecido, cuja memória permanece igualmente perdida na imprecisão dos detalhes de sua vida, deixa a ética de um homem que reconhece a separação entre o humano e a barbárie, esteja ela nos campos de batalha, na negação da pena de morte e da tortura ou nas ruas de uma cidade assolada pelo terror. Um homem digno tem limites que o impedem de violar o outro.

Finalmente, a história de Henri Cormery antecipa o destino trágico dos *pieds-noirs* na França: na década de 1960, ao ser expulsa da Argélia, essa comunidade se deparou com o exílio e o descaso na chamada *Mère Patrie*, que, entretanto, era por muitos desconhecida. Apesar de seus antepassados alsacianos, Henri Cormery jamais tinha estado na metrópole, lugar onde pisou para morrer.

[...] [Il] couru pour venir embrasser ses enfants et sa femme, avant l'embarquement du soir pour la France qu'il n'avait jamais vue, sur la mer qui ne l'avait jamais porté, et il les avait embrassés, fortement, brièvement, et il était reparti du même pas, [...] avant de [...] disparaître [...] pour ne plus jamais revenir. (PH, p. 67-68)

À procura da mãe

A mãe é personagem constante nos textos de Albert Camus, seja referindo-se à sua própria ou servindo-se dela como modelo para criar suas personagens, como a mãe morta de Meursault; a mãe que trama a morte do filho pródigo, ignorando ser ele seu primogênito em *Le Malentendu*; a mãe atenta e cuidadosa de Rieux, em *La Peste*, que acaba por “adotar” Tarrou.

O mutismo de sua mãe gera sentimentos contraditórios em Camus, ao longo de sua vida. No entanto, tais contradições jamais se manifestaram negativamente, por meio de raiva ou ressentimento, mas pela impossibilidade de aproximar-se efetivamente dela e romper a separação entre o filho e sua mãe enigmática. Tamanha era a simplicidade da existência de sua mãe, restrita às exigências braçais do serviço doméstico e à exaustão física dele decorrente, que, para Camus, restava questionar-se sobre a ausência de segredos, dúvidas ou, até mesmo, de nuances e complexidades capazes de preencher a vida interior daquela mulher:

Autour d'elle, la nuit s'épaissit dans laquelle ce mutisme est d'une irrémédiable désolation. Si l'enfant entre à ce moment, il distingue la maigre silhouette aux épaules osseuses et s'arrête: il a peur. Il commence à sentir beaucoup de choses. À peine s'est-il aperçu de sa propre existence. Mais il a mal à pleurer devant ce silence animal. Il a pitié de sa mère, est-ce l'aimer? (ES, p. 25)

Ao observar a ternura materna submetida à personalidade autoritária de sua avó, com quem a família vivia, Jacques Cormery avança na tentativa incerta de compreender a mãe, a quem ele busca, como ao pai. No entanto, ela era tão ou mais inacessível do que ele. O filho a admira, mas se percebe impotente para transformar uma vida aniquilada pela resignação de seguir adiante, desconhecendo as razões para isso. Se a procura pelo pai vale-se de algumas poucas pessoas, alguns lugares exíguos e igualmente esquecidos, como o cemitério de Saint-Brieuc e a fazenda de Saint-Apôtre, onde uma lembrança vaga, um vestígio poderia alimentar

o desejo do filho, encontrar a mãe, que dividia com o pequeno Jacques o apartamento de Belcourt, parece ser um exercício muito mais inócuo, solitário e fantasioso, visto que, embora viva, ninguém poderia falar por ela, tampouco ela mesma, tão mergulhada se encontrava em sua desimportância:

“Tu es très belle” [...]. Il avait toujours pensé cela de sa mère et n’avait jamais osé lui dire. Non pas qu’il craignît d’être rebuté ou doutât qu’un tel compliment pût lui faire plaisir. Mais c’eût été franchir la barrière invisible derrière laquelle toute sa vie il l’avait vue retranchée - douce, polie, conciliante, passive même, et cependant jamais conquise par rien ni personne, isolée dans sa demi-surdité, ses difficultés de langage, belle certainement mais à peu près inaccessible et d’autant plus qu’elle était plus souriante et que son cœur à lui s’élançait plus vers elle -, oui, toute sa vie, elle avait gardé le même air craintif et soumis, et cependant distant, le même regard dont elle voyait, trente ans auparavant, sans intervenir, sa mère battre à la cravache Jacques, elle qui n’avait jamais touché ni même vraiment grondé ses enfants, elle dont on ne pouvait douter que ces coups ne la meurtrissaient aussi mais qui, empêchée d’intervenir par la fatigue, l’infirmité de l’expression et le respect dû à sa mère, laissait faire, endurait à longueur de jours et d’années, endurait les coups pour ses enfants, comme elle endurait pour elle-même la dure journée de travail au service des autres, les parquets lavés à genoux, la vie sans homme et sans consolation au milieu des reliefs graisseux e du linge sale des autres, [...] à force d’être privée d’espoir, devenait aussi une vie sans ressentiment d’aucune sorte, ignorante, obstinée, résignée enfin à toutes les souffrances, les siennes comme celles des autres. (PH, p. 60-61)

Apesar de não ter conseguido quebrar as barreiras afetivas que o isolavam de sua mãe, a trajetória de Albert Camus opôs-se não só à pobreza material, mas, sobretudo, ao pauperismo de conhecimentos sobre o mundo, característico de sua família. Afora o cotidiano de trabalho árduo para garantir uma sobrevivência sem fome, limitada ao estritamente necessário e sem qualquer possibilidade de excesso, a família de Camus mantinha-se aprisionada em sua ignorância. Por outro lado, a procura pelo pai levava Cormery a experimentar embates internos quanto à aceitação ou não dessa condição. Entre a revelação e a crítica à incompreensão do mundo e das coisas, o protagonista observa o desconhecimento de sua mãe sobre as motivações da guerra, assim como sobre as fronteiras entre a França e a Argélia:

[elle] qui ne pouvait même pas avoir l’idée de l’histoire ni de la géographie, qui savait seulement qu’elle vivait sur de la terre près de la mer, que la France était de l’autre côté de cette mer qu’elle non plus n’avait jamais parcourue, la France étant d’ailleurs un lieu obscur perdu dans une nuit indécise où l’on abordait par un port appelé Marseille qu’elle imaginait comme le port d’Alger, où brillait une ville qu’on disait très belle et qui s’appelait Paris, où enfin se trouvait une région appelée l’Alsace dont venaient les parents de son mari qui avaient fui, il y avait longtemps de cela, devant des ennemis appelés Allemands pour s’installer en Algérie [...] (PH, p. 68)

Ao silêncio da mãe, somava-se o fato dela não saber ler, motivo da dedicatória em *Le Premier Homme*: “À toi qui ne pourras jamais lire ce livre.” (PH, p.11). Manifestadas em tenra idade, a sensibilidade e a capacidade para a leitura e a escrita possibilitaram que Camus

acessasse realidades muito distintas da sua, especialmente por meio da literatura e da política, haja vista seu engajamento em movimentos como a Resistência. Ainda na infância, ele perceberia a distinção estrita entre a linguagem utilizada no âmbito de sua vida privada e aquela empregada na escola, em meio a professores e colegas. Ao contrário da mãe de Berkane, a mãe de Camus/Cormery não se configurava como uma referência para o filho no tocante à sua relação com a língua e a palavra, com as quais ela mantinha uma relação cingida, uma relação da qual se abstinha, demonstrando desinteresse quase total, salvo pelas pouquíssimas observações feitas a respeito de situações específicas:

Il ne l'avait jamais entendue se plaindre, sinon pour dire qu'elle était fatiguée ou qu'elle avait mal aux reins après une grosse lessive. Il ne l'avait jamais entendue dire du mal de personne, sinon pour dire qu'une sœur ou une tante n'avait pas été gentille avec elle, où avait été "fière". Mais, en revanche, il l'avait rarement entendue rire de tout son cœur. (PH, p. 61)

Enquanto Camus tinha plena consciência da importância da palavra, da leitura e da escrita, sua mãe apresentava uma completa inaptidão com a linguagem. Ao mesmo tempo, o profundo interesse pelo universo da palavra, manifestado por Camus, acaba por afastá-lo irremediavelmente de sua mãe, enclausurada em um mundo sem horizontes, desprovido de necessidades, e convencida a manter-se assim até o fim. Em *Le Premier Homme*, em busca de uma ancestralidade perdida, Camus poderia encontrar a si mesmo, mas permaneceria apartado de sua mãe para sempre.

Infância e adolescência em Argel

Livro inacabado, mas cujo projeto deveria alcançar dois tomos, *Le Premier Homme* concentra-se na narrativa da infância e adolescência de Albert Camus. A narrativa naturalmente é cercada de referências à sua família: avó, mãe, tios, irmão. A busca do pai desconhecido mescla-se à presença dominadora e à moral rigorosa da avó materna face ao mutismo e à omissão da mãe, que permite à primeira constituir-se não só como autoridade-mor na organização da casa, mas, sobretudo, conduzir a educação dos meninos: "La mère de

Jacques rentrait tard le soir et se contentait de regarder et d'écouter ce qui se disait, dépassée par la vitalité de la grand-mère et lui abandonnant tout." (PH, p. 83)

Várias são as passagens que evidenciam a natureza dessas relações, marcadas pela autoridade predominante da avó. Um deles é a imposição da sesta ao lado da matriarca, ao que o pequeno Jacques tenta, sem sucesso, evitar, nas tardes de verão:

Jacques n'aimait pas faire la sieste. "À benidor", pensait-il avec rancune et c'était l'expression bizarre de lorsqu'il était enfant à Alger et qu'elle [la grand-mère] l'obligeait à l'accompagner dans la sieste. [...] La grand-mère qui avait élevé neuf enfants dans le bled, avait ses idées sur l'éducation. L'enfant était poussé d'un seul coup dans la chambre. [...] Puis elle montait à son tour sur le lit, et l'enfant sentait près de lui l'odeur de chair âgée pendant qu'il regardait les grosses veines bleues et les taches de vieillesse qui déformaient les pieds de sa grand-mère. [...] Oui, il avait détesté ça pendant des années, et plus tard encore, devenu homme, et jusqu'à ce qu'il ait été gravement malade, il ne pouvait se résoudre à s'étendre après déjeuner par les fortes chaleurs. S'il lui arrivait de s'endormir cependant, il se réveillait mal à aise et physiquement nauséux. (PH, p. 41 e p. 44)

Outro elemento é a agressão física como forma de disciplinar os irmãos, nas poucas vezes em que eles se desviavam de seus deveres, perdendo-se entre uma e outra distração:

"D'où viens-tu? disait [la grand-mère]. - Pierre m'a montré le devoir de calcul." La grand-mère se levait et s'approchait de lui. Elle reniflait ses cheveux, puis lui passait sa main sur les chevilles encore pleine de sable. "Tu viens de la plage." [...] Mais la grand-mère passait derrière lui, prenait derrière la porte de la salle la cravache grossière, dite nerf de bœuf, qui y pendait et lui cinglait les jambes et les fesses de trois ou quatre coups qui le brûlaient à hurler. (PH, p. 56)

Uma terceira instância que exemplifica as relações familiares e o papel da avó é a compra de roupas maiores do que os corpos infantis para fazer render o pouco dinheiro disponível:

[...] pendant toute sa vie d'enfant, [Jacques] devait porter des imperméables trop longs car la grand-mère les achetait pour qu'ils durent et comptait sur la nature pour que la taille de l'enfant rattrape celle du vêtement. [...] La grand-mère avait interdit à Jacques de jouer au football pendant les récréations. Elle achetait elle-même pour ses petits-fils de solides et épais souliers montant qu'elle espérait immortels. (PH, p. 83-84)

A negociação com o professor primário, que permitiu ao caçula afastar-se do trabalho operário e dedicar-se aos estudos, assim como a obrigatoriedade de cumprir compromissos religiosos, como a primeira comunhão, ainda que o menino estivesse prestes a ser admitido no Liceu, foram também momentos importantes da vida de Cormery sob os auspícios da avó.

A visita de Monsieur Bernard à casa de seu aluno exemplifica, mais uma vez, as formas de viver e conviver em Belcourt, ressaltando uma geografia que insere o bairro entre a Casbah e o mar:

Monsieur Bernard était là devant Jacques dans son petit appartement des tournant Rovigo, presque au pied de la Casbah, un quartier qui dominait la ville et la mer, occupé par des petits commerçants de toutes races et de toutes religions, où les maisons sentaient à la fois les épices et la pauvreté. (PH, p. 129)

Camus vale-se de sua memória pessoal para descrever o cotidiano em Belcourt. O apartamento pobre, primando pela ausência de detalhes, pela escassez de móveis e conforto, compunha o cenário de necessidade extrema que afligia a família, para a qual dois francos faziam diferença. Ao decidir guardar para si o troco de uma pequena compra, Cormery diz à avó que perdeu o dinheiro no vaso do banheiro à moda turca que tinham em um canto da casa. Ao ser descoberto em sua mentira, ele se depara, mais uma vez, com a realidade a cercar sua família, envergonhando-se de sua atitude:

Non, ce n'était pas pain béni, car au même instant il comprenait que ce n'était pas l'avarice qui avait conduit sa grand-mère à fouiller dans l'ordure, mais la nécessité terrible qui faisait que dans cette maison deux francs étaient une somme. Il le comprenait et il voyait enfin clairement, avec un bouleversement de honte, qu'il avait volé ces deux francs aux travaux des siens. (PH, p. 87)

A vizinhança ao lado de outros *pieds-noirs*, como também de árabes, era igualmente marcada pela miséria:

La rue de Pierre [copain de Jacques], qui conduisait au marché, était jalonnée de poubelles, que des Arabes ou des Mauresques faméliques, parfois un vieux clochard espagnol, avaient crochétées à l'aube, trouvant encore à prendre dans ce que des familles pauvres et économes dédaignaient assez pour les jeter. (PH, p. 132)

Paralelamente, são inúmeras as cenas em que o protagonista desfruta, à sua maneira, da cidade. Jogos, como o futebol, uma das paixões do autor; brincadeiras de rua em companhia de outros meninos, que frequentavam a mesma escola e moravam próximos a Cormery; a praia e os banhos de mar, entendidos como epifanias de prazer e liberdade, cuja existência não era mediada pelo dinheiro.

A percepção de Argel por Jacques Cormery transforma-se a partir do momento em que ele entra no Liceu, que se situava em um bairro nobre do outro lado da cidade. Jacques e seu amigo Pierre Fassina vivem a solidão da aventura urbana, quando, ao sair de Belcourt, ultrapassam fronteiras geográficas, sociais e culturais, que os levam não só ao conhecimento formal, estruturado pela escola, mas ao conhecimento de realidades de improvável comparação com a que eles viviam. A travessia das fronteiras urbanas contempla uma ruptura com a ignorância e a ausência de diálogo com o mundo exterior, típico de seu ambiente familiar. A limitação de linguagem, assim como de referências alheias ao universo familiar,

constituía motivo de embaraço para Camus/Cormery, que se envergonhava igualmente de estar sujeito a esse sentimento. A solidão e o aprendizado dos rapazes fazem-se sentir por meio da convivência com situações cotidianas, às quais eles se percebem estrangeiros: trens, ruas, lojas, casas, ideias, que jamais seriam compartilhadas tranquilamente com suas famílias. Como designar a atividade da mãe de Jacques Cormery no formulário escolar? Como fazer com que os responsáveis pelo garoto compreendessem e assinassem documentos escolares, se não sabiam ler e escrever? Como valorizar as exigências estudantis, sem ser obrigado a contribuir com a manutenção da casa, em momentos de suposto descanso?

Em todas as passagens, o autor corrobora a dimensão da miséria ali existente, tratando-a, no entanto, como um elemento agregador, ainda em momentos mais delicados. Note-se, por exemplo, a percepção de Jacques Cormery sobre sua própria família, após briga entre seu tio Étienne e um discreto pretendente de sua mãe: “Ils se faisaient du mal les uns aux autres sans le vouloir et simplement parce qu’ils étaient chacun pour l’autre les représentants de la nécessité besogneuse et cruelle où ils vivaient.” (PH, p. 118).

A memória da miséria distingue-se na percepção de detalhes e nuances entre ricos e pobres:

La mémoire des pauvres déjà est moins nourrie que celle des riches, elle a moins de repères dans l’espace puisqu’ils quittent rarement le lieu où ils vivent, moins de repères aussi dans le temps d’une vie uniforme et grise. Bien sûr, il y a la mémoire du cœur dont on dit qu’elle est la plus sûre, mais le cœur à la peine et au travail, il oublie plus vite sous les poids des fatigues. Pour les pauvres, il manque seulement les traces vagues du chemin de la mort. (PH, p.79)

Apesar de sua contínua atenção à presença da miséria entre os *petits blancs*, como também entre os árabes, Camus não a descreve com rancor, mas com um lirismo, frequentemente associado à melancolia e à impotência. Ao mesmo tempo em que sua família luta pela sobrevivência, não há qualquer menção a supostas ambições ou desejos que a precariedade material impedisse de realizar. Há, sim, o registro da alegria das ruas, onde se não se consegue esquecer a pobreza, ao menos é possível desfrutar das relações e de pequenos gestos, que tornam a percepção da realidade menos cruel e impactante.

Exemplo disso é relação que o jovem Cormery estabelece com a obrigação, determinada pela avó, de desfrutar as férias do Liceu, trabalhando, isto é, deixando passar ao largo qualquer possibilidade de descanso ou prazer. Para a avó de Cormery, as férias eram um tempo livre desnecessário, que poderia fazer render à família um pouco mais de dinheiro para a sobrevivência. Daí, o empenho em empregar o jovem, sem a coragem de revelar ao patrão a

intenção de obter apenas um trabalho temporário, fato que gerava tensão em Cormery, haja vista a confiança que os colegas depositavam nele, ignorando o real objetivo que o movia.

Mentir pour avoir le droit de ne pas prendre de vacances, travailler loin du ciel de l'été et de la mer qu'il aimait tant, et mentir encore pour avoir le droit de reprendre son travail au lycée, cette injustice lui serrait le cœur à mourir. Car le pire n'était pas dans ces mensonges que finalement il était incapable de préférer, toujours prêt au mensonge de plaisir et incapable de se soumettre au mensonge de nécessité, mais surtout dans ce joies perdues, ces repos de la saison et de la lumière qui lui étaient ravies, et l'année n'était plus alors qu'une suite de levers hâtifs et de journées mornes et précipitées. Ce qu'il y avait de royal dans sa vie de pauvre, les richesses irremplaçables dont il jouissait si largement et si goulûment, il fallait les perdre pour gagner un peu d'argent qui n'achèterait pas la millionième partie de ces trésors. [...] en effet, [...] il n'était plus l'enfant désorienté, [...] il [...] avait perdu un peu d'innocence. (PH, p. 251-252)

A reconstituição das memórias de infância e adolescência de Jacques Cormery e Berkane insere-se em perspectivas de vidas opostas. Ainda que seja possível perceber semelhanças, em especial, quanto às condições sociais - Cormery talvez fosse até mais pobre do que Berkane, cujo pai era dono de um café -, ambos os jovens disparam olhares distintos sobre o mundo, sendo o primeiro marcado pelo lirismo na observação da miséria humana, enquanto o segundo, por ter participado de manifestações populares contra a ocupação francesa, marcadas pela violência, demonstra menos ilusão ao narrar os eventos políticos que cercaram a independência da Argélia, na visão dos argelinos.

Escola: a descoberta do mundo

A escola francesa constituía-se como uma relevante extensão da política colonialista implantada na Argélia. Ali se construía a base de uma sociedade que deveria levar em conta os ideais franceses, valorizando-os como se fossem seus. Dos heróis gauleses à paisagem de inverno, sob a neve, a escola não parecia discriminatória para professores e alunos de origem metropolitana, mas não se detinha a difundir a história argelina, anterior à colonização, tampouco mencionava líderes, batalhas ou valores que pudessem comprometer a presença da França no país. O *instituteur* tinha, ali, papel fundamental, cabendo-lhe a missão de:

Educar as crianças, desenvolver o espírito crítico e prepará-los para a obtenção do diploma do curso primário, primeiro degrau do ensino francês, que permitiria concorrer a cargo público. [...] Os professores primários impregnavam os alunos com uma ordem social republicana.¹¹⁵ (TODD, 1996, p.41)

A presença de um professor atento e cioso dos talentos de seus alunos foi determinante na vida de Albert Camus. Monsieur Germain tinha especial apreço pelo menino, cuja pobreza ele pressentia e com a qual não se surpreendeu quando teve chance de visitar a família. O fato de Camus ser um *Pupille de la Nation*, isto é, órfão cujo pai morreu na Primeira Guerra em defesa do Exército Francês, comovia o mestre, ele também um ex-combatente. Somava-se a isso, a habilidade do estudante com a língua e sua capacidade de aprender:

Celui-là [Jacques] n'avait pas connu son père, mais il lui en parlait souvent sous une forme un peu mythologique, et, dans tous les cas, à un moment précis, il avait su remplacer ce père. C'est pourquoi Jacques ne l'avait jamais oublié, comme si, n'ayant jamais éprouvé réellement l'absence d'un père qu'il n'avait pas connu, il avait reconnu cependant inconsciemment, étant enfant d'abord, puis tout au long de sa vie, le seul geste paternel, à la fois réfléchi et décisif, qui fût intervenu dans sa vie d'enfance. Car Monsieur Bernard, son instituteur de la classe du certificat d'études, avait pesé de tout son poids d'homme, à un moment donné, pour modifier le destin de cet enfant dont il avait la charge, et il l'avait modifié en effet. (PH, p. 129)

Em *Le Premier Homme*, a narrativa avança detalhadamente nas lembranças e experiências de Camus/Cormery na escola primária, delineando, com singeleza, o cotidiano de meninos pobres, as amizades, disputas, eventuais castigos, todos permeados pelo privilégio da presença de um professor rigoroso, mas que exercia sua atividade com afeto. Para Jacques, o conhecimento e a chance de aprender eram verdadeiras alegrias, passíveis de existir somente no ambiente escolar, tão distinto da realidade miserável de sua casa:

Seule l'école donnait à Jacques et à Pierre ces joies. Et sans doute ce qu'ils aimaient si passionnément en elle, c'est ce qu'ils ne trouvaient pas chez eux, où la pauvreté e l'ignorance rendaient la vie plus dure, plus morne, comme renfermée sur elle-même; la misère est une forteresse sans pont-levis. (PH, p. 137-138)

Ao mesmo tempo, a possibilidade de descobrir um universo que avançava sobre as expectativas do cotidiano árduo e pobre que predominava sobre o destino de sua família fazia com que Jacques valorizasse a escola como espaço não só de convivência e conhecimento, mas de abertura de possibilidades sobre o mundo: as ciências, a história, a literatura, a cultura acumulada no passado e passível de ser desfrutada no presente poderiam tirar o homem da

¹¹⁵ “Élever les enfants, ouvrir l'esprit critique et les préparer au certificat d'études primaires, premier grade de l'enseignement français qui permet de postuler dans la fonction publique. [...] Les instituteurs imprègnent les enfants d'un ordre social républicain.”

estupidez, tornando sua vida menos dura e cruel. Como aluno de M. Bernard, Jacques encontrava também o verdadeiro significado da palavra respeito, a qual fortalecia a efetiva relação de troca e compartilhamento entre o professor e seus estudantes:

Non, l'école ne fournissait pas seulement une évasion à la vie de famille. Dans la classe de M. Bernard du moins, elle nourrissait en eux une faim plus essentielle encore à l'enfant qu'à l'homme et qui est la faim de la découverte. [...] Dans la classe de M. Germain¹¹⁶, pour la première fois ils sentaient qu'ils existaient et qu'ils étaient objet de la plus haute considération: on les jugeait dignes de découvrir le monde. (PH, p. 138)

Se a consagração da relação de confiança entre professor e aluno pode ser vislumbrada na visão arguta do mestre diante do talento do menino e na consequente intervenção do primeiro em prol da continuidade dos estudos do segundo, um momento anterior a esse fato demonstra o cuidado e o afeto do professor em relação ao garoto órfão, pobre, sensível e ávido de saber que era Cormery. Eis, pois, o presente dado por M. Bernard a um Cormery que não consegue conter as lágrimas ao final de uma história de sofrimento e morte causados pela guerra:

“Tiens, dit-il [l'instituteur], c'est pour toi.” Jacques reçut un livre couvert de papier brun d'épicerie et sans inscription sur la couverture. Avant même de l'ouvrir, il sut qui c'était Les Croix de bois, [de Dorgelès], l'exemplaire même sur lequel M. Bernard faisait la lecture en classe. “Non, non, dit-il, c'est...” Il voulait dire: c'est trop beau. Il ne trouvait pas de mots. M. Bernard hochait sa vieille tête. “Tu as pleuré le dernier jour, tu te souviens? Depuis ce jour, ce livre t'appartient.” (PH, p. 141)

A intervenção de Louis Germain junto à família de Camus permitiu ao jovem romper um destino fadado ao trabalho braçal e à ausência de melhores oportunidades, como vimos. Camus não só correspondeu como superou as expectativas iniciais a seu respeito, tornando-se escritor e jornalista. Ao longo dos anos, ele reencontraria o velho professor, demonstrando seu reconhecimento: “[...] c'était lui qui avait jeté Jacques dans le monde, prenant tout seule la responsabilité de le déraciner pour qu'il aille vers de plus grandes découvertes encore.” (PH, p. 149)

É no Liceu, entretanto, que se dará a grande ruptura. Mudam a rotina diária, as exigências, os professores, mas, sobretudo, a visão de mundo de Camus, que passa a enfrentar demandas, cuja complexidade o colocaria diante de questões inexistentes no cotidiano de Belcourt.

¹¹⁶ Aqui Camus emprega o nome de seu professor, e não do personagem, evidenciando a intersecção entre ambos.

Uma delas era a consciência da importância dos pais como praticamente a única referência legítima e socialmente aceitável sobre a criança. Órfão de pai e filho de uma mãe amorosa, porém ausente, Jacques não tinha a quem se reportar, não havia ninguém que pudesse ampará-lo no mundo dos adultos, ainda que se referisse apenas à burocracia do Liceu. Assim, ele descobre o fato de que a vida se faz pela forma como julgamos os outros e, igualmente, pela qual os outros nos consideram. Mas, sobretudo, é o julgamento que imprimimos à nossa pessoa e à nossa história o que realmente importa. Cormery tinha vergonha de se envergonhar de sua mãe, analfabeta e doméstica. Entretanto:

Jacques ne désirait nullement changer d'état ni de famille, et sa mère telle qu'elle était demeurait ce qu'il aimait le plus au monde, même s'il l'aimait désespérément. Comment faire comprendre d'ailleurs qu'un enfant pauvre puisse avoir parfois honte sans jamais rien envier ? (PH, p. 188)

Mesmo em companhia de Pierre, igualmente aprovado no exame de admissão para o Liceu, a travessia entre dois mundos feita por Jacques era absolutamente solitária, especialmente no que tangia a incomunicabilidade entre o universo do Liceu - seus professores e alunos; os livros e a biblioteca; sua localização no bairro rico, às costas da Casbah, com suas lojas e personagens -, e o universo do apartamento miserável de Belcourt, onde vivia a família embrutecida pela pobreza e pela ignorância; onde o autoritarismo da avó conjugado ao abandono da mãe preponderavam sobre o cotidiano; onde o calor e a humidade sufocavam o ar, que exalava a adversidade e a falta de perspectivas conferida pela realidade parecia imutável. Mas, de fato, a mudança afligia Jacques Cormery. Não apenas a mudança como a percepção da distinção entre as referências que trazia consigo e aquelas que colegas como George Didier, filho de uma família católica e burguesa, tinha a oferecer. A afeição de Jacques por Didier permitiu a ele compreender

[...] ce qu'était une famille française moyenne. Son ami avait en France une maison de famille où il retournait aux vacances, dont il parlait ou écrivait sans cesse à Jacques, maison qui avait un grenier plein de vieilles malles, où l'on conservait les lettres de la famille, des souvenirs, des photos. Il connaissait l'histoire de ses grands-parents et des arrière-grands-parents, d'un aïeul aussi qui avait été marin à Trafalgar, et cette longue histoire, vivante dans son imagination, le fournissait aussi d'exemples et de préceptes pour la conduite de tous les jours. (PH, p. 190-191)

A ideia de pátria tantas vezes mencionada por Didier chegava a confundir Jacques “[...] qui savait qu’il était français, que cela entraînait un certain nombre de devoirs, mais pour qui la France était une absente dont on se réclamait et qui vous réclamait parfois [...].” (PH, p. 191)

As referências de Didier colidem com a ausência de conhecimento de Cormery sobre si mesmo. Quem era ele? O que sabia dos seus, para além do tempo presente a aniquilar um cotidiano já vazio?

Jacques [...] se sentait d'une autre espèce, sans passé, ni maison de famille, ni grenier bourré des lettres et de photos, citoyens théoriques d'une nation imprécise où la neige couvrait les toits alors qu'eux-mêmes grandissaient sous un soleil fixe et sauvage, [...] enfants ignorés et ignorants de Dieu enfin, incapables de concevoir la vie future tant la vie présente leur paraissait inépuisable chaque jour sous la protection des divinités indifférentes du soleil, de la mer ou de la misère. (PH, p. 192)

Liceu e família representavam dois universos cindidos, cuja ponte era transposta solitária e diariamente por Camus, que experimentava um duplo sentimento de exílio. No entanto, se não era possível ignorar a distinção social entre Camus e seu amigo Pierre Fassina, ambos de origem humilde, e o restante dos colegas do Liceu, a distinção intelectual dava-se pela certeza da deferência que ambos provocavam entre os colegas:

Pendant la journée de classe, au contraire, la séparation était abolie. [...] Les seules rivalités étaient celles de l'intelligence pendant les cours et de l'agilité physique pendant les jeux. [...] La formation solide que les deux enfants avaient reçue à la communale leur avait donné une supériorité qui, dès la sixième, les plaça dans le peloton de tête. Leur orthographe imperturbable, leurs calculs solides, leur mémoire exercée et surtout le respect [...] qu'on leur avait inculqué pour toutes les sortes de connaissance étaient [...] des atouts maîtres. (PH, p. 204-205)

A escola primária e o Liceu foram determinantes para a formação de Camus como sujeito que desejava saber além de suas fronteiras. Essa importância fundamenta igualmente o marco que separa o autor de sua família, em um isolamento que se traduziu, inúmeras vezes, pela solidão e pela incomunicabilidade entre as partes. Nesse sentido, a relação entre Cormery e a instituição escolar, independentemente de seu nível, primário ou ginásio, configura-se como o espectro do abismo cultural existente entre a origem do protagonista e o papel alcançado na sociedade franco-argelina pelo escritor.

A percepção da cidade: um passado sem futuro

Após vinte anos de ausência, Jacques Cormery e Berkane voltam à Argel. Nesse retorno, o percurso em busca de si mesmo exige dos dois reestruturar os elementos que permitem compor relações entre a memória individual e a memória coletiva. Dentre eles, encontram-se o mito da origem da construção da Argélia como nação e os impasses decorrentes da colonização francesa; o mito em busca da própria identidade, configurado em torno das figuras paterna e materna; as tentativas de reencontrar a cidade da infância e adolescência, deixando-se, quem sabe, iludir pelo desejo de deparar com ruas e lugares desaparecidos, senão destruídos, pelos anos de conflito e guerra.

Reencontrar Argel implica conviver com frustrações e perdas irreparáveis. Apesar disso, a composição memorialística tanto de Cormery quanto de Berkane elenca as presenças francesa e árabe naquela cidade, não só devido às suas origens familiares, como também pelo fato de ambos transitarem em espaços nos quais se misturam pessoas de proveniências distintas e onde se mesclam níveis diferenciados de convivência e estranhamento, próprios ao choque entre culturas, ali existente.

Como, então, se estabelece a percepção da cidade? Em sua biografia sobre Albert Camus, Olivier Todd descreve Belcourt como o bairro onde viviam os franceses da Argélia, ressaltando a predominância da precariedade de suas condições ao afirmar que eles não passavam férias na França (TODD, 1996, p. 36), mas compartilhavam suas vidas e dificuldades com os árabes, além de pessoas originárias de outros países:

Em Belcourt, eles [os franceses da Argélia] estão ao lado dos árabes e acreditam conhecê-los. Fala-se de Ahmed, de Fatma, nomes que mergulham a singularidade em uma generalidade condescendente. O méchoui¹¹⁷ é partilhado nas praias. Não se fazem visitas entre eles. *Petits blancs* e árabes exibem seu ódio comum à polícia durante uma baroufa, uma briga. Esses pobres têm medo do desemprego. Árabes, judeus, napolitanos, valencianos, corsos, marseheses são acusados de roubar o trabalho. A xenofobia aflora juntamente com a solidariedade.¹¹⁸ (TODD, 1996, p. 36)

¹¹⁷ Carneiro assado inteiro em espeto.

¹¹⁸ “À Belcourt, ils [les Français d’Algérie] côtoient les Arabes et croient les connaître. On parle d’Ahmed, de Fatma, prénoms que noient la singularité dans une généralité condescendante. On partage le méchoui sur les plages. On ne se rend pas les uns chez les autres. Petits Blancs et Arabes mettent en commun leur haine de la police même pendant une baroufa, une bagarre. Ces pauvres craignent le chômage. On accuse Arabes, juifs, Napolitains, Valenciens, Corses, Marseillais de voler le travail. La xénophobie affleure comme la solidarité.”

Para Camus, Belcourt é o berço de uma simplicidade jamais perdida, mantendo as lembranças da infância, com amizades e brincadeiras antigas, mescladas a uma educação sentimental que vai culminar com o nascimento do primeiro homem: a formação do menino face ao aprendizado de um mundo ao sabor de conflitos, os mais hostis, que, na Argélia culminariam com a tortura e morte de milhares de pessoas e o terror.

Em “L’Été à Alger”, Camus elenca aquilo que é possível amar na cidade e está disponível a todos: “[...] la mer au tournant de chaque rue, un certain poids de soleil, la beauté de la race.” (ES, p. 67). Ao mesmo tempo, à exceção da natureza, o escritor assinala que “il n’y a rien ici pour qui voudrait apprendre, s’éduquer ou devenir meilleur. [...] Ce qu’il [le pays] exige, ce sont des âmes clairvoyantes, c’est-à-dire sans consolation.” (ES, p. 67). Concluindo, finalmente, que a Argélia é um “singulier pays que donne à l’homme qu’il nourrit à la fois sa splendeur et sa misère!” (PH, p. 67). Eis, pois, o que une a memória de um argelino às memórias da coletividade que vive em Argel, onde, sem perspectivas passadas ou futuras, experimenta-se a constância do presente, pleno de silêncio e tédio, sob a eternidade quase ininterrupta do sol. Segundo Camus, a vida em Argel é para os jovens que se entregam ao verão. Depois da juventude, a cidade não acolhe mais ninguém: espera-se a longa passagem das horas no vazio e nada mais. Exemplo disso é a postura adotada por sua mãe, que, em decorrência do isolamento imposto a ela em consequência da surdez, além de sua personalidade retraída, passa as noites sentada à janela, observando a vida e o tempo partirem para nunca mais.

As relações entre homem e natureza, bem como a reflexão sobre a pobreza são constantes em todo *Le Premier Homme*, em que se explicitam os sentimentos que se apoderam da personagem no caminho para Argel, assim como suas angústias quanto ao impacto que sofre a cada vez que deixa a África em direção à França:

Le cœur serré d’une sorte d’angoisse heureuse à l’idée de revoir Alger et la petite maison pauvre des faubourgs. C’était ainsi chaque fois qu’il quittait Paris pour l’Afrique, une jubilation sourde, le cœur s’élargissant, la satisfaction de qui vient de réussir une bonne évasion et qui rit en pensant à la tête des gardiens. De même que, chaque fois qu’il y revenait par la route et par le train, son cœur se serrait aux premières maisons des banlieues, abordées sans qu’on ait vu comment sans frontières d’arbres ni d’eaux, comme un cancer malheureux, étalant ses ganglions de misère et de laideur. (PH, p.44)

Existe a ansiedade motivada pelo retorno, como também a tristeza diante da penúria que anuncia não só a cidade, como também a vida nela instaurada, tal qual uma doença cruel e incurável.

Paralelamente, o peso da noite assemelha-se à força, tantas vezes mencionada nos textos camusianos, da luz solar, um privilégio que não redime a África da miséria que a assola, embora torne a possibilidade de enfrentá-la um pouco mais humana. Camus, como homem mediterrâneo, sente profundamente a ausência do sol ao longo dos dias acinzentados em que permanece na Europa, esteja ele em Paris, Praga ou, como Clamence, em Amsterdam. Ao final de *La Chute*, por exemplo, uma metáfora sobre o banimento e a solidão de Camus, o anti-herói inspirado no próprio autor, anseia pelo sol e pelo calor da Grécia, um desejo que se torna extensão dele mesmo, ainda que não aplaque sua angústia.

Un immense oubli s'était étendu sur eux, et en vérité c'était cela que dispensait cette terre, cela qui descendait du ciel avec la nuit au-dessus des trois hommes qui reprenaient le chemin du village le cœur serré par l'approche de la nuit, pleins de cette angoisse qui saisit tous les hommes d'Afrique lorsque le soir rapide descend sur la mer, sur leurs montagnes tourmentées et sur les hauts plateaux, la même angoisse sacrée que sur les flancs de la montagne de Delphes où le soir produit le même effet, fait surgir des temples et des autels. Mais, sur la terre d'Afrique, les temples sont détruits, et il ne reste que ce poids insupportable et doux sur le cœur. (PH, p. 179)

Na África, o peso da noite é o reflexo do descaminho dos homens, bem como do desprezo da história pela terra que os acolhe, uma experiência que prima pelo uso da violência e da destruição, de parte a parte dos que ali estiveram ao longo dos séculos. O que restou, então, para Jacques Cormery, das lembranças que tinha de sua terra natal? “Quand je suis quelque temps loin de ce pays, j’imagine ses crépuscules comme des promesses de bonheur.” (ES, p. 70). A disputa política e social vigente nas ruas de Argel a partir de meados da década de 1950 só iria acirrar as relações entre franceses, incluindo-se aí a população europeia pauperizada, e árabes.

De volta ao país, Jacques Cormery se depara com o cotidiano manchado por bombas em meio às ruas e às estações de trem, e o visível temor provocado pelos atentados em sua mãe. Para Camus, a radicalização da violência na década de 1950 em prol da independência da Argélia, tomaria o sentido oposto ao que ele compreendia como ideal para o país, isto é, a efetivação de uma

[...] politique de réparation [au lieu d'] une politique d'expiation. C'est en fonction de l'avenir qu'il faut poser les problèmes, sans remâcher interminablement les fautes du passé. Et il n'y aura pas d'avenir qui ne rende justice en même temps aux deux communautés d'Algérie. (ES, p. 898)

Camus ou o exílio de um homem fora do lugar

Dentre os elementos comuns a Jacques Cormery e Berkane encontra-se o exílio, uma condição política de perda incontestável, envolvendo territorialidade e identidade, experimentada por inúmeras pessoas, sobretudo, no século XX. O exílio, seja como elemento temático constituidor da narrativa, seja como condição de escrita do autor exilado, configura-se como tema frequente na moderna literatura ocidental e na literatura magrebina de língua francesa, em particular. Neste caso, soma-se o impasse linguístico próprio aos autores magrebins, que utilizam a língua do colonizador para construir sua literatura. Edward W. Said escreve em *Reflexões sobre o Exílio* (2003) que “Paris pode ser a capital famosa dos exilados cosmopolitas, mas é também uma cidade em que homens e mulheres desconhecidos passaram anos de solidão miserável: vietnamitas, argelinos, cambojanos, libaneses, senegaleses, peruanos” (SAID, 2003, p.49).

Jacques Cormery e Berkane despendem duas décadas de suas vidas em exílios na capital francesa. Não se tratam, entretanto, dos mesmos vinte anos. Cormery vive na França entre os anos de 1930 e 1950, antes da Guerra de Independência; já Berkane se estabelecerá como funcionário público no período que se seguiu à libertação da Argélia, retornando ao país em outro momento de conturbação política durante a década de 1990. Em nenhum dos textos é possível saber a motivação que levou os protagonistas a se auto exilarem, como, por exemplo, registra Berkane em seu livro: “S’agite en moi le pourquoi de cet exil si long et clôturé si tard - une interrogation? Plutôt un flou, une équivoque dont j’ignore la nature.” (DLF, p. 20). Deve-se, no entanto, ressaltar que eles viveram como expatriados, isto é, morando “voluntariamente em outro país, geralmente, por motivos pessoais ou sociais.” (SAID, 2003, p. 54).

Albert Camus mudou-se para a França em 1940, voltando apenas pontualmente à terra natal. Em momentos diversos, ele manifestou seu incômodo e sua insatisfação em relação à sua vida naquele país, especialmente após a crise enfrentada junto à intelectualidade local por ocasião do lançamento de *L’Homme Révolté* (1951). Mais tarde, exprime seu grito de exilado e o peso do banimento que o acomete em consequência de posições assumidas em seu *Appel pour la trêve civile*, de 1956, pelo qual defendia um acordo - visto como inatingível - entre árabes e franceses no tocante à violência contra civis durante a Guerra da Argélia. Na

sequencia, a publicação de *La Chute* (1956), outro livro em que se vale de inspiração biográfica para compor uma narrativa ficcional, contribuiria igualmente para demonstrar o sentimento de deslocamento e não pertença do autor face às sociedades francesa e argelina em função dos impasses provocados pelo colonialismo e, em especial, por seu posicionamento contra o terror como estratégia de ação na guerra de independência.

Paralelamente, se “[...] a Argélia obceca o escritor”¹¹⁹ (Todd, 1996, p. 844) quanto à problemática colonial, ela também permite a ele encontrar-se consigo mesmo e desfrutar da natureza, do calor e do mar, tal qual uma Ítaca ansiada, ao mesmo tempo em que perdida sob o signo da violência e da opressão coloniais. No sentido do que Camus chamaria de “reino”, pode-se destacar *Noces* (1939) e *L’Été* (1954), entre outros textos.

Tanto Camus quanto Djebbar viveram seus exílios e voltaram ao país de origem, entremeando tais passagens com períodos críticos da história da Argélia.

Para Jacques Cormery, assim como para Berkane, o retorno traz à tona lembranças e reminiscências adormecidas, ao passo que reacende em ambos um sentimento de identidade perdida. Eles desejam encontrar seu passado, mas o país que cada qual vislumbra não existe mais. Por isso, não é necessariamente possível responder aos anseios que os protagonistas trazem consigo.

Com o propósito de conhecer seu pai morto, Cormery explora a formação da Argélia Francesa, com a vinda de imigrantes para se instalar e cultivar as terras do interior do país. Se para os argelinos, esse processo correspondeu à perda significativa de propriedades e à obrigatoriedade de vincular-se a um colono francês para poder trabalhar e sobreviver, para os franceses, a viagem foi pontuada de expectativas e frustrações, envolvendo a travessia do mar Mediterrâneo, da Europa à África; o contágio por doenças; a necessidade de enfrentamento das tribos locais, então desalojadas e despossuídas; a fome e todos os esforços empreendidos para conseguir se fixar em um país estrangeiro, praticamente desprovido de infraestrutura e sem contar com o proclamado apoio do governo francês.

¹¹⁹ “[...] l’Algérie obsède l’écrivain.” (Todd, 1996, p. 844)

Mondovi e a aniquilação de uma memória coletiva nascente

Embora, ao longo dos anos 50, Camus já estivesse trabalhando no plano de *Le Premier Homme*, a redação do manuscrito se deu prioritariamente no final de 1959, na casa de Lourmarin, pouco antes de sua morte. O desejo de escrever um romance de formação, remetendo às suas origens argelinas, coincide com o isolamento político do escritor, seja na França, em razão dos conflitos com o grupo de Sartre, seja na Argélia, devido ao acirramento das tensões em torno da independência.

Ainda que a primeira leitura de *Le Premier Homme* ocorra na chave da autobiografia, com uma estrutura épica e mítica em que se misturam a busca pelo pai, a presença da mãe e as lembranças de uma infância miserável, embora plena de luz, trata-se de um livro político, pelo qual se registra a presença, comumente negligenciada, dos franceses pobres na Argélia.

Em *Le Premier Homme*, a experiência de Camus enquanto indivíduo, assim como a de sua família, marcada pela pobreza e pelo analfabetismo, extrapola a perspectiva autobiográfica para dar lugar à memória coletiva dos franceses da Argélia, considerados pelo escritor tão indígenas quanto os árabes e berberes. Diferentemente dos *grands blancs*, funcionários da alta administração ou do exército colonial, assim como grandes proprietários de terra, a família de Camus vinha de uma “linhagem” de trabalhadores rurais pobres, que se transferiram para a cidade, sem, no entanto, conquistar uma melhora significativa em suas condições de vida. *Le Premier Homme* forja, por meio da experiência pessoal do autor, a memória desse grupo, cujo vínculo com o país estabelece-se pelo fruto de seu trabalho como agricultores na terra que vieram povoar no século XIX, bem como pelo sangue, em razão das gerações de filhos de europeus ali nascidos. Por outro lado, essa memória se expressa, igualmente, em contraposição ao desenraizamento desse grupo, levando ao apagamento de sua trajetória e ao consequente esquecimento de suas experiências.

Apesar da relação contraditória que Camus possui com a história, ela é de grande relevância para a construção de *Le Premier Homme*. Por um lado, nos anexos do manuscrito, o escritor ressalta que “Les mairies d’Algérie n’ont pas d’archives la plupart du temps.” (PH, p. 268, grifo do autor), por outro, ele se vale de fontes como *Histoire de la colonisation de l’Algérie*, de Bandicorn, de 1860, e *A l’aube de l’Algérie Française: le calvaire des colons de*

1848, de Maxime Rasteil, igualmente relacionadas nos anexos, para elencar quais episódios da história dos franceses na Argélia deseja ver contemplados no livro¹²⁰.

Observando-se que a tentativa de construção da memória dos *pieds-noirs* é fundamental ao texto, há que se ressaltar o quanto essa faculdade é essencialmente fragmentária e dependente de uma conjugação de elementos internos e externos ao sujeito para se constituir como uma narrativa passível de aproximar-se do real. Camus não pode se valer dos arquivos oficiais. Serve-se, então, da pesquisa historiográfica de Bandicorn e, sobretudo, do trabalho memorialístico, constituído a partir do testemunho de um antigo colono francês no país africano, Eugène François, apresentado por Rasteil. Coloca-se, pois, o debate em torno do testemunho como fonte para a formação da narrativa histórica, tendo em vista que, guardando-se a importância da testemunha ocular de um fato para sua melhor reconstituição, é preciso atentar que a narrativa é sempre feita a partir de um ponto de vista, o qual, a princípio, deve assegurar a verdade, mas não é necessariamente isento. Configurando-se, por isso, como uma versão, mais ou menos fiel, do fato e da realidade em questão.

Embora Camus escreva um livro de ficção, o debate a respeito das fontes é relevante para se compreender quais perspectivas o autor deseja enfatizar em seu texto. De quais versões ele faz uso para tornar a sua perspectiva relevante. Nesse sentido, é possível perceber que Camus considera os *pieds-noirs* vítimas tão significativas do colonialismo quanto a população autóctone. Por isso, avalia ser injusto que somente essas pessoas sejam responsabilizadas pelos usos e abusos da colonização francesa, sem que a França e a população da metrópole respondam igualmente pela questão. Daí, a crítica particularmente dirigida à intelectualidade parisiense:

[...] il faut cesser aussi de porter condamnation en bloc sur les Français d'Algérie. [...] Quand un partisan français du F.L.N. ose écrire que les Français d'Algérie ont toujours considéré la France comme une prostituée à exploiter, il faut rappeler à cet irresponsable qu'il parle d'hommes dont les grands-parents, par exemple, ont opté pour la France en 1871 et quitté leur terre d'Alsace pour l'Algérie, dont les pères sont morts en masse dans l'Est de la France en 1914 et qui, eux-mêmes, deux fois mobilisés dans la dernière guerre, n'ont cessé, avec centaines de milliers de musulmans, de se battre sur tous les fronts pour cette prostituée. (ES, p. 897)

¹²⁰ Peter Dunwoodie (2007) analisa “de um lado o estatuto das fontes documentais das quais se serviu Camus; de outro lado a seleção de episódios históricos, integrados em uma narração fictícia, que não se constituía na defesa de uma população franco-argelina, nômade, suspensa.” [*d'une part le statut des sources documentaires dont se servit Camus; d'autre part la sélection des épisodes historiques, intégrés dans une narration fictive, qui était sans se constituer dans la défense d'une population franco-algérienne, nomade, suspendue.*]

Le Premier Homme fixa-se na construção da narrativa histórica dos franceses da Argélia, uma narrativa de cunho aparentemente individual, mas que se deseja representativa de uma coletividade. Nesse sentido, destaca-se a observação de Camus feita em *Chroniques Algériennes*, quando ele afirma que “l’histoire des hommes de ma famille qui, de surcroît, étant pauvre et sans haine, n’ont jamais exploité ni opprimé personne. Mais trois quarts des Français d’Algérie leur ressemblent [...]” (ES, p.897). Deve-se, portanto, perguntar quem é essa família e quem são aqueles que se parecem com ela.

Em “Mondovi: la colonisation et le père”, sétimo capítulo de *Le Premier Homme*, Camus narra a chegada dos primeiros colonos franceses à Argélia, os *Quarante-huitards*, parisienses desempregados, que, iludidos, responderam ao apelo da Constituinte que aprovara a oferta de créditos, habitação e um pedaço de terra entre dois e dez hectares para serem cultivados no país africano. Tratava-se de miseráveis e famintos que enxergaram ali uma possibilidade de sobrevivência que já não encontravam na França.

Há que se ressaltar que, antes da política de povoamento ser adotada na Argélia, a partir de 1948, o general Bugeaud, um dos comandantes do exército francês durante a primeira fase da conquista, destacava que:

Esta é a solução que irá manter a conquista e liberar gradualmente o nosso exército. Procurem colonos por toda parte, são necessários 150 mil. Eles devem ser alocados sem que se investigue a quem pertence a terra, é preciso distribuí-las em qualquer propriedade.¹²¹ (KATAN, 2006, p. 3)

Além disso, “l’espérance de la propriété individuelle a été le véritable stimulant de la colonisation.” (IBIDEM, p. 7). Entretanto, é preciso atentar para o entendimento que se tinha do território argelino e de que maneira essa percepção era explorada pelos governantes, a fim de convencer futuros emigrantes a partir para a África:

Falavam-lhes sobre a “França Africana”, recusavam-se a chama-los emigrantes, eles estavam no que era apenas uma extensão da França [...]. Povoar a Argélia foi até apresentado aos nossos *quarante-huitards* como um trabalho emocionante a serviço da pátria.¹²² (KATAN, 2006, p. 7)

¹²¹ “C’est la colonisation qui gardera cette conquête et libérera peu à peu notre armée. Cherchez les colons partout, il en faut 150 000. Il faut les placer sans s’informer à qui appartiennent les terres ; il faut distribuer celles-ci en toute propriété.”

¹²² “On leur parlait de ‘France africaine’, on refusait de les appeler des émigrants; ils se rendaient dans ce qui n’était qu’un prolongement de la France [...]. Aller peupler l’Algérie était même présenté à nos quarante-huitards comme une œuvre exaltante au service de la patrie.”

Apesar dessa convicção, a sobrevivência também não seria fácil na Argélia, onde a força da natureza hostil, a presença intensa de insetos, o calor e as tempestades, tornariam ainda mais instável a vida dos imigrantes. Pois, embora tivessem sido festejados como heróis em sua partida da França, assim como em sua chegada à Argélia, a primeira leva de emigrantes foi esquecida pelo governo francês, assim como por sua representação local, tão logo aportou na colônia. Exemplo disso foi a constatação de que, ao partir para o interior do país, as casas destinadas a receber os *quarente-huitards* ainda não haviam sido construídas; os emigrantes não dispunham de suprimentos para sua alimentação e higiene; as sementes e os equipamentos para a agricultura não seriam entregues a tempo de serem aproveitados no período de plantio. (KATAN, 2006).

Ao sair atrás de vestígios da presença de seu pai, Jacques Cormery chega a Solferino, uma das primeiras vilas construídas pelos colonos de 1848, onde se localizava a fazenda de seu nascimento, conhecida por Saint-Apôtre. Ali, Veillard, descendente de antigos colonos, o médico responsável pelo parto de Cormery e Tamzal, um velho árabe, trouxeram-lhe quase nenhum dado sobre a passagem de seu pai pela região. No entanto, apresentaram detalhes esparsos, embora violentos, da convivência entre árabes e franceses na Argélia: o ataque à família Raskil, deixando “le père et ses deux fils égorgés, la mère et la fille longuement violées et puis à mort...” (PH, p. 167); a resistência a abandonar as terras por parte de um velho colono, daqueles “[...] qu’on insulte à Paris [...]” (PH, p. 167), capaz de destruir sua própria plantação face à exigência de evacuação da região: “puisque ce que nous avons fait ici est un crime, il faut l’effacer.” (PH, p. 168)

Paralelamente, a memória de Henri Cormery torna-se mais e mais remota. Em busca do pai e de si mesmo, Camus esboça os passos apagados desses emigrantes, cujo lastro de abandono pode ser vislumbrado em sua própria família. Ao voltar de Solferino, Cormery (re)faz a travessia inicial, feita por seus pais em direção ao interior da Argélia, e projeta no passado o peso que essa experiência deve ter causado naqueles que apostaram suas vidas em uma mudança dolorosa, solitária e sem sucesso:

Il [Jacques] était là [sur le quai de Bône], décidé, sombre, les dents serrés, et après tout n’était-ce pas la même route qu’il avait prise de Bône à Solferino, près de quarante ans plus tôt, à bord de la carriole, sous le même ciel d’automne? Mais la route n’existait pas pour les émigrants, les femmes et les enfants entassés sur les prolonges de l’armée, les hommes à pied, coupant à vue de nez à travers la plaine marécageuse ou les maquis Épineux, sous le regard hostile des Arabes groupés de loin en loin et se tenant à distance, accompagnés presque continuellement par la meute hurlante des chiens kabyles, jusqu’à ce qu’ils parviennent à la fin de la journée dans le même pays que son père quarante ans auparavant, plat, entouré de hauteurs lointaines, sans une habitation, sans un lopin de terre cultivé, couvert seulement d’une poignée de tentes militaires couleur de terre rien qu’un espace nu et désert, ce qui était pour eux

l'extrémité du monde, entre le ciel désert et la terre dangereuse, et les femmes pleuraient alors dans la nuit, de fatigue, de peur et de déception. (PH, p.174)

Os *petits colons* eram quase tão pobres ou ainda mais pobres que os autóctones. Nesse contexto, Camus se empenha em demonstrar que, em uma terra cuja história é plena de invasões, incluindo-se entre elas a conquista árabe e a colonização francesa, pode-se afirmar que os franceses da Argélia são atores de uma implantação, cujo direito de permanência se dá por meio do trabalho na terra e pelo sangue, isto é, o nascimento de novas gerações de franceses no país (DUNWOODIE, 2007). Para Camus, os *petits blancs* são tão argelinos quanto os árabes e os berberes.

Daí, a pergunta que ilumina o impasse político camusiano: poderiam os descendentes daqueles trabalhadores pobres, enganados e, de certa forma, banidos de seu país devido à sua condição precária, responder pelos erros do colonialismo, pagando por iniciativas das quais também foram vítimas?

Como porta-voz dessa comunidade, Camus reconhece e revela a invisibilidade e a impotência que lhe são características, associando-as, no caso de sua família, a um mutismo crônico, tal qual pode ser observado em *Le Premier Homme*.

Entre um “passado de mudança e um futuro de evacuação”¹²³ (DUNWOODIE, 2007), os franceses da Argélia formam uma comunidade desenraizada, uma vez que não são aceitos como verdadeiros argelinos pela população do país e, tampouco, são benquistos na França. A morte impediria Camus de presenciar o ápice dos conflitos pela independência, que culminaram com atos de violência, tortura e terrorismo de mútua responsabilidade. Em 18 de março de 1962, a assinatura dos Acordos de Évian coloca fim à Guerra da Argélia, garantindo a independência do país. A partir dessa data, começa o êxodo do *pieds-noirs*, expulsos de suas casas e também do país africano, chegando à França sem qualquer apoio do governo ou da sociedade, que os manteria excluídos. Tornaram-se, assim, uma população duplamente banida, duplamente exilada. *Le Premier Homme* contempla a memória esfacelada de um país multiétnico e, nessa perspectiva, ilumina a experiência, que se poderia considerar desimportante da família de Camus, representando a irrelevância dos *petits blancs* na história das relações entre França e Argélia.

¹²³ “[...] passé de déménagement et un avenir d’évacuation [...]”

Capítulo 5

ASSIA DJEBAR E *LA DISPARITION DE LA LANGUE FRANÇAISE*

Assia Djebbar: uma escritora francófona

Nascida Fatma-Zohra Imalhayène em Cherchell, cidade localizada no interior da Argélia, no seio de uma família árabe-berbere, em 30 de junho de 1936, Assia Djebbar escreveu romances, poesia, contos e ensaios, além de ter se voltado para o cinema e o ensino de história do Magreb e, mais recentemente, de literatura francesa. Seus textos enfocam, sobretudo, as condições de vida e sociabilidade das mulheres muçulmanas, além de questões relacionadas à identidade e à história argelina, bem como os impasses decorrentes dos usos da língua árabe e do francês, a língua do colonizador, como meio de expressão dos povos colonizados.

Pode-se considerar a escrita uma transgressão para as mulheres muçulmanas. Por essa razão, ao decidir escrever, Fatma-Zohra Imalhayène optou pelo uso de um pseudônimo que pudesse, ainda que temporariamente, ocultar essa atividade de sua família. A seguir, a escritora fala, em uma entrevista, a respeito dessa escolha:

Djebbar c'est l'un des quatre-vingt-dix noms que l'on donne à Dieu, pas au Prophète. [...] Djebbar a un double sens: dans notre dialecte, c'est celui qui est le rebouteux, celui qui répare les os quand ils sont cassés, mais comme souvent les racines arabes ont un sens qui est quelquefois presque le contraire, ça veut dire aussi celui qui est dur mais par justice, par excès de justice. Donc, le sens le plus exact de Djebbar c'est intransigent. [...] Assia, en arabe, veut dire immortelle, c'est le nom d'une fleur - la fleur immortelle. [...] dans la culture coranique, [...] c'est la mère adoptive ou celle qui adopte. (SOARES, 1995, p. 127)

Assia Djebbar é uma exceção, talvez até maior que Albert Camus. Ao contrário da mãe e da avó do autor de *L'Étranger*, ambas analfabetas, o pai de Djebbar era não só um leitor, como também o único professor argelino muçulmano em uma instituição de ensino francesa, tendo rompido preconceitos ao levar e manter sua filha mais velha na escola local. Além da escola francesa, Assia Djebbar frequentou uma escola corânica privada, onde aprendeu árabe; mais tarde, esteve no Lycée Bugeaud, em Argel, onde estudou Albert Camus e, em 1955, foi a

primeira argelina a ser aceita na École Normale Supérieure (ENS) de Sèvres, em Paris, onde foi aluna do curso de história. Desde o início, essa trajetória diferenciada seria definida pelo sentimento de estranheza da escritora em relação à sua autopercepção como estudante nas escolas francesas, assim como a uma tão profunda interiorização da língua do colonizador que levaria Djébar a adotá-la como sua língua de escrita. Entretanto, pode-se dizer que se trata de um mútuo estranhamento, visto que a presença de uma menina muçulmana em uma instituição francesa era um fato inesperado não só pelos franceses, como também frequentemente inaceitável por parte da sociedade argelina. Tais aspectos influenciaram diretamente a percepção de Djébar a respeito de si mesma:

Née en Algérie coloniale, fillette arabe allant à l'école française – l'école primaire du village – seule “musulmane” disait-on alors pour définir mon étrangeté, et par là même, ma famille ainsi que mon statut de “colonisée”, j’ai eu pourtant, presque miraculeusement, bien que fille, accès à l’école des Autres: ainsi, fus-je amenée à me sentir, peu à peu, irréversiblement, à l’intérieur même de la langue française! (DJEBAR. In: ASHOLT; CALLE-GRUBER et COMBE, 2010, p. 17)

Em seu romance *L’amour, la fantasia* (1985), primeiro de uma série conhecida como *Quatour d’Alger*, que versa sobre a história da colonização francesa na Argélia, a escritora inicia o texto com uma narrativa autobiográfica que descreve seu primeiro dia na escola, associando esse fato à percepção que tem dele a comunidade islâmica ao redor:

Fillette arabe allant pour la première fois à l’école, un matin d’automne, main dans la main du père. Celui-ci, un fez sur la tête, la silhouette haute et droite dans son costume européen, porte un cartable, il est instituteur à l’école française. Fillette arabe dans un village du Sahel algérien.

Villes ou villages aux ruelles blanches, aux maisons aveugles. Dès le premier jour où une fillette “sort” pour apprendre l’alphabet, les voisins prennent dont le regard matois de ceux qui s’apitoient, dix ou quinze ans à l’avance: sur le père audacieux, sur le frère inconséquent. Le malheur fondra inmanquablement sur eux. Toute vierge savante saura écrire, écrira à coup sûr “la” lettre. Viendra l’heure pour elle où l’amour qu’écrit est plus dangereux que l’amour séquestré. (AF, p. 11)

A decisão tomada pelo pai pesaria como um estigma sobre a filha e também sobre toda a família, embora possibilitasse à menina a ruptura com a tradição islâmica frente à educação de mulheres, além de permitir que, mais tarde, ela assuma escolhas profissionais totalmente vinculadas aos ofícios da leitura e da escrita. Em 1957, ao adotar o pseudônimo pelo qual se tornou conhecida, quando publicou seu primeiro romance, *La Soif*, a escritora confirma a dicotomia que marcaria toda a sua vida, bem como sua produção literária: embora tivesse sido formada sob a cultura francesa e assimilado os valores ocidentais, sua condição de mulher muçulmana obviamente não a abandonara. O estigma sobre a leitura e, especialmente, sobre a

escrita para as mulheres magrebinas é descrito por Assia Djébar como uma recusa da sociedade em permitir o acesso de mulheres a diferentes papéis:

Le Maghreb a refusé l'écriture. Les femmes n'écrivent pas. Elles brodent, se tatouent, tissent des tapis et se marquent. Écrire, c'est s'exposer. Si la femme, malgré tout, écrit, elle a le statut des danseuses, c'est-à-dire des femmes légères.¹²⁴

Ao assinalar a importância de *La Soif* (1957), Charles Bonn ressalta ser este um texto considerado, a priori, despolitizado, por não tratar dos conflitos político-coloniais inerentes ao período em que foi escrito, mas que, sob a perspectiva de uma jovem escritora demonstra ousadia, não apenas pelo ato de escrever em si mesmo, como também em razão da abordagem que o texto faz do corpo e da sexualidade feminina, temas considerados tabu em relação à tradição e às mulheres muçulmanas, religião da família da escritora. Assim, a aparente falta de engajamento político revela, ao contrário, o desejo de Djébar de ser porta-voz dos silêncios que cercam essa realidade. Depois de *La Soif*, a autora publicaria *Les impatientes* (1958), *Les enfants du nouveau monde* (1962), *Les alouettes naïves* (1967).

Após a publicação de *Les alouettes naïves*, Djébar permaneceria dez anos sem escrever. Sentia dificuldade em não conseguir separar sua escrita ficcional de uma escrita autobiográfica, realizada em francês. Essa preocupação se justificava pela tradição árabe-muçulmana que se opunha à escrita feminina, entendida como objeto de exposição da própria mulher, nascida e criada exclusivamente para o casamento e a maternidade.

Em 1966, Djébar parte para o autoexílio em Paris, licenciando-se da Universidade de Argel, onde lecionava História do Magreb. De volta à Argélia em 1974, em meio à política de arabização adotada pelo governo argelino, ela não pôde voltar a dar aulas, pois dominava apenas o árabe dialetal e não o árabe clássico, tornado língua obrigatória para o ensino na universidade. O dilema linguístico vivido por Assia Djébar, seja como escritora, seja como professora, a levaria a encontrar no cinema o espaço para dissolver essa crise e também se aproximar de seu povo, ao optar pela utilização do árabe dialetal nos dois filmes que realizou: *La nouba des femmes du Mont Chenoua* (1978) e *La Zerda et les chants de l'oubli* (1982).

A consciência da dicotomia predomina nos textos de Djébar, expressando-se por meio de tensões e contradições próprias às relações estabelecidas entre a Argélia e a França, envolvendo desde o passado colonial até os desafios pós-independência, suas transformações e permanências; a problemática linguística resultante das políticas empreendidas em favor da

¹²⁴ Disponível em: < http://www.assiadjébar.over-blog.net/bio/main_bio.htm >. Acesso em 30 JUN 2013, 16h23.

língua francesa, paralelamente à desvalorização do berbere e do árabe, assim como as questões relacionadas à arabização (política de nacionalismo linguístico que fixava o uso exclusivo do árabe no país) e à islamização (política de nacionalismo religioso) adotadas posteriormente à independência do país; a abordagem de diferentes fatos históricos, entremeados por narrativas de teor autobiográfico e ficcional, que compõem o mosaico estilístico da escritora.

Como Camus, ainda que diferentemente, Djebbar se inscreve sob a perspectiva do entrelugar. Por isso, ela busca dominar o francês, compreendendo-o como meio de conhecimento do outro e de sua cultura. Em *Ces Voix qui m'assiègent... en marge de ma francophonie* (1999), a escritora detalha importantes aspectos dessa relação, ressaltando o significado político de escrever, por opção própria, na língua do colonizador, sendo uma mulher muçulmana: sua trajetória em meio ao circuito francófono do norte da África, as relações entre a sua produção literária e questões como autobiografia, memória, cinema e política. Assim ela se define: “Je suis une femme algérienne, mais je devrais faire référence plutôt qu’à terre natale, du moins à la langue des aïeux et des aïeules: ‘je suis femme arabo-berbère’, et en sus ‘d’écriture française’”. (CV, p. 42)

No mesmo texto, Assia Djebbar aponta o enclave representado por uma perspectiva em que ela, como escritora, se encontra *entre-deux-langues*:

Rester sur les marges d’une, de deux ou trois langues, frôler ainsi le hors-champ de la langue et de sa chair, c’est évidemment un terrain-frontière, hasardeux, peut-être marécageux et peu sûr, plutôt une zone changeante et fertile, ou un *no man’s land*, ou...

[...]

Entre-deux-langues, pour un écrivain ne pouvant être autrement qu’écrivain, c’est se placer dans l’aire nerveuse, énermée, désénervée, douloureuse et mystérieuse de toute langue: situation souvent fréquente pour les écrivains ex-colonisés, des terres de l’Empire français, anglais, espagnol, hollandais ou portugais d’hier... (CV, p. 30)

A dicotomia pode ser igualmente observada nos conflitos experimentados pela autora quanto à sua identidade profissional. Formada em História, ela divide suas atividades como escritora e historiadora, embora o encontro entre literatura e história possa ser comumente observado em seus textos. O *Quatour d’Alger*, ainda aparentemente inacabado e formado por *L’amour, la fantasia* (1985), *Ombre Sultane* (1987) e *Vaste est la prison* (1995), constitui um dos mais relevantes exemplos desse procedimento. Destaca-se igualmente *Loin de Médine* (1991), entre outros.

Enquanto historiadora, Djebbar distingue o reconhecimento e a crítica às fontes históricas como uma prática essencial, assim como a importância da pesquisa documental em

um país onde a história oficial encontra-se diretamente vinculada à construção de uma memória política que prima pela parcialidade e a não isenção, seja pelo apagamento da memória anterior à ocupação francesa e à consequente valorização da presença europeia no país ao longo da colonização; seja pela destruição, em seguida, da presença francesa na Argélia, especialmente no tocante à política linguística de arabização e à islamização, predominantes após a independência. Como escritora, entretanto, ela não releva a importância de sua imaginação para a constituição da narrativa: ao construir uma história em busca da identidade argelina, Djébar o faz por meio da atenção à multiplicidade de histórias existentes em seu país e não somente a partir da consideração de uma única narrativa, dita oficial, seja sob a ótica do colonizador francês, seja pela influência do integrismo árabe-muçulmano. Trata-se, portanto, de uma “obra em que a historiografia como discurso do poder oficial se vê sempre colocada em questão pelo testemunho pessoal ou em que a versão oficial se mostra ser apenas uma narrativa entre várias narrações possíveis.”¹²⁵ (SCHUCHARDT. In: ASHOLT; CALLE-GRUBER et COMBE, 2010, p. 366).

A partir de 1980, ela irá se estabelecer na França, onde o reconhecimento de seu trabalho como escritora chegaria à Academia Francesa de Letras, para a qual foi eleita, em 2005, quando se tornou a primeira mulher magrebina a adentrar aquela instituição.

La Disparition de la langue française: um encontro com Albert Camus

Escrito em Nova York e publicado em 2003, *La Disparition de la Langue Française* narra o retorno de Berkane à Argélia natal. No outono de 1991, próximo de completar 50 anos e incomodado por não vislumbrar diante de si nenhum projeto a realizar, ele interrompe duas décadas de exílio voluntário em Paris. Após ser deixado por sua companheira francesa Marise, Berkane antecipa sua aposentadoria em um órgão da administração pública, ciente de que disporá de pouco dinheiro para sobreviver, e abandona o subúrbio parisiense para retomar

¹²⁵ “[...] œuvre où l’historiographie comme discours du pouvoir officiel se voit toujours remise en question par le témoignage personnel et où la version officielle s’avère être qu’un récit parmi plusieurs narrations possibles.”

o antigo sonho de tornar-se escritor. Para isso, afirma precisar de “Tout mon temps, avec la mer à mes pieds ! Et le silence!” (DLF, p.19).

Na Argélia, negocia com os irmãos a pequena herança da família, pleiteando para si a casa localizada na praia, fora da capital, para onde se muda. Ali, opta por uma vida espartana, que privilegia apenas o essencial: uma cama, mesa e cadeira, um lugar para cozinhar. Sem acumular coisas, ele desfruta da paisagem litorânea, frequentemente deserta; come peixe fresco, comprado a cada dia; fotografa e, apesar de sentir-se inseguro, escreve. À beira mar, Berkane escreve à Marise longas cartas, jamais enviadas, falando sobre o amor, as lembranças e a falta que ela lhe faz, além da complexa experiência do retorno ao país de origem, vinte anos depois.

Dividido em três partes – “Le retour”; “L’amour, l’écriture” e “La disparition” -, o romance de Assia Djebar constitui-se por um ir e vir histórico-temporal em que a radicalização política experimentada pelos argelinos dos anos 1990, firma-se como panorama para um duplo desaparecimento. Por um lado, temos o sumiço de Berkane, por longo tempo expatriado, retornando à terra natal após um rompimento afetivo, igualmente duplo com a mulher e com a França, ansioso por reencontrar seu país e escrever sobre si mesmo como protagonista da luta anticolonial. Por outro, há a dissipação da presença da língua francesa como marco político-cultural constituidor da identidade argelina a partir de 1830, apesar das condições de violência e opressão impostas pela França para essa construção, no âmbito do colonialismo. O desaparecimento da língua francesa culmina com a radicalização dos movimentos de ordem político-religiosa árabo-muçulmana na Argélia durante a década de 1990, “marcada e profundamente transformada pela vitória eleitoral da Frente Islâmica da Salvação (FIS)”¹²⁶ (SCHUCHARDT. In: ASHOLT; CALLE-GRUBER et COMBE, 2010, p. 368), que visava à criação de um Estado islâmico.

La disparition de la langue française é também uma crítica à sociedade argelina independente, que, em função do extremismo, não conseguiu realizar sua conversão em uma sociedade democrática, na qual homens e mulheres, sem distinção, têm direitos e deveres. A Argélia dos anos 1990 assemelha-se muito mais a países que seguem os preceitos religiosos de forma mais ortodoxa, como o Irã, onde predomina a charia (lei islâmica), do que a seu passado mediterrâneo, tal qual festejado por Camus.

¹²⁶ “[...] marquée et profondément transformée par la victoire électorale du Front Islamique du Salut (FIS)”

Em “Le retour”, a escrita aflita de Berkane traz à tona a potência de uma memória afetiva frustrada pela ausência da mulher amada, assim como pelo reencontro com o território de sua infância e juventude, a Casbah, de Argel, destruída pelos conflitos políticos, mas também pela pobreza e pelo abandono.

Nas cartas à Marise, chamada de “a ausente”, Berkane anseia por uma sensualidade perdida, sente falta do corpo da amante francesa, rememorando os momentos compartilhados por anos a fio e que parecem irrecuperáveis. Entretanto, mais do que o registro de uma afetividade perdida, as cartas compõem o panorama da solidão de Berkane, associadas às problemáticas da língua e da escrita, tão caras à Assia Djebar. Como único protagonista masculino criado pela autora, Berkane surge confrontando os impasses existentes para a escrita de seu romance de formação. Paralelamente, as cartas revelam seu ressentimento pelo fato de Marise não dominar o árabe e, portanto, não poder dedicar-lhe palavras de amor em sua língua materna, nos momentos de intimidade.

Pourquoi évoquer ici nos enlacements, alors que je ne peux t’écrire en mots de ma tribu, exprimer le manque que je ressens de toi, de ces instants où mes lèvres, mes mains approchaient ta peau, parcouraient ton corps dans ses moindres recoins?

Les mots de notre intimité, et leurs sons dispersés, tu l’entendais comme une musique seulement. Te souviens-tu qu’il m’arrivait de m’attrister que tu ne puisses, à l’instant où nos sens s’embrasaient, me parler en ma première langue! Comme si mon enfance, au cœur même de nos étreintes, ressuscitait et que mon dialecte, resurgi malgré moi, aspirait à t’avalier. (DFL, p. 24)

Para Djebar, escritora árabe-muçulmana, criada na esfera da colonização francesa da Argélia, a língua do colonizador parece não contemplar qualquer possibilidade de expressão de amor, afeto ou amizade. Trata-se de uma língua manchada pela opressão e pelo sofrimento, marcada pelo sangue, uma língua, portanto, apartada da afetividade mais profunda que a língua árabe propicia.

Às cartas de amor mesclam-se as lembranças que remetem, muitas vezes, às línguas faladas por Berkane em diferentes circunstâncias. Ele guarda na memória o dialeto árabe refinado utilizado por sua mãe, nascida na *Casbah*, e que não falava cabila, como no interior do país. Também não deixa de mencionar a presença de melodias espanholas, cantadas pela mãe e pela amante, ressaltando o tom melancólico imprimido às canções por ambas as mulheres. Junta-se ao árabe e ao espanhol, o francês.

À reflexão contínua a respeito da língua, manifestada pelo desejo de reencontrar o dialeto da infância, somam-se as expectativas quanto ao retorno propriamente dito de Berkane à Argélia. Em carta à Marise, ele expressa seu apreço pela solidão, ressaltando, no entanto,

que “[...] à minuit, lorsqu’un orage d’automne dehors énerve mes sens, c’est le petit garçon, ressuscité, qui a peur de ce retour au pays natal... ‘Que t’arrivera-t-il sur cette terre ?’” (DLF, p. 22).

Em ‘L’amour, l’écriture’, ambos temas instituidores do romance em questão, a história dos conflitos pró-independência ganha estatura ao ser reconstituída por testemunhos sobre a guerra, nos quais a dor e o sofrimento são provocados pelo extremismo tanto de franceses quanto de argelinos. Nenhuma das partes vislumbra uma política moderada ou conciliatória, mas firma-se por meio do terror e da tortura contra a população local.

O encontro de Berkane e Nadja, ela também uma argelina expatriada, permite a reaproximação do protagonista com uma sensualidade aparentemente abandonada, mas que ele não renuncia. Nadja propicia igualmente a Berkane a criação de um elo renovado com o seu dialeto de origem, visto que ela fala árabe, podendo empregar essa língua tanto para narrar o desmoronamento de sua família em função de um atentado mortífero sofrido por seu avô durante a Guerra da Argélia, quanto para falar do desejo profundo e da afeição nascida entre os dois, ao longo dos poucos, porém intensos, dias de convivência que desfrutaram juntos:

Qui dira un jour combien l’amour, dans sa durée, est diapré mais de quoi: bien sûr, des mots qui ne s’écrivent pas... Elle trouvait des mots d’hier, de l’autre siècle, de nos communs ancêtres oubliés et elle me les offrait, ces vocables, l’un après l’autre, à chaque scansion, à chaque rebond de notre volupté: ce fut comme si sa langue, soudain inconnue même de moi, creusait un long et sinueux parcours. (DLF, p. 112)

Após ouvir a narrativa de Nadja, Berkane rememora sua experiência de engajamento na luta pela independência do país, assim como sua permanência em um campo de prisioneiros, seis meses antes do fim desse processo. Ali, ele se descobre “[...] analphabète politiquement.” (DLF, p. 123), pois em meio a um grupo de cerca de duzentos homens, um deles questiona o restante sobre o futuro da Argélia após a independência, surpreendendo Berkane com a questão:

Il faut parler entre nous, car il faut nous préparer, une fois cette indépendance obtenue! [...] Après l’indépendance, conclut-il ardemment, il y aura plein de questions à discuter, de directions à choisir... Par exemple, voici une question essentielle, et il passa au français, seulement alors: “Est-ce que l’Algérie sera un pays laïc?” (DLF, p. 121-122)

Além da surpresa quanto à necessidade de um posicionamento político mais claro e determinado, praticamente inexistente entre os presos, Berkane se espanta com a inexistência não só da palavra, como da ideia de laicidade em árabe, o que ratifica a ausência de

conhecimento e de crítica disseminada entre a população argelina, mesmo que oprimida pelo governo colonial.

[...] je m'aperçois que ce terme laïc n'avait pas encore, pour nous tous, son reflet en arabe... De nombreux mots arabes et berbères existent pour désigner un "consensus", un "conseil de représentants", un "diwan", je ne sais quoi encore. Mais, la laïcité? Un vide, un non-concept, chez chacun de nous, dans ce camp et, je dois l'avouer un vide aussi dans ma tête d'alors! (DLF, p. 123).

Mais tarde, seria possível observar o quanto a religião seria incorporada à política, comprometendo diretamente a ação do Estado, e imputando à Argélia o peso de uma sociedade onde a laicidade não se delineia como um valor.

A presença de Nadjia estimula Berkane a escrever. Assim, ele estabelece um acordo linguístico para si mesmo, que contempla o francês, como língua de escrita, e o árabe, como língua da afetividade.

Je n'écris pas en alphabet arabe. [...] Enfant, j'inscrivais les bribes du texte sacré même sur papier de soie, sans savoir que cette calligraphie ne servait pas pour guérir, mais pour bénir seulement et prévenir tout malheur!

Dans l'ombre de Nadjia, j'écris en français dans la fièvre et l'insomnie, sur le sillage des instants de la volupté évaporée. Mon alphabet latin est, tout de même, celui qui, sur cette terre, a traversé les siècles; il fut creusé sur des pierres rousses, puis oublié dans des ruines. Mais celles-ci demeurent, pour la plupart, somptueuses. (DLF, p. 127)

Entre o amor e a escrita, em *L'adolescent*, título dado por Berkane a seu romance, são retomados os acontecimentos do início dos anos 1960, quando as manifestações em favor da independência e a dura repressão a esses movimentos populares tomaram a capital do país. Ali se encontra o cerne da memória que o protagonista deseja ver reconstituída por sua escrita, ali está a essência de sua formação política, mas, sobretudo, humana, que se traduz pela experiência de um jovem em busca da sobrevivência de si mesmo e dos seus em meio a uma guerra sem escrúpulos, pela liberdade de seu país.

Entre as várias situações relacionadas por Berkane, como prisioneiro em um campo francês, destaca-se uma em que um companheiro de orientação política distinta é atacado por ele, que se vê repreendido por um preso mais velho, que reconhece a ignorância histórica da geração mais nova, à qual pertence Berkane, em relação à luta contra o colonialismo, que sugere um impasse político:

- N'oublie jamais! Mets-toi toujours à la place de l'autre! Renverse toujours la situation, avant de juger, de décider!

[...]

C'est ainsi que je reçus en première leçon politique: la seule, en tout cas, qui me permit de ne plus agir, comme ce jour-là, en brute précoce... (DLF, p. 171)

O impasse, tanto político quanto linguístico, apontado pelo texto culmina com *La disparition*, última parte do livro. Em busca de si mesmo, Berkane parte em direção à Cabília, onde se situava o campo de prisioneiros em que esteve recolhido em 1962. Ali, em meio à estrada, se dá o seu desaparecimento, ali se perdem seus traços. Dele não se tem mais notícias, apesar da investigação policial, aparentemente descompromissada, que se segue ao fato. No mesmo período, Driss, seu irmão mais novo, é perseguido devido à crítica virulenta presente em seus artigos publicados na imprensa.

Conforme se pôde observar ao longo do texto, a questão da língua como instrumento de poder e dominação não se dissipa no panorama político e sociocultural da Argélia. Se, ao longo da colonização, o país foi submetido ao uso do francês, o que levou à proscrição da cultura associada à língua árabe, após a independência, a política de arabização impôs o banimento da língua francesa das escolas e das instituições públicas, condenando igualmente a população francófona, ainda que esta não tivesse vínculos com a comunidade *pied-noir*, que fora expulsa do país em 1962. Daí a importância de Djebbar assinalar o desaparecimento de Berkane, personagem em franca tentativa de reconciliação com suas origens e com sua herança multicultural que envolvia a Argélia e a França, mas, sobretudo, o desaparecimento da língua francesa no solo argelino.

No final de 1993, o país assistiu ao crescimento do fluxo de emigrantes francófonos, fato que Djebbar compara com a expulsão dos mouros do reino católico da Espanha:

Fin novembre 1993, les francophones des deux sexes et de diverses professions (journalistes, professeurs, syndicalistes, médecins...) fuirent en désordre leurs pays pour la France, le Québec, un peu comme les Morisques andalous et les Juifs de Grenade, après 1492 et, par vagues régulières, tout le siècle suivant, s'en étaient allés, un dernier regard tourné vers les rivages espagnols, pour aboutir – grâce à la langue arabe d'alors – d'abord à Tétouan, à Fes, à Tlemcen et tout le long du rivage maghrébin. Ainsi, comme l'arabe avait ensuite disparu dans l'Espagne des Rois très Catholiques – ceux-ci aidés vigoureusement par l'Inquisition -, est-ce que soudain c'était la langue française qui allait disparaître 'là-bas' ? (DLF, p. 199)

O desaparecimento de Berkane é conhecido por Marise, que parte, em vão, para a Argélia. Entretanto, é ignorado por Nadjia, cujo posicionamento político enquanto expatriada difere em muito daquele de seu companheiro argelino, pois está associado a pessoas e grupos

que se organizam a fim de acolher “[...] des écrivains et des journalistes en danger.” (DLF, p. 289). Assim, ela o convida a ir à Pádua, na Itália:

Pádua constitui um traço de união direta entre o Oriente e o Ocidente. Transcendendo a relação natural da Argélia com o mundo árabe, Nadjia a transforma em cidade da comunicação e da transmissão de culturas.¹²⁷ (GAFAÏTI, 2005, p. 228)

Para Nadjia, à luz da cultura humanista propagada por Erasmo de Roterdã, a cidade de Pádua permite vivenciar uma experiência cosmopolita, caracterizada pela hospitalidade e pela tolerância entre os povos, reportando-se à herança de mútua convivência anteriormente compartilhada no Mediterrâneo (IBIDEM). Essa tradição remonta, entre outros, à experiência de Nicolau Copérnico, igualmente acolhido na cidade no momento em que era perseguido pela Inquisição. A esse respeito, escreve Nadjia a Berkane:

La terre n’est pas le noyau du monde: c’est cette vérité que Nicolas Copernic, le Polonais, transmet à Érasme de Rotterdam qui demande, dès lors, à ceux qui “cherchent et qui trouvent” de se garder des sots! “Vivez secrètement!” conseille Érasme à ses élèves.

Si la terre n’est pas, en effet, “le noyau du monde”, notre pays n’est, lui, qu’un couloir, qu’un tout petit passage entre l’Andalousie perdue et mythique et tout l’ailleurs possible ! (DLF, p. 213-214)

Para Djebbar, *La disparition de la langue française* remete à dupla necessidade de perdão e de retomada da coexistência entre povos de diferentes culturas e religiões, como fator de construção dos valores humanos. Nesse mesmo sentido, empenhou-se Albert Camus em seu *Appel à trêve civile*. Apesar da intensa disputa político-cultural, presente na história que compartilham, França e Argélia, *pieds-noirs* e argelinos, trazem consigo heranças comuns fundadas em uma identidade mestiça, que não se pode simplesmente apagar.

Destacam-se a seguir os tópicos que embasam a comparação entre *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française*, isto é, a presença do pai e da mãe, a educação recebida na escola, as menções aos períodos de infância e adolescência, de que maneira se estabelece a percepção que o protagonista tem da cidade. Ao final, retomamos o debate relacionado especificamente às questões da língua, do exílio e da memória, tópicos centrais para este estudo.

¹²⁷ “[...] Padoue constitue un trait d’union direct entre l’Orient et l’Occident. Transcendant la relation naturelle de l’Algérie avec le monde arabe, Nadjia en fait la ville de la communication et de la transmission des cultures”.

A imagem do pai

Em busca de suas origens afetivas, Berkane evidencia as figuras do pai e da mãe, narrando episódios pontuais, entretanto marcantes, de sua relação com ambos. Diferentemente de Jacques Cormery, ele pôde desfrutar da convivência com os pais, distinguindo-lhes as diferenças, absorvendo os exemplos de vida dados por cada um e procurando protegê-los na medida de suas possibilidades ao longo da Guerra da Argélia.

Nascido no interior do país e alfabetizado em árabe, mas não em francês, o pai de Berkane era proprietário de um café, “près de l’impasse des terrasses [...] à ce vieux cœur de la capitale” (DLF, p. 14). Por não dominar a língua do colonizador, ele dependia de empregados que conhecessem o idioma para cuidar da documentação e dos impostos. Por essa razão, considerava a escola francesa uma instituição sagrada e via nela a chance de ter os filhos educados em francês, habilitados, portanto, para lhe trazer autonomia no trato com o idioma e, sobretudo, no que isso implicava em seu negócio.

Desde a infância, Berkane assiste ao crescimento das tensões político-sociais ao seu redor. A narrativa constrói uma estrutura que mescla a memória da personagem aos conflitos históricos locais.

Um dos acontecimentos de maior relevância na relação entre Berkane e seu pai refere-se ao momento em que o primeiro descreve a ida do segundo à escola francesa, após ser convocado pelo diretor.

Aos seis anos, Berkane faz uma das mais significativas descobertas de sua infância: a existência de duas bandeiras. A bandeira francesa, frequentemente hasteada diante de edifícios públicos, como a escola, e a argelina, escondida pelas famílias nativas em suas casas e cujo porte implicava em alto risco de segurança pessoal. Tendo visto nas ruas uma manifestação na qual a bandeira verde, vermelha e branca era agitada, o menino ressalta:

- Ce drapeau, ce n’est pas le même que celui qui est à la porte de l’école!
- Ce drapeau que tu as vu, c’est le nôtre! a répondu sa mère, les yeux brillants.
- Ah bon, s’étonna l’enfant, nous en avons un? C’est la première fois que je le vois! Pourquoi alors on le cache?
- Parce qu’on doit le cacher, c’est tout! a rétorqué la mère.
- Puis elle s’est adoucie; a expliqué même avec patience:
- L’autre, celui qu’ils affichent à la porte de l’école, c’est le leur!
- La logique semblait sans faille: chacun son drapeau, sauf que “le nôtre, on le cache, mais pourquoi?” (DLF, p. 35)

Certo dia, vendo um colega francês desenhar um barco com a bandeira do país dele e ciente dessa distinção, ainda que ignorasse seu impacto político, Berkane decide imitá-lo. Mas, ao levantar a bandeira da Argélia, desenhando-a sobre uma folha de papel, o menino é punido, exigindo-se explicações tanto dele quanto de sua família. Como ele conhecia a bandeira argelina, símbolo proibido no país colonizado? Quais eram as “intenções” do garoto ao representá-la? Haveria um envolvimento da família com manifestações ou movimentos anticolonialistas?

Por essa razão, Berkane tem seu pai chamado à escola e, assustado, ressalta que: “[...] je n’ai pas de chance, moi: dans tout mon quartier, je suis le seul enfant arabe à avoir un père pour lequel l’école des Français, c’est sacré!” (DLF, p. 40). A deferência com relação à instituição francesa por excelência na colônia é demonstrada pelo cuidado com que o pai de Berkane se prepara para atender ao chamado do diretor:

[...] il a fermé son café; il est allé, très tôt, chez l’oncle coiffeur. Il est revenu mettre son costume de cérémonie: le pantalon turc bouffant, le gilet en soie brodé de fils d’or, la veste des jours de fête, son fez rouge enroulé d’un turban en lin blanc sur la tête, qui le rendait majestueux, sa barbe, et ses moustaches peignées de près. (DLF, p. 47)

Mesmo temeroso, Berkane sente-se orgulhoso da presença do pai e da admiração que ele gera entre os colegas do filho: “Si Saïd, mon père, je me dis, tout fier, il ressemble à un cavalier turc, ou à un chef *caïd* ou *agha* : il va les impressionner!” (DLF, p. 48). Entretanto, Si Saïd é humilhado pelo diretor, que o toma como um árabe totalmente ignorante, embora tenha se surpreendido ao vê-lo castigar o filho e enumerar os serviços prestados à França:

Vous avez, devant vous, un ancien combattant de l’armée française! (Si Saïd a le geste, un peu vague, de mettre sa main au front, comme s’il saluait la France.) Oui, continue-t-il, cinq ans j’ai servi comme soldat dans la division Leclerc: car, monsieur le Directeur, j’ai participé à la libération de Paris, à la libération de Strasbourg ! (DLF, p. 50)

Após o encontro e uma breve encenação de apreço à França diante do diretor, Si Saïd orgulha-se do menino. É desse episódio uma das mais expressivas lembranças que Berkane conserva de seu pai: o olhar doce com que este o acolheu ao chegar em casa e a advertência carinhosa para que o filho tivesse cuidado ao mencionar ou expor a bandeira argelina.

Mon petit, me dit-il en tête à tête, dans la chambre. Fais attention à partir de maintenant! Tu es mon véritable fils, puisque tu connais notre drapeau... Mais faut être patient. Il arrivera, le moment où le drapeau flottera là, devant nous. (DLF, p. 51)

Essa é a imagem guardada por Berkane de seu pai: um homem simples, rude, trabalhador, que a Guerra pela independência levou à prisão, à tortura e à ruína, visto que seu café passou anos a fio fechado. Com a prisão do pai, assim como do irmão mais velho, o jovem vê-se obrigado a assumir as responsabilidades enquanto homem da casa junto à mãe e às irmãs, condição que incluía o suporte financeiro à família.

Ao mesclar as lembranças de um mundo distante em que a autoridade do pai se confunde com a confiança e a violência experimentada pela família no seio da Guerra da Argélia e mesmo afirmando se sentir mais próximo de sua mãe, inclusive durante o período em que viveu em Paris, a ausência do pai cala fortemente em Berkane quando ele retorna à Argélia. Ainda que pautado por uma experiência de convivência que se distingue daquela de Jacques Cormery, a falta do pai firma-se como um vazio irremediável, um grito que não se consegue fazer ouvir e que permanecerá em Berkane, assim como em Cormery, para sempre:

Durant les jours passés avec Marise à Paris, j'ai évoqué souvent ma mère; jamais mon père, comme s'il m'était difficile de le transporter, par la mémoire, jusqu'en France – la France qu'il a connue avant moi, en tant que soldat français de la Seconde Guerre mondiale. (DLF, p. 40)

Mais c'est le paternel, avec sa carrure, son air bourru et son silence, c'est lui, Si Saïd, le cafetier – et Hadj de surcroît, que notre quartier respectait -, c'est lui qui me manque ce soir: je n'avais pas prévu – à peine suis-je arrivé dans ce village il y a tout au plus une semaine - que cette ombre du père me hanterait! (DLF, p.44)

Posteriormente, Berkane mencionaria a prisão e a tortura de seu pai como fatos que desestruturariam sua família e que ocorrem sem motivo evidente, uma vez que não há qualquer menção do engajamento de Si Saïd em movimentos políticos em meio às convulsões que sacudiram o país entre 1954 e 1962.

A mãe ou um brevíssimo retrato da condição da mulher muçulmana na Argélia

Criadora de uma literatura essencialmente feminina, não só por possibilitar a presença das mulheres árabes-muçulmanas como protagonistas de seus romances, como igualmente por permitir que elas se posicionem diante do mundo, mesmo que sob o peso de uma tradição que as obriga a manter-se *voilées*, alijadas da educação formal e submetidas à autoridade e às vontades dos homens, sejam eles seus pais, maridos, filhos ou o parente mais próximo que guarda sobre elas algum tipo de hierarquia, Assia Djebar fala sobre a imagem da mãe no imaginário magrebino e o fato de, nos romances de sua autoria, a maioria das mulheres não terem filhos:

Si je mettais toujours dans mes romans des personnages avec leurs enfants je glisserais mes personnages essentiellement dans ce rôle de la maternité. Donc, je préfère prendre mes personnages dans cette recherche de leur vocation de femmes, en tant que femmes, et là tout est à inventer en quelque sorte, tout est nouveau [...]. (SOARES, 1995, p. 131)

Mesmo sem ser protagonista, a personagem da mãe é referência de afeto e também de conhecimento para Berkane. Tendo sido tirada da escola, por volta dos dez anos, ela sabia ler e falar muito bem francês, dominando essa língua com mais habilidade do que qualquer um dos homens de sua casa. Mas, ao contrário do que ocorreu a Assia Djebar, incentivada pelo pai a estudar, a tradição muçulmana obrigou Halima, mãe de Berkane, a abandonar os estudos e a preservar-se para o casamento:

Ma mère “surveillait, de ses yeux de chatte, le conseil de famille entre les hommes. De nous tous, c’est elle seule qui sait lire et parle très correctement le français - son oncle paternel, à ses dix ou onze ans, l’avait enlevée de l’école. Il paraît que sa maîtresse d’école était venue par deux fois supplier ma grand-mère qu’on laissât la fillette suivre les cours au moins jusqu’au brevet: l’oncle, à la place de son frère mort prématurément avait juré solennellement: “Jamais, moi vivant, une fille de chez nous ne sortira sans voile! Son avenir c’est d’attendre de se marier!” (DLF, p. 47)

Afora a brutalidade que caracteriza a relação entre Berkane e seu irmão mais velho, Alaoua, que costumava agredir o caçula sem dó e com certo prazer em vê-lo sofrer, não há menção de agressividade significativa no seio da família do protagonista. Mesmo assim, apesar de não ser uma mulher ignorante e ser respeitada pelo marido, não há igualmente

indício de participação mais ampla da mãe nas decisões da casa: escondida, ela assistia às reuniões do “conseil de famille entre hommes” (DLF, p. 47), sem poder se manifestar.

A condição das mulheres de origem árabe-muçulmana, apartadas não só do direito, mas da possibilidade de deliberar sobre suas vidas, assim como sobre a vida dos seus, é constantemente explorada por Djebbar. Entre múltiplos aspectos, a escritora assinala o fato da mulher argelina, por exemplo, ser legalmente desprovida de sua chance de se tornar uma herdeira legítima de seu pai, fato consumado pelo código da família, de 1984, aprovado após a independência e em um período que o país se considerava “socialista” (CV, p. 260). Daí, a escritura de Djebbar explorar a multiplicidade dos silêncios inerentes à condição feminina. Nesse sentido, insere-se a história de Fatima, filha do profeta Maomé, primeira mulher a quem foi negada a herança paterna:

[...] Fatima bem Mohamed, parla haut. Protesta. Dit non: ne supporta pas d’être, à la mort du père, déshéritée. D’un jardin de son père; de beaucoup plus forcément.

Elle clame son refus, improvise sa révolte, met en vers son dédain de la lâcheté des compagnons: six mois durant, elle dit non, elle impose ce non à son époux, à ses cousins, à tous les siens ‘gens de la famille’... et elle en meurt.

[...]

Son fils, près de cinquante ans plus tard, s’entête par souci de l’héritage, à prendre le chemin de Karbala: au terme de celui-ci, il est lacéré, percé, déchiqueté: les meurtriers s’acharnent sur l’héritier d’une femme. L’héritage qu’elle n’a pu recevoir. Dont elle aurait dû taire la perte...

Soudain, je [Djebbar] me le dis dans une pure fantaisie: c’est pour cela que, de l’Iran chiite en fièvre aujourd’hui soudain, ce tchador noir, couvrant les chevelures, se charge d’une telle valeur symbolique: pour que jeunes filles et vieilles dames oublient la tentation de l’héritage, pour qu’elles célèbrent à leur manière leur propre dépossession! (CV, p. 259-260)

Em *La disparition de la langue française*, a desigualdade quanto ao direito à propriedade por parte das mulheres é colocada claramente e, a priori, como um fato que soa natural logo no início do romance, quando Berkane negocia com irmãos e irmãs sua parte entre os imóveis da família:

[...] moi revenu ‘chez moi’ dans le chez-moi qui m’est dévolu de l’héritage paternel, mes deux frères, tout contents que j’aie proposé la jouissance de cette villa face à mer en échange de ma part dans la maison de maître de Hydra-Alger (trois frères et deux filles, donc un quart pour chaque frère, un seul quart pour les deux filles). (DLF, p. 13)

Concomitantemente, a mãe sintetiza o dilema linguístico-identitário enfrentado pelo filho: ela, como vimos, domina plenamente o francês e se expressa por meio de um árabe sofisticado, dando-lhe um significado ampliado, pois não se trata apenas da língua materna da personagem principal, como, sobretudo, a língua pela qual Berkane expressa sua afetividade.

Ao separar-se de Marise, sua companheira francesa, é a lembrança da voz materna que o acolhe:

Sa voix pâle était mélancolique, elle ne chantait pas vraiment juste, Mma, songea-t-il avec un remords douçâtre et il s'endormit ce jour-là, conversant intérieurement en mots menus avec elle, dans son parler à elle, un mélange de dialecte de la rue algéroise, parsemé de mots raffinés, à consonances andalouses - elle, née à la Casbah et qui dédaignait le parler rude des montagnes voisines. (DLF, p. 18)

Para Berkane, assim como para Djebbar, o árabe é a língua do amor e da intimidade. Nessa perspectiva, inscreve-se diferentemente sua relação com outras duas mulheres, Marise e Nadjia, e o contexto afetivo e cultural representado por cada uma delas.

Ao lado de Marise, ele afirma:

[...] tu ne comprends rien à ce babillage arabe que j'adresse à ta peau, à tes seins, à ton entrejambe, j'invente des diminutifs pour toi, jusque dans langue maternelle, tu ris, tu te courbes pour les entendre, je te les glisse, au creux de l'oreille, je les coule le long de ton cou, tu vas les comprendre, ils te pénétrant, sans que je les traduise, [...], j'ai en mémoire tactile tout cet idiome particulier à nous deux, métissage de mon dialecte et de ton français [...]. (DLF, p. 25)

Para Halima, a permanência de Berkane como expatriado na França relacionava-se diretamente à existência de uma mulher. Daí a tentativa, quiçá a necessidade, de se resignar com a constatação de que “La France [...] c'est forcément une Française [...]” (DLF, p. 45), com a qual, entretanto, Berkane não decidia se casar, tampouco constituir família, frustrando o desejo da mãe.

É justamente a compreensão dessa dimensão da língua árabe que leva Berkane a encantar-se com Nadjia, que lhe permitiria resolver o impasse gerado pela dificuldade de expressar seus sentimentos em uma língua estrangeira, reaproximando-se, portanto, de suas origens.

Infância e adolescência: a perda da inocência

L'adolescent é o título dado por Berkane ao livro que tenta escrever e que permanece, tal qual o de Camus, inconcluso. Djebbar apresenta como iniciativa de uma personagem de ficção, realizada no âmbito de uma narrativa igualmente ficcional, a intenção de escrever um texto de cunho autobiográfico. Como o autor de *Noces*, o protagonista criado por Djebbar também perde a vida repentinamente. No caso de Berkane, ainda que possa pairar alguma dúvida sobre seu destino, considera-se que ele tenha sido morto por extremistas islâmicos, que dominavam a Argélia nos anos 1990.

Sua intenção era recompor o cenário de sua juventude no período que antecedeu a independência da Argélia. Coincidentemente, em *Le Premier Homme*, um texto ficcional baseado na biografia de seu autor, a morte de Camus não permite ao leitor ultrapassar esse mesmo período da vida do escritor, constatação que fortalece a ideia de que *La Disparition de la langue française* insere-se em uma perspectiva de diálogo com a história de Jacques Cormery, instaurando como que uma continuidade entre as narrativas dos dois textos, ainda que sob óticas distintas.

Em *La disparition de la langue française*, o exílio autoimposto em Paris tem suas dimensões expandidas quando Berkane reencontra Argel e sua Casbah praticamente destruída, o que propicia um choque entre as lembranças infanto-juvenis, perdidas em uma distância físico-temporal, e a realidade, tornando a busca empreendida pela personagem irrealizável.

Não há uma compatibilidade possível entre as cenas mais longínquas de sua vida, as lembranças mais significativas de Berkane e o que ele encontra. Estranhamente, essas reminiscências são atravessadas por aquilo que delas restou em sua memória. Tal incompatibilidade separa definitivamente o indivíduo que lembra e aquilo que lhe salta aos olhos, instaurando uma ruptura entre ambos. O que haveria de errado? Estaria Berkane tão enganado quanto ao que imaginava ser o lugar em que vivera e do qual lhe pesava a falta ou simplesmente a Argélia tinha se transformado de tal modo em sua ausência, que ele sequer pudera perceber?

No entanto, era impossível não perceber a radicalização presente no país, ressaltando-se as ameaças e a disseminação de assassinatos, entre os que eram considerados opositores. O irmão mais novo de Berkane, Driss, é ameaçado e perseguido, assim como seus colegas

jornalistas e outros tantos intelectuais mortos por discordarem da política fundamentalista islâmica adotada na Argélia depois da independência¹²⁸. Berkane, por exemplo, poderia ter sido confundido com seu irmão e, portanto, desaparecido em seu lugar.

Nadjia, igualmente descontente com o radicalismo vigente no país, alerta o companheiro quanto ao estado convulsivo em que se encontra a Argélia, condenando-lhe a postura excêntrica e isolacionista, considerada por ela como antiquada e irreal:

- Je suis revenu, je croyais ici me sentir revigoré: avec le désir d'écrire enfin [...] je voyais parfois le cadre de mon retour, en image d'Épinal: me retrouver dans une maison arabe d'autrefois, modeste et sans confort, mais avec terrasse. La mer au loin, et les bruits des femmes, des enfants dans les patios voisins!

Nadjia a éclaté d'un rire léger, presque moqueur:

- Autant aller t'installer à la medina de Tanger! [...] Quelques Anglais, en mal d'exotisme, autour de vous... Une vie en somme du siècle passé! (DLF, p. 115-116)

Em seguida, ela acrescenta:

- Tu n'es qu'à une heure de la capitale... Tu vis en ermite, comme dans un désert. As-tu réalisé que tout près de toi, le pays est devenu un volcan: les fous de Dieu, ou plutôt les nouveaux Barbares s'agitent, occupent des places publiques, mobilisent les jeunes chômeurs, et surtout, surtout, maîtrisent les nouveaux médias... Tu sais, j'ai l'impression qu'ils vont gagner les élections!

[...]

- C'est ce moment que tu as choisi pour rentrer, quitter le calme parisien! (DLF, p. 116)

Apesar da pertinência das críticas de Nadjia, Berkane mantém-se escrevendo um diário, além de *L'adolescent*. No texto, concentra-se menos na infância e mais nas memórias de experiências juvenis, vividas, em sua maioria, sob o impacto dos conflitos em torno da Guerra de Independência: o assassinato de seu tio, os tumultos e a agitação das ruas, a prisão de familiares e dele próprio. Nesse contexto, redesenha seu amadurecimento como homem, cujos anos de formação foram privados de ingenuidade. Empregado em uma tipografia e responsável por sua família, durante a prisão de seu pai e do irmão mais velho, detidos após a Batalha de Argel, Berkane percebe a passagem da adolescência à idade adulta como uma experiência vivida às cegas, especialmente pela violência experimentada em meio às manifestações contra a França, à radicalização dos movimentos nacionalistas no país e as consequências desses processos não só no âmbito político, como também pessoal.

À juventude de Berkane somam-se narrativas de engajamento político, enfrentamento, tortura e prisão. No entanto, ele questiona: “ Bien sûr, j'ai tenu face à la torture: mais soyons

¹²⁸ Sobre esse tema, ver: DJEBAR, Assia. *Le Blanc de l'Algérie*. Paris: Éditions Albin Michel, 1995.

franc, à seize ans, je n'avais pas de secrets d'État à révéler, non? Je ne savais rien: je voulais manifester, pas plus, et contre France, comme disait le harki.” (DLF, p. 163).

Em dezembro de 1960, o General De Gaulle visita a Argélia, acontecimento que provocou inúmeras manifestações contrárias entre os franceses, mas gerou igualmente a primeira manifestação em massa, promovida pelo F.L.N., a favor da independência. Esse fato permite a Djebbar rememorar uma data histórica, 11 de dezembro, quando tiveram início os protestos na Casbah. Pela primeira vez, Berkane e Alaoua, o irmão mais velho que costumava agredi-lo, encontram-se de acordo ao estender a bandeira da Argélia, no terraço de sua casa, antes de saírem às ruas:

À côté d'Alaoua, j'attends moi aussi ce drapeau. Il y en a un dans chaque maison de la Casbah et, depuis la fin de la bataille d'Alger, fin 57, où nos héros ont été tués ou emprisonnés, ce morceau de simple tissu attend en silence son heure, lui, notre symbole, notre espoir! (DLF, p.141-142)

Aos quinze anos, Berkane não tinha a dimensão política exata dos eventos acontecidos na Casbah, embora o temor pela vida do pai e a observação cotidiana da violência sofrida pelos árabes, permitia-lhe entrever o valor das reivindicações que ali ocorriam. As mulheres, por sua vez, observavam as ruas do interior de suas casas e cantavam alegres seus *yoyous*:

Tandis que, de chaque terrasse de Casbah-la-haute, les yoyous vrillent et fusent vers le ciel et la mer, des jeunes gens de tous âges sortent, envahissent les rues, des drapeaux dans les mains.

Les femmes, d'en haut, les regardent dévaler les ruelles, s'éparpiller dans les artères plus larges vers le bas, envahir les premières avenues. Leur yoyous suraigus suivent les manifestants, deviennent une cascade ininterrompue, flux spasmodique d'une joie soudaine : excitation continue, audacieuse... (DLF, p. 142)

Enquanto a radio local “a osé dire: ‘Du moment que la Casbah est calme’” (DLF, p. 143), Berkane vê a si mesmo se transformar em um vândalo a demonstrar sua alegria e sua ambição por uma Argélia livre. Em meio à massa de manifestantes, ele corre em direção a Belcourt, o bairro *pieds-noirs*, e avança sobre lojas e vitrines, destruindo o que encontra, sem medo. No entanto, ao gritar pela independência, segurando uma bandeira argelina na mão, acaba preso e levado “chez les harkis de la rue Mont-Thabor, [...] un local vite connu comme un centre de torture assez terrible.” (DLF, p. 158).

Relembrar esse período marcante da história da Argélia permite a Berkane sentir novamente o ansiado gosto da liberdade, apesar das incansáveis e brutais tentativas dos colonizadores de apagar esse sabor, sobretudo, por meio da prisão, tortura e assassinato de milhares de pessoas, independentemente de haver prova contra elas, circunstância que parece

se aplicar ao caso de Si Saïd, pai do protagonista. Após ser preso e submetido à primeira sessão de tortura, Berkane pensa em seu pai:

Mon père, on lui a arraché dent après dent: il n'a pas parlé. Mon père, on a torturé son fils Alaoua devant lui: il n'a pas parlé! Moi, je n'ai rien à dire. Ils commencent l'initiation: à la douleur, à l'écorchement, à l'étouffement... (DLF, p. 161)

O cárcere exala o cheiro de excrementos e dos homens abandonados à escuridão de sua própria sorte. Sem saber se é dia ou noite, perde-se a noção do tempo. É como uma iniciação que Berkane descreve a tortura a que é submetido na adolescência:

Sous les coups, je ne sens plus mon visage, tuméfié; mes côtes, mon crâne douloureux, mais je peux encaisser encore: j'ai été élevé à la dure, merci, cher frère Alaoua!

C'est la guerre: ils font leur boulot, ces mercenaires. Moi, je subis. Surtout ne pas réfléchir.

Tout ce temps, je sais bien que je vis un simple préambule: la suite, ça va arriver: la trouille, bien sûr, l'électricité, la planche pour mon corps nu, l'eau pour gonfler mon ventre, et bientôt commencera la musique "classique", a dit un compagnon, crier, ne pas s'entendre crier, ça va commencer: la partie de plaisir. Leur plaisir! (DLF, p. 160-161)

O impacto dessa experiência sobre o indivíduo apresenta múltiplas dimensões. Entre elas, Berkane questiona a necessidade de se falar sobre a tortura a partir da ótica do torturado, quando se trata de uma experiência absolutamente incompatível com a linguagem. Por mais que se tente descrevê-la ou representá-la, a linguagem não é capaz de exprimir a dor, o sofrimento do supliciado. Trata-se de uma experiência limite que transforma para sempre a vida dos que por ela passaram. Daí Berkane se sentir impossibilitado, ao longo dos trinta anos que o separam do martírio, de escrever ou falar sobre ele com Marise, por exemplo. Ainda assim, ele guarda para si a lembrança de um ritual, a princípio incompreensível, mas que acabaria por chamar de tortura chinesa, sendo incapaz de revelar à companheira tratar-se de uma técnica francesa de suplício, tal qual se pode observar a seguir:

On m'allonge, nu. Celui qui m'interroge reste debout, à mes côtés: il paraît immense, soudain. Deux de ses confrères se mettent à taper, avec de barres de plomb, sur mes côtes et je tente de me protéger avec mes mains, de me retourner quelque peu, mais en vain... Si je détaille cet instant, c'est à cause du quatrième de mes bourreaux : il est debout, les mains réunies juste au-dessus de ma tête, comme s'il me préparait une offrande. Il se dresse ainsi, en statue. Mais pourquoi ? J'ai l'idée, tout à fait saugrenue, qu'il semble, avec ses paumes réunies toujours au-dessus de ma tête, s'appêter à prier, mais pourquoi et pour qui ? Si bien que, alors que je dois faire face aux coups très rudes sur mes côtes, mon esprit reste intrigué par cet officiant. Mon interrogatoire ne dure pas longtemps. À peine les coups deviennent, sur mon torse nu, insupportables que je crie : les mains du quatrième (l'homme mystérieux) s'ouvrent pour laisser tomber, dans ma bouche hurlante, un long filet de sable fin, qui m'étouffe presque.

C'est un moment d'horreur! Ce sable si fin s'infilte à l'intérieur de mon corps. Je crie; mes yeux semblent sortir de leur orbite; les autres frappent: plus je crie et plus le sable pleuvent de plus belle. Je ne sais comment me retourner. J'ai l'impression de cracher mes boyaux!

[...]

Cela dura, cela dura: fut-ce celui qui semblait au début prier qui finit par se fatiguer le premier? Peut-être. En tout cas, son rôle, en figurant muet, mais toujours distribuant son sable comme un filet d'or pour gosier d'assoiffé, me reste ancré comme un cérémonial de cruauté silencieuse et raffinée. "Supplice chinois", me dis-je, à demi inconscient, lorsque enfin il s'arrêta. (DLF, p. 163-165)

Saber de si em um contexto marcado pela dor e pelo esquecimento é a intenção de Berkane ao escrever *L'adolescent*. A dor tem uma perspectiva individual, mas também coletiva, pois a tortura e a perda de entes queridos espalharam-se pela Casbah, no período em questão, tal qual um mal contagioso e incurável, atingindo grande parte da população masculina, mas também as mulheres. Por outro lado, *La disparition de la langue française* constitui-se como um sensível exercício de memória em luta direta contra o esquecimento, o apagamento da experiência, da cultura, como também da dor dos árabes, tenha sido ela causada pela desapropriação de terras pelos colonizadores, seja pela tortura em campos de detenção pelas forças coloniais, sem que houvesse a obrigatoriedade de uma acusação formal, passível de "justificar" essa prática ilegítima. Há que se assinalar também que esses temas não estão superados pelo tempo e representam feridas que se mantêm abertas no seio das relações entre a França e o país africano.

A educação colonial francesa

A relação de Berkane, filho de família árabe, com a escola é totalmente distinta da experiência de Camus, apesar da proclamada pobreza desse último. O episódio da bandeira argelina desenhada pelo menino é o mais significativo dessa experiência, uma vez que explicita o caráter discriminatório e opressor da presença francesa no país, ressaltando o peso político da instituição escolar na formação de crianças e jovens. A punição sugerida pela escola parece referir-se à execução de um crime hediondo, quando, no entanto, está-se a tratar de um desenho infantil, cuja dimensão política é ignorada por seu autor. O rigor da pretensa punição mistura-se ao preconceito francamente demonstrado pelo diretor da escola ao receber o pai de Berkane, vestido de acordo com a tradição local. A lembrança desse fato predomina sobre as memórias de infância da personagem no que se refere ao ambiente escolar.

Je me souviens de l'accueil du directeur. (...) La première phrase de monsieur Gonzalès m'est restée, bien ancrée: 'Allons, toi, tu vas traduire à ton père ce que je vais dire.' Et il a ajouté, son regard froid descendant de haut en bas sur la silhouette raidie de mon père: 'Avec cet accoutrement (cela m'a choqué, c'était la première fois que j'entendais ce mot, mais j'ai compris au ton du directeur, que le mot était méprisant), je suppose qu'il ne parle pas et ne comprend pas le français!'

Mon père, n'ayant pas compris lui non plus le mot "accoutrement" (peut-être même a-t-il pensé que c'était hommage à sa toilette soignée), mon père donc se lança aussitôt dans son français-sabir et sa prononciation au couteau! (DLF, p. 48)

O desprezo ali descrito encontra eco no ensaio de Albert Memmi, *Retrato do colonizado, precedido pelo retrato do colonizador* (2007a), quando este elenca algumas tentativas do "colonizador de boa vontade" para adaptar-se à realidade da colônia, deixando-se vencer pela força das diferenças cotidianas e aproximando-se, com o passar do tempo do "colonialista".

No início, comeu cuscuz por curiosidade, agora o prova de vez em quando por educação; "Empanturra, embrutece e não alimenta, é empanzinador", diz ele bem-humoradamente. Ou, se gosta do cuscuz, não pode suportar esta "música de feira" que o agarra e o atordoia quando passa diante de um café; "Por que tão alto? Como é que eles fazem para se ouvir?" Ele sofre com esse cheiro de gordura velha de carneiro que empestia a casa desde o desvão da escada, onde mora o vigia colonizado. Muitos traços do colonizado o chocam ou o irritam; ele tem repulsas que não consegue ocultar [...]. (MEMMI, 2007a, p. 61)

Como apontado anteriormente, Memmi assinala o quanto a educação formal oferecida pela escola francesa encontra-se distante das crianças árabes, seja pela insuficiência de instituições de ensino e professores, seja pela inadequação de seu programa à colônia, uma vez que se tratava de difundir a língua, a cultura e a história francesas, instaurando um vácuo na formação da identidade do estudante colonizado. Essa iniciativa configura-se como um esforço na política de assimilação, encampado pelas escolas, com o intuito de aperfeiçoar a mão de obra local, a fim de melhor servir às necessidades dos colonos. No entanto, embora a presença de alunos árabes fosse bastante restrita – em uma das classes comandada por Louis Germain, por exemplo, a proporção era de três árabes entre trinta e três estudantes (TODD, 1996, p. 42), eles passaram a requerer direitos políticos e civis compatíveis com os cidadãos franceses, diferentemente de só corresponder a interesses alheios. Entre os intelectuais argelinos, formados nessas instituições, o sonho de assimilação mantinha-se vivo e longínquo. Tratava-se de homens criados na fronteira entre culturas: tinham conhecimento do humanismo francês, porém não podiam ignorar o fato colonial e os impasses daí decorrentes.

Em sua tentativa de reconciliação com o país, Berkane visita mais uma vez a capital, dirigindo-se ao bairro de Bab-el-Oued, a oeste da cidade, onde se situava a mais antiga

instituição de ensino local, o Grand Lycée d'Alger¹²⁹, no qual estudou Albert Camus. A menção ao autor de *Le Premier Homme* exprime certa ambiguidade na relação de Djébar, literária e politicamente, ressaltando a nítida separação geográfica entre árabes e *pieds-noirs*, representada pelo trajeto urbano feito pelo escritor de um lado a outro da cidade, a partir de Belcourt, sem, entretanto, interagir com a Casbah. Mesmo que a heterogeneidade na convivência entre pessoas de diferentes origens seja uma das características principais de Argel, durante a colonização, não se pode negar a preponderância de determinados grupos em certas regiões da cidade, como é o caso de Belcourt, bairro prioritariamente *pied-noir*, e da Casbah, bairro eminentemente árabe:

[...] j'ai marché [...], d'abord devant le Grand Lycée où j'ai toujours une pensée pour Albert Camus, quand, encore adolescent, chaque jour, il descendait du tramway qui l'avait mené de Belcourt à l'autre côté de la ville jusque-là, à la porte de ma Casbah où sans doute il est rarement entré, me semble-t-il... (DLF, p. 71)

Paralelamente, Djébar, por meio de Berkane, assinala a sincera consideração que tem por Camus como francês da Argélia, dono de um olhar apaixonado e generoso sobre o país e capaz de transmitir essa perspectiva aos seus leitores, uma perspectiva que procurava fortalecer a convivência fraterna entre homens de diferentes culturas e o amor ímpar pela natureza.

[...] devant la porte du Grand Lycée, [...] je replongerais dans mon énième dialogue avec le seul Français né ici [...] à pouvoir laisser les traces ineffaçables de ce que fut ma terre – colonie française, mais ma terre quand même, sur laquelle Camus a posé son regard fertile [...] (DLF, p. 71)

A referência a Camus tem como contexto a publicação e a leitura de *Le Premier Homme* por Assia Djébar, fato que transformou a visão da escritora argelina, de origem árabe, a respeito do autor *pied-noir*, levando-a a reconsiderar a distância e certo menosprezo que nutria por ele. A leitura do livro póstumo de Camus conduz Djébar a refletir sobre a perspectiva do exílio autoimposto - vivido tanto por ela quanto por Camus, assim como por suas personagens Berkane e Cormery - em contraponto à vontade de retornar à terra natal, reconhecendo-lhe o conjunto de dificuldades políticas e sociais; propicia igualmente a reflexão sobre o esquecimento brutal que se abate historicamente sobre as populações árabe e

¹²⁹ Curiosamente, depois de 1930, o estabelecimento passa a ser chamado de Lycée Bugeaud, um dos mais implacáveis e cruéis gerais franceses na primeira fase da conquista da Argélia. Hoje, a escola tem o nome de Lycée Emir Abdelkader, o qual é considerado o fundador da nação argelina.

pied-noir, como consequência da colonização francesa da Argélia; permite à escritora empenhar-se na reconstituição ficcional de uma memória individual - no tocante à família, infância e juventude, além do engajamento político de sua personagem -, fazendo dela uma representação coletiva, ainda que fragmentária do conflito colonial, sob a ótica dos árabes. Pode-se, assim, afirmar que *La disparition de la langue française* nasce sobre os traços da história de Jacques Cormery, construindo, ao lado dela, uma narrativa possível sobre a memória dos despossuídos na Argélia.

Esse despojamento é intensificado na relação travada entre Berkane e a escola francesa. Em 1958, ao recordar o significativo exemplo de coerção vivido em torno da exibição da bandeira argelina no desenho feito por ele enquanto criança, consciente de que seu pai havia sido cruelmente torturado e enviado a um campo de prisioneiros, Berkane abandona definitivamente a escola para se tornar o homem da casa, responsável pelo sustento e, sobretudo, pela proteção da mãe e das irmãs pequenas, função que assumiu sem temor e com dedicação.

Mesmo tendo firmado compromisso com o diretor de sua escola de que se apresentaria aos exames de entrada ao Grand Lycée, Berkane renuncia a essa possibilidade, sob o peso do papel assumido junto à sua família. Além disso, a tensão constante em decorrência do acirramento dos conflitos entre colonizadores e nacionalistas, fazia-o temer sair da Casbah, distanciando-se dos seus, e ver-se obrigado a conviver com garotos europeus, caso se tornasse um dos raros árabes a entrar no liceu: “Cela me fit peur: hors de mon quartier, me retrouver avec presque uniquement des garçons européens – car nous savions, nous, dans la rue, qui était juif, ou espagnol, ou maltais, ou (mais je n’en avais jamais vu, jusque-là chez nous) ‘français de France’!” (DLF, p. 138).

Ambas as decisões - desistir dos estudos e cuidar das mulheres de sua casa - impõem a Berkane um rápido amadurecimento, pelo qual as etapas tidas como naturais da vida deixam de ser observadas, dada a urgência das circunstâncias, a falta de melhor opção e a inexistência de alguém com quem se pudesse dividir as responsabilidades:

Ne fréquentant plus l’école - protégeant, c’est-à-dire surveillant dehors mes deux sœurs qui, elles, y allaient -, c’était sûr, je n’étais plus un enfant: presque un homme, me disais-je, car je suppose, dans mon ignorance d’alors ou ma naïveté, que je n’avais même pas conscience qu’il existait tout de même un âge intermédiaire: l’ “adolescence”. (DLF, p. 139-140)

Eis, pois, uma razão autêntica para que o protagonista, às voltas com suas raízes, em busca pelo entendimento de si, se comprometesse com a escrita - tarefa penosa e digna de

absoluta entrega pessoal - de um livro chamado *L'Adolescent*, isto é, a narrativa do amadurecimento, enfrentado dolorosa e solitariamente por ele.

A percepção da cidade ou a Casbah de Berkane

Em *La Disparition de la langue française*, o retorno à Argélia consolida-se no instante em que Berkane volta à Casbah, o bairro árabe de sua infância. Ali, ele não é nem estrangeiro, nem turista, mas simplesmente “[...] l’enfant du quartier à la mémoire soudain oblique” (DLF, p. 54). No entanto, o encontro efetivo entre as lembranças que traz consigo e a realidade contemporânea que a Casbah reserva constituem um verdadeiro impacto para Berkane, que se depara com a força do individualismo e da decadência social presentes no bairro. Esse choque se materializa quando, perdido em meio às memórias, ele sofre uma tentativa de assalto, pois já não se parece mais com um local, encontrando-se em uma espécie de limbo que fere a identidade de muitos daqueles que permanecem distantes de sua pátria por longo tempo: sem necessariamente abandonar sua nacionalidade, expatriados e exilados acrescentam a essa identidade características e aprendizados conquistados no exterior que, tampouco, os transformam em legítimos cidadãos dos países por eles adotados. Berkane, por exemplo, não deixou de ser argelino, mas a imagem que deixa transparecer está contaminada por aquilo que seus conterrâneos associam à França, tornando-o alvo suscetível de pequenos ladrões que não o reconhecem como um argelino autêntico. Seu amigo Amar traduz essa visão: “Ils t’ont pris pour un coopérant, ou un riche touriste!” (DLF, p. 59).

Enquanto Berkane “[...] s’est oublié dans ce passé d’images mortes. Depuis son retour, il se dit qu’il vit comme ensommeillé: tout se mêle, et tague, et fluctue, davantage d’ailleurs, le passé lointain, celui de sa première enfance, ou des années à l’école française” (DLF, p. 57), os ladrões tentam em vão tomar-lhe a máquina fotográfica, aparelho que lhe permitiria estabelecer uma mediação com a realidade observada, não como faria um leigo, mas como alguém que a reexamina em suas minúcias e deseja captar-lhe a alma ou o que dela restou, após o fim da colonização e os igualmente conflituosos anos posteriores à independência. Uma alma cuja ambiguidade Berkane vê espelhar-se na destruição de ruas e

monumentos, assim como no ceticismo explicitado por seu amigo Amar, fotógrafo, diante da naturalidade conquistada pela violência cotidiana. Sobre a tentativa de assalto, Amar declara:

- Ce méfait est tellement banal! Crois-tu que la police, après avoir reçu ta plainte, fera quelque chose ! [...] Cela se voit que tu viens de rentrer! Si, toutes ces années, ça n'avait été que le nombre des voleurs qui avait augmenté ! (DLF, p. 59)

Para Berkane, a Casbah se consolida como um lugar de memória, voltado prioritariamente a um passado no qual vingava o sentimento de pertença a uma coletividade, sentimento este que o protagonista não mais percebe entre as ruas labirínticas que delineiam o bairro, assolado pela frequência e a desimportância de pequenos delitos que, associados a uma degradação física e moral, levam a um fluxo ininterrupto de destruição. Berkane oscila entre a percepção da degradação aguda da Casbah com seus mendigos, drogados, desempregados, malandros; a comparação com outras regiões da cidade, dominadas por imigrantes europeus de origens variadas e o peso que a invasão francesa impôs ao país, entre outros, pela destruição arquitetônica da cidade como uma estratégia de apagamento da memória coletiva anterior à sua presença.

A partir de 1830, a arquitetura árabe de “plusieurs palais, de rares mosquées ottomanes si raffinées, plus d’un quart des monuments du centre d’Alger a disparu pour donner cette surface plate, cette place d’armes à la française, face à la mosquée el Ketchaoua devenant leur cathédrale!” (DLF, p. 61). Entre a fascinação e o espanto, Berkane assinala que “cette rapidité, cette efficacité barbare dans la destruction m’a toujours laissé pantois!” (DLF, p. 61).

A noção de barbárie tão cara ao colonizador que imagina levar a civilização a povos primitivos, não ilustrados, carentes de cultura e de modos e, dessa forma, justifica seus atos, é claramente questionada pela personagem de *La Disparition de la langue française* que enxerga a barbárie no aniquilamento da memória do outro, qual seja a memória berbere e árabe-muçulmana, tal qual promovida pelo invasor francês na Argélia. Perguntemos, pois: quem, de fato, é o bárbaro?

Um dos primeiros espaços tomados pelos franceses após a conquista, a Casbah, é o berço familiar e cultural de Berkane, nascido e crescido ali. Ela é também um dos principais símbolos da resistência contra os franceses durante a Guerra da Argélia, local de manifestações pró-independência, que privaram de vida e liberdade milhares de argelinos. Entre a história de sua vida privada e a história coletiva dos árabes-muçulmanos de Argel, a presença da Casbah é incomensurável na construção da memória, ansiosa e confusa, de Berkane, uma memória que deseja se reconciliar com o passado, ao mesmo tempo em que

presente seu encontro com o vazio, esteja ele no seio de uma coletividade que o tempo e a política permitiram que se perdesse, esteja na ausência de perspectivas político-sociais para o país dos anos 1990.

Ao adentrar o antigo bairro árabe, aproximando-se de suas ruas e de seu caos, Berkane confessa:

[...] ma Casbah j'y retourne, j'y reviens pour revivre, mon cœur y bat, je désirerais y dormir, toujours dedans pour me souvenir, toujours dehors pour courir, oui, hier, aujourd'hui, en ce jour comme toujours, même si je suis ailleurs, je suis ici... (DLF, p. 64)

A visão transtornada diante desse reencontro amplia a perspectiva da Casbah como um labirinto arquitetônico e memorialístico que Berkane deseja ver redescoberto, do qual busca, ainda que temeroso, se aproximar: “Vingt ans d'exil vont-ils lui paraître soudain irréels, coulée sombre s'évanouissant derrière lui, et les lieux perdus d'autrefois redeviendront-ils proches?” (DLF, p. 53). Diante da Casbah, Berkane considera seu retorno um fato consumado:

[Elle] va lui proposer ses venelles, ses ruelles en nœuds, en escaliers d'ombre - 'ombre sans mystère [...]. Et tandis qu'il roule vers l'est, un début d'inquiétude se lève en lui et [...] les noms changeants des artères glissent [...]. La Casbah de Berkane grouillait d'appellations, [...] tout bougeait, encombraient, s'entremêlait et cette profusion - à la fois gonflement et déperdition - d'identités multiples a habité sans relâche ses nuits à l'autre bout de la terre, lui, l'expatrié qui ne se voyait pas revenir. (DLF, p. 54)

Mesmo reencontrando uma Casbah triste e solitária, absolutamente distinta daquela que se esvaneceu em sua memória, Berkane enxerga ali a luz que transforma a Argélia em algo melhor do que a própria realidade que a cerca:

[...] j'ai renversé la tête vers le ciel, je me suis surtout rempli les yeux de la lumière, en début de l'après-midi: elle semblait papilloter; à force d'intensité, elle auréolait le contour des immeubles, des arbres, des toits, du vide au milieu. Du côté des arcades, les gens s'affairaient ou stationnaient par groupes, les pauvres entassés à même le sol et les autres, dont quelques silhouettes de mendiants, paraissaient des ombres évanescences. (DLF, p. 63)

Ao incidir sobre a Casbah, a luz tem sua dimensão simbólica ampliada, assemelhando-se ao sentido dado por Albert Camus à luz mediterrânea, capaz de dar a vida e redimir o homem da miséria. Sob a luz do sol, o homem pode esquecer o que avilta seu corpo e sua alma. Entretanto, Berkane constata que:

Mon royaume d'autrefois, je l'ai cherché dans les moindres rues, les artères, les placettes, les impasses et jusqu'aux fontaines, aux petites mosquées, aux oratoires des carrefours! Se sont présentés à moi, ce jour d'avant-hier et sous une lumière implacable, sont venus à moi, presque en images désolées de manège, tous les lieux! Mais je le constatais, ils se sont mués quasiment en non-lieux de vie, en aires d'abandon et de dénuement, en un espace marqué par une dégradation funeste! (DLF, p.66)

Dessa forma se consolida a presença de um individualismo antes inexistente e que torna a Casbah ainda mais miserável. Em carta à Marise, ele fala de sua decepção e também do medo de jamais reencontrar o lugar de sua infância para além de suas lembranças:

[...] ma Casbah, à force de délabrement consenti, de laisser-aller collectif, ma citadelle où chacun n'est plus que chacun, et jamais le membre d'une communauté, d'un ensemble bruyant, mais vivant, cette ville-village, de montagne et de mer, m'est devenue un désert du fait de son état de dépérissement misérable... (DLF, p. 67)

Emudecido, ele reconhece a língua, enquanto escrita, como a única possibilidade de se expressar a respeito das mudanças que ali percebe e de si mesmo diante delas.

Língua: entre o exílio da língua materna e o desaparecimento da língua do colonizador

O debate a respeito da língua em si mesma e da língua de escrita é recorrente na obra de Assia Djebar, expondo as relações de poder implícitas ao uso da língua francesa nos contextos colonial e pós-colonial, assim como a percepção que dela tem a escritora como uma língua manchada pela opressão e pelo sangue do outro, o argelino. Ao mesmo tempo, o árabe é a língua do afeto, desdobrada, por Djebar, em alternativas de expressão e significação, passíveis de exprimir na língua do colonizador o que a autora deseja escrever.

Em *La disparition de la langue française*, na condição de expatriado na França, Berkane sublinha o impacto que tem sobre ele o exílio da língua materna, manifestado em circunstâncias diversas em seu relacionamento com Marise e, mais tarde, redimido pelo conhecimento de Nadja. Se Berkane não consegue falar em árabe com Marise, é em francês que ele escreve cartas, um diário e se empenha na criação de um de livro.

Nessas cartas, é possível observar uma ruptura entre a realidade e as expectativas frustradas de um relacionamento em que a língua poderia ser vista como uma barreira, se não para a comunicação diária, ao menos nos momentos de intimidade entre Berkane e sua companheira francesa. Entre a distância e a possibilidade de aproximação, o cotidiano e a possibilidade de ternura, o protagonista ver oscilar sua relação linguístico-afetiva com Marise, uma relação que extrapola o vínculo homem-mulher, projetando-se na relação entre França e Argélia.

A descolonização, instituída sob a égide do pan-arabismo, expõe as diferenças no seio da língua árabe, ao contemplar o árabe clássico, usado predominantemente nos espaços públicos e governamentais, e o árabe dialetal, com o qual Berkane identificaria sua língua de infância. Na década de 1990, Nadjia se espanta com o fervor extremista, revelado pela língua árabe, cuja existência ela vê proliferar nas ruas de Argel:

- Mais les autres, de l'autre côté, les fanatiques, as-tu senti leur fureur verbale, la haine dans leurs vociférations? Leur langue arabe, moi qui ai étudié l'arabe littéraire, celui de la poésie, celui de la *Nahda* et des romans contemporains, moi qui parle plusieurs dialectes des pays du Moyen-Orient où j'ai séjourné, je ne reconnais pas cet arabe d'ici. C'est une langue convulsive, dérangée, et qui me semble déviée! Ce parler n'a rien à voir avec la langue de ma grand-mère, avec ses mots tendres, ni avec l'amour chanté de Hasni El Blaoui, le chanteur vedette d'autrefois, à Oran. La langue de nos femmes est une langue d'amour et de vivacité quand elles soupirent, et même quand elles prient: c'est une langue pour les chants, avec des mots à double sens, dans l'ironie et la demi-amertume. (DLF, p.118)

Em busca de um compromisso entre o árabe e o francês, assim como entre a língua falada e a língua de escrita, Djébar denuncia e se opõe firmemente ao fanatismo, seja de ordem política, religiosa ou cultural, tal qual expresso pela problemática da língua. Ao pensarmos em Berkane e Marise, enquanto as primeiras cartas escritas por ele lamentavam uma separação injustificável, embora aparentemente definitiva, tendo a mulher declarado sua afeição ao homem e em função desse sentimento alegar as razões de seu afastamento, as cartas seguintes exploram a memória da intimidade do casal em meio ao desejo mútuo, assim como frente às diferenças culturais, especialmente linguísticas, que caracterizavam sua relação.

A separação de Marise conduziu Berkane de volta à Argélia, a fim de reencontrar suas origens e reconciliar-se com seu passado, de reconstruir sua memória para permitir que se reconstituísse a memória dos seus. Nesse contexto e ainda que ele tenha optado, como Djébar, por escrever em francês - "J'écris en langue française, moi qui me suis oublié moi-même, trop long temps, en France." (DLF, p. 135) -, Berkane ressalta a possibilidade de apaziguamento de seus sentimentos no âmbito pessoal, mas igualmente em termos políticos e históricos. Ao

revelar a Marise que se sente em paz, Berkane abre uma fenda para que o mesmo possa ocorrer entre franceses e argelinos, a memória comum a cada um e a herança que ambos inevitavelmente compartilham:

- Je voudrais te dire, grâce à toi et parce que je suis revenu, je sens que ton amour de ces années m'a...
J'ai hésité une seconde... pacifié!
J'ai su aussitôt le poids de ce mot: Marise m'a rendu la paix avec moi-même, moi, l'Algérien émigré, travaillant en France, chez "eux"! [...]
-Tu m'as pacifié! C'est pourquoi j'ai pu effectuer ce retour, chez moi! (DLF, p. 131)

Apesar de expor esse sentimento, *La disparition* tem como pano de fundo a política integrista dos anos 1990, que:

Revela a violência com a qual essa política tenta provocar o chamado desaparecimento da língua francesa, ao qual o título do romance já faz alusão, em favor de uma monolíngua e de uma monocultura árabe, que a ideologia integrista quer ver triunfar sobre as influências culturais do berbere e do francês na Argélia.¹³⁰ (SCHUCHARDT et al, 2010, p. 368)

Assia Djébar reflete sobre o papel do escritor argelino: "Écrire en Algérie pour la disparition? En dépit d'elle, certes, et à fois à côté d'elle? A côté pour célébrer des noces, des rires, un éblouissement – autant dire, un soleil fixe." (BA, p. 234). Daí, perguntarmos: o desaparecimento de Berkane leva consigo a possibilidade de desaparecimento da língua francesa na Argélia, sucumbindo à força do terror?

Sob a sombra de sua morte sugerida, os escritos de Berkane são achados no carro em que ele viajava. Ali está *L'adolescent*, inconcluso, tal qual o manuscrito de *Le Premier Homme*. O material, somado às cartas e ao diário, é entregue por seu irmão Driss à Marise, que segue com os textos para Paris. Na França, Marise redescobre o amor de Berkane nas cartas endereçadas a ela, bem como naquelas dirigidas à Nadjia. Impotente, ela chora seu desaparecimento, mas, sobretudo, a incerteza e a brutalidade das condições em que esse evento ocorreu.

Elle ne savait plus, elle pleura à nouveau, songeant soudain que c'était à cause de sa langue française que Berkane avait disparu. "Ces mots que je crache", scanda-t-elle, violente, contre elle-même: car ils avaient été tous deux accouplés par les mêmes sons et la musique des mêmes mots, elle qui les lançait par-delà la rampe, mais lui, lui, à cause d'eux, ne gisait-il pas désormais dans la fosse? (DLF, p. 200)

¹³⁰ "Révèle la violence avec laquelle cette politique tente de provoquer la dite *disparition de la langue française*, à laquelle le titre du roman fait déjà allusion, en faveur d'une 'monolangue' et d'une 'monoculture arabe', que l'idéologie intégriste veut voir triompher sur les influences culturelles du berbère et du français en Algérie."

Marise, atriz de teatro, aceita representar o papel de Mathilde, protagonista *pied-noir* de *Retour au désert*, de Bernard-Marie Koltès¹³¹, como uma forma de apaziguar a dor pelo desaparecimento de Berkane, pelo qual ela parece se sentir indiretamente responsável:

Dès la première répétition, lorsque Mathilde, revenant d'Algérie chez son frère, gémi (ou rugit) : "En France, je suis encore plus étrangère et je rêve d'Alger. Est-ce que la patrie, c'est l'endroit où l'on n'est pas?", Marise se sentit destinée à porter Berkane définitivement en elle, sous les projecteurs: elle serait donc sa tombe de lumière, puisque, hélas, elle l'avait poussé, deux ans auparavant, à retourner vers la terre de ses ancêtres. Retour en terre obscure! (DLF, p. 203)

Exílio ou expatriação: multiplicidade e capacidade de aceitar

Assia Djebar experimentou três momentos particularmente difíceis para a Argélia ao longo do século XX: a colonização francesa (até 1962), a guerra de independência (1954-1962) e a guerra civil (anos 1990). Em diferentes períodos de sua vida, ela viveu também na França, a princípio como estudante e, mais tarde, como escritora, já reconhecida publicamente. Além desses países, residiu na Tunísia e nos Estados Unidos. O exílio voluntário, decorrente da violência política do período pós-independência, estabelecida em prol da arabização e da islamização, marcou a vida, assim como a carreira de Djebar, visto que no Ocidente ela teria oportunidade de se firmar como escritora, sem precisar seguir a tradição muçulmana, que impunha o cerceamento sociocultural da mulher. Vários intelectuais se tornaram alvo da violência política vigente na Argélia nesse período, o que levou muitos deles a viverem fora do país. Esse tema foi retratado por Assia Djebar em *Le Blanc de l'Algérie* (2002), no qual a escritora " [...] [a] voulu [...] répondre à une exigence de mémoire immédiate: la mort d'amis proches [...] " (BA, p. 11), vítimas de uma guerra fratricida movida por forças integristas após a independência do país.

Ainda que esteja frequentemente longe de seu país, a autora se pergunta sobre sua própria condição:

¹³¹ Dramaturgo francês falecido em 1989, ao qual, por ser homossexual, é atribuída uma condição simbólica de exilado. Em 1988, escreveu *Le Retour au désert*. Nessa peça, após vinte anos de exílio na Argélia, Mathilde retorna para a França.

Ni réfugiée d'abord, ni émigrée, ni exilée, comment définir toutes ces années qui me furent essentiellement années d'écriture depuis Femmes d'Alger [...]?

Durant ces quinze années, je me suis définitivement installée donc dans cet entre-Nord/Sud, c'est-à-dire pour moi entre deux rives de la Méditerranée, entre deux territoires, entre deux langues; également entre deux mémoires. [...]

Deviendrai-je donc une expatriée? Pas encore ou pas tout à fait parce que mon premier départ s'est fait comme un lent et progressif déchirement, un éloignement que j'ai cru volontaire et que j'ai vécu cependant comme provisoire. [...] Éloignement que j'aurais voulu assumer comme un don - un sacrifice, un tribut à devoir - offert par moi-même à mon écriture et à la liberté de celle-ci... (CV, p. 206, 207)

Vivendo como “[...] fugitive et ne le sachant pas”,¹³² (CV, p. 207): eis a definição dada por Djebbar a si mesma. Mesmo assim, seus textos exprimem-se muito mais por uma condição de exílio interior, manifestado pela linguagem e pelos silêncios evidentes ou subentendidos, criados pela escritora, do que por referências aos exílios físico e geográfico, propriamente ditos. A apropriação do francês como língua de escrita, isto é, sua língua pública, leva Djebbar a estabelecer-se como escritora francófona, que se dedica a registrar, por meio de uma mescla entre literatura e história, narrativas que abordam seu país: o *Quatour de Alger*, a respeito da colonização da Argélia e *Femmes d'Alger dans leur appartement*, sobre o estatuto da mulher na sociedade muçulmana, são exemplos disso.

O exílio da língua é, entretanto, uma das formas mais radicais de expressão dessa condição, tocando particularmente escritores vinculados à literatura magrebina de língua francesa. É possível, entretanto, entrever que Assia Djebbar, ao se apropriar do francês como instrumento de trabalho, o faz de forma absolutamente singular, uma vez que se vale de uma multiplicidade de outras línguas para escrever em um francês próprio, tal qual se pode observar na passagem a seguir:

Les multiples voix qui m'assiègent – celles de mes personnages dans mes textes de fiction, je les entends, pour la plupart en arabe, un arabe dialectal, ou même un berbère que je comprends mal, mais dont la respiration rauque et le souffle m'habitent d'une façon immémoriale (...) Oui, ramener les voix non francophones - les gutturales, les ensauvagées, les insoumises - jusqu'à un texte français qui devient enfin mien. (CV, p.29)

Paralelamente, ela fala da escrita sobre a expatriação ou realizada na condição de expatriado, ressaltando as dificuldades implícitas a essa iniciativa, frequentemente associada a uma experiência violenta e traumática, da qual o escritor conseguiu escapar e, portanto, pode ser considerado um sobrevivente. Nos dois casos, escrever implica “[...] prendre conscience

¹³² “[...] me suis-je [Djebbar] ainsi définie dans mon roman *Vaste est la prison*, le plus autobiographique sans doute.” (CV, p. 207)

de se situar dans le chevauchement constant d'une frontière dangereuse, fluctuante, incertaine: une inscription de l'infranchissable malgré soi ou en dépit de soi, et qu'il faut tout de même dépasser." (CV, p. 209). Segundo Djébar, trata-se igualmente de estabelecer um "[...] devoir de mémoire [...] c'est tenter désormais de fixer, de rêver, de maintenir *un ciel de mémoire*." (CV, p. 209, grifo da autora).

No entanto, esse dever de memória, proposto pela escritora no âmbito de um sentimento de solidariedade em relação a todos que foram vitimados pela violência de Estado ou pela violência imposta por grupos organizados e a favor de uma causa com a qual não se compartilha, se inscreve em um cenário no qual a expatriação não se coloca como uma escolha, mas como a principal, senão única possibilidade de sobrevivência verossímil para o escritor:

[...] dans un monde qui tend à s'installer comme Islam politique, être écrivain, être né pour l'écriture (c'est-à-dire, en somme, dans *l'ijtihad*¹³³ exercer sa volonté de comprendre, d'interpréter de rechercher dans l'effort et le mouvement de la pensée), être donc ainsi écrivain pour la trace, pour la vertu de la trace, c'est évidemment, depuis dix ans au moins, et pour cinquante ans encore, être voué à l'expatriation ; le plus vraisemblable avenir pour beaucoup sera d'écrire dans l'expatriation. (CV, p. 216)

Em *La Disparition de la langue française*, Berkane volta à Argélia, em um período de intensa crise devido à política extremista ali vigente nos anos de 1990. Exilado voluntariamente ou vivendo como expatriado ao longo de vinte anos, ele utiliza a palavra inglesa *homeland* para qualificar seu país, definindo assim o território de sua identidade e afetividade, território para o qual ele retorna. O uso do inglês como alternativa ao francês e ao árabe, marcados pela disputa colonial, exprime a incerteza desse retorno, um exílio às avessas, visto que Berkane experimenta circunstâncias variadas de estranhamento face à convulsiva realidade argelina daquele momento: filho da Casbah, ele é confundido com um turista ao sofrer uma tentativa de assalto; em seu convívio com um jovem pescador que o abastece com peixes frescos, ele se percebe como o narrador de uma história já distante das novas gerações, qual seja a história política de seu país em luta contra o colonialismo e pela independência;

¹³³ “É importante notar aqui que a palavra ‘Ijtihad’ não deve ser confundida com ‘Jihad’ como temos muito comumente e muito facilmente tendência a fazer no Ocidente. O conceito de ‘Ijtihad’ em árabe, e por extensão na teologia muçulmana, significa primeiro e essencialmente ascese e disciplina na busca do saber e esforço no processo de compreensão dos fenômenos do universo, da realidade humana e de questões espirituais.” [Il est important de relever ici que le mot ‘Ijtihad’ ne doit pas être confondu avec ‘Jihad’ comme l’on a trop souvent et trop facilement tendance à faire dans l’Occident. Le concept de ‘Ijtihad’ en arabe, et par extension dans la théologie musulmane, signifie d’abord et essentiellement ascèse et discipline dans la recherche du savoir et effort dans le processus de compréhension des phénomènes de l’univers, de la réalité humaine et des questions spirituelles.] (GAFAÏTI, 2005, p. 142)

sente o mal-estar na fala de seu amigo Amar que constata a naturalidade com que se encara a violência cotidiana, seja ela de maior ou menor envergadura; tem sua atenção chamada por Nadjia, que ressalta o quanto Berkane está alijado das questões políticas que dominam a Argélia, especialmente quanto à garantia das liberdades individuais, à perseguição e à violência contra opositores. Que retorno é esse, então? “Je reviens donc, aujourd’hui même, au pays... ‘Homeland’, le mot, étrangement, en anglais, chantait, ou dansait en moi, je ne sais plus [...]” (DLF, p. 13).

Berkane sonha com uma terra desejada, a terra de sua infância, onde ainda brilha o sol, mas ignora o quanto ainda conhece dela. Em sua ausência, a Argélia se transformou: se antes se lutava contra o colonialismo, nos anos subsequentes à independência, o país teve de empenhar-se para estabelecer valores próprios, que não necessariamente garantiriam a existência da herança mestiça tão característica de sua formação étnica e histórica, com a presença de berberes, além de árabes, judeus e diferentes nacionalidades de europeus. Após a independência, os argelinos disputaram o poder entre si, demonstrando pouca tolerância com as diferenças políticas, religiosas, culturais e de gênero, razões que motivaram inúmeras críticas por parte de intelectuais e escritores, como Assia Djébar. Muitas dessas pessoas foram perseguidas e mortas.¹³⁴

Em duas décadas, a experiência francesa também transformaria Berkane, seja pelo vínculo afetivo estabelecido com Marise, seja por sua aparente integração naquela sociedade como funcionário público. A influência da França certamente pôde ser observada em sua aparência e comportamento, aspectos nem sempre objetivos, mas que o levaram a ser confundido com um turista rico pelos ladrões da Casbah. Entretanto, já na Argélia, as cartas à Marise revelariam sua ansiedade para ouvir a língua materna, seu desejo, muitas vezes, aplacado de contar à companheira alguma história que o fizera sofrer, mas, que, frequentemente colocava os franceses em um papel pouco defensável e acabaria gerando problemas entre o casal.

Je n’allais pas raconter à Marise d’où surgissait cette scène [la torture avec sable]: de quoi aurais-je eu l’air, moi en avouant à mon amie française que le raffinement de ce supplice était non pas chinois, mais tout à fait français? Nous nous trouvions si bien ensemble, à cette époque, Marise et moi! Elle se serait sans doute attendrie, elle, sur les épreuves de mon âge d’adolescent et je ne suis pas sûr que j’aurais aimé cela! (DLF, p. 166)

¹³⁴ Em *Le Blanc d’Algérie*, Djébar relaciona a morte de escritores como Albert Camus, Frantz Fanon, Mouloud Feraoun, Jean Amrouche, Jean Senac, Malek Haddad, Mouloud Mammeri, Kateb Yacine, Tahar Djaout, entre outros (BA, p. 247-248)

Isolado na casa de praia que herda da família, Berkane se dedica a escrever um romance de formação, baseado em sua própria experiência de vida. Trata-se de uma autobiografia, relatando impressões, lembranças e eventos de seu passado, vividos sob o conflito pela independência, quando ele, seu pai e seu irmão foram presos e torturados pelas forças do governo colonial. De volta à casa e à terra natal, ele celebra essa possibilidade: “[...] quel est ce jour où, face à la mer intense et verte, je me remis à écrire [...]” (DLF, p. 13).

Entretanto, *La disparition* demonstrará que a Berkane não bastariam o tempo livre, o espaço privilegiado, a solidão, quem sabe, inspiradora. A decisão de escrever exigiria dele o enfrentamento de fantasmas adormecidos dentro de si por duas décadas. A princípio, Berkane relutaria contra esse fato. Embora, ao cabo da narrativa, quando o protagonista parte em busca do entendimento dele mesmo face aos processos históricos e políticos que o cercaram, assim como a seu país, dirigindo-se ao campo de prisioneiros onde esteve confinado nos anos 60, localizado na região da Cabília, Berkane desaparece em meio a uma onda terrorista que assola o país trinta anos depois.

Memória: o dever de lembrar

Historiadora de formação, Assia Djebar mantém uma relação muito próxima com a história e a construção da memória da Argélia. Sob diferentes aspectos, seus textos são um reflexo dessa opção, fazendo com que a história tanto sirva de fonte para sua ficção quanto possa figurar enquanto “fato” em sua obra. Mas, se a história pode guardar uma objetividade relativa, a memória enquanto sua representação é feita de diferentes versões, construídas a partir de perspectivas que reúnem as impressões de cada indivíduo ou sociedade a respeito dos acontecimentos.

Relacionando-se diretamente com a noção de tempo, a memória encontra no presente o seu tempo natural. Ela se vale do passado para se constituir enquanto tal, empregando, para isso, documentos, objetos e informações. Da mesma forma, a memória pode ser projetada no futuro, levando adiante ideias e ideais a respeito das sociedades e das coisas. Mas, é só no presente que a memória existe. É a partir do presente que inventamos questões, problemas, necessidades, desejos, cujas respostas podem ser encontradas no passado. No presente a

memória tem o valor e a importância dados por quem dela pode desfrutar. Por isso, só o tempo presente dá sentido à memória.

Qual é, então, o sentido da memória para Berkane? Ele volta à Argélia, mas o sentimento de incerteza¹³⁵ prevalece em suas atitudes, que privilegiam o isolamento social, a ausência de contato com a realidade violenta que ora se apresentava, levando-o a manter-se distante da capital, longe, portanto, da Casbah. A hesitação frente ao que Berkane preserva e reinventa em seu imaginário, aquilo que desejaria encontrar no antigo bairro árabe e o que ele encontraria de fato o faz afastar-se do que poderia ser um choque imediato. Sua volta prescinde de tempo para a adaptação local: o contato com o irmão, um amigo antigo que exerce a fotografia, um conhecido novo que lhe traz os peixes para comer, a lenta absorção do noticiário convulsivo do dia a dia, um novo amor. Ele está de volta e “le pays est en ébullition.” (DLF, p. 131).

Quais respostas o presente traria a Berkane, expatriado no seio do império por vinte anos? Descobri-las constitui o cerne de sua busca subjetiva, intransferível, uma busca que se traduz em seu projeto de escrita, presente nas cartas não remetidas à Marise, no diário e, sobretudo, em seu romance ‘L’adolescent’. Como Djébar, Berkane escreve em francês. Como ela, é possível inferir que ele faça uso da história para, então, registrar a sua vida.

Desde o princípio, entretanto, deparamos com a complexa questão da objetividade dos fatos que compõem essa história, objetividade esta ainda mais acirrada, quando o que está em disputa é a soberania de um país, isto é, o poder entre o colonialismo francês predominante na Argélia desde 1830 e a revolta nacionalista em prol da independência, cujas forças foram se estruturando ao longo do século XX, especialmente depois da comemoração do centenário da conquista, culminando com a Guerra da Argélia, entre 1954 e 1962. Ainda que *La disparition de la langue française* apresente-se como um texto de conciliação entre o passado colonial e a contemporaneidade argelina, Djébar não é jamais parcial, apontando erros cometidos tanto pela França quanto por seu país natal.

Se a Guerra da Argélia transformou o menino Berkane em homem, cuja maturidade foi legitimada a fórceps, é a adolescência que ele almeja rever, conjugando uma perspectiva pessoal com o que essa visão é capaz de revelar da comunidade árabe-muçulmana de Argel.

¹³⁵ Para Berkane, a incerteza vai além do sentimento de insegurança dominante nos anos 1990, devido às tensões tornavam o país politicamente instável, com a profusão de atentados e sequestros contra críticos e opositores à formação de um Estado islâmico.

Como um memorialista, Berkane elenca datas em que a história invade o território privado para convocar seus protagonistas, como no primeiro dos oito dias de protestos nacionalistas, ocorridos durante a visita do General De Gaulle à Argélia:

11 décembre 60: ce jour-là, nous déjeunons dans la petite cuisine familiale. Alaoua, mon frère, est présent; de son ton autoritaire, il demande :

- Il est midi! Il y a une nervosité chez les gens, ces jours-ci [...]. (DLF, p. 141)

Na sequência, ele utiliza o plural para se referir àqueles que sucumbiram à violência e à morte naquela ocasião:

Cris. Reflux. Corps tombés. Blessés et agonisants et ceux qui fuient, qui reculent, qui crient. Qui chantent encore, sur un autre ton : “Algérie, algérienne!”

[...]

- Ramassons nos morts! La nuit, pour célébrer nos morts! (DLF, p. 148-149)

Lembrar, escolher, escrever. Eis o exercício proposto por Berkane a si mesmo: o intrincado, por vezes labiríntico, trabalho de memória e escrita, acompanhado das dores que lhe são próprias e que não deixam de contemplar o esquecimento, ele também ambíguo, embora necessário.

Berkane fala frequentemente com sua mãe, enquanto está na França. No entanto, quando volta à Argélia não se sabe se ela ainda está viva. Em duas décadas, presume-se que seu pai, preso e torturado, tenha morrido. Enquanto ele enfatiza que a prisão de seu pai e irmão o levou a um amadurecimento precoce, porque especialmente vinculado à responsabilidade de cuidar sozinho de sua família, não há menção sobre como as mulheres de sua casa sobreviveram quando ele próprio foi conduzido ao cárcere. Embora seja possível vislumbrar alguns dados sobre a vida parisiense de Berkane, ignora-se por completo o que o teria levado a viver na França, após sua árdua experiência enquanto prisioneiro argelino de origem árabe-muçulmana durante os anos de conflito.

A arte da memória é também a arte do esquecimento. Ambas são a arte da escolha, conjugada à coragem de ver dito o que não queremos, não podemos, não devemos esquecer, ao mesmo tempo em que sabemos que este pode ser um esforço vão e incompreensível, pois o significado de um fato para uma pessoa tem peso incomensurável, tal qual a felicidade ou a dor, impossível de ser medido, quantificado, delimitado por outra, visto tratar-se daquilo que a linguagem não consegue dizer.

Eis, pois, a síntese de *La disparition de la langue française*: apesar de tudo o que carregamos em nós - dores, dúvidas, temores, alegrias - e das contradições e injustiças do mundo que nos cerca, é preciso sempre fazer esse esforço, isto é, dizer, contar a nossa versão sobre o que nos toca ou nos deixa indignados, ainda que sob o risco do desaparecimento.

CONCLUSÃO

Fora de lugar. Assim podemos considerar Albert Camus e Assia Djebar.

Dois escritores deslocados de seu lugar de origem, entendendo-se por isso não só seu país natal, como também sua família. Dois escritores deslocados em seu processo de educação e formação intelectual: o primeiro devido à sua pobreza, a segunda em função de gênero. Duas pessoas que encontraram na literatura seu espaço de existência, jamais abandonando seu dever de falar.

Jacques Cormery e Berkane são personagens em busca de si mesmas, mas suas trajetórias não poderiam ser escritas individualmente. Entre os dilemas envolvendo as questões da língua e do exílio, tal qual apresentado anteriormente, os protagonistas de *Le Premier Homme* e *La disparition de la langue française* se valem de lembranças íntimas, associando-as às memórias de familiares, colegas, professores, que colaboram para criar uma narrativa memorialística comum. À sua maneira e em maior ou menor grau, os membros desses grupos sociais, ao lado de Cormery e Berkane, contribuem para a composição das narrativas sobre a história argelina, sempre ressaltando a comunidade de destino da qual fazem parte.

Vivendo sob o colonialismo ou no período posterior a ele, Camus e Djebar enfrentaram a complexidade política, social e cultural, vigente na relação firmada entre França e Argélia, mantendo, cada qual, a fidelidade a seus princípios e, conseqüentemente, às suas obras. Em meio a isso, o principal compromisso de ambos encontra-se no apego incondicional a seu país, um lugar multiétnico, multicultural, multilinguístico, um país solar, asfixiado pela violência e pela opressão.

Apesar disso e guardadas as diferenças que distinguem os *pieds-noirs* dos árabes, *Le premier homme* e *La disparition de la langue française* apontam para um processo de auto reconhecimento e tentativa de conciliação nos variados aspectos que envolvem essas comunidades - da política à sociedade, da língua à história, da memória ao esquecimento. Enquanto Camus coloca um árabe a guiar sua família em uma estrada escura, rumo ao interior de um país desconhecido, na representação que faz de seu nascimento, Berkane revela à Marise, sua companheira francesa, que a possibilidade instaurada por ela ao abandoná-lo, permitindo-lhe voltar à sua terra natal, finalmente trouxe-lhe a paz.

Se os impasses da colonização e da descolonização ainda reverberam nas relações entre França e Argélia, assim como no mundo contemporâneo, onde a dualidade de conceitos – bem/mal, europeu/árabe, cristão/muçulmano, entre outros - comumente dificulta a compreensão mais ampla dos acontecimentos, não se pode negar a Albert Camus e Assia Djebar seu papel como intelectuais públicos, que não se furtaram ao debate e ao engajamento por um mundo mais justo e igualitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Albert Camus

L'Étranger. Paris: Gallimard, 1994.

La Peste. Paris: Gallimard, 1994.

La Chute. Paris: Gallimard. 1994.

L'Exil et le Royaume. Paris: Gallimard, 1993.

Noces, suivi de *L'Été*. Paris: Gallimard 1993.

Le Mythe de Sisyphe. Paris: Gallimard, Folio Essais, 1994.

L'Homme Révolté. Paris: Gallimard, Folio Essais, 1995.

Caligula, suivi de *Le Malentendu*. Paris: Gallimard, 1994.

Le Premier Homme. Paris: Gallimard, 1994.

Théâtre, Récits, Nouvelles. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2002.

Essais. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2000.

Œuvres complètes. Tome 3. Paris: Gallimard. Bibliothèque de la Pléiade, 2008.

Œuvres complètes. Tome 4. Paris: Gallimard. Bibliothèque de la Pléiade, 2008.

Diário de viagem: a visita de Camus ao Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1978.

Carnets: mai 1935-février 1942. Paris, Gallimard, 1962.

Carnets: janvier 1942-mars 1951. Paris, Gallimard, 1964.

Carnets: Mars 1951-décembre 1959. Paris, Gallimard, 1989.

Correspondance: 1932-1960. GRENIER, Jean. Paris: NRF/Gallimard, 1981.

Sobre Albert Camus

BARTFELD, Fernande. *L'effet tragique: essai sur le tragique dans l'œuvre de Camus*. Paris-Genève: Champion-Slatkine, 1988.

BRISVILLE, Jean-Claude. *Camus*. Paris: Gallimard, 1959.

CIELENS, Isabelle. *Trois fonctions de l'exil dans l'œuvre d'Albert Camus: initiation, révolte, conflit d'identité*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1985.

DUNWOODIE, Peter. "Le Premier Homme: mémoire et manœuvres intertextuelles". Proferido em 30 MAR 2007. Disponível em: <http://www.canal-u.tv/video/ens_paris/le_premier_homme_memoire_et_manoeuvres_intertextuelles.3129>. Acesso em: 29 SET 2012, 22h15.

- GAY-CROSIER, Raymond (Org.). *Albert Camus 20. "Le Premier Homme" en perspective*. Paris-Caen: Lettres Modernes Minard, 2004.
- GONZÁLES, Horácio. *Camus: a libertinagem do sol*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GRENIER, Jean. *Albert Camus. Souvenirs*. Paris, Gallimard, 1968.
- GRENIER, Roger. *Albert Camus soleil et ombre. Une biographie intellectuelle*. Paris: NRF/Gallimard, 1987.
- FOXLEE, Neil. *Albert Camus's "The New Mediterranean Culture". A text and its contexts*. Berna: Peter Lang AG; International Academic Publishers, 2010.
- HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio*. São Paulo: Edusp, 1992.
- KHADDA, Naget. "Camus, les écrivains algériens et le référent 'Algérie'. Remarques à propos de *Le Premier Homme*". In: Arend-Schwarz, Elisabeth; Kirsch, Fritz Peter. *Regards sur le Maghreb, regards sur la France, les écrivains de langue française*. Würzburg: Königshausen und Neuman, 1998, p. 5-27.
- LAMEIRINHA, Cristianne A. B.. *O sentido do exílio em "La Peste" de Albert Camus*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2007.
- LEBESQUE, Morvan. *Camus*. Paris: Seuil, 1990.
- LÉVI-VALENSI, Jacqueline. *La Peste d'Albert Camus*. Paris: Gallimard, Foliothèque, 1991.
- _____. *"La Chute" d'Albert Camus*. Paris: Gallimard, Foliothèque, 1996.
- _____. *Camus à Combat*. Paris: NRF/Gallimard, Cahiers Albert Camus, 2002.
- _____. *Albert Camus ou la naissance d'un romancier (1930-1942)*. Paris: Gallimard, 2006.
- LOTTMAN, HERBERT. *Albert Camus*. Paris: Seuil, 1985.
- MINO, Hiroshi. *Le silence dans l'œuvre d'Albert Camus*. Paris: Librairie José Corti, 1987.
- O'BRIEN, Conor Cruise. *Albert Camus*. Nova York: Viking, 1970.
- ONFRAY, Michel. *L'ordre libertaire. La vie philosophique d'Albert Camus*. Paris: Flammarion, 2012.
- PINGAUD, Bernard. *L'Étranger d'Albert Camus*. Paris: Gallimard, Foliothèque, 1992.
- PULEIO, Maria Teresa. "Albert Camus lu par Assia Djébar: ou comment écrire 'ensemble' l'histoire des pieds-noirs et des colonisés?". In: MARGERRISON, C.; ORME, M.; LINCOLN, L. (orgs.). *Albert Camus in the 21st Century: A Reassessment of His Thinking at the Dawn of the new millennium*. Amsterdam, New York: Editions Rodopi B. V., 2008.
- QUILLIOT, Roger. *La mer et les prisons: essais sur Albert Camus*. Paris: Gallimard, 1970.
- SARROCCHI, Jean. *Le Dernier Camus ou Le Premier Homme*. Paris: Librairie A.-G. Nizet, 1995.
- TODD, Olivier. *Albert Camus: une vie*. Paris: NRF/Gallimard, 1996.
- WEI, Keling. "Le Premier Homme. Autobiographie algérienne d'Albert Camus". Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/501313ar>>. Acesso em: 23 JUN 2011, 22h27.
- JURT, Joseph. "Albert Camus contre la rupture". Disponível em: <www.confluences-mediterranee.com/IMG/.../04-0096-9720-016>. Acesso em: 23 JUN 201, 22h40.

Obras de Assia Djébar

La disparition de la langue française. Paris: Albin Michel, 2003.

Femmes d'Alger dans leur appartement. Paris: Albin Michel, 2002.

La femme sans sépulture. Paris: Albin Michel, 2002.

Ces voix qui m'assiègent: En marge de ma francophonie. Paris: Albin Michel; Montréal: Les presses de l'université de Montréal, 1999.

Les nuits de Strasbourg. Paris: Actes Sud, 1997.

Oran, langue morte. Paris: Actes Sud, 1997.

Le blanc de l'Algérie. Paris: Albin Michel, 1996.

Vaste est la prison. Paris: Albin Michel, 1994.

Loin de Médine. Paris: Albin Michel, 1991.

Ombre sultane. Paris: J.C. Lattès, 1987.

L'amour, la fantasia. Paris: J.C. Lattès, 1985.

Femmes d'Alger dans leur appartement. Paris: Des femmes, 1980.

Les alouettes naïves. Paris: Julliard, 1967.

Les enfants du nouveau monde. Paris: Julliard, 1962.

Les impatients. Paris: Julliard, 1958.

La soif. Paris: Julliard, 1957.

Sobre Assia Djébar

ASHOLT, W.; CALLE-GRUBER, M. et COMBE, D. (eds.). *Assia Djébar. Littérature et transmission*. Paris: Presse Sorbonne Nouvelle, 2010.

BOULBINA, Seloua Luste. "Being inside and outside simultaneously. Exile, literature, and the postcolony: on Assia Djébar". Eurozine. Disponível em: <<http://www.eurozine.com/articles/2007-11-02-lusteboulbina-en.html>>. Acesso em: 21 JUN 2011, 21h20.

CALLE-GRUBER, Mireille. *Assia Djébar, ou la résistance de l'écriture. Regards d'un écrivain d'Algérie*. Paris: Maisonneuve & Larose, 2001.

_____. *Assia Djébar, nomade entre les murs, pour une poétique transfrontalière*. Paris: Maisonneuve & Larose; Académie Royale de Belgique, 2005.

CHEIKI, Beïda. *Les romans d'Assia Djébar*. Algiers: SNED, 1990.

CLERC, Jeanne-Marie. *Assia Djébar: écrire, transgresser, résister*. Paris: L'Harmattan, 1997.

DEJEUX, Jean. *Assia Djébar. Romancière algérienne, cinéaste arabe*. Sherbrooke: Sherbrooke Univ. Press, 1980.

GEYSS, Roswitha. *Bilinguisme et double identité dans la littérature maghrébine de langue française. Le cas d'Assia Djébar et de Leïla Sebbar*. Diplomarbeit zur Erlangung des Magistergrades der Philosophie aus der Studienrichtung Französisch (Lehramt) eingereicht an der Universität Wien, 2006. Disponível em: <<http://www.limag.refer.org/Theses/Geyss/GeyssBilinguisme.pdf>> Acesso em: 21 JUN 2011, 21h35.

ROCCA, Anna. Assia Djébar. *Le corps invisible, voir sans être vue*. Paris: L'Harmattan, 2005.

SCHUCHARDT, B. "Manifestations d'une esthétique interstitielle dans 'La disparition de la langue française' d'Assia Djébar". In: ASHOLT, W.; CALLE-GRUBER, M. et COMBE, D. (eds.). *Assia Djébar. Littérature et transmission*. Paris: Presse Sorbonne Nouvelle, 2010.

SOARES, Vera Lucia. *Escritura dos silêncios: Assia Djébar*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense, na área de História Moderna e Contemporânea, 1995. Disponível em: <http://www.limag.refer.org/Theses/Soares.PDF>. Acesso em: 3 FEV 2010, 22h00.

Artigos na Internet

GRANDGUILLAUME, Gilbert. "Le Maghreb confronté à l'islamisme. Arabisation et démagogie en Algérie." *Le Monde Diplomatique*, Archives Février 1997. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/1997/02/GRANDGUILLAUME/7816>>. Acesso em: 23 JAN 2013, 16h00.

KAOUAH, Abdelmadjid. "Le butin de l'exil." *Le Quotidien d'Oran*, février 2003. Disponível em: <<http://dzlit.free.fr/dossier.html#butexil>>. Acesso em: 25 NOV 2009, 21h45.

KATAN, Yvette. "'Les colons du décret': des émeutiers du juin? des proscrits?". Disponível em: <http://ens-web3.ens-lsh.fr/colloques/france-algerie/communication.Php?id_article=247>. Acesso: 6 NOV 2012, 21h35.

MELIC, Katarina. "L'exil et/ou la recherche d'une langue littéraire. Assia Djébar ou le blanc de l'écriture". *Mots Pluriels*, avril 2001. Disponível em: <<http://www.arts.uwa.edu.au/MotsPluriels/MP1701km.html>>. Acesso em: 25 NOV 2009, 21h50.

MOKADDEM, Yamina. "La littérature maghrébine de langue française à l'épreuve du temps." 1996. Disponível em: <http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/9_19_26.pdf>. Acesso em: 11 MAR 2013, 13h19.

NORA, Pierre. "Entre memória e história. A problemática dos lugares". In: *Revista Projeto História* n° 10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC/SP. São Paulo, dezembro de 1993, p. 7-29. (Tradução de Yara Aun Khoury). Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51219446/Entre-Memoria-e-Historia-a-Problematica-Dos-Lugares-Pierre-Nora>>. Acesso em: 18 FEV 2013, 14h10.

PESAVENTO, Sandra J. "História & literatura: uma *velha-nova* história", *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>> Acesso em: 14 JUN 2011, 21h45.

REDOUANE, Najib. "Le Maghreb littéraire et la francophonie: un divers singulier.". Disponível em: <<http://www.ulaval.ca/afi/colloques/colloque2001/actes/textes/redouane.htm>> Acesso em: 23 JUN 2011, 21h45.

RICŒUR, Paul. "Memória, história, esquecimento". Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia>. Acesso em: 18 FEV 2013, 15h30.

SMITH, Craig S. "The Crumbling of the Casbah". The New York Times, New York, 23 July 2006. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2006/07/23/arts/design/23smit.html>>. Acesso em: 7 MAI 2011, 21h40.

STORA, Benjamin. "Le Maghreb colonial (1830-1956). Notes de cours." PMO13/ Inalco - Institut National des Langues et Civilisations Orientales. Année universitaire 2003-2004. Disponível em: <<http://arabedusoirinalco.unblog.fr/files/2009/01/maghrebstora0304.pdf>> Acesso em: 24 JUN 2011, 21h24

UNWIN, Tim. "Écrire l'exil: rupture et continuité". Mots Pluriels, avril 2001. Disponível em: <<http://www.Arts.uwa.edu.au/MotsPluriels/MP170edito.html>>. Acesso em: 25 NOV 2009, 22h00.

Teses na Internet

BONN, C. *Le Roman algérien contemporain de langue française: espaces de l'énonciation et productivité des récits*. Thèse de doctorat d'Etat, Université de Bordeaux 3, 1982, 1428 p. Disponível em: <<http://www.limag.refer.org/new/index.php?inc=iframe&file=ThesesSommaire.htm>> Acesso em: 31 OUT 2009, 22h10.

VARGA, Robert. *En(je)(u)x : effets de métissage et voies de déconstruction dans l'autobiographie maghrébine d'expression française*. Thèse de doctorat, Université Marc Bloch Strasbourg 2, 2007. Disponível em: <<http://scd-theses.u-strasbg.fr/563/>>. Acesso em: 23 NOV 2011, 22h10.

Obras consultadas

ACIMAN, André. *Faux Papiers*. Paris: Autrement, 2002.

_____. *Letters of transit: reflections of exile, identity, language and loss*. New York: New Press, 2000.

ADORNO, T.W. *Notas sobre literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2008.

AGERON, Charles-Robert (org.). *L'Algérie des Français*. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

_____. *Histoire de l'Algérie contemporaine 1871-1954*. Paris: PUF, 1979.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ARNAUD, J. *La littérature maghrébine de langue française. Tome I: Origines et perspectives*. Paris: Publisud, 1986.

- _____. *La littérature maghrébine de langue française. Tome 2: Le cas de Kateb Yacine*. Paris: Publisud, 1986.
- BAKHTIN, M. *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp/ Editora Hucitec, 1990.
- BENJAMINO, Michel. *La francophonie littéraire. Essai pour une théorie*. Paris: Karthala, 1999.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BONN, Charles. *Poétiques croisées du Maghreb*. Paris: L'Harmattan, Coll. Itinéraires et contacts de cultures, volume 14, 2^e semestre, 1991.
- _____. *Le Roman Algérien de Langue Française. Vers un espace de communication littéraire décolonisé?* Paris-Montréal: L'Harmattan, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologie de l'Algérie*. Paris: P.U.F., 1958.
- CARDINALI, François (org.). *L'exode des pieds-noirs. 1962-2012*. Paris: Éditions Michel de Maule, 2012.
- CHICKI, Beïda. *Maghreb en textes. Écritures, histoire, savoirs et symboliques. Essais sur l'épreuve de modernité dans la littérature de langue française*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- DEJEUX, Jean (org.). *La culture algérienne dans les textes*. Paris: Éditions Publisud, 1995.
- DEJEUX, Jean. *La Littérature féminine de langue française au Maghreb*. Paris: Karthala, 1994.
- _____. *Maghreb: Littératures de Langue Française*. Paris: Arcantère, 1993.
- DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l'autre ou la prothèse d'origine*. Paris: Galilée, 1996.
- DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Gallimard, 1977.
- DUGAS, Guy. "Une ou des littérature(s) maghrébine(s)". In: *Approches scientifiques du texte maghrébin*. Casablanca: Toubkal, 1987, p. 70-79.
- DUNWOODIE, Peter. *Writing French Algeria*. New York: Oxford University Press, 1998.
- ÉTIENNE, B.; POUILLON, F. *Abd el-Kader, le magnanin*. Paris: Gallimard/Institut du Monde Arabe, 2003.
- GAUVIN, Lise. *L'écrivain francophone à la croisée des langues. Entretiens*. Paris: Karthala, 1997.
- GIRARDET, Raoul. *L'idée coloniale en France de 1871 à 1962*. Paris: Hachette Littératures, Collection Pluriel, 1972.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HARGREAVES, Alec G. *The Colonial Experience in French Fiction*. London: The Macmillan Press LTD, 1979.
- HOURLANI, Albert. *O Pensamento Árabe na Era Liberal 1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- _____. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- IBRAHIMI, A.T. “La déculturation depuis 1830”. In: DEJEUX, Jean (org.). *La culture algérienne dans les textes*. Paris: Éditions Publisud, 1995, p. 22.
- KHATIBI, Abdelkébir. *La mémoire tatuée*. Paris: Denoel, 1971.
- _____. *Le roman maghrébin*. Paris: Maspero, 1968.
- _____. *Maghreb Pluriel*. Paris: Denoel, 1983.
- KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Gallimard, 1988.
- LACHERAF, M. “La situation culturelle et scolaire en 1830”. In: DEJEUX, Jean (org.). *La culture algérienne dans les textes*. Paris: Éditions Publisud, 1995, p. 21.
- LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. (orgs.). *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- LIAUZU, Claude (dir.). *Dictionnaire de la colonisation française*. Paris: Larousse, 2007.
- LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido do retrato do colonizador*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2007a.
- _____. *Retrato do descolonizado árabe-muçulmano e de alguns outros*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007b.
- MORETTI, F. (org.). *O romance: A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MOURA, Jean-Marc. *Littératures francophones et théorie postcoloniale*. Paris: Quadrige/PUF, 2007.
- NOIRAY Jacques. *Littératures Francophones I. Le Maghreb*. Paris: Bellin SUP, 1996.
- PAMUK, O. *O romancista ingênuo e o sentimental*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- PRATT, Mary-Louise. *Os olhos do Império. Relatos de Viagens e Transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.
- QUEFFÉLEC, Ambroise. *Le Français en Algérie: lexique et dynamique des langues*. Bruxelles: Éditions Duculot AUF, 2002.
- QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência: ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- RICŒUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- RIVET, Daniel. *Le Maghreb à l'épreuve de la colonisation*. Paris: Hachette, Littératures, 2002.
- _____. “Le rêve arabe de Napoléon III”. In: AGERON, Charles-Robert (org.). *L'Algérie des Français*. Paris: Éditions du Seuil, 1993, p. 53-67.

- _____. *Instituteur en Kabylie*. In: AGERON, Charles-Robert (org.). *L'Algérie des Français*. Paris: Éditions du Seuil, 1993, p.93-100.
- SAID, E.W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Representações do intelectual. As conferências Reith de 1993*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000.
- SPIVAK, Gayatri. "Can the Subaltern Speak?" in: *Other Worlds. Essays in Cultural Politics*. Oxford: Routledge, 1987.
- STEINER, George. *Extraterritorial. A literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- STORA, Benjamin. *Histoire de l'Algérie coloniale 1830-1954*. Paris: Éditions la Découverte, 1991.
- _____. *Histoire de l'Algérie depuis l'indépendance*. Paris: Éditions la Découverte, 1994.
- _____. *Histoire de la Guerre de l'Algérie coloniale 1954-1962*. Paris: Éditions la Découverte, 1992.
- _____. *La gangrène et l'oubli. La mémoire de la guerre d'Algérie*. Paris: La Découverte, 1998.
- TOCQUEVILLE, A. *Sur l'Algérie*. Paris : Flammarion, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectivas, 1969.
- _____. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 1999.
- VERDÈS-LEROUX, Jeannine. *Les Français d'Algérie. De 1830 à aujourd'hui. Une page d'histoire déchiré*. Paris: Fayard, 2001.
- VIGIER, P. *Qu'allions-nous faire à Sidi-Ferruch?* In: AGERON, Charles-Robert (org.). *L'Algérie des Français*. Paris: Éditions du Seuil, 1993, p. 25-37.
- WATT, I. *A ascensão do romance*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- WEINRICH, Harald. *Lete - o livro da arte e do esquecimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- YACINE-TITOUH, T. "Langue et domination: statut social ou métamorphose sexuelle?". In: *"Si tu m'aimes, guéris-moi". Études d'ethnologie des affects en Kabylie*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme. 2006, p. 139-160.